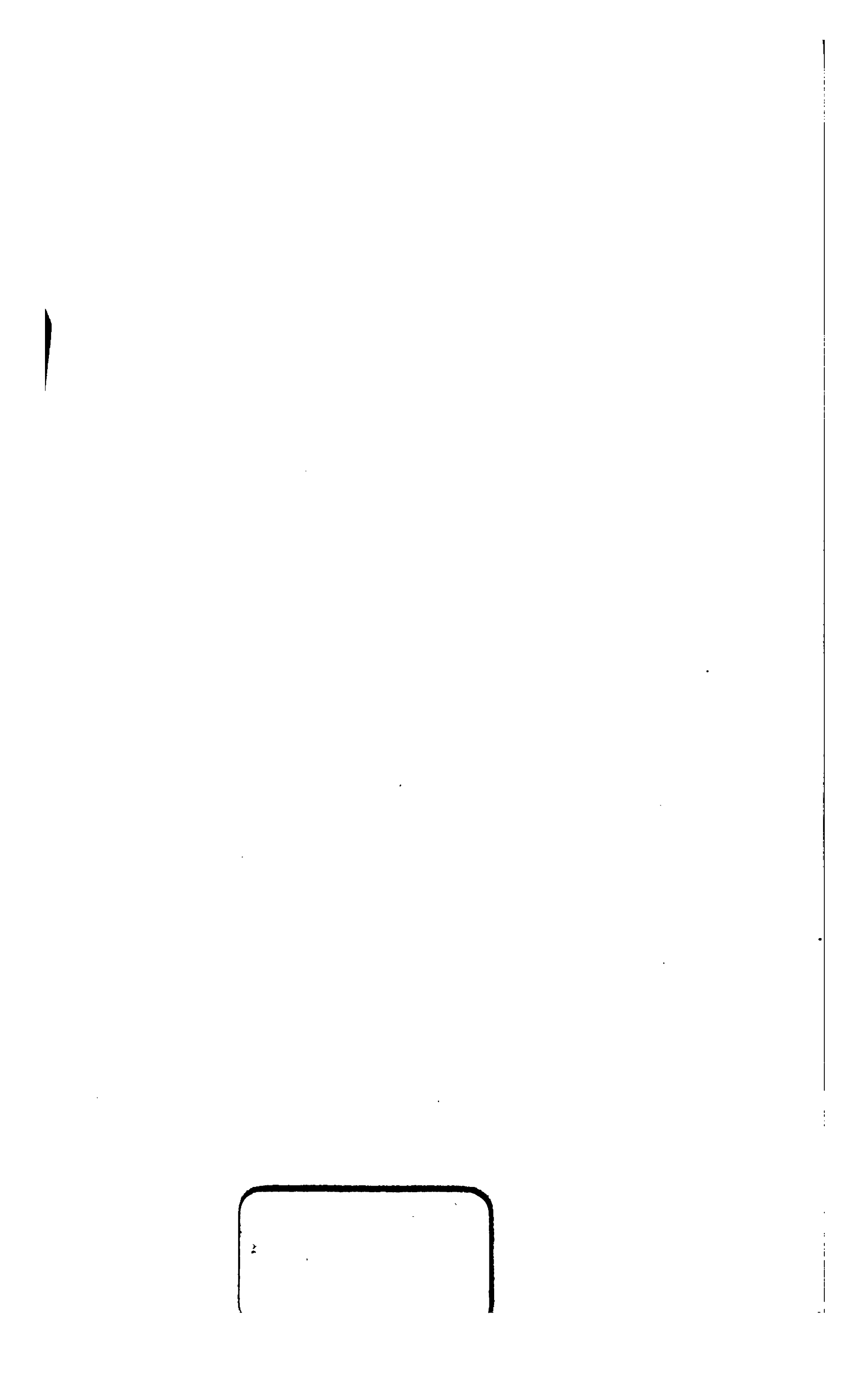




MAXIMAS,

CONSELHOS MORAES,

PENSAMENTOS, MEMORIAS, SENTIMENTOS NOBRES

E

PROVERBIOS.

Collegidos e recopilados por um Alumno do Real Collegio de S. José de Macao.

OBRA UTILISSIMA PARA A INSTRUCÇÃO DA MOCIDADE,

DEDICADA E OFFERECIDA AOS PAIS DE FAMILIA

E

A' MOCIDADE MACAENSE EM PARTICULAR.

Servir á patria e ser-lhe util é o dever de todo o cidadão.
Matthias da Luz Soares.

COM LICENÇA DOS SUPERIORES ECCLESIASTICOS.

HONGKONG:
IMPRESSA NA TYPOGRAPHIA DE D. NORONHA,
1863.

O QUE É ESTE LIVRO?

Conselhos, Maximas Moraes e Politicas, Proverbios, bons e nobres Sentimentos delicadamente expressados, colhidos e recopilados nas leituras de muitos sabios e excellentes Authores, principalmente da Sagrada Escriptura; eis todo o seu interessante contheúdo.

Encaminhado desde que tive o uso da razão á leitura pelo desvelo d'um mestre o mais extremoso, o nosso muito lembrado Superior do Real Collegio de S. José de Macao, o Reverendo Padre Joaquim José Leite, e adoptando o conselho de escrever os Pensamentos e Maximas Moraes, que fosse encontrando nas minhas leituras, comecei uma collecção e recopilação hoje volumosa. As sentenças que collegi de livros uteis, nacionaes e estrangeiros, são filhas da experiencia; ellas são de mui frequente applicação no seculo em que vivemos e tenho a firme convicção de que nenhum mal virá a quem por ellas se guiar. Reis e subditos, grandes e pequenos, pais e filhos, homens e mulheres, todas as idades, todas as condições d'ellas tem que aprender e seguir.

Serão lidas com interesse senão por algum genio romantico, ao menos pelos homens amantes da verdade. Estou certo que suggerirão á alma humana idéas felizes, sentimentos nobres e determinados.

Eis o motivo d'esta publicação.

Entre immensas sentenças que a inexperiencia da minha idade e o fogo do meu genio me fizeram amontoar, pareceo-me haver muitas de merecimento que não afiança o meu juiso mas o nome de quem primeiro as meditou e transmittio á posteridade; e deslumbrado talvez pelo apreço que merecem ao mundo litterario collecções e recopilações analogas a esta, lembrei-me de offerecer-lhe mais uma de minha escolha.

Animado do sincero e cordial desejo de soccorrer a humanidade afflicta que geme no estado miserando da mais urgente necessidade, recorro á caridade illustrada dos muitos fieis Portuguezes residentes n'essa Colonia Britannica, e dos que vivem em outros portos na China, como dos que habitam a Cidade do Santo Nome de Deos de Macao, pedindo a sua coadjuvação subscrevendo para esta piedosa obra, para que possa ser mandada quanto antes ao prélo; de cujo liquido producto metade será applicada ao *Asylo* a beneficio dos meninos orphãos desvalidos da nossa cara patria.

Instruir a mocidade é o fim primeiro, soccorrer os necessitados, o segundo.

Espero que o bom fim a que esta obra é destinada merecerá a approvação do publico, bem como o seu acolhimento como digna de andar nas mãos de todos—não por ser minha, mas pelo reconhecido merito dos seus illustrados authores que sempre tem merecido a attenção dos entendidos.

Eu me darei por muito satisfeito se os meus esforços forem julgados de alguma utilidade ao Publico e á *adolescencia e juventude Macaense* a quem este meu pequeno serviço dedico e offereço com especialidade, e cuja aceitação considerarei como a minha maior e mais lisongeira recompensa.

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci,
Lectorem delectando pariterque monendo.

Horacio de Arte Poet.

Misturar o util com o agradavel é o melhor meio d'instruir sem enfastiar.

Matthias da Luz Soares.

Macáo, no Real Collegio
de S. José.

A'

MEMORIA DO MEU MESTRE,

AOS EXEMPLOS E EDUCAÇÃO DO QUAL DEVO

O GOSTO DE LER.

Eis aqui todo o fructo
Da minha collecção,
Respeitoso tributo
Da viva gratidão.

LISTA

DOS

SENHORES SUBSCRIPTORES.

Illmo. e Rmo. Sr. Pe. A. dos Remedios,	1
,, ,, ,, ,, A. de Vasconcellos,	1
,, Sr. A. J. Bastos,	3
,, ,, A. da Silveira,	5
,, ,, A. H. Carvalho,	1
,, ,, A. B. da Rosa,	1
,, ,, A. A. Fonsecca,	1
,, ,, A. J. Gomes,	1
,, ,, A. G. Romano,	1
,, ,, A. J. Vieira,	1
,, ,, A. F. Alves,	1
,, ,, A. de Sousa,	1
,, ,, A. Collaço,	1
,, ,, Anonimo,	1
,, ,, Anonimo,	1
,, ,, Anonimo,	1
,, e Exmo. Sr. Barão de Cercal,	1
,, ,, ,, Barão de Cercal (Antonio,)	1
,, Sr. B. S. Fernandes,	1
,, ,, B. A. Pereira,	1
,, ,, B. E. Carneiro,	1
,, ,, B. de Sousa,	1
,, ,, C. L. de Sousa,	1

Illmo. Sr. C. V. Marques, ... 2
„ „ C. das Chagas, ... 1
„ „ C. Ozòrio, Jr., ... 1
„ „ C. J. Ozorio, ... 1
„ „ C. Braga, ... 1

„ e Rmo. Sr. Pe. D. L. Ambrosi, P. A. 1
„ Sr. D. Noronha, ... 2
„ „ D. J. Barradas, ... 1
„ „ D. Pacheco, ... 1
„ „ D. A. da Silva, ... 1
„ „ D. Marques, ... 1
„ „ D. L. Noronha, ... 1

„ „ E. L. Lança, ... 1
„ „ E. P. de Campos, ... 1

„ e Rmo. Sr. Pe. F. A. da Silva, ... 1
„ Sr. F. de A. Fernandes, ... 1
„ „ F. de P. Soares, ... 3
„ „ F. C. P. Silveira, ... 2
„ „ F. A. Seabra, ... 1
„ „ F. dos Remedios, ... 1
„ „ F. de Sá, ... 1
„ „ F. A. Gomes, ... 1
„ „ F. da Fonseca, ... 1
„ „ F. Freire, ... 1
„ „ F. S. Oliveira, ... 1
„ „ F. das Chagas, ... 1
„ „ F. F. A. Gutterres, ... 1

„ e Rmo. Sr. Pe. G. Favini, M. A. 1
„ Sr. G. A. Gama, ... 1

„ „ H. Hyndman, ... 1
„ „ H. A. Leiria, ... 1
„ „ H. L. Noronha, ... 1
„ „ H. A. Pereira, ... 1
„ „ H. Figueiredo, ... 1

„ e Exmo. Sr. I. F. Guimaraës, Visconde de Praia Grande, ... 1

„ „ „ J. F. Pinto, ... 1
„ Sr. J. B. Gomes, ... 1
„ „ J. O. de C. C de Albuquerque, ... 1
„ e Rmo. Sr. Pe. J. J. d'Affonseca Mattos, ... 1

Illmo.	Sr. J. J. dos Remedios,	3
,,	e Rmo. Sr. Pe. J. A. L. da Silva,	1
,,	Sr. J. B. Goularte,	1
,,	,, J. Scharnichia,	1
,,	,, J. M. de Jesus,	1
,,	,, J. P. Van Loffelt,	1
,,	,, J. de Aguilar,	1
,,	,, J. L. da Silva,	1
,,	,, J. J. da Silva e Souza,	1
,,	,, J. P. dos Santos,	1
,,	,, J. P. de Campos,	1
,,	,, J. de Britto,	1
,,	,, J. A. Barretto,	1
,,	,, J. M. da Silva,	1
,,	,, J. F. Rosa e Braga,	1
,,	,, J. X. Monteiro,	1
,,	,, J. de Senna,	1
,,	,, J. A. Carvalho,	1
,,	,, J. A. dos Remedios,	1
,,	,, J. H. Carvalho,	1
,,	,, J. A. Figueiredo,	1
,,	,, J. A. Pereira,	1
,,	,, J. A. Vieira,	1
,,	,, J. A. de Jesus,	1
,,	,, J. F. Rosa,	1
,,	,, J. C. dos Remedios,	1
,,	,, J. da Silva,	1
,,	,, J. M. Xavier,	1
,,	,, J. L. Pereira,	1
,,	,, J. de Costa,	1
,,	,, L. d'Almada e Castro,	2
,,	,, L. J. Guttierrez,	2
,,	,, L. J. da Silva,	1
,,	,, L. J. Baptista,	1
,,	,, L. P. de Campos, Jr.,	1
,,	,, L. A. Rosario,	1
,,	,, L. A. de Encarnação,	1
,,	,, L. Xavier,	1
,,	e Rmo. Sr. Pe. M. L. de Gouveia,	2
,,	Sr. M. Pereira,	1
,,	,, M. dos Remedios,	1
,,	,, M. do Rosario,	1
,,	,, M. de Carvalho,	1
,,	,, M. de Sousa, Jr.,	1

Illmo. Sr. M. G. de Sousa,	1
„ „ M. F. da Silva,	1
„ „ N. T. da Costa,	1
„ „ N. Simoës,	1
„ „ N. T. Fernandes,	1
„ „ P. N. da Silva,	1
„ „ P. Lopes,	1
„ „ P. de Carvalho,	1
„ „ P. A. Carvalho,	1
„ „ P. Tavares,	1
„ „ Q. A. Guttierrez,	1
„ „ R. de Sousa,	1
„ „ R. Bottado,	1
„ „ S. V. Rosa,	1
„ „ S. R. de Sousa,	1
„ „ S. A. Tavares,	1
„ „ S. T. Carvalho,	1
„ „ T. de A. Migueis,	1
„ „ T. Place Jr.,	1
„ „ Dr. V. de P. S. Pitter,	1
„ e Rmo. Sr. Pe. V. Rodrigues,	1
„ Sr. V. E. Braga,	1
„ „ V. P. Guttierrez,	1

DISCURSOS RELIGIOSOS.

TOMAI, LEDE E MEDITAI.

Um Deos,
Um Momento,
Uma Eternidade;
Um Deos que me vê,
Um Momento que me escapa,
Uma Eternidade que me espera.
Um Deos que é tudo,
Um Momento que é nada,
Uma Eternidade que tira ou que dá tudo.
Um Deos a quem eu sirvo täo pouco,
Um Momento que emprego täo mal,
Uma Eternidade que arrisco a todo o momento.
O' Deos! O' Momento! O' Eternidade!
Eternidade no Céo, ou Eternidade no Inferno!
Que alternativa!
O' Céo! O' Inferno!

Se n'isso não penso, sou o mais desgraçado dos homens, se penso sem me converter, sem trabalhar para evitar o Inferno ou merecer o Céo, sou o mais culpado de todos, o mais cego, o mais insensato, e uma desesperação infinita será a minha herança por toda a eternidade.

Que crime!.... Que cegueira!.... Que loucura!....
Que desesperação!....

QUEM É DEOS.

Apenas abro os olhos vejo o céo e a terra. Como é magnifico e formoso o espectaculo da natureza! O sol, immovel no meio do universo, derrama por toda a parte inextinguiveis torrentes de luz e de calor. A lua, rainha da solidão, apparece entre o seu cortejo d'estrellas, para presidir á solemnidade da noite. Os fogos côr de rosa, com que o alvor da manhã illumina o alto das collinas, parecem estar despertando os homens, e chamando-os suavemente para o trabalho; assim como ao descahir da tarde, o trémulo crepusculo convida os que lidaram de dia a procurar o repouso da paz no seio da familia. Umas vezes um céo sem nuvens e puro como um setim azul infunde a alegria no intimo da nossa alma; outras vezes trememos, cheios de terror, quando a tempestade rebrame sobre as nossas cabeças, e as nuvens negrejantes e espessas se rasgam ao rebombo do trovão, e á luz terrivel e magestosa do relampago. Lancemos as vistas sobre esta terra em que andâmos. Que vemos nós? Milhares de animaes de especies differentes, cada um d'elles com a sua fórma propria, cada um com seus costumes particulares. E a cada passo, pelos campos que pisâmos, uma infinidade de flores, recortadas de mil modos, e resplendentes de côres varias, e rescendentes de suavissimos aromas; e fructas sem conto, de sabor delicioso e deleitavel frescura; e planicies, que mais depressa a vista ás deixa de alcançar, do que ellas acabem. Além montanhas gigantescas parecem arremeçar-se para o céo, e entestar soberbas com as nuvens, que ás vezes lhes adornam a fronte escalvada com um diadema de alvejantes vapores. Sobre as montanhas cahem em torrentes as chuvas, e por entre os rochedos e alcantis dos serros borbulham murmurando as fontes crystalinas; e depois, pelos valles estreitos e profundos, entre margens, óra amenas e florentes, óra bordadas de penhascos alpestres, sussurram limpidas agoas serpejantes.

Estas agoas descem em regatos, associam-se em rios, derramam-se em lagos, dormem nos paúes, até que se despejam e perdem na immensa vastidão do oceano.

Quem fez estas cousas tão formosas, que adornam o céo e a terra?

Tudo se move no universo, segundo as leis d'uma harmonia inalteravel. Os astros proseguem o seu curso nos céos, com maior regularidade do que o machinismo mais perfeito d'um relogio. A terra, movendo-se perpetuamente ao redor do sol, vai para elle voltando por sua vez cada

uma das regiões em que se divide a sua superficie, e d'aqui provêm noite e o dia, a cuja duração não falta ou sobeja nunca um só minut Aos primeiros sorrisos da primavera os prados reverdecem e se esmalta de bellissimas côres, mais ricas e variadas que as do tapete mais precioso matizado; desabotoam e rescendem as rosas e as violas, as sementes confiadas á terra, germinam e produzem; os pecegueiros vestem-se d copiosa folhagem, e curvam-se quasi ao peso das flores. Vem depois estio e as flores se desenvolvem e se sazonam os fructos. Os dias j menos risonhos do outono tornam-se festivos com a vindima; e a fin chega o inverno, e a natureza, despida de galas, e envolta n'um sudari de neve, parece descer ao tumulo, para resurgir depois radiante e formo sa nas alegrias da primavera.

Os animaes nascem, vivem e morrem; os vegetaes germinam e sahe da semente que os continha na miniatura do embryão; erguem-se, cobrem-se de folhas, corôam-se de flores, dão fructos e sementes, e depois definham e perecem. Mas a morte acaba só com os individuos, sem extinguir os entes vivos que povoam a terra. Todos elles tem o poder de procrear filhos, que perpetuem as suas especies.

Tudo é, pois, na natureza, movimento e harmonia.

Mas quem imprimio ao universo o primeiro impulso que produzio este movimento?

Quem regulou no principio das cousas esta harmonia, que preside a estes infinitos movimentos tão variados, quanto regulares? Olhai para aquella primorosa estatua, que adorna o portico da igreja. A estatua foi no principio um grosseiro pedaço de marmore. Antes que este soberbo palacio se edificasse, era apenas um montão confuso de materiaes; um labyrintho de tijolos, de cal, de arêa, de madeiras e de pedras.

Se alguem vos dissesse:—"O marmore informe se affeiçoou por si mesmo em estatua; estes materiaes innertes por si proprios se reuniram, para levantar e enriquecer um palacio, onde a commodidade se combina com a belleza;"—quem tal proferisse, não haveis vós de julgar que perdêra o sizo? E se alguem vos affirmasse, que este universo tão bello, tão immenso, tão bem coordenado, onde todas as partes se ligam entre si admiravelmente, onde o movimento é perpetuo, e a harmonia inviolavel, se creou por si mesmo e ao acaso—que nome, a não ser o de insensato, darieis vós ao defensor de um absurdo similhante?

Se o mundo, porêm, se não creou a si mesmo, quem é que o creou?

De quem nasci eu? De meu pai.—E meu pai? De meu avô.—E meu avô? De seu pai.—E este? D'um outro pai—e assim por diante até chegar ao primeiro homem. Mas este primeiro homem, de quem nasceo? se fosse d'outro homem, como seria elle o primeiro?

Logo nasceo d'um ente que é muito superior ao homem, que não teve nunca principio, e que deo origem a todo o universo.

Este supremo author de todas as cousas, este motor primario, esta causa prima, este pai universal, sabeis vós quem é?

E' Deos.

CAPITULO I.

Qual é o nosso primeiro dever? Amar a Deos sobre todas as cousas.

Não ha preceito mais positivo, mais absoluto e ao mesmo tempo mais suave, mais doce, mais consolador, que o de amar a Deos.

Como se deve porêm amar a Deos? Com um affecto vulgar, ephemero, vacillante, como se costumam amar os homens? Não; mas com todas as faculdades do espirito, com toda a ternura do coração.

Vós amareis o Senhor vosso Deos de todo o vosso coração, com toda a vossa alma, com todas as vossas forças. Transmittireis esta doutrina a vossos filhos, e fareis d'ella o grande objecto de vossas meditações, ou vos senteis ao abrigo de vossos tectos, ou andeis pelos caminhos e assim quando adormecerdes como quando acordardes, disse Moysés aos Israelitas.

Disse Jesus Christo:—* *Dilliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et in tota anima tua, et in tota mente tua.* Amarás o Senhor teu Deos de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espirito, com toda a tua força: este é o primeiro, e o maior dos mandamentos. *Qui amat patrem aut matrem plus quam me nou est me dignus; et qui amat fillium aut filliam super me, non est me dignus.*† Aquelle,que ama seu pai e sua mãi, mais que a mim, não é digno de mim; eaquelle que ama seu filho ou sua filha, mais que a mim, não é digno de mim.

Se alguem se persuade de que sem este amor se póde salvar, observando os outros preceitos, engana-se. E' expresso, que aquelle que não ama a Deos, não observa os seus mandamentos. *Qui non diligit me, sermones meos non servat.*††

Deos póde perdoar á alma culpada (diz um Santo Doutor) que o tem ultrajado, porque a póde encher do seu amor; mas será sempre contrario áquella, que continuar a amar-se a si com preferencia ao seu Deos.

A fé, diz outro, nos mostra o caminho da terra promettida, a esperança nos sustenta com seu maná de suavidade; porêm no fim da nossa peregrinação o que nos introduz n'esse ditoso paiz, é só o amor.

O amor de Deos é o principio, o fim, a perfeição da lei. Quem não tem este amor, infringe a mesma lei na sua parte mais vital, na sua propria essencia, e torna-se réo de um grande crime.

---

* Math: 22. 37.

† Math: 10. 37.

†† Joan: 14. 24.

Quem não ama a Deos, existe entre as sombras luctuosas da morte. Suas virtudes são nullas; e as suas melhores obras são como os fructos d'aquellas arvores que se encontram junto ao mar morto, bellos á vista, mas que, colhendo-se, não se acha entre as maös senão um pó ligeiro e negro o que o vento leva.

Deos é amor.* *Qui non diligit non novit Deum:* Quem o não ama, não o conhece. E é só quem o não conhece que pode persuadir-se ou da difficuldade de ama-lo, ou de que pode haver alguma situação, alguma circumstancia, algum motivo, que dispense de o amar.

O que não tem nada pode deixar de soccorrer os necessitados; a idade e as molestias podem desobrigar do jejum; outras causas podem alliviar de outros deveres; mas ninguem pode ser dispensado de amar a Deos.

Jesús Christo deixou á sua Igreja a faculdade de ligar e desligar, de fazer leis, e de suspender ou mitigar o seu rigor; mas não lhe concedeo o poder de dispensar na lei de o amar.

Esta lei é superior a todas as leis. Não ha na natureza, não ha na sociedade, não ha na religião poder algum capaz de dispensa-la; não ha na vida situação alguma, que possa subtrahir ao seu imperio.

Mas as nossas affeições dependem ellas sempre de nós? não ha corações de gelo, para os quaes o amor é um elemento estranho?—Oh! não confundamos um sentimento todo celeste com as vãs, precarias e terrestres affeições. Não caiámos no absurdo de julgar estranho aos nossos corações o amor de Deos. Elle, exigindo-o de nós, não exige cousa que não nos tenha dado. E esse gelo, que nós observâmos em nossos peitos, não nos é natural, é todo obra nossa, é filho dos nossos desvarios.

Qual é o homem tão degenerado, tão despresivel, que se atreva a dizer que não é capaz de amar? E qual é aquelle que, sendo capaz de amar as creaturas imperfeitas, se não envergonhará de dizer que não pode amar a seo Deos?

Mas em que consiste e em que se conhece o amor de Deos? A primeira cousa em que consiste e em que se conhece é na observancia dos seus mandamentos. Elle mesmo o disse. Elle não qualifica de seu verdadeiro amigo, senão quem exactamente os cumpre. *Qui habet mandata mea, et servat ea, ille est qui diligit me.*†

Quão raras, porêm, são as pessôas que pesando em balança fiel as suas acções, e sondando o abysmo dos seus corações, possam dizer com verdade que observam toda a lei? Ella é tão clara e tão simples; mas os homens são tão fracos e tão propensos a infringi-la! A nossa fidelidade, é tão rara, a nossa constancia é tão frouxa, as nossas quédas são tão frequentes!

Outro signal por onde nós podemos conhecer que amâmos a Deos é o soffrermos de bôa vontade por elle, e o sacrificamos-lhe tudo. Quem não está prompto a soffrer por outrem, não ama senão a si; quem não é capaz de sacrificios, não é capaz de amor.

* João, Ep. 1, C. 4 V. 8.
† Joan. 14-21.

A ternura para com Deos, uma suavidade inexprimivel, mesmo as lagrimas, que algumas vezes são puros effeitos do amor Divino, são outras vezes effeitos inteiramente naturaes. Não é pois ahi que nós devemos ir procurar as provas incontestaveis do nosso amor para com Deos. Se este amor, apezar de toda essa suavidade, de toda essa ternura, nos não faz preferir o nosso Deos a nós mesmos, a sua vontade á nossa vontade, a sua honra á nossa honra; nos não obriga a soffrer, a sacrificar tudo por elle, a subir com elle ao calvario, e a participar ahi da amargura das suas dores, não é senão uma illusão, um vão phantasma de amor.

Mas esse amor que se resigna, que soffre, que se sacrifica pelo objecto amado, é um amor heroico; e nem todos os homens são capazes de heroismo, nem Deos o exige d'elles. Miseravel sophisma! Deos prohibe-nos o amar alguem mais que a Elle, exige que o amemos de todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todas as nossas forças; e será isto contentar-se com um amor vulgar? Author da nossa existencia, de todos os bens que possuimos, de todos os que temos gosado e havemos de gosar, e amando-nos com um amor immenso, exigirá Elle muito de nós querendo que o amemos com preferencia a tudo?

A medida de amar a Deos, segundo a expressão de S. Bernardo, consiste em ama-lo sem medida: e como se ha de amar de outra sorte a amabilidade infinita?

Ah! esta amabilidade, esta belleza, não se nos mostra senão atravez de um espesso véo, e como póde ella assim exercer uma poderosa influencia sobre nós? Eis aqui uma objecção futillisima. Os nossos olhos são mui fracos para se poderem fixar nos raios do esplendor Divino. Se nós podessemos fixa-los n'um só d'elles, um só d'elles seria bastante para nos abrazar em amor, para nos desfazer em dilicias! Mas porque não reconheceremos nós differentes gráos n'aquella salutar influencia? porque não recorreremos a ella tanto, quanto os nossos meios o permittem? porque não elevaremos o pensamento aonde não é dado aos nossos olhos elevarem-se? porque nos não transportaremos nas azas da imaginação á esphera luminosa, em que a eterna Formosura apparece sem véo e sem sombras? porque não nos desprenderemos, ao menos alguns momentos da terra, para nos associarmos de alguma maneira aos Anjos, na contemplação dos attributos Divinos?

Sejamos como o enfermo que, privado de appetite, se não poupa a cuidados, nem a diligencias, por consegui-lo; que, gemendo no leito da dôr, se sujeita a tudo aquillo que lhe prescreve a medicina, para recuperar a saude perdida; que, não podendo obter algumas gotas de agoa para mitigar a sede, desenha em sua phantasia as crystalinas fontes, em que ha de refrigerar-se, quando se puder sentar á sombra das arvores frondosas que as rodeam.

Quando nós formâmos uma verdadeira resolução de elevar o pensamento e o coração ao céo, se os elevâmos com effeito, parece que o céo se abre e se aproxima de nós.

Quando temos um verdadeiro desejo de amar a Deos, diz S. Francisco

de Sales, já começamos a ama-lo. E quanto mais o desejo cresce, mais o amor avulta. Que cousa ha impossivel aos homens, se elles a tentam com uma bem determinada vontade, com um zelo, e com uma inalteravel constancia? Esta vontade, este zelo, esta constancia tem patenteado aos philosophos grande numero de reconditas verdades, tem sujeitado ao severo rigor do calculo as operações da terra, os movimentos do mar, e o curso dos astros; tem elevado a penna do escriptor, o pincel do artista, a sepada do guerreiro, a audacia do navegante a uma altura, a que parecia que a humana fraqueza não podia nunca chegar.

Quão mais difficil, porêm, é chegar a similhantes resultados, que ao resultado bem diverso, que vale mais que todos elles? Quão mais custoso é o penetrar os segredos, que o Omnipotente encerrou nas entranhas da terra, nos abysmos do mar, nos fócos da luz que povoam a abobada celeste: quão mais arduo é o alçar-se com a penna, com o pincel, com a espada, ou com a bussola na mão, ao alcantilado alcaçar da fama, do que á viva contemplação das divinas perfeições; do que ás doçuras e mesmo aos transportes do amor de Deos?

Este amor é um preciosissimo thesouro de que Deos mesmo nos dotou, que cresce rociado pela sua graça; e se recupera, coroadas as nossas diligencias pela dôce efficacia dos seus auxilios; quando, para adquirirmos uma celebridade, que é talvez o tumulo da paz e da ventura, é necessario que marchemos penosamente por caminhos obscuros, e erriçados de obstaculos, deixados ás proprias forças, que sempre são pequenas se uma especial Providencia não as engrandece.

Pensa-se que é difficil amar a Deos, por não se haver nunca pro- curado ama-lo, por não se haver nunca tido um forte dezejo de cumprir este sagrado dever. Falta tudo, quando a vontade falta : mas se ella é viva, vivifica tudo; as forças vem logo em seu auxilio, e os estorvos desaparecem. Quem devéras se resolver a amar a Deos e entrar de coração n'esta empreza achá-la-ha facilima.

Quando porêm o contrario acontecesse, a que deveria isso conduzir-nos, senão a augmentar o emprego dos meios para se obter um fim tão necessario ? E que prazer não seria o nosso, que corôa não deveriamos esperar no templo da verdadeira gloria, alcançando uma victoria precedida de longos e penosos trabalhos?

Ah! o guerreiro, que formou e executou os mais acertados planos, que arriscou a sua vida, que tingio a terra com o seu sangue, que derrotou numerosas falanges de formidaveis inimigos, depois de acabada essa lucta, entra talvez na lucta de insidiosas intrigas ; em logar de viçosas palmas, não colhe talvez senão amargos desgostos ; em logar de louros que lhe cinjam a frente, não recebe talvez senão cadêas, que lhe roxeam os pulsos : mas Deos não é como os homens; nem a intriga, nem a ingratidão ousam aproximar-se do seu Throno; e a sua bondade, e a sua generosidade infinita jámais deixam de premiar um só combate, um só esforço, uma só acção, um só pensamento que tenha a origem no seu amor.

Bastos.

REFLECÇÃO.

O coração humano é tão propenso a amar, que se póde dizer, que elle não é essencialmente senão amor. O amor é quem lhe dá vida e movimento, quem põe em acção e em jogo as suas potencias. Procurar destruir esta tendencia, tão natural, tão doce, tão rica em resultados, seria procurar destruir uma lei da natureza.

O que é necessario é que, entre os objectos que o podem ser das nossas affeições, e da nossa ternura, nos não illudamos na escolha; pois d'ella é que dependem nossas virtudes ou nossos vicios, nossa liberdade ou nossa escravidão, nossa felicidade ou nossa miseria. Deos e o mundo, o mais amavel dos pais e o mais cruel dos tyranos, eis aqui entre quem nós temos a optar. A historia porêm não nos transmittio um só acto de arrependimento á hora da morte de se ter amado a Deos, e os exemplos contrarios são frequentissimos.

Mas é sempre o desengano tão tardio, é sempre no fim da carreira que elle espera os illudidos? não. O mundo que nos afaga como amigo, é ordinariamente o mesmo que nos flagella como algoz atroz a inexoravel.

Reflicta um pouco quem o tiver amado sobre as vicissitudes da sua vida, e veja se não são dolorosas, pela maior parte, as suas recordações: metta a mão em seu peito, e veja se não encontra ahi sempre alguma profunda chaga. Não a encontrando, porêm, o que será mui raro e difficil, não se tranquilise por isso. A serpente venenosa e sagaz, que ainda o não ferio está disfarçada entre os arbustos aguardando a occasião de assalta-lo.

O coração humano é accusado de volubilidade e de inconstancia, porque nunca está plenamente satisfeito; porque aquillo que hoje o attrahe, ámanhã o repelle; porque as impressões que em principio se nos figuram firmes, inabalaveis, eternas, são talvez as que mais promptamente se desvanecem: mas qual é a principal razão disto? é a de que o nosso coração em quanto não arde nas chammas do amor divino, está como fóra do seu elemento; e essa oscilação continua, esse incessante movimento, vem da força magnetica, que lhe não permitte repouso em quanto anda desviado do norte em que deve fixar-se.

O norte em que deve fixar-se não é senão Deos, com quem nenhuma belleza, objecto nenhum, póde comparar-se. Os nossos desejos insaciaveis sempre tem uma tendencia irresistivel para o infinito, e o infinito é Deos. Mas, para o amar com preferencia a tudo, não haverá outra cousa mais, alguns outros motivos, que o preceito que ordena que aquella superioridade de perfeições, e que esta tendencia que nos acompanha do berço até o tumulo? Ah! isso seria bastante, seria até de sobejo: porêm os motivos que nós temos para amar o Ente, com o qual nenguem póde entrar em competencia, são como uma mina preciosissima, que quanto mais se explora mais copiosa e mais rica apparece.

O amor de Deos purifica os corações mais criminosos, de vasos de ignominia os converte em vasos de eleição, applaca o Ente supremo em seu justo furor, extingue o raio em suas mãos, abre as portas do céo, e fecha as do inferno.

CAPITULO II.

Qual é nosso maior preceito depois do de amar a Deos?

Amar aos nossos proximos como a nós mesmos. *Diliges proximum teum sicut te ipsum.**

S. Paulo dizia: Fazei desapparecer a desigualdade que se encontra entre vossos irmãos e vós. Vossas esmolas sejam abundantes e alegremente distribuidas, porque Deos ama aquelles que dão com alegria.

Quem ama o seu proximo cumpre a lei.

Todos os mandamentos se reunem n'estes: *Diliges Dominum Deum, tuum ex toto corde, etc.*, e *Diliges proximum tuum sicut te ipsum.*†

Nada exprime exactamente o amor do proximo senão a palavra caridade, que no sentido proprio significa graça e jubilo, e que a Igreja tem constantemente empregado, e como consagrado para designar o amor dos homens por causa de Deos.

A religião, diz o author do *Genio do Christianismo,* querendo reformar o coração humano, e converter em virtudes nossas affeições, inventou uma nova paixão, e não se servio para a designar da palavra piedade, que pareceria visinha do orgulho; amor, que pareceria pouco severa; amisade, que se perde no tumulo; mas da palavra caridade, que as encerra todas, e tem ao mesmo tempo alguma cousa de celeste. Para se dar á maior das virtudes, diz o celebre Bispo de Troyes, toda a doçura, toda a amenidade, toda a delicadeza que lhe é natural, foi-se buscar o engenhoso nome das graças, foi-se pedir um termo a mais amavel e a mais risonha de todas as ficções da Grecia.

E este termo une ao encanto da sua origem uma perfeita correspondencia ao seu objecto. • A caridade é graça da parte do rico, do poderoso, que a faz ao pobre, ao desvalido, em nome de Deos; é graça da parte do pobre, do desvalido, que a obtem de Deos em favor do rico, do poderoso. E' alegria para quem a faz, e para quem a recebe: é um verdadeiro jubilo na terra, para cuja felicidade concorre, e no céo que é a sua recompensa.

Os inimigos do Christianismo substituiram-lhe a palavra humanidade: e o Protestantismo Britannico substituio-lhe a palavra philantropia mas que foi isto senão despojar a mais bella das virtudes de seus atavios divinos?

Philantropia, synonimo de humanidade, como se prova pela versão latina da Epistola de S. Paulo *ad* Tit.,‡ "*Quum autem benignitas et humanitas apparuit Salvatoris nostri Dei,*" não era uma nova entidade, men um termo novo; porêm a adopção que d'ella reclusivamente se fez, a preferencia ostentosa que se lhe deo, foi um d'esses dilirios com que a reforma marchou em sua carreira devastadora, e com que ainda hoje

---

* Math: 22. 39.

† Luc: 10. 27.

‡ Cap. 3. V. 4.

marcha na sua o espirito vertiginoso dos pretendidos philosophos do tempo. Elles evitam cuidadosamente uma expressão de que se serviram seus pais; fogem de pronunciar um vocabulo que beberam nos labios maternos; e pronunciam, em ar de importancia, outro que nunca lhes ouviram, cuja significação é muito mais rasteira, muito mais mesquinha. Envergonham-se de dizer o homem caritativo, que sôa tão bem, e dizem o homem philantropo!

A philantropia e a caridade formam na moral dois pólos oppostos. A primeira tem os seus motivos na terra, a segunda no Céo. A philantropia para chegar á altura da caridade, precisa impregnar-se do sentimento religioso que lhe falta, de confundir-se, de transformar-se n'elle; a caridade, para apropriar-se tudo o que a philantropia tem de bom, não precisa sahir da sua esphera, nem de perder cousa alguma do seu caracter celeste.

A philantropia, que um escriptor judicioso chama a falsa moeda da caridade, se quer o bem é por considerações terrestres, sem enthusiasmo, sem paixão, sem verdadeiro sacrificio; a caridade imflamma-se, vive da abnegação e dos sacrificios; e o sentido, que ella contêm, é d'uma immensa sublimidade, é o amor da creatura como obra e como imagem do Creador, é uma especie de culto, uma especie de adoração. Depois da palavra Deos, diz um philosopho, a palavra caridade deve occupar o primeiro logar em todas as linguas humanas.

Caridade é um termo, assim como uma virtude, que não pode ter equivalente. Quem troca este termo por outro, esta por outra virtude, dá n'isso uma prova de rematada ignorancia, ou decidida impiedade. A philantropia, a humanidade, a compaixão, a beneficiencia, não são senão elementos humanos da caridade; virtudes incompletas se d'ella se separam; menos ainda se são um resultado dos calculos do interesse, das combinações da vaidade, e se se materialisam como a falsa philosophia moderna.

Deos é o fundamento de toda a ordem moral, como o é de toda a harmonia physica. Sem elle tudo é languido ou morto nas almas, como tudo é mudo no espectaculo do universo. Sem este primeiro annel, toda a cadêa das relações, que devem unir-nos, se dissolve; todos os sentimentos se concentram, todos os corações cahem no egoismo.

Pergunte-se aos enthusiastas da humanidade philosophica, aos que crêem ou affectam crer na possibilidade de todas as virtudes independentemente da religião, que actos de heroismo moral tem essa decantada humanidade produzido? Consultem-se os annaes dos povos, cujos dominadores tractaram de os unir com os laços da fraternidade, depois de quebrarem os da Religião; e veja-se quão baldados foram seus esforços, como a moral se relaxou ou se perdeo, como os odios, como as vinganças, como as traições, como os crimes se multiplicaram. No logar de Deos poz-se a natureza, e a natureza era corrompida: a um systema organisado pela sabedoria infinita preferiram-se systemas organisados pelas paixões; e estes systemas como os furacões terriveis, como a peste, e como os terremotos, não deixaram após de si senão ruinas.

A moral é uma planta, cujas flores e fructos perfumam a terra, e cuja raiz está no Céo. A que tem a raiz na terra não é verdadeira moral. Se brota alguma flor, é destituida de aroma: se produz algum fructo, é pêco, é degenerado, é talvez venenoso. E comtudo é esta a que os obstinados innovadores antepöem áquella: elles a ornam com o pomposo titulo de universal, quando realmente ella á força de ser a moral de todos, não é a moral de ninguem: é com ella que se jactam de converter os tigres em homems, quando a experiencia mostra, que não fazem senão converter os homens em tigres.

A verdadeira moral, a moral por excellencia, a moral capaz de regenerar o mundo, não foi a de Epicteto, de Aristoteles, de Marco Aurelio, de Seneca, do Barão de Holbak, e de tantos outros; mas a moral Evangelica. E qual é a sua base? a philantropia, a humanidade uma beneficiencia toda terrestres? não; porêm a caridade. Em que consiste ella? n'esses simulacros de virtude, tão rasteiros, tão baixos, como a poeira de que se alimentam? tambem não; porêm na caridade. A que se reduz ella? aos apparatosos discursos, de que antigos e modernos sophistas encheram longos e fastidiosos tractados? de nenhuma sorte; porêm a uma virtude mais amavel que as graças, mais alegre que os risos da innocencia, mais rica que todos os thesouros do universo.

Esta virtude é filha de Jesus Christo. Elle a collocou como uma fonte de abundancia nos desertos da vida.

A providencia havia dotado a nossa natureza de sentimentos de fraternidade. Os homens sentiam-se propensos uns para os outros. A necessidade de se aproximarem, de se entenderem de se soccorrerem mutuamente, existia: e elles não desconheciam esta necessidade, mas nem por isso deixavam de viver em grande parte como inimigos, e de se dilacerar como feras. O coração humano, que ainda agora é um enigma, então o era muito mais: inclinado a amar, aborrecia; dotado do instincto da fraternidade, era egoista: naturalmente disposto para a harmonia e a paz, a discordia e a guerra pareciam ser o seu elemento.

Os Athenienses haviam edificado um templo á piedade, onde queriam que os desgraçados, e até os criminosos achassem um asylo.

A piedade era representada de baixo das feições d'uma bella mulher, com uma grinalda de oliveira á roda da cabeça, o braço esquerdo estendido, um ramo de cedro na mão direita, e a seus pés a ave que os Egypcios veneravam como a mais compassiva. Homero tinha dito: Não me é permittido despresar o estrangeiro e o indigente: é Jupiter quem m'os envia. Honrai, diz Phocylides, igualmente o cidadão e o estrangeiro; porque nós somos todos viajantes sobre a terra. Chilon ensinava, que não só se devia ser benefico, mas que era necessario esquecer o bem que se fazia, e lembrar-se sempre do que se recebia. Outros alardeavam outras maximas similhantes; e Cicero chegou a ornar um dos seus escriptos com a palavra caridade: *Caritas generis humani.* Comtudo o Paganismo não conhecia esta virtude. Os actos de beneficencia, que aconselhava ou que praticava, fosse qual fosse a denominação que se lhes désse, careciam

dos motivos que a caracterizam: e aquellas bellas maximas eram antes conselhos para os sabios, que preceitos para o povo.

Os Hebreos tinham nos livros santos logares notaveis a esse respeito. Moyses, entre outras cousas, lhes disse que não endurecessem os corações, que não fechassem suas mãos, mas as abrissem para os pobres. David chamou bemaventurados os que se applicavam a distinguir os indigentes para os soccorrerem. Salomão, no livro da Sabedoria, exigio não só os soccorros, porêm a affabilidade e a doçura do tratamento: e no Levitico se encontrava o preceito de amarem uns aos outros como a si mesmos.

Entretanto a maior das virtudes não era bem comprehendida por aquelle povo escolhido. Os Judeos pensavam que não só não tinham obrigação de amar os estrangeiros e os inimigos mas os deviam aborrecer. A palavra proximo, que para nós é tão clara, para elles o não era; aliás o Doutor da lei e que n'ella era tão perito, não perguntaria a Jesus Christo o que devia entender por proximo.

Na verdade antes de Jesus Christo ninguem tinha ensinado, que por proximo se significava até o estrangeiro, e o mais cruel inimigo: ninguem tinha dito que o amor do proximo faz parte do culto que devemos a Deos: ninguem tinha lembrado o exemplo do Pai celeste, fazendo luzir sobre todos indistinctamente o seu sol: ninguem tinha ordenado que aquelle que entrasse no Templo com o odio no coração suspendesse sua homenagem, e depondo a offerenda sobre o altar se fosse reconciliar com seu irmão: ninguem tinha apresentado a beneficencia d'uma parte e a insensibilidade d'outra, como a medida das recompensas e das penas da outra vida.

Jesus Christo foi quem poz na maior clareza, na melhor ordem tudo: quem explicou o que precisava de explicar-se; quem estabeleceo o que precisava de estabelecer-se; quem determinou, quem persuadio o que carecia de ser determinado e persuadido; quem deo novo ser, nova vida a uma lei, que era tão mal observada como mal comprehendida; quem assentou a beneficencia em motivos sobrenaturaes; quem associou Deos a todos os sentimentos humanos, para os tornar mais nobres e mais puros; quem criou uma virtude que sacrifica tudo; que sem cessar nos attrahe para nossos irmãos pelo amor de Deos, e para Deos pelo amor de nossos irmãos; quem, não fazendo d'estes dous amores senão um e mesmo sentimento, deo a nossas affeições generosas o maior grão de actividade, de que o coração humano é susceptivel. Com o Christianismo começou o reinado da moral desconhecida. Tudo o que a humanidade tem de mais elevado, tudo o que a philosophia tem de mais sublime, é obra sua. Elle fez vibrar no coração humano cordas, que antes d'elle estavam mudas. O seu preceito da caridade avantaja-se infinitamente ao que a lei natural e Divina havia imposto aos homens. Este era um esboço, aquelle é uma obra completa e perfeitissima: um era uma sombra, e outro é a mais viva claridade; a pobre intelligencia humana assignava a uns estreitissimos limites, a Intelligencia Divina assignou ao outro a extensão mais illimitada.

Por isso Jesus Christo lhe chamou preceito seu, preceito novo e com muita razão: * *Mandatum novum do vobis: Ut diligatis invicem, sicut dilexi vos, ut et vos diligatis invicem. Hoc est præceptum meum ut deligatis invicem, sicut dilexi vos.* † Amareis vosso proximo como a vós mesmos, disse elle, *Diliges proximum tuum sicut te ipsum.* ‡ e pela parabola de Samaritano explicou a ignorada significação d'aquelle termo, que comprehendia os estrangeiros e os inimigos. Tendes ouvido dizer: Amai vosso proximo e aborrecei vossos inimigos; e eu vos digo: Amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem, rogai pelos que vos perseguem e vos calumniam, para que sejais filhos de vosso Pai que está no Céo, e que faz levantar o seu sol sobre os bons e sobre os máos, cahir a chuva sobre os justos e sobre os peccadores. *Audistis quia dictum est: Diliges proximum tuum, et odio habebis inimicum tuum. Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos, et orate pro percequentibus et calumniantibus vos; Ut sitis filii Patris vestri qui in cœlis est qui solem suum oriri facit super bonos et malos et pluit super justos et injustos.* § Fazei aos outros aquillo, que quereis que elles vos façam. Amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado. *Ut diligatis invicem sicut dilexi vos.* ¶

Que admiravel não foi a oração que, depois da Cêa, dirigio a seu eterno Pai! E que lhe pedio elle então? que vivessemos unidos como os Seraphins na Jerusalem celeste? muito mais ainda; pedio-lhe que nos unimos de maneira, que sejamos todos uns, como Elle era um com seu Pai. *Ut sint unum sicut et nos.* ‖ E como pode operar-se esta união senão por meio d'uma heroica caridade?

Já Elle tinha feito depender essencialmente d'ella os nossos ultimos destinos, a classificação do genero humano no dia do Juiso. Então, revelou Elle; O Rei dirá aquelles que estiverem á sua direita: "Vinde, bemditos de meu Pai, possui o Reino que vos está preparado desde o principio do mundo, porque Eu tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era peregrino, e recolhestes-me; estava nú e vestistes-me; enfermo, e visitastes-me; preso, e fostes-me ver á prisão." E os justos lhe dirão: Senhor, quando foi que vós tivestes fome, e nós vos démos de comer; sede, e vos démos de beber? Quando foi que vos vimos peregrino, e vos recolhemos? nú e vos vestimos? Quando foi que vos vimos enfermos ou preso, e vos visitamos? O Rei lhes tornará: Eu vos digo em verdade que, quantas vezes vós o fizestes a um dos menores de meus irmãos, a mim mesmo o fizestes. Elle dirá depois aos que estiverem á sua esquerda: Tive fome e não me déstes de comer; sede, e não me déstes de beber; era estrangeiro, e não me recolhestes; enfermo, prisioneiro, e não me fostes visitar; ide malditos, para o fogo eterno.

Declarar os infimos dos homens seus irmãos; que o bem que lhes fazemos, é feito a elle; que o que lhes negamos, a elle mesmo é negado;

*—João 13. V. 34.
†—João 15. V. 12.
‡—Math. 22. V. 39., Luc. 10. V. 27.
§—Math. C. 5. V. 43, 44, 45.
¶—João 15. V. 12. e 17.
‖—João C. 17. V. 11.

fazer dependente d'isso a nossa ultima sentença; comparar o amor, que devemos ter uns aos outros com o seu proprio amor; a nossa fraternal união a união com seu Pai celeste; é onde podia chegar a clareza, a força, a energia da expressão. Que philosopho, que orador acharia pensamentos e termos tão proprios; que poeta acharia imagens tão vivas, para estabelecer uma doutrina, para lhe demonstrar a importancia, para a ensinuar nos corações? E quem vendo que da fiel observancia d'esta doutrina dependerá para sempre a sua sorte; quem não tendo a optar senão entre a eterna felicidade, e a desgraça e o fogo eterno hesitará um momento sobre a escolha?

Na vespera da sua morte, abrazado no amor do genero humano e no amor de seus discipulos, de quem estava proximo a separar-se, que exigio elle d'estes e de todos os que no futuro o quizessem ser? que vivessem n'uma absoluta pobreza, como elle tinha vivido? que deixassem o mundo, e se encerrassem nos desertos? que vertessem por elle todo o seu sangue? Não; mas que se amassem mutuamente, como tinham sido amados por elle: e como quem receava, que não déssem a importancia devida áquillo que mais d'elles queria, tres vezes lh'o recommendou n'esse sermão augusto, que mal pode ler-se sem lagrimas e que é talvez a peça mais sublime em sua tocante simplicidade de quantas sahiram da boca eloquentissima do Homem Deos. Os que disseram: nunca ouvimos homem que fallasse como este homem; que pensariam e que diriam, se o tivessem ouvido em tão solemne occasião?

Jesus Christo porêm não procurou estabelecer a caridade sómente com os seus preceitos, e com os seus discursos; juntou-lhes a força quasi sempre victoriosa do exemplo. Que foram principalmente os ultimos tres annos de sua vida, senão uma serie prodigiosa de exemplos de caridade? Elle podia mudar subitamente o leito dos rios e dos mares, converter os valles em montes, os montes em valles, alterar o curso luminoso dos astros, fazer cahir nuvens de raios sobre os incredulos, e sobre os impios: mas, ao contrario, em que consistiam os milagres que fazia? em actos de caridade, em multiplicar o pão e os peixes para alimentar as turbas que concorriam a ouvi-lo, em curar os enfermos, em dar vista aos cegos, em introduzir a vida no imperio mesmo da morte. Elle podia fazer cahir o fogo do Céo sobre seus perseguidores, ou mandar á terra que se abrisse, e os devorasse: mas que fez elle pendente da Cruz, e proximo a espirar entre agonias? rogou a seu eterno Pai que lhes perdoasse.

Coherente com as lições e com os exemplos do Divino Mestre, S. João, o Apostolo da Caridade, visitando as Igrejas da Asia, de que era o fundador e o Patriarcha, repetia sempre nas assemblêas dos fieis estas palavras: Meus caros filhos, amai-vos uns aos outros; e perguntando-lhe seus discipulos porque não cessava de recommendar a mesma cousa, respondeo-lhes: é por ser o preceito do nosso Mestre, e porque se o observardes, elle basta para vos tornar perfeitos aos olhos de Deos.

E' admiravel aquella carta, em que elle, instruindo os primeiros Christãos sobre a caridade, discorria assim: Quando eu fallasse todas as linguas

dos homens e dos Anjos, se não tivesse a caridade, não seria mais que um bronze sonante: quando eu tivesse o dom da prophecia, penetrasse todos os mysterios, e tivesse uma perfeita sciencia de todas as cousas; quando tivesse toda a fé possivel, e fosse capaz de transportar montanhas, se não tivesse caridade não seria nada: e quando houvesse distribuido todos os meus bens pelos pobres e entregado meu corpo ás chammas, se não tivesse caridade, tudo isto de nada me serviria. *Si lingnis hominun loquar et angelorum, caritatem autem non habeam factus sum velut æs sonans, out cymbalum tinniens. Et si habuero prophetiam, et noverim mysteria omnia et omnem scientiam; et si habuero omnem fidem ita ut montes transferam, caritatem autem non habuero, nihil sum. Et si distribuero in cibos pauperum omnes facultates meas, et si tradidero corpus meum ita ut ardeam, caritatem autem non habuero, nihil mihi prodest.* *

Que profundidade de pensamentos, que valentia de expressões? Fallar a linguagem angelica, ser propheta, ser martyr, possuir o dom dos milagres, e com tudo isto não ser nada! Ter os conhecimentos, as luzes, as idéas dos Anjos, descortinar o futuro, dissipar as trévas dos destinos dos homens, arrostar o furor dos tyrannos, lançar-se com prazer a uma fogueira, dar á verdade o testemunho mais brilhante, estabelece-la e sementa-la pela effusão do seu sangue, despojar-se de tudo em favor da pobreza desvalida, ter o poder de imperar sobre a natureza, alterar suas leis, dispôr a seu arbitrio dos astros, dos ventos, e das ondas, e assim mesmo não ser nada! Será um enthusiasta quem falla? será uma imaginação que se extravia? será uma hyperbole que se soltasse no fogo dos extasis? Não: é um homem inspirado, que não mente, não exagera, não se engana, nem pode enganar-nos.

A caridade é o grande laço da ordem social; a reparadora das miserias; a expiação da falta original, na phrase d'um orador sagrado; a mediação sublime entre a degradação da raça humana e o regresso á immortalidade promettida; e ao mesmo tempo o mais doce dos movimentos da alma.

Como se falla na Escriptura d'aquelle que não tem esta virtude; d'aquelle que não ama o seu proximo? Como d'um homem que caminha sempre na escuridão e nas trevas; como d'um mentiroso, cuja boca é vendida á impostura; como d'um assassino, armado de punhal contra seus similhantes; como d'um impio, que nem conhece nem ama a Deos; como d'um criminoso digno de morte.

Tire-se a caridade e fica interceptada a communicação entre o Céo e a terra. O Céo nos escapa, e a terra se avisinha do cahos de que sahira. A religião não é então senão uma philosophia secca, uma theoria esteril, que deixa o homem entregue ao vasio do seu nada, e aos extravios da sua perversidade. A caridade é a cadêa que liga o homem a Deos, e os homens aos homens. Ella veio esclarecer o mysterio da desigualdade das condições, e restabelecer o equilibrio, que esta desigualdade alterára. Sem ella, a desigualdade cresceria sempre; e os sentimentos naturaes da hu-

*—Cor. 1a. 13. V. 1, 2, 3.

manidade seriam um fraco dique contra a sua torrente: com ella, conhece melhor o rico, que parte do que possue, é propriedade do pobre; o pobre que a Providencia lhe não negou o que lhe falta, mas o depositou nas mãos liberaes do rico, para mais os ligar entre si. Sem ella, os homens se isolam uns dos outros, quando os interesses do egoismo lh'o aconselham: com ella, necessarios uns aos outros, e uns aos outros unidos, como os membros do mesmo corpo, não formam senão uma familia debaixo da direcção e das vistas do Pai commum, até que chegue o tempo em que todas as necessidades desappareçam, e se não observe outra desigualdade senão a dos merecimentos e das virtudes.

Ah! então o dom da sciencia, das linguas e dos milagres, todos os outros dons cessarão: mas a caridade não cessará. Não vendo então a Deos a travéz d'uma nuvem clara e escura, mas de face a face, e possuidores d'um bem em que agora cremos, e em que agora esperamos, não teremos fé, não teremos esperança por mais que ellas fossem nossas inseparaveis companheiras na vida, e só nos restará a caridade. *Nunc autem manent fidse, spes, caritas, tria hæc: major autem horum est caritas.* *

Ella sobrevive a todas as outras virtudes. Todas as outras morrem com o corpo, ella é a unica que não morre. A destruição a respeita, e até a fortifica. Quando tudo o que brilha no homem aos olhos do mundo, se some, e se perde na noite do tumulo, ella surge mais radiante, conduz a alma solta das prisões terrestres á morada dos justos, e ahi não deixa nunca de avivar-lhe os gosos, de multiplicar-lhe as delicias.

Bastos.

CONSELHO.

Estenda-se, diz S. Gregorio de Nissea, a vossa caridade a todas as idades, a todas as condições. Ella seja a alimentadora dos orphãos, o sustentaculo dos velhos, a defensora dos fracos, a consolação, o allivio de todos os males, o porto seguro dos desgraçados.

DEVER.

Deos nos impõe, diz Santo Agostinho, a obrigação de supportarmos o peso uns dos outros. O dos pobres é a miseria, o dos ricos é a abundancia. Felizes do seculo, apressai-vos em aligeirar o peso dos desgraçados, e trabalhareis na vossa propria descarga: diminui as necessidades de vossos irmãos; e elles diminuirão o onus formidavel dos vossos hombros: mas não o façais por motivos rasteiramente humanos; seja o vosso movel a caridade.

REFLECÇÃO.

Os Campos da caridade são vastissimos; e ninguem ha que, cultivando-os, não possa obter d'elles amplissima colheita.

---

*—S. Paul. Cor. 13. V. 13.

Primeiramente apresentam-se os actos negativos, aquelles de que devemos inteiramente abster-nos; a intriga, a calumnia, toda a especie de injuria, toda a qualidade de offensa. Depois vem os actos positivos, para cujo exercicio o tracto civil da vida nos está continuamente offerecendo occasiões.

Ataca-se o nosso proximo? defendamo-lo. Vemos verter lagrimas, embóra seja ao nosso maior inimigo? enxuguemos-lh'as: e se tanto não podemos, misturemos ao menos as nossas com as suas.

Julgamos que os nossos passos serão proficuos ao orphão, á viuva, ao desvalido? prestemos-lh'os. Serão os nossos conselhos capazes de fazer entrar no verdadeiro caminho quem d'elle anda affastado? forneçamos-lh'os, ainda que nos não sejam pedidos: esperar que se peçam, quando a necessidade é patente, talvez parecerá prudencia, mas é criminoso egoismo.

Não cabe em nossas forças valer ao nosso similhante, e são-nos suas instancias importunas? não lhe mostremos enfado, e sejam tão moderadas como compassivas nossas escusas: aquelle que maltracta a quem não pode ser util, ou ainda a quem o é, torna-se delinquente aos olhos do Senhor.

Carece alguem do necessario? sem que uma de nossas mãos saiba o que faz a outra, ministremo-lh'o liberalmente se a nossa situação é a da abundancia; e se o não é, repartamos do pouco que tivermos sem nada recear.

Aquelle que soccore os pobres, dizem as Sagradas Letras, não sentirá por isso falta. *

Deos não deixará morrer o justo á mingua. † Daniel teve tudo o de que precisava no fosso dos Leões, ‡ e Elias era alimentado pelos corvos no deserto. §

Olhai, diz Senhor, as aves do Céo, ellas não semeam, não ceifam, nem enceileiram, e comtudo vosso Pai celeste as sustenta. ***Respicite volatilia cœli, quoniam non serunt neque metunt neque congregant in horrea: et Pater vester cœlestis pascit illa.*** ¶

Introduzi a esmola no seio do pobre, e tereis n'ella uma efficaz protectora para arredar de vós a penuria e todo o genero de males. ||

A esmola, como ensina S. João Chrysostomo, falla ao Altissimo em nosso favor, não como supplicante, mas como rainha. Se temos precisões, reclama o allivio d'ellas: se virtudes, eleva-as em suas candidas azas, e as apresenta no Tribunal das recompensas: se peccados, apaga-os como a agua apaga o fogo. **

A insensibilidade e a indifferença pelo contrario priva-nos de todas essas vantagens, e nos occasiona a maior das desgraças, fechando-nos a porta ás misericordias do Senhor; pois nos livros santos se acha escripto, que o que cerra os ouvidos para não escutar os gritos do pobre, gritará elle mesmo a Deos, e não será escutado. ††

---

*—Prov. 28. 27.
†—Prov. 10. 3.
‡—Dan. 14., 30. a 38.
§—Reis 3, 17, 6.
¶—Math. 6. 26.
||—Eccles. 29. 15
**—Eccles. 3., 33.
††—Prov. 21, 13.

Ricos da terra, porêm, julgais vós que tendes cumprido tão impreterivel dever, concedendo á indigencia algumas liberalidades e entregando-vos á dissipação e ao luxo? ou persuadis-vos de que a excessiva somma de vossos rendimentos vos dispensa da simplicidade e da frugalidade, uma vez que distribuais em esmolas uma parte d'esses rendimentos? enganais-vos. *

Como os Israelitas, se vós tendes accumulado maior porção de maná, não podeis reservar para vosso uso senão a medida prescripta pela lei.

Em quanto existir algum pobre, um milhão, uma moeda, alguns reaes, despendidos em luxo são um furto que se lhe faz.

Guardar uma severa economia no meio da opulencia, será custoso talvez: mas que ha de grande no mundo que não custe?

Se, para se ser caritativo, bastasse sempre fazer aquillo que não custa nada; bastasse seguir o impulso de nossos corações sem nos privarmos de commodidade alguma, sem nunca nos violentarmos, nem Jesus Christo chamaria ao da caridade um preceito novo, nem seria necessario que elle nos viesse servir de modelo.

Elle deo a vida por nós; e quem se atreverá a dizer que a caridade se não estende a darmos a vida, sendo necessario, pelos nossos similhantes, e muito mais a sacrificar-lhes a riqueza, a saude, a reputação, o repouso? E que são estes bens, para que tanta difficuldade achemos em sacrifica-los?

RIQUEZA.

A riqueza cede muitas vezes aos cegos caprichos da sorte, desfaz-se como o fumo, não deixando após de si senão duros pezares e necessidades facticias que tornam mais insupportavel a miseria.

REPOUSO.

O repouso perde-se por um desejo, por um receio, por uma imaginação, por um nada.

REPUTAÇÃO.

A reputação, se é um elemento da felicidade, é um elemento bem fragil quando ella se figura inabalavel, como um rochedo, uma pequena onda agitada pela intriga a assalta e a anniquila.

SAUDE.

A saude é um bem que qualquer accidente nos arrebata.

* E' claro que se não quer com isto criminar o manter cada um exteriormente a dignidade ou posição social em que legitimamente está collocado. Condemnam-se tão sómente os excessos.

VIDA.

A vida é uma luz, que o mais pequeno sopro apaga; e que muitas vezes quando mais brilhante se ostenta, mais rapida desapparece.

Ah! quando virá a época, em que os homens, tão audazes para o mal, deixem de ser timidos e acanhados para o bem? em que não desmaiem á vista das difficuldades, mas redobrem de ardor e de coragem para vencelas? em que sejam severos comsigo; indulgentes, compassivos, beneficos para os outros; em que, tomando por modelo um Deos que por elles fez o maior dos sacrificios, se não poupem a sacrificio algum pelo amor d'este Deos?

Então se realisará o espectaculo encantador que nos pintam os Prophetas.

Os pastores apascentarão os rebanhos uns dos outros: os leões e os cordeiros habitarão juntos; a justiça e a paz se darão purissimos osculos.

Então cahirão as barreiras que separam o Syta do Romano, o Grego do Barbaro.

Então cessarão todas as disputas que agora nos agitam; todas as opiniões, todas as chimeras, que agora nos dividem; todas as intrigas, todos os odios, que agora nos tyrannisam.

Um interesse dominará todos os outros interesses; uma paixão dominará todas as outras paixões.

As cidades, os reinos, os imperios serão outras tantas reuniões de amigos: o mundo parecerá um Céo, e os homens Anjos.

A VIDA DO POBRE.

Empresta-me, triste lyra,
Teus sons os mais dolorosos,
P'ra que eu cante da pobreza
Os tormentos horrorosos.

Ajuda, oh! lyra a cantar
Estes quadros lastimosos,
P'ra que desminta as calumnias
D'esses ricos orgulhosos.

D'esses ricos, que a pobreza
Maltratam com crueldade,
Que aos pobres chamam vadios,
A' pobreza ociosidade.

Transmitte a elles, sentados
A' mesas mui bem servidas,
Os gemidos de familias
Pela fome perseguidas.

Que em quanto elles, vaidosos,
Dão mil bailes mui luzidos,
Milhares d'homens com frio
Passam as noites tranzidos.

Pinta-os sem cama e sem luz,
D'alguns andrajos cobertos,
Pinta-os esmóla pedindo
Nas ruas vagando incertos.

Da familia rodeados,
Por negro pão almejando,
Os gritos dos ternos filhos
Seu soffrimento augmentando.

E diz-lhe, lyra, que em quanto
Passam a vida em funcções,
Ha outros homens como elles
Que soffrem mil privações.

Que esses homens tem esposas,
Como elles, e tem filhinhos;
Que a sua vida é de rosas,
Do pobre a vida é d'espinhos.

Que d'esse dinheiro gasto
Em vaidades, n'um só dia,
Metade em certas familias
A penuria abrandaria.

Mas, lyra, não mais te canças
Em soltar sons doloridos,
Do pobre os ricos, quaes pedras,
Não ouvem tristes gemidos.

Mas ai d'elles, que do pobre
Não tiveram compaixão;
Foram p'ra elles crueis,
Só crueldade acharão.

J. Pacheco.

A sociedade ha de ter sempre ricos e pobres. E 'uma condição da sua existencia, não ha poder capaz de a destruir.

Mas os interesses de uns podem conciliar-se com os dos outros. Não são duas forças inimigas obrigadas a uma lucta eterna; são duas potencias alliadas, que podem e devem mutuamente ajudar-se.

Ricos, não opprimas o pobre!

Pobre, não odeis o rico!

Irmãos! Amai-vos concorrei ambos para a felicidade commum. Nenhum de vós gosará, se o outro chorar.

O amor do proximo é tão necessario á sociedade da vida, como no christianisomo para a felicidade eterna.

CAPITULO III.

Maximas para nos conduzirmos sabiamente no mundo.

Se quizermos ser felizes e estimados de todos, devemos temer a Deos, respeitar aos nossos Pais, ser fieis ao nosso Soberano, obedientes aos nossos superiores, e viver como homens de honra e de bons costumes.

Se derem dois passos por nosso respeito, daremos dobro para manifestarmos o nosso reconhecimento.

Se não tivermos fortuna, faremos por merece-la: faz-se ver claramente a esta cega á força de bem fazer e de trabalhar com honra.

Não reprehenderemos publicamente aquellas pessoas sobre quem tivermos authoridade para o fazer; porque seria esta uma acção que manifestaria que nós mais aborreciamos a pessôa do que os seus defeitos.

Devemos ser mui circunspectos em nossas palavras, porque uma palavra que nos escapa por imprudencia ou zombaria e muitas vezes uma palavra dita com espirito, custa caro aquelle que lhe parece merecer um grande applauso.

Devemos fazer por adquirir muitos amigos; porêm ha poucos que sejam verdadeiros, e de quem nos possamos fiar.

Uma pessoa que se enfada ou offende sem razão dá a conhecer a imperfeição do seu juizo e juntamente mostra que não sabe viver.

Não usaremos em tempo algum para com os nossos amigos um falso pondonor; porque isto seria romper com elles intempestivamente e sem razão, e juntamente desmentiriamos em um só dia a pureza d'uma amisade de muitos annos.

Quando estivermos em companhia de mais pessoas, nunca contaremos aquellas loucuras ou parvoices que tivermos ouvido ou lido; porque seria mostrar que o nosso juizo é inferior á nossa memoria.

As desgraças em si mesmas não são um grande mal, quando nós as sabemos soffrer; ellas não vem a ser importunas ou fastidiosas senão pela tristeza e melancholia que por ellas tomamos.

Para vivermos contentes basta-nos sómente ter o necessario; o superfluo é inutil e muitas vezes nos cauza maior damno que proveito.

Pode ser que este conselho não seja do nosso agrado; mas nem por isso nos offende, porque este necessario de que fallamos vem a ser aquella necessidade que cada um tem conforme a sua pessoa ou o cargo que occupa. Tudo o que possuirmos alêm d'este necessario pode ser que nos cause alguns sentimentos que redundem em nosso prejuizo.

O mundo não é perigoso senão quando nos amamos as suas maximas. O que n'elle se passa nos dará uma continua lição para fugirmos do mal e abraçarmos o bem.

Nunca compraremos os favores e beneficios dos Grandes por alguma baixeza ou vileza indigna do nosso nascimento e educação.

O que caracterisa as pessoas bem educadas é o usarem de civilidade com todos: familiarisam muitas vezes d'um modo que nos confundem. Quanto mais este caracter for do nosso gosto, tanto mais daremos uma bôa idéa do que somos.

A demasiada docilidade em uma pessoa mostra que ella é estupida e insensivel e a grande severidade denota crueldade. E' preciso que nós sejamos doceis e severos conforme as occasiões: a prudencia nos fará conhecer até onde uma e outra devem chegar, sem que pareça extremo ou excesso.

Se não fizermos diligencia para ter algum prestimo nenhum caso farão de nós.

Uma pessoa fogosa, muito esperta e sem juizo, é similhante a um cavallo, que se não governa pelo freio e que expõe o cavalleiro a toda a sorte de perigos. Devemos pois lançar fóra esta grande vivacidade, se a tivermos; e fazer com que antes passemos por homem feito antes do tempo, do que por um rapaz imprudente e louco, que diz muitas cousas, e não olha para as consequencias que d'ahi se seguem.

As paixões trazem sempre comsigo a injustiça e o amor proprio, que expõe a perigo aquellas pessoas que se deixam dominar d'ellas; pelo que devemos sempre evita-las ainda mesmo quando nos pareçam muito justas e racionaveis.

Por mais notaveis que sejamos pelo nosso exterior e pela nossa gen-

tileza, se o nosso juizo e costumes não corresponderem a estes exteriores seremos comparados, com muita razão, a uma pintura de nenhum valor posta em um bello caixilho.

Não basta sómente sermos valorosos nas occasiões, mas é preciso que tenhamos uma bôa conducta em todas as nossas acções. Um homem sabio faz mais serviço ao estado, que cem braços armados; e um Capitão experimentado faz mais que mil soldados intrepidos.

Se pela nossa industria e trabalho tivermos ajuntado muitos bens, e não nos servimos d'elles decentemente, seremos comparados a uma lampada que se apagou por lhe terem deitado muito azeite.

Devemos accostumar-nos a soffrer com paciencia as nossas desgraças e afflicções.

Nunca faremos cousa alguma que nos possa desacreditar. A má reputação traz sempre comsigo a desordem e o vicio, o qual é um fumo que nos mostra aonde o fogo está.

Se fizermos uma bôa acção, e que esta seja manifesta, ella não poderá estar muito tempo sem recompensa. Virá um dia que nos tratarão como Mardocheo, * e que a gloria do Rei o obrigará a favorecer-nos.

Devemos perdoar aos nossos parentes e amigos mil bagatellas, se quizermos viver bem com elles; e é indispensavel esta consideração se quizermos conservar-nos em bôa harmonia com elles.

Um Imperador tinha grande sentimento quando se passava algum dia sem que elle tivesse dado algum signal da sua bondade ou liberalidade: não é preciso ser senhor do mundo para ter os mesmos sentimentos; porêm devemos ter por perdidos todos aquelles dias que passarmos sem que tenhamos feito alguma acção bôa.

Não esperaremos receber provas de amisade da parte dos nossos amigos, senão as mesmas que obrarmos a seu respeito.

Em quanto podermos viver dos bens que possuirmos, e juntamente d'aquillo que adquirirmos pelos nossos empregos, evitemos quanto pudermos dependencias e sujeições demasiadas; mas sejamos sempre humildes e fieis para com aquelles que em nós depositaram sua confiança.

Devemos reflectir muitas vezes sobre a rosa que ao mesmo tempo que é bella e lança tão distante de si a sua doce fragancia, comtudo é cercada de espinhos. Isto basta para nos capacitarmos que não ha bem algum n'este mundo, nem grandeza ou gosto, que não seja acompanhado de algum desgosto e mortificação.

Quanto menos descançar-nos em procurar o estabelecimento da nossa familia, tanto mais descanço lhe daremos. O fugir do descanço presente é procura-lo para o futuro.

Quando a nossa pompa, jogo e meza diminuirem, notaremos então com muita facilidade que o numero dos nossos amigos tambem se diminue.

Não ha emprego algum que não possamos pretender; mas tambem não ha nenhum em que possamos ser bem succedidos se não fizermos profissão de honra e de bondade.

---

*—Esther. C. 6.

Faremos uma bôa escolha d'aquellas pessoas a quem podemos fazer bem; porque ha muita que, á sombra da caridade alheia, passam vida regalada e ás vezes libertina, prejudicando assim os verdadeiros necessitados.

Não consideraremos o prazer d'um dia como prazer, quando a elle houver de seguir-se um arrependimento de muitos annos.

Se não tivermos outro merecimento mais que o nome, com que nos appelidamos, e a familia de quem descendemos, os nossos avós nos darão honra; porêm nós nenhuma lhes daremos a elles.

Aquillo que dermos, o daremos sempre com agrado e de bôa vontade; porque então nos ficarão em dobrada obrigação; e recusaremos com tanta modestia e civilidade aquillo que recuzarmos, que demos occasião a que nos louvem e estimem.

Não devemos ter outra paixão mais do que a de não possuirmos nenhuma; e o nosso gosto e divertimento consistirá em renunciarmos e despresarmos todos os divertimentos perigosos.

Usaremos bôa fé para com todos; porêm na bôa fé dos outros confiar-nos-hemos sómente quanto no-lo aconselhar a propria prudencia e a probidade d'aquelles com quem tratarmos.

Diremos sempre a verdade; porque ella é respeitada e timida mesmo aonde não é amada.

Obraremos em todas as cousas com juizo, prudencia e bondade, para que em tudo sejamos bem succedidos; pois quando menos o cuidarmos ajuntaremos aos nossos interesses aquillo a que o mundo chama fortuna e destino; e o nosso merecimento fallará tanto em nosso abono que se nos fará justiça e nos conhecerão por elle.

Os desgostos, as perdas e as afflicções succedem em todos os tempos, e em todos os paizes, e por esta razão nos devemos lembrar que ninguem d'isto se pode julgar isento.

Cuidaremos muito nos nossos negocios, se quizermos ser n'elles bem succedidos.

Quanto mais felizes formos n'este mundo, tanto mais em perigo estaremos de nos perder.

A nossa linguagem e o nosso coração nunca devem disconcordar em nós. Faremos sempre que as nossas palavras e acções estejam d'accordo, e que tudo aquillo que dissermos seja sustentado pelas obras.

Se não tivermos fortuna, que importa? nem por isso se deixa de viver com honra, quando aquella falta: e algumas vezes nos vale mais o merecer esta fortuna do que o possui-la.

Quanto maior figura fizermos n'este mundo tanto mais notados serão os nossos defeitos. Um homem de qualidade não faz figura consideravel sem que se lhe note algum defeito; porque quanto mais se eleva seu character, tanto menos se esquecem os homens d'aquillo que o deshonra.

Nascemos senhores dos nossos olhos e da nossa lingua. Por esta razão devemos evitar que a corrupção dos nossos costumes faça que estes membros se senhorêem de nós.

Se tivermos alguma bôa qualidade não nos elogiaremos a nós mesmos, porque então não serão acreditadas nossas palavras.

Não façamos por nossos amigos cousa alguma que prejudique nossa honra e consciencia, porque nós devemos amar primeiro a nós mesmos que nossos amigos.

Devemos temer ainda os mais leves principios de qualquer habito vicioso, porque a desordem é como uma bolinha de neve que se vai engrossando todos os dias.

Se nós quizermos conservar na amisade dos nossos amigos e parentes, não lhes venderemos cavallos, nem moveis, nem tambem os compraremos a elles.

Aquella inclinação que principiamos a ter ao vinho e ao jogo se nos representará no seu principio como uma formiga, que facilmente poderemos esmagar; porêm pelo decurso do tempo esta inclinação nos parecerá um elephante tão grande e tão forte que nos não atreveremos a combate-lo e até nos lisongearemos tanto d'esta paixão, e juntamente occultaremos a nos mesmos a inclinação que tivermos a ella, que nos viremos a persuadir que todos os esforços que fizermos para triumphar d'ella serão vãos e infructuosos.

Se desejarmos o descanço do espirito e a paz do coração, devemos procura-lo onde se ache; porêm o mundo não lhe sabe o nome.

A verdadeira gloria acompanha sempre a sciencia, os bons costumes e a virtude. Esta é a unica que devemos desejar, e é sómente aquella que merece que façamos uma seria reflecção para acharmos o meio de a adquirir.

A differença que ha entre um homem de bem que vive commodamente, e outro homem de bem que só com muito trabalho pode subsistir, vêm a ser, que um dá facilmente e que o outro só com difficuldade pede.

Quando se não falla d'um homem, é signal de que elle não tem merecimento nem virtude. Aquelles que se não distinguem pelas suas bellas qualidades, não tem zelosos nem invejosos; e se nós os tivermos, não nos desgostemos por isso; porque é bom signal.

Viveremos gostosamente com os bens que possuirmos, se nos contentarmos sómente com elles sem appetecermos mais.

Este bem é um regato do qual as agoas são puras, e correm agradavelmente; porêm elle mudará de natureza se á força de augmentarmos as suas agoas o convertermos n'uma impetuosa corrente.

Nunca principiaremos a fallar sem que primeiro saibamos o que havemos de dizer, e por que razão o queremos dizer. As palavras são setas, que não devem ser atiradas senão para aquelle alvo que nos propozermos.

Se formos avarentos, vãos, ou colericos, faremos com que a nossa casa seja uma espantosa solidão; e por pouco que vivamos em desordem, as pessoas sabias e prudentes fugirão da nossa companhia, e não veremos outras pessoas senão as libertinas.

Reflectiremos muitas vezes no que temos sido, e no que havemos de ser. Duas ou tres reflecções serias d'esta natureza nos serão mais uteis do que mil feitas sobre outras materias.

Não estar uma pessoa contente com seu estado, nem com seus bens, é levar a sua insolencia até ao ponto de se queixar de Deos e da sua providencia.

As riquezas nos foram dadas para passarmos a vida gostosa e tranquillamente empregando-as bem, especialmente em obras de caridade; porêm a vida não nos foi dada para ajuntarmos riquezas.

Faremos por amar sempre a honestidade e civilidade, porque este é o meio de bem as gosarmos, e de não temermos as suas consequencias.

Recobraremos na velhice o que tivermos perdido na mocidade; e se nos tivermos perdido em todo o curso da nossa vida, procuraremos uma bôa guia para o fim dos nossos dias.

Por mais heroica que seja uma acção nunca deve passar por grande, quando não é o effeito de grande designio.

Uma pessoa nunca é tão ridicula pelas qualidades que em si tem, como por aquellas que affecta ter; e nos seria mais conveniente mostrarmo-nos taes quaes somos do que querermos parecer o que não somos.

Ainda que démos algum pretexto ás nossas afflicções, muitas vezes não é senão o interesse e a vaidade que as causa.

Quando os grandes homens se deixam abater pela continuação de seus infortunios mostram que até ahi os não supportavam, senão pela força da sua ambição, e não pela da sua alma, e que não contando sua grande vaidade, taes heroes são em tudo como os mais homens.

Ainda que a maior parte das amisades que se adquirem no mundo não mereçam o nome de amisade, comtudo podemos cultiva-las conforme as nossas necessidades, como um commercio que não tem fundamento certo, e no qual uma pessoa é commummente enganada.

O amor do proximo é o mais sabio e o melhor de todos os sentimentos humanos, e é tão necessario na sociedade civil para a felicidade da nossa vida como no Christianismo para a felicidade eterna.

O conhecer uma pessoa até onde póde chegar a sua desgraça é uma especie de felicidade e nenhuma cousa serve tanto para a felicidade da vida, como o conhecermos as cousas como ellas são na realidade; porêm este conhecimento não se adquire senão pelas frequentes reflecções sobre tudo o que se passa no mundo.

Podemo-nos igualmente instruir pelos defeitos que vemos nas outras pessoas, como pelas suas virtudes.

O exemplo da imperfeição serve tanto a fazer-nos perfeitos, como o da probidade e da perfeição.

Toda a devoção que não é fundada sobre a piedade Christã e juntamente sobre a caridade para com o proximo, é falsa: muitas vezes não é senão o orgulho d'um philosopho melancholico que despresando-o o mundo, imagina vingar-se do despreso e dos disgostos que d'elle tem recebido.

Ha merecimentos sem premios, porêm não se devem dar premios sem merecimento.

REFLECÇÃO.

Eis quanto é bastante para nos conduzirmos com perfeição no vale d'este desterro em que vivêmos, se soubermos approveitar das maximas transcriptas, as bôas e sabias lições que nos estão dando. Um resultado feliz será a recompensa das nossas bôas considerações e propositos que em consequencia d'ellas formámos.

CAPITULO IV.

Maximas de conducta para Senhoras em geral.

A religião e a piedade é o mais bello adorno d'uma senhora, sendo aliás a sua pratica um dever de toda a creatura racional. E' necessario porêm evitar tanto a superstição e o fanatismo como a impiedade e a tibieza.

A caridade para com o proximo deve ser tambem uma virtude predilecta para uma senhora, especialmente para uma senhora christã.

Suppôr todos os homens incapazes de enganar é ser victima de grosseiros enganos.

Desconfiar de todos como capazes de nos illudirem é errar grosseiramente. Na duvida, melhor é desconfiar do que confiar demasiado. E' um homem e um pai quem vos dá este conselho.

Convêm conhecer bem as pessoas e te-las tratado por algum tempo para d'ellas confiarmos.

A virtude adquire-se pelo habito de praticar o bem. Bem é tudo aquillo que conserva, melhora e aperfeiçoa o nosso corpo e o nosso espirito especialmente.

Servir a patria e ser-lhe util por todos os meios ao nosso alcance é o dever de todo o Cidadão.

Serve bem a patria a mulher zelosa pela bôa educação de seus filhos dando-lhe Cidadãos dignos de seus serviços.

A maior gloria d'uma mãi será o ter dado ao seu paiz filhos que o illustrem com suas acções.

Não são as excessivas riquezas, mas sim a honesta mediania que faz a felicidade da vida.

A mulher dissoluta e immoral faz a sua vida desgraçada e acaba na miseria entregue ao desprezo e aos remorsos.

Longas e immundas enfermidades são o fructo da mocidade que se passou no atoleiro dos vicios.

O melhor modo de conservar por longo tempo a formosura e a mocidade é a moderação nos prazeres da vida, quando licitos; quando illicitos, a abstenção total d'elles no caso contrario.

A mulher para ser amavel deve ter como primeira qualidade um genio brando e docil.

Não ha defeito maior no bello sexo do que a loquacidade e a garrulice que são de ordinario filhas da imprudencia.

Uma senhora de honesto e sisudo comportamento attrahe a consideração e o respeito do homem o mais licencioso.

Se uma grande parte de nossos mancebos evitam os laços conjugaes é principalmente pelo excessivo luxo das mulheres.

O luxo desregrado precipita as familias na miseria, e é cousa da immorigeração de sexo amavel.

A economia domestica é uma virtude que deve ser observada pelos chefes de familia.

A economia consiste em regular cada familia suas despezas de modo que não absorvam o total de suas rendas.

O aceio e a limpeza devem ser rigorosamente observados por uma senhora que se preze de bem educada.

O aceio não consiste na riqueza dos vestidos e dos moveis, porque estes podem ser de modico preço, porêm limpos.

As meninas creadas no ocio, e na dissipação não podem ser bôas mãis de familia. O trabalho e a frugalidade conservando os bons costumes nos procuram uma vida commoda.

O imprudente ciume de muitas mulheres envenena a doce união conjugal e produz a desordem nas familias.

A mulher rixosa é o maior tormento da vida; ella se faz pezada a todos os que a cercam de perto.

O amor das mãis para com seus filhos deve ser regulado pela prudencia a fim de que não prejudique a sua bôa educação.

Os melhores dotes d'uma senhora são a honestidade, a virtude, a docilidade, a economia e o amor ao trabalho.

A bôa mãi de familia deve ser o modelo exemplar das virtudes, para as inspirar com brandura e affabilidade a seus filhos e domesticos.

Não dão formosura os loucos enfeites das modas, e menos a dissipação do espirito; o que constitue amavel uma senhora, é sim sua honesta limpeza e seu modesto comportamento.

A mulher dissipada, que consome grande parte do tempo em divertimentos e visitas ociosas, torna-se pezada e aborrecida para todos.

Grande numero de cazamentos no mundo é a origem da desgraça de muitas casas de familias pela leveza com que se trata este negocio de tanta importancia.

O recolhimento, a occupação, o manejo dos negocios domesticos deve ser o habitual emprego d'uma senhora virtuosa.

A prudencia, a moderação, a docilidade de genio em uma senhora honesta são qualidades preferiveis a todas as riquezas da terra.

A mulher deve ser para seu marido um espelho de compostura e de virtudes, uma consoladora nas afflicções e nos trabalhos da vida.

Não ha defeito maior em uma senhora que deve ser toda amavel, attractiva e graciosa, do que a ferocidade de genio, a rudeza de costumes e a grosseria do trato.

Quantas mulheres loucas com suas dissipações tem reduzido seus maridos e filhos á desgraça! Ellas são censuradas por toda a gente de senso que as aponta para serem evitadas.

A bôa harmonia dos esposos é o melhor elemento da educação dos filhos e de sua futura felicidade.

Se o philosopho Socrates tivesse o mesmo genio intratavel de sua mulher Xantipe passaria com ella uma vida desgraçada. Elle soube com sua prudencia domesticar aquelle animal feroz.

Se desde a tenra infancia não procurarmos adquirir o habito do trabalho, empregando o tempo em cousas uteis nunca possuiremos aquella importante virtude.

O primeiro dever d'uma mãi é inspirar a seus filhos o amor de Deos, da patria e das instituições do seu paiz.

As mulheres de Esparta na Grecia preferiam a honra e a gloria de seus filhos no serviço da patria á mesma vida.

Uma mulher de Esparta tendo noticia de que seu filho morera com honra combatendo contra os inimigos da patria, se reputava feliz por ter produzido um filho digno de Esparta.

A infelicidade das familias é muitas vezes originada pela imprudencia d'uma mulher.

A união do homem e da mulher, para ser feliz e permamente, deve ter por base a igualdade de genio, de condição, de fortuna, de sentimentos e até de idade.

Os casamentos feitos só com vista de interesse tem muitas vezes desfechos desastrosos, e fazem de ordinario o desgosto de toda a vida.

Mulheres ha loucas que só por interesse se ligam a homens velhos, ou viciosos, atacados de enfermidades, que fazem ao depois a ruina de seus filhos.

O mancebo religioso, honesto, virtuoso, prudente, moderado, laborioso, frugal, sadio e robusto deve merecer a preferencia para a união conjugal a outro que não tenha estas qualidades, na opinião d'uma senhora sisuda e bem comportada.

CONSELHO.

Não devemos facilmente unir-nos em matrimonio sem grande conhecimento dos costumes e habitos moraes da pessôa a quem nos queremos ligar.

O arrependimento e o desgosto são a triste e desgraçada consequencia de casamentos imprudentes, temerarios e interesseiros.

CAPITULO V.

Maximas para bom regulamento da vida d'uma Mulher casada, especialmente.

Acostuma-te o melhor que possas ao genero de vida, que mais convier á pessoa com quem te tiveres ligado. Se este plano te apartar de divertimentos e de concurrencias, considera que por muito que estas te agradem, mais valor tem a paz domestica e a estimação reciproca.

Busca aquellas occupações que mais agradaveis lhe são e que maior importancia e valor tem a seus olhos, preferindo a todas o governo domestico, que é o verdadeiro imperio da mulher.

Se as suas occupações o forçarem a ausentar-se dos seus lares, faze que seja n'elles respeitado sempre como se presente estivera.

Se o máo exemplo o traz contaminado tem por causa segura, que a discordia e a impaciencia não são os meios mais opportunos de attrahi-lo ao seio da Virtude.

Não perturbes os seus prazeres innocentes, toma parte n'elle, fazendo-lhe conhecer que os gosas, porque vês lhe são gratos.

Não amargures os bocados do seu recreio e descanço com a relação de desgostos domesticos.

As tuas attenções para com elle devem ser continuas, mas não importunas; affectuosas, mas não affectadas.

A menor sombra de adulação faz suspeitar vistas interessadas, indignas d'uma união tão pura.

De ti depende, que prefira a sua casa ás alheias: faze que n'ella seja feliz.

Se tivestes a desgraça de ligar-te a uma familia dividida pela discordia, não tomes nunca a menor parte em suas desavenças.

Se os amigos do companheiro da tua sorte não te parecem dignos da sua pessoa, não trates de o separar d'elles precipitadamente: Em logar de exigir, convence.

As demonstrações excessivas de ternura, posto que authorisadas por um vinculo sagrado, costumam produzir effeitos tão funestos, como a mais declarada aversão.

A inconstancia dos seus afagos augmentar-se-ha com a contradicção e com as exprobrações: mais seguro é o caminho da suavidade e do perdão.

Respeita as suas faltas, cobre-as com um véo; não as confies a pessoa alguma nem ainda dos authores da tua existencia.

Os zelos muitas vezes não tem outro fundamento mais que a imaginação; porêm tão aerea costuma ser a sua origem, como são sempre terriveis e dolorosas as suas consequencias.

Se a tua união é ou te parece completamente feliz, usa com sobriedade da tua satisfação; porque toda a ventura humana está exposta a desapparecer em um momento; e nunca é tão dolorosa a perda, como quando parece impossivel que se verifique.

De mais são as penas que amarguram a vida; não as augmentes com sobresaltos chimericos, nem com temores sem fundamento.

E' muito mais facil de reduzir um entendimento obcecado, do que o amor proprio ferido. A injuria, em vez de converter exaspéra.

Nas doenças do corpo não te costumes a queixas, nem a lamentações, que não dão alivio a quem padece, e molestam aos que lhe assistem.

A união mais intima e mais sagrada profana-se com néscias confidencias. Sem seres dissimulada, podes ser prudente; sem seres cautelosa, podes ser reservada.

Vive á lerta contra qualquer pessoa, em quem conheceres desejo, ou interesse de perturbar a paz domestica: em taes casos é licita a intolerancia, e é saudavel o rigor.

A amisade com as pessoas do teu séxo póde ser um dos maiores obstaculos que possas apresentar á tua ventura. Por desgraça a amisade entre mulheres nasce frequentemente antes da analogia de seus defeitos, do que do desejo de corregi-los.

Antes de contrahirmos uma amisade é necessario saber, que deveres ella nos impõe, e em que lanças pode comprometter-nos.

A amisade entre as mulheres moças que frequentam a scena do mundo em grande, e que sempre apparecem juntas nas assembléas, é um dos vinculos mais frageis, mais perigosos e mais imprudentes que podem contrahir os mortaes.

Reflexiona antes de escolheres uma amiga que vais participar da sua reputação.

O sorriso é o melhor adorno dos labios d'uma mulher; mas authorisa muitas vezes a falta de decóro, a malignidade e a insolencia: Em taes casos nunca será demasiada a expressão de severidade.

A curiosidade é o caminho da imprudencia: Foge de tudo quanto possa desperta-la.

Muitas vezes julgarás que o que te move, é a prudencia, a benevolencia, o desejo de seres util, de evitares um perigo, de instruir-te em cousas graves; e tudo isto não passa de curiosidade.

A que deseja saber mais do que deve, põe-se na vergonhosa dependencia de quem póde satisfaze-la. A que só aspira a saber o que deve, só depende de si mesma, e dos que nunca abusarão de sua superioridade.

Raras vezes segue os conselhos, que te derem, sem que os peças: se ainda mais escassa em os dares, quando t'os não pedirem.

Entre o pensar sôbre uma bôa acção e o executa-la, não deve mediar um momento. "O bem nunca se deixa para o dia de amanhã."

Se queres confiar-te de ti mesma, faze-te digna disso; porque é imprudencia dar confiança a quem a não merece.

Se houveres de passar a vida na companhia de pessoas que te sejam superiores, arma-te de paciencia: se de inferiores arma-te de humildade.

Sempre é por culpa nossa, se exerce demasiada influencia sobre nossas acções, quem para isso não tem direito.

O demasiado apêgo aos amigos entre outros muitos inconvenientes traz

consigo o de expôr-nos aos mais amargosos pesares. Quando estiveres na companhia d'uma pessoa a quem amas em extremo, imagina que a cada instante póde abrir-se entre ti e ella um abismo, que vos separa para sempre.

E' necessario saber escolher as occupações: nem todas as acções a que damos este nome o merecem; nem ha cousa mais lamentavel que empregar as nobres faculdades da alma em bagatellas.

Cada idade tem occupações que lhe são proprias; mas em todas as épochas da vida as occupações devem ter um fim util. A grande vantagem da riqueza consiste, em que as occupações, de quem a possue, podem ser sempre uteis a outrem.

Muitas vezes se perdem as occasiões de fazer bem; porque nos não temos applicado a saber o quão facil é faze-lo. A verdadeira Caridade requer certo estudo: por meio d'este nos pômos em estado de soccorrer muitos males sem esfôrço, nem sacrificio.

Não convêm que uma pessoa se difference pelo descuido no trajo nem pela vulgaridade das expressões: mas tambem não é justo o pronunciar um juizo severo contra os que incorrem n'estas faltas.

Quando estivermos com inferiores, devemos colloca-los ao nosso *nivel;* quando o estivermos com superiores, não devemos esperar que nos colloquem no seu: em um e outro caso convem evitar-se a familiaridade, que é a porta da offensa e da discordia.

Todas as nossas obrigações merecem ser examinadas theoricamente, para que o raciocinio lhes dê um apoio, que nada seja capaz de destruir.

A mulher solidamente virtuosa é a que sabe a razão, porque o é.

Não te costumes a aprender as doutrinas moraes em ficções, e allegorias; e considera que o melhor uso, que podes fazer da tua razão consiste em applica-la ao conhecimento dos teus deveres.

Para tirarmos proveito d'um documento moral, é conveniente applica-lo á nossa propria situação: vinte annos de vida bastam para encontrar cada qual em si mesmo applicações praticas de todas as theorias moraes. *

CAPITULO VI.

Maximas para a educação dos Meninos.

Educai vossos filhos na Santa Lei do Senhor desde o berço, e amai-os com perfeita igualdade, assim os que tem talento, como os que não tem; os que são formosos, como os que não são.

Antes de lhes dar estado, examinai suas inclinações e talentos, e fazei-os instruir sempre segundo a sua indole.

---

*—(Extrahidas das cartas sobre a Educação do bello sexo por uma Senhora Americana, Carta X.)

Toda a vossa recreação seja ver-vos no meio dos vossos filhos; fallar-lhes como a amigos, e até jogar com elles jogos innocentes, a fim de crea-los em honesta liberdade, que os torne menos timidos.

Não espereis que elles vos peçam o que lhes é necessario; mas anticipai-vos a dar-lh'o nas suas necessidades.

Exortai-os a distinguir-se nos actos publicos. Sêde vós mesmo o primeiro juiz do que elles fazem, e animai-os com a esperança d'algum pequeno galardão, sem nunca desgosta-los com ameaços fóra de tempo. Como a mocidade necessita d'alguma folga, dai-lhes dinheiro, quanto basta para divertir-se com honestidade e decencia; mas nunca demasiado, temendo torna-los prodigos e devassos.

Vesti-os com aquelle asseio, que o vosso estado permittir; para que não se envergonhem de achar-se em bôas companhias, de cujo commercio fugiriam quando se vissem desaceados.

Não poupeis nada para sua educação; que muitas vezes deverieis tirar do que vos é necessario para ensina-los a bem viver.

Pedi a cada um d'elles em particular conta do que fazem, mas com brandura de tempos em tempos. Lembrai-lhes a necessidade de escolher estado, fallando-lhes como homem desinteressado, que não se inclina mais para um do que para outro. E depois de ter feito isto muitas vezes, quando elles tenham tomado resolução, ajudai-os em suas intenções, soccorrendo-os, e pedindo por elles.

Se vos fôr necessario dar alguma correcção, nunca deveis romper em injurias e ameaços. Pelo contrario tomai conta em reduzir os vossos filhos com palavras amarosas e reprehensões uteis a que deveis dar peso com uma authoridade e severidade rasoaveis. Nunca vos deixeis ir muito tempo traz da cólera nem consintais que ella se torne em aspereza, e ruim disposição de animo, para que não seja necessario aos vossos filhos o recorrerem aos parentes, amigos ou pessoas estranhas para quietar-vos o animo.

Se houverdes de louvar a algum dos vossos filhos, fazei-o sem despertar o ciume aos outros, nem estranhar os que não são dotados de tão bôas qualidades.

Nunca deixeis de dar bons exemplos aos vossos filhos. Quando jogardes diante d'elles, seja para ensinar-lhes como deve haver-se no jogo o homem honrado.

Para isso não arrisqueis muito. Soffrei com constancia, se perderdes. Não porfieis no jogo, nem vos deixeis levar da alegria, se ganhardes. Se consentirdes que elles vão a algum divertimento, a que fordes convidado, seja para darem fé, e servirem de testemunhas do vosso porte, e aprender no vosso exemplo que é necessario arredar a mentira, as palavras muito livres, as chocorrices, e todo o excesso.

Dai-lhes nas vossas conversações ordinarias as regras da justa moderação; conversai com elles sobre os riscos do mundo, e sobre as vantagens e perigos que ha em cada condição e estado; aconselhai-lhes a economia; prohibi-lhes a avareza; e á proporção que lhes fordes inspirando o desejo

de se aproveitarem, e fazerem progressos, arredai-os da soberba e ambição servindo-vos para todos estes conselhos e avisos de palavras amorosas insinuantes.

Quando lhes succeder alguma desgraça sêde prestes em interressar-vos por elles, e dar-lhes em seus males alguma cousa mais que a consolação. O que fizerdes por um, deveis estar prompto a faze-lo por outro.

D'esta maneira nunca virão perturbar a união entre vossos filhos aquelles ciumes que fazem muitas vezes a sua desgraça.

REFLECÇÃO.

Em fim, é tudo quanto ha mais importante e digno dos disvelos e attenção d'um bom pai, inspirai-lhes sempre grande respeito á Religião.

Ensinai-lhes com tempo que o culto exterior é util e necessario, mas que se torna todavia abominavel aos olhos de Deos, quando o coração, e a regra de viver não tem parte n'elle.

Não deixeis de inspirar-lhes um amor ardente para com Deos, fazendo-os contemplar o que elle fez pelos homens, assim no que pertence á natureza como no que toca á graça; para que assim desempenhem todas as obrigações da vida Christã, mais por motivo de amor e reconhecimento a Deos, do que por effeito de temor da sua ira e severidade de seus juizos. Ainda que o temor de Deos tambem se lhes deva inspirar porque é elle o principio da sabedoria, como diz a Sagrada Escriptura: *Initium Sapientiæ timor domini.* Com tal genero de proceder guiareis necessariamente os vossos filhos para o bem, e estes levados do reconhecimento, á vista de outras muitas mostras, que lhes podeis dar de bondade e amor, julgarão commoda e facil a obediencia; e o respeito será n'elles natural.

Tudo se fará entre elles por amor; e o temor e servilismo não terão alguma parte em sua obediencia. Os pais que tal educação lhes houverem dado se alegrarão summamente; e depois de solicitar de Deos, para si e para elles uma eternidade bemaventurada, sómente porão a mira em seu honroso estabelecimento no mundo.

CAPITULO VII.

Conselhos d'um Pai a seus Filhos, estando para entrar no Mundo.

O primeiro e principal estudo que deveis fazer é o das obrigações que tendes para com Deos. Lembrai-vos que este é o ponto principal, e por isso desempenhai-o exactamente, tanto em publico, como em particular.

O temor de Deos seja a base sobre que assente a vossa regra de pro-

ceder. Nunca vos julgueis dispensados, seja porque causa for, d'uma obrigação tão justa e tão indispensavel.

Se seguirdes estas saudaveis maximas vireis a ser sobre maneira venturosos, vivireis em doce socego e solido contentamento d'alma, conservar-vos-heis com honra e sem nota, sereis tidos em bôa conta e estima por todas as pessoas de bem, e até ganhareis o respeito dos mesmos viciosos.

Por este meio, practicando as regras de sabedoria e prudencia que o Evangelho nos ensina, vos esmerareis em moderar-vos e reger-vos por via d'um sisudo estylo de proceder; arredando juntamente a miseria e pobreza, origens inevitaveis d'um sem numero de tentações.

D'esta maneira em fim livrar-vos-heis das doenças e desditas, em que a colera, devassidões, e tantas paixões differentes precipitam os homens.

Deveis ter por muito certo que se temerdes a Deos, sereis n'este mundo venturosos, e o que mais é sem comparação na outra vida.

Nunca falteis a mais exacta lealdade ao Rei nosso soberano. Não haja cousa que nos possa arredar d'esta obrigação que vos impoem igualmente a Religião, bem da sociedade, e o vosso proprio interesse.

Attendei, respeitai e submettei-vos aos vossos Superiores todos. Com os vossos iguaes practica o mesmo que quereis que elles practiquem comvosco; e tratai os inferiores com bondade e humanidade.

A mansidão e honestidade, muito concorrem para que nos amem e honrem; e a altiveza e ufania nos lançam no despreso, e desafiam de mais d'isso contra nós um grande numero de inimigos, pois a natureza do homem é tal, que nenhuma cousa soffre com maior impaciencia do que o porte altivo e despresador.

Lembrai-vos sempre que a Natureza e a Graça tornam iguaes todos os homens, e que se alguma subordinação ha entre elles nas sociedades civis, estas distincções de nenhuma maneira nos authorisam, para que faltemos ás attenções que lhes devemos, nem os obrigam a tel-os comnosco, quando nós as não temos com elles.

Esta maxima é geralmente verdadeira, e mórmente nos paizes onde apenas se divisa a differença de condições.

Familiarisai-vos com tempo, o quanto poderdes, com a lembrança da morte. Este pensamento influirá no vosso genero de proceder, fará com que vós accostumeis a olhar para ella com tranquillidade de espirito, e a vejais chegar sem horror.

Imprimi bem n'alma a certeza de que Deos não vos trouxe a este mundo para viver uma vida ociosa e inerte.

Quer Deos que o homem trabalhe, primeiramente na sua salvação, depois por ser util á Sociedade em geral, e aos particulares que a compoem, e ultimamente em procurar para si as cousas necessarias á vida.

N'isto pois deveis pôr a mira.

Fugi da ociosidade, que é mãi de todos os vicios e origem da miseria.

Lembrai-vos que o trabalho quando é legitimo, é de muita honra, e que aquelles que vivem sem fazer alguma cousa, são despresados de todas as pessoas arrasoadas.

Lembrai-vos de mais d'isso que sem trabalhar, não podeis sustentar-vos, e que vos vedes na necessidade de faze-lo. Mettei pois mãos alegremente á obra. Practicai a vossa vocação aturadamente e com consciencia, que Deos não deixará de abençoar-vos.

Trazei sempre diante dos olhos a conta que tendes de dar do vosso precioso tempo, e tomai por conseguinte conta em emprega-lo em cousas do agrado de Deos, uteis aos outros e de proveito por vós mesmos.

Deveis estudar-vos bem, antes que vos determineis a abraçar este ou aquelle genero de vida ou profissão.

Não tomeis resolução sem ouvir o parecer das pessoas que se acharem em estado de dar-vos bons conselhos.

Não consulteis só a vossa inclinação, examinai tambem se tendes os talentos, a constituição e saude que requer o estado que quereis tomar. Mas não está ainda tudo n'isto. Nunca abraceis profissão que não tenha estas duas partes; primeiramente deve ser honesta e licita; em segundo lugar util, e que vos ajude a viver: e uma vez que tiverdes feito a vossa eleição, prosegui constantemente do genero de vida que vos for destinado.

Tomai-o por tarefa; não mudeis de objecto, nem esmoreçais á vista dos obstaculos que poderieis encontrar, os quaes facilmente se supéram com a brandura de espirito, paciencia e applicação assidua e dobrada ao trabalho, e ás proprias obrigações.

Seja qual for a vocação que abraçardes, dai-vos todo a ella. Depois do amor e temor de Deos, não tendes mais em que cuidar; esforçai-vos por ser excellente n'ella; reine em vós uma nobre emulação, pois sem ella não se faz cousa bôa na vida. Trabalhai todos os dias por augmentar os conhecimentos e luzes que tiverdes, e por adquirir merecimento.

Acostumai-vos sobre tudo a empregar no que tendes de fazer, o tempo necessario: arredai toda a precipitação; reflecti muito; pois por via da applicação aturada e grande meditação é que cada um tira proveito dos seus estudos.

Fazei com extremosa exactidão até as menores cousas, e se quereis aproveitar nas vossas leituras, distingui com grande discrição o que é util do que o não é; e sobre tudo não passeis pelas cousas sem comprehende-las com fundamento. Lembrai-vos que o espirito leviano e superficial é incapaz de tudo, o que é exacto, solido e methodico.

Ha pessoas d'este genero e são como aquelles que comem soffregamente, os quaes enchem o estomago, mas não se lhe faz a digestão.

Antes de pôr a mira nos empregos publicos, examinai com cuidado duas cousas. Primeiro: se tendes aquella rectidão, delicadeza e capacidade necessarias para servi-los com descargo da consciencia e com honra; segundo: se é vossa intenção desempenhar as funcções d'elles com diligencia e exactidão: se vos faltarem estas duas cousas, ou uma d'ellas não os soliciteis; pois não podereis evitar o desdouro, a vergonha, a censura publica, e o que é mais a perda da vossa alma.

Deixai-vos antes ficar na vida particular, em que não podeis deixar de ser muito venturoso; porque muitas vezes acontece sermos honrados e

estimados em quanto vivemos como simples particulares, mas se queremos entrar em qualquer emprego, e apparecer no theatro do mundo, sem ter os talentos e partes que se requer para exerce-los dignamente, nunca deixamos de patentear nossa insufficiencia e vicios; então publicamos o que o publico nunca teria occasião de reconhecèr, e cahimos por isso mesmo no maior despreso.

Fugi com extremoso cuidado á desmesurada distracção. Armai-vos, e acautelai-vos contra a vida mole, que hoje se vive, e toda se vai em andar por casa d'uns e outros, e é a sepultura das sciencias do trabalho, e da emulação digna de louvor. Affraca igualmente os talentos, que nós deo a natureza e o nosso temperamento e saude. Diverte-nos, e até nos torna incapazes de toda a occupação solida e seria e nos constitue em estado, que é o principal, de não poder dar bôa conta a Deos do nosso tempo. De mais d'isso mette-nos em despezas frivolas, innuteis, e muitas vezes culpaveis e não nos deixa procurar por via do legitimo trabalho as cousas que nos são necessarias para viver. D'aqui nasce a ruina, perdição e total decadencia das familias.

Regulai as vossas horas para o trabalho. Consagrai parte do tempo ás obrigações da Religião, e empregai outra nas que vos impõem à vossa profissão e n'um suave trato com vossos parentes e amigos, e com pessoas de merecimento.

Sêde constante nas regras, que estabelecerdes para o vosso governo a este respeito, e nunca vos arredeis d'ellas.

Evitai mórmente a preguiça que não nos deixa fazer, seja em que for, cousa bôa e louvavel; destroe toda a emulação, e põem invencivel obstaculo á execução dos projectos mais exellentes.

O ler é cousa bôa, e util. A leitura forma o espirito á proporção que o vai ornando com diversos conhecimentos necessarios; mas é conveniente escolher bons livros, fugir dos que contem opiniões libertinas sobre a Religião, e Moral, e das Historias lascivas e sobre maneira livres. Os primeiros corrompem o coração e as segundas são capazes de arruinar o animo bem inclinado.

As donzellas devem mórmente evitar a leitura muito aturada, porque a sua vocação natural é tomar conta do governo domestico, e dar-se ao trabalho competente ao seu sexo.

Esmerai-nos por adquirir com tempo uma bem fundada reputação, o que só podeis alcançar por via d'uma bôa e sesuda regra da vida.

Lembrai-vos que é grande adiantamento o entrar no mundo com a estima de seus compatriotas. Esta primeira impressão atura e não se destroe com facilidade; ao mesmo tempo que se principiardes mal, ser-vos-ha necessario tempo infinito para desvanecer a opinião publica; e talvez que nunca chegareis a consegui-lo.

Tomai por guias a recta razão, e bom siso em todas as vossas acções e nos vossos estudos, genero de proceder, e exercicios.

Os movimentos impetuosos d'um espirito prompto e vivo lançam os homens em erros terriveis.

Moderai pois os primeiros ardores da imaginação, e ide-lhe á mão, ajuisando de vagar e com reflecção.

O que se deixa arrebatar da viveza de seu espirito, cahe em faltas mais grosseiras e com mais frequencia, do que aquelle que tem menos viveza, mas que sabe conservar melhor a tranquilidade d'alma, e socego do coração.

Quanto á vós, minhas filhas, gravai em vossas almas a certeza, de que não ha nada no mundo que faça estimar, e honrar mais o vosso sexo como a virtude mais exacta.

Fazei que andem de mãos dadas comvosco o retiro, o muito amor ao trabalho, e a grande modestia em vossos discursos, porte, e vestidos.

As donzellas distrahidas, e que andam sempre em visitas, que se esmeram demasiadamente nos enfeites, que vivem na ociosidade, e cujos discursos são livres e desacordados, cedo ou tarde vem a cahir em despreso.

Tomam estas cousas por divertimentos; mas nunca ellas são tidas em verdadeira estima; e uma vez que se virem impossibilitadas para procurar os mesmos encantos e atractivos, vêem-se tambem solitárias e desprezadas.

Regra certa é esta, e que a experiencia todos os dias justifica. Fazei pois de maneira que avultem e brilhem em vós, todas juntas as bôas qualidades que constituem o ornamento das pessoas do vosso sexo, e que ellas sejam o motivo de vos estimarem e appreciarem; que então as attenções e apreço, em que vos tiverem, assentarão sobre base sólida e firme, e nunca ficarão sujeitas a algum revéz, mas durarão em quanto os homens estimarem e honrarem o merecimento e a virtude.

Moderai de tal sorte a vossa modestia, que as outras, não a achem intratavel, nem affectada.

O porte aspero, duro, selvatico e sobre maneira austero, daria ruim opinião da vossa educação e do vosso modo de saber viver. A affectação não deixaria de ser parte para que vos avaliassem por fingida, e viesseis a ser objecto de riso e zombaria.

Regei pois com tal-arte o vosso estylo de proceder, que pareça e seja com effeito natural, e não pesado, mas acompanhado de grande doçura, e d'uma allegria honesta e tranquilla.

Fugi de toda a communicação frequente, familiar e sobre tudo particular com pessoas de differente sexo.

Nunca as modas vos atormentem. Se quereis conservar a vossa reputação e patrimonio, não vos torneis escravas d'ellas. Guardai a este respeito justo meio e praticai a maxima, que diz: "Não convêm ser das primeiras em segui-las, nem das ultimas em deixal-las."

Não vos esqueçais, de que a occupação natural do vosso sexo, e a que melhor lhe convêm é o trabalho, e o cuidado do meneio domestico. Daivos pois todas a estas duas cousas.

Para ser feliz no mundo, e conservar a innocencia e rectidão exacta não é necessario correr atraz da fortuna com demasiado ardor.

A paixão que cada um tem por enriquecer, é causa dos homens cahirem em milhares de tentações e diversos laços.

Esta grande e immoderada cubiça dos cabedaes é as mais das vezes a que nos lança na miseria, vergonha e deshonra.

Contentai-vos pois com mediano estado; que de todas as situações em que o homem se pode achar, é a menos exposta a revez.

Nunca vossos intentos sejam mais ambiciosos que os d'aquelles que são mais ricos que vós; e se quereis viver contentes e satisfeitos do vosso estado, affigurai-vos que sois muito mais felizes que outros muitos que pódem todavia mais do que vós.

Desvelai-vos por ter perfeito conhecimento das nossas posses e cabedaes, para reger em virtude d'elle a vossa vida.

Em qualquer situação que vos acheis nunca vos mettais em despezas, com que não podeis. Tão pouco deveis fazer tudo quanto cabe nas vossas posses.

Tomai conta em poupar alguma cousa para ter com que assistir aos desvalidos, e remediar-vos a vós mesmos, quando a idade, as doenças, e os achaques vos impedirem de trabalhar. Antes de metter hombro a qualquer empreza, cumpri com o preceito do Evangelho, lançai-lhe bem as contas primeiro para ver se podeis ir com ella ao cabo sem vos desfalcardes. D'esta maneira arredareis a pobreza, tão ruim conselheira, origem tão fecunda e temerosa de tentações, e que nos torna tão despresiveis, quando lhe vamos cahir nas mãos por falta de bom governo.

Nunca vos ponha a venda nos olhos o mau exemplo, contagiosissimo para a mocidade, que de ordinario pouco ajuiza. Não blasoneis de querer immitar os que vivem, ou que vestem mais ricamente que vós, sob pretexto, especioso na verdade, porêm falso de serdes tanto, ou da mesma condição que elles. Reflecti sempre que aquelles a que vos quereis amoldar são talvez mais ricos que vós, e por isso se vem em melhor estado de poder figurar; ou que, se a sua situação não é superior á vossa, essas pessoas padecem de juizo, arruinam-se, e em breve serão preza de tristezas e dissabores que vós deveis evitar com cuidado.

Havei como maxima certa, que os gastos não são os que vos darão mór apreço, mas a virtude e a sisudeza.

Lembrai-vos demais d'isso que todos vivemos em paizes, onde nos conhecemos uns aos outros; que os outros sabem muito bem quaes são as nossas forças e cabedaes; e que se sahirdes dos limites, que vos prescreve o vosso estado, tornar-vos-heis objecto do seu despreso, vireis a ser zombados, e passareis infallivelmente por levianos e desassisados; n'uma palavra ninguem fará conceito de vós; pois quem não sabe haver-se no meneio dos seus negocios, não está em estado de reger os de outrem.

Jogai pouco, e será melhor que nunca jogueis. O jogo traz comsigo a perda do tempo, que é cousa preciosissima. Serve de obstaculo para as nossas obrigações mais essenciaes.

Os juramentos, disputas, arrebatamentos, contendas e a pobreza são as fataes consequencias que d'elle resultam, e é temeroso escolho onde a probidade mais exacta e escrupulosa vão muitas vezes naufragar.

Fugi da avareza. Monstro é na sociedade o avarento; porêm não

deis no vicio opposto, que é a prodigalidade. Nunca confundais esta com a generosidade, porque virieis a fazer d'uma virtude um vicio.

Conservai-vos sempre no meio entre estes dous extremos, e regei-vos com prudencia, accomodando-vos a situação em que vos achardes, e ás circumstancias em que a Providencia Divina vos poz.

Não tomeis por necessidade aquillo que podeis escusar. O uso reiterado do superfluo, torna o superfluo necessario.

Pelo que contentai-vos com pouco; que com esse pouco vivereis com maior commodo, e sereis mais venturosos em rasão de não serem tantas as vossas necessidades.

Lembrai-vos que além dos gastos criminosos, duas sortes ha de gastos, que convêm arredar, porque a sua repetição diaria vos arruinariam. São os primeiros os gastos da mesa, que se repetem muitas vezes no dia; um quasi nada que se augmentem do ordinario, vem no fim do anno a montoar muito.

Os segundos de que deveis abster-vos são aquelles que são desnecessarios. Nunca compreis cousas, sem as quaes podeis passar. Arredai mórmente com cuidado todo o desejo de cousas, que não valem nada; que nenhuma cousa estanca a bolça como as depezas por causas de nada, e quinquilharias.

De balde se cansa quem as compra por compra-las por baixo preço, pois sempre lhe sahem sobre maneira caras. E é maxima certa que sempre sahe caro tudo o que não é absolutamente necessario.

Guardai-vos de dividas, ás quaes deveis ter horror. As dividas são á maneira d'um cancro, que insensivelmente vai minando, e d'um para outro dia avultam com a acumulação dos lucros.

E' verdade que intentamos, quando pedimos emprestado pagar regularmente estes lucros; porêm taes contratempos sobrevem, que nos tornam erradas as contas que temos lançado. As dividas todavia vão crescendo, e caminhando (por assim dizer) dia, e noite, e a execução dos nossos intentos torna-se cada vez mais difficil. E qual será a quéda e damno! Será necessario ajuntar novos capitaes para pagar os atrasos já crescidos e uma vez que chegamos a este estado, tudo vai perdido sem remedio, vindo a indulgencia do nosso credor a ser fatal para nós, pois em fim será necessario pagar mais.

Pelo que, fugi da facilidade em pedir emprestado. Pedir as primeiras vezes é que custa. Accomodai-vos com o menos que puderdes, antes que o venhais a fazer por força. O homem que não deve, vive em socego porque ninguem pode inquieta-lo, e é pacifico senhor d'esse pouco que tem.

Nunca fiqueis por fiador de ninguem, a não ser do amigo provado e homem recto, e por mais instancias que vos façam, nunca vos deixeis vencer a este respeito; porque as fianças são a ruina das familias, e em quanto dura a divida principal que se assegurou, duram ellas tambem. E vindo muitas vezes a esquecer-nos d'ellas, os nossos filhos, que do ordinario as ignoram, cedo ou tarde se vem assalteados e opprimidos, quando menos o esperam.

Fugi de demandas, que são origem de odios, desavenças, rancores, trabalhos e inquietações, e, o que é mais que tudo, não deixam de arruinar as familias. As demandas de ordinario são como uma especie de jogo, em que perde quem ganha. Vale mais perder do vosso que sustentar demandas: melhor lucro tirareis d'isso.

Assentai como regra certa em não comprar nada fiado. Se não tendes dinheiro fazei por demorar a compra até que o tenhais.

Pagai tambem exactamente aos mestres e officiaes a quem occupardes; que a honra e a consciencia e o vosso proprio interesse vos obrigam a isso d'uma manêira igualmente indispensavel.

Guardai grande ordem nos vossos negocios. Ajustai e liquidai promptamente as vossas contas; quando o tiverdes de fazer, não aguardeis para outro tempo o que podeis fazer logo.

Não vos enfeitice um lucro, até vendar-vos os olhos. Lembrai-vos que onde ha muito que ganhar, necessariamente ha grandes riscos que correr, e muito que perder.

Tratai do asseio e limpeza do vosso corpo, que uma e outra cousa contribuem para a saude. Vesti com decencia, e quando os vossos vestidos sejam de pouco preço e valia empenhai-vos pelo menos em traze-los limpos e decentes.

Tomai conta em conservar os vossos fatos, a vossa roupa branca, e os vossos moveis e alfaias. Tudo seja com extremo de asseio, advertindo que em conserva-los com cuidado, vos darão mais tempo honra, evitar-vos-hão a consideravel despeza a que vos obrigaria infallivelmente a negligencia e falta de asseio.

Bom é que tomeis de tempos em tempos alguma recreação; mas tomai conta em que os vossos divertimentos não sejam illicitos, nem sobre maneira aturados. D'esta sorte dariam occasião a que perdesseis a innocencia, o tempo, e talvez o que tivesseis de vosso, e não deixariam certamente de vos desgostar de cousas solidas.

Não tenhais inveja da felicidade e ventura d'outrem, nem sejais cioso da prosperidade em que outras pessoas vivem; que a sua prospera fortuna não diminue em cousa alguma a vossa. De mais d'isso esta inveja dá indicios de ruins entranhas, e atormentando-nos sem nos redundar em proveito, faz com que faltemos ás leis da Caridade e Religião. Esta damnada paixão é o verdugo caseiro que dia e noite nos atormenta sem nos dar descanço.

Nunca sejais ambicioso em procurar authoridade ou credito. A vaidade que nos move a pôr a mira n'estas cousas, obriga-nos tambem a lançar mão de todos os meios para consegui-las, ou sejam bons ou máos, a pôr por obra milhares de baixezas, e passar por um semnumero de fadigas, e desassocegos para conserva-las; e quando não podemos lá chegar, ou se chegados que sejamos, nos cahem das maös e vemo-las ir dar nas d'outrem; que crueis e consumidores pezares e afflicções não resultam d'isso aos que se vêm sem ellas! De mais d'isso, quaes são as grandes vantagens que este credito nos mette nas mãos? Sustos continuados, temores, trabalhos,

sempre pouco consoantes, e de ordinario contrarios ás nossas obrigações principaes, é tudo quanto d'elle nos vem. Priva-nos da doce e estimavel tranquillidade, á proporção que nos expõe a uma vida inquieta, e desassocegada, e sugeita a infinitos revezes e a tantas catastrophes, differentes e não esperadas que nos precipitam subitamente do cume das grandezas n'um baixo, vergonhoso, e ignominioso estado, e nos levam por vezes a um fim tragico, e que nos desdoura. E a razão é porque muitas vezes se abusa do credito, e seja qual for a moderação, com que se use d'elle, nunca deixa de desafiar contra nós um tropel de invejosos tão ambiciosos, como nós; consideravel numero de inimigos e descontentes, que examinam exactamente os passos que damos, e a regra de proceder que seguimos, para criticar d'uma e outra cousa; que se empenham em perder-nos para exaltar-se sobre a nossa ruina, e sempre estão álerta para attribuir-nos o máo successo dos negocios, cuja direcção temos a nosso cargo.

Forcejai por conservar a tranquillidade d'alma e dominar-vos em todas as occasiões.

Evitai com cuidado os sainetes espirituosos, que sempre nos levam mais longe do que quizeramos, arruinam os negocios mais bem parados; fazem-nos fallar em desabono dos outros; dão occasião ás disputas, e inimisades; e para aquelles, que se deixam arrastar do seu temperamento vivo e impetuoso, são origem de dissabores e desgostos, e não acabam em cousa que bôa e venturosa seja para elles.

Nunca falleis mal dos outros. Dai pelo contrario mostras de attenção e apreço a todos em vossas palavras e porte. Se em vossa presença alguem quizer cortar dos que estão ausentes, ponde-vos modestamente a favor d'elles.

Acostumai-vos com tempo a soffrer os defeitos d'outrem, e nunca vos aconteça reprehender o que admitte desculpa. Lembrai-vos que nenhum de vós é perfeito, e que tambem necessitais de que os outros usem de indulgencia comvosco.

Fazei-vos apreciaveis, geralmente fallando, por via de grande humildade e muita prudencia e modestia.

Sede brandos, honestos, condecendentes, officiosos, e empenhados em dar gosto ao proximo.

Limitai todavia o vosso comprazer, que tornar-se-hia vicio esta virtude, se fosseis com ella até obrar e soffrer cousas contrarias ás vossas obrigações; ou se ella fosse occasião de cahirdes em demasiada distracção, ou metter-vos em gastos com que não podesseis.

Se não quereis ser causadores de discordias nunca tomeis o indigno officio de correctores; sede sisudos em callar o que ouvistes dizer, quando a prudencia e a caridade querem que isso fique enterrado; o contrario é cousa indigna do homem de honra, desafia contra nós centenares e centenares de inimigos, que nos darão muito que fazer, causando juntamente funestissimos effeitos entre os interessados, a quem tinhamos julgado prestar serviços.

Fallai sempre com civilidade e honestidade. As palavras desacordadas,

grosseiras, rusticas e pesadas dão mostras de pouca creação, e nos acarream de ordinario varias disputas e desavenças.

O meio de conservar a benevolencia dos vossos amigos é o tratardes com elles com muita discrição e não abusar nunca da bôa vontade, que vos mostram. Visitai-os assiduamente; mas tomai conta em não fazer-lhes pesada e prejudicial a vossa assiduidade; d'outra maneira vos tornareis importunos e incommodos, e a pouco e pouco parecer-lhes-hieis menos amaveis.

Pelo que deveis ter sempre grande cuidado em tomar tempo aproposito; examinar se as occasiões e as circunstancias são proprias e proceder segundo o que achardes e entenderdes. Fugi tambem de cansar os vossos amigos e as pessoas que vos querem bem; pedindo-lhes demasiados serviços e cousas que são do vosso gosto. Não canseis a bôa vontade que elles tem para comvosco: poupai-a pelo contrario com muita prudencia, e guardai-a para occasiões graves e de importancia.

Lembrai-vos que bom é ser algumas vezes desejado, e que os empenhos quando são imprudentes, da mesma maneira que o recorrer muitas vezes aos bons officios d'um amigo, desgostam e cansam infallivelmente diminuindo pouco a pouco o prazer, que se poderia conceber de ver-nos, e desde logo alteram a amizade, e fazem que a percam inteiramente comnosco.

Portanto nunca abuseis do comprazer de vossos amigos por via d'uma assiduidade incommóda, ou pedindo-lhes serviços sobremaneira frequentes.

Quando vos metterdes em negocios d'outrem, seja com muita prudencia e circunspecção. Não vos empenheis para entrardes n'elles. Fugi mórmente de prodigalisar conselhos qne não vos pedem.

Temerosissima cousa é da-los: porque se a cousa corre mal, este máo successo nunca se deixa de attribuir ao conselheiro; mas no caso que sejais chamados, para dizer o que entendeis, não sustenteis com demasiado ardor o vosso parecer, nem profieis de maneira alguma sobre aquillo que ajuisardes.

Tomai tempo sufficiente para levar á lima do juiso, sem pricipitação, o que for pró e contra e aconselhai depois d'isso com muita candura, rectidão e fidelidade.

Nunca vos embaraceis com excessiva leviandade, seja com que for; recorrei sempre á reflecção: pensai maduramente antes que vos determineis especialmente primeiro que passeis a obrar.

Nunca entreis n'um negocio sem considerar d'ante mão por que porta haveis de sahir d'elle.

Nenhuma cousa vos acarreará maior numero de inimigos, nem vos metterá em mais disputas, do que o gracejar com outros. Esta é a razão porque deveis abster-vos e ir á mão dos impulsos que vos vierem de gracejar.

Officio é este delicado e temeroso, e em que é cousa difficultosissima não passar a extremos. Se o gracejo fôr grosseiro, sobremaneira forte desasisado e insipido, dará ruim opinião do vosso espirito, e regra de

saber viver; e se fôr bem subtil, delicado e engenhoso escandalisará mais e por isso vo-lo perdoarão com menos vontade.

Veja-se relusir a singeleza em vossas palavras. Sabei porêm que a deveis guisar com prudencia. Consiste a singeleza em não dizer o que não se pensa nem fazer mysterio de nada; mas de nenhuma maneira nos obriga tambem a manifestar tudo o que dentro de nós se passa, pois degeneraria então em falta de siso e discrição.

Muito baixa cousa é o amar a lizonja. O tomar por dinheiro de contado louvores que não merecemos, é signal de soberba, e pouco dissernimento. De mais d'isso a lisonja é um veneno de que todos devemos preservar-nos com grande cuidado; porque céva a vaidade e nos impede de ordinario o adquirir verdadeiro merecimento.

Tão pouco deveis recorrer a uma vil e baixa adulação para obter dos outros o que desejais.

Mante-los-hieis d'esta maneira na sua presumpção e este meio de chegar ao que pertendeis seria contrario ás leis da honra e sinceridade.

A alegria, quando é honesta, contribue igualmente para a saude do corpo e agrado da sociedade, mas nunca é bem que passe a excesso. Guisai-a pois sempre com sisudeza, civilidade e decencia; pois uma vez que a deixardes sahir dos seus justos limites, não deixará de tornar-vos despresiveis.

Não sejais faceis em contrahir amisades; que é deffeito da mocidade o entregar-se a ellas com demasiada facilidade. Esmerai-vos em fazer de maneira que todos vos amem pelo vosso merecimento e bom porte; mas sejam muito poucos, e bem escolhidos os vossos amigos intimos, particulares e de confiança. Estudai cuidadosamente suas inclinações e indole, antes que tomeis amisade com elles.

Examinai se são delicados, constantes e de solida virtude. Considerai depois d'isso se vosso genio diz com o seu; que entre os amigos faz-se necessaria certa sympathia, e d'outra sorte aturam pouco os vinculos da amisade.

E quando, depois d'um largo e maduro exame, descubrais n'elles estas boas partes, amai-os ternamente; nunca falteis ás leis da amizade; sêde promptos em fazer-lhes a vontade no que for justo; lançai desveladamente mão de tudo quanto póde dar-lhes gosto; interessai-vos nas suas desgraças; alegrai-vos com o seu bem; sempre para elles estejam abertos o vosso coração, o vosso semblante, e a vossa bolsa; em fim, lembrai-vos que um bom e fiel amigo é um rico thesouro, que se deve conservar tanto mais preciosamente, quanto é difficultosissimo achar outro, uma vez que se venha a perde-lo.

Guardai constantemente o segredo, e havei como sagrado e inviolavel deposito o que outrem confiou a vós; porque se fordes tão fracos que o reveleis, aquelle de quem o fiardes talvez que tambem venha a ser tão facil como vós o fostes, e d'esta maneira virá infallivelmente a cousa a ser publico, passando debaixo de segredo d'uns para os outros. Do que pode resultar grande damno áquelle que fez conceito de vós, e com tal

genero de proceder corresponderieis na verdade muito mal á bôa opinião em que vos tinha, e de que vos deo mostras. Aprendei pois a saber calar, e lembrai-vos que ninguem se arrependeo de ter guardado segredo, ao mesmo tempo que muitas vezes nos arrependemos de ter fallado sem accordo.

Acostumai-vos com tempo a fallar pouco e com siso. Os que fallam muito tornam-se incommodos aos outros, fazem com que todos se receem d'elles, e os desprezem, e nunca deixam de ter occasião de arrepender-se por ter fallado antes de tomar tempo para considerar.

Quando soltamos a lingua, e a deixamos adiantar-se á reflecção, o menos que nos acontece é cahir em contradições, dar aos outros por onde nos tomem a palavra, fallar com desacordo e leviandade e metter-nos em muitos embaraços.

Lembrai-vos que uma vez proferida a palavra sem accordo, não ha já remedio; e o mal é irreparavel, pois não se pode remir a preço d'ouro nem de prata.

Deveis ter sempre horror a tudo quanto fôr excesso de intemperança de qualquer natureza que elle seja.

Todo o excesso arruina o corpo e a alma, deixa muitos arrependimentos e agros dissabores; torna-nos muito despresiveis, e guia-nos sem remedio á miseria e a varias enfermidades.

Arredai o mal e tudo quanto póde encaminhar-vos para elle.

Nunca vos familiarizeis com o que é máo. Ninguem se torna máo, nem devasso e perdido de uma vez; mas a pouco e pouco, e como por degráos lá vai ter. Esta a razão por que deveis estar álerta contra as mais leves apparencias do mal, e conservar com extremo cuidado uma exacta e escrupulosa consciencia.

Tempo virá que todos hajais de dizer: bom foi o termos assim procedido; e dareis então graças a Deos.

Fugi de ruins companhias; que difficultosa cousa é deixarem de perder-se infallivelmente os que frequentam os viciosos. Grande risco corremos de corromper-nos com o seu commercio. De mais d'isso estas sortes de allianças deterioram-nos sempre e sobremaneira na opinião das pessoas de bem.

Nunca deveis mentir. O mentiroso cahe com justa razão em extremo de despreso, e os outros acostumam-se de tal maneira a duvidar do que elle diz que nunca o crêm ainda quando falla verdade.

Não useis de juramentos em vossas practicas. Falso ornato é este, e ruim habito, que a Religião e as regras da civilidade e da maneira de saber viver, igualmente condemnam. O jurador dá mostras de não ter tido creação e faz injuria a sua probidade, pois suppoem que necessita do soccorro dos juramentos e de asseverações fortes para que o creiam.

Amai a sciencia; mas guardai-vos de fazer ostentação d'ella e muito menos das vossas leituras. O contrario daria motivo para que vos houvessem por soberbos e pedantes.

Quando alguem fallar sem acordo, ou cahir em falta na vossa presença não vos lembreis de reprehende-lo menos que não sejais chamados expres-

samente para faze-lo; pois de nenhuma maneira convem fazer o officio de pedagogo. As pessoas que se mettem a querer endireitar os outros não deixam de tornar inimigos aquelles que querem corrigir, e inimigos taes que perdoam muito menos, só porque se lhes deo mostras de superioridade e de conhecer a sua ignorancia atacando juntamente o amor proprio que nasce comnosco.

Nem sejais muito presumidos, nem sobremaneira desconfiados de vós mesmos: tomai o meio entre estes dous extremos, ambos temerosos, posto que o primeiro o seja muito mais que o segundo.

A presumpção é o signal distinctivo da ignorancia, e pelo conceito em que nos põe do nosso merecimento supposto, não nos deixa valer das luzes e conselhos dos que são mais illustrados que nós.

A demasiada desconfiança constitue-nos sobremaneira timidos e é causa de não ousarmos correr o risco de qualquer empreza que seja, e de ficarmos na inacção e ociosidade, e muitas vezes de não nos utilisarmos de nossas idéas para comprazer demasiadamente com as d'outrem. Comvêm usar sempre do bom siso e da razão que Deos nos deo.

Nunca deveis gabar-vos; e ainda que tenhais merecimento solido sereis tambem modestos, e deixareis aos outros o cuidado de publicar os vossos louvores. Lembrai-vos que aquelles que querem campar entre os outros dão mostras de muita presumpção e de que pouco sabem viver.

Maxima segura é esta: que a communicação frequente entre as pessoas de differentes sexos é cousa muito temerosa. Dá ocasião á perda do tempo; arreda o espirito de tudo o que é cousa sólida, e gera muitas vezes inclinações e allianças pouco convenientes, cujo effeito é um casamento desacreditado, que nos lança em um semnumero de desditas, e na miseria. Pelo que, meus carissimos filhos, advirto-vos, pelo interesse que tenho na vossa felicidade e ventura, que procedais a este respeito com muita circunspecção e cautela.

Desejo que sejais sobre maneira difficultosos em crer o mal que se vos disser dos outros. Nunca vos determineis, geralmente fallando, só pelo ouvir dizer; e trate-se de que se tratar, certificai-vos sempre antes de affirmar.

Dai mostras de moderação, e nunca vos assoberbeis na prosperidade. O prudente temor e receio modere a alegria de vossos venturosos successos.

Lembrai-vos que as cousas d'este mundo estão sujeitas a muitas mudanças e revezes. Tão pouco deveis deixar-vos soçobrar por cousa das desditas e males que vos vierem. Mostrai-vos firmes e constantes; brilhe em vós a perfeita resignação ás ordens da Providencia.

Nunca falleis do bem que obrardes. Mettei-o debaixo dos pés, e esquecei-vos d'elle; que d'outra maneira vos taxarão de soberbo e ostentador.

Lembrai-vos dos beneficios que tiverdes recebido; trazei-os impressos no coração; seja eterno o vosso reconhecimento, e não façais de maneira que os atenueis. A ingratidão é vicio das almas baixas, e damnadas, e o reconhecimento é virtude das almas nobres, grandes e generosas.

As lições, que se dirigem a tornar o coração virtuoso e ornar o espirito e a formar-nos uma regra de viver sisuda e prudente, são sem contradicção as mais essenciaes. Não se deve porêm desprezar as que tem por fim o regrar o nosso porte e exterior.

E' muito necessario a cada um accostumar-se com tempo a fallar com sisudeza, reflecção e civilidade; a ser liso e sincero; a vestir-se com decencia e bom gosto; a cortejar os outros com graça e sem affectação; a ser no porte comedido e natural, nos gostos livre e franco; a ter em bôa postura o corpo, e a comer com aceio.

Tudo isto é absolutamente necessario no trato do mundo, e mais depressa dispõe ordinariamente os outros em nosso favor, do que os dotes do coração e espirito. A razão é porque estas cousas tocam logo, e se manifestam ao primeiro lançar d'olhos; quando é necessario tempo, e muitas vezes muito tempo, para sondar o merecimento, luzes e probidade d'uma pessoa.

Certo ar do rosto singello, muita honestidade, porte civilisado, comedido, acompanhado de certa ousadia rasoavel e d'uma reflecção conveniente sobre si proprio em tudo quanto fizermos, ganham-nos a amisade dos outros, muitas vezes antes de sermos d'elles bem conhecidos.

Devemos confessar que estas cousas são de muito grande alcance para nós, e que quando concorrem juntamente bôa indole de coração e espirito podemos ter quasi por certo o insinuar-nos fazer com que nos amem e adiantar-nos. Assim advirto-vos que deis grande attenção a este conselho, que é de muito maior momento do que parece ser á primeira vista. Porque não raras vezes acontece que um homem virtuoso e prendado de bons talentos fique atraz dos outros por falta de certo ar do mundo, e por se ter discuidado do seu exterior; quando outro que tem as partes que acima ficam ditas, vai bem seu caminho com esse pouco merecimento que tem.

Desvelai-vos pois assiduamente por contrahir certa civilidade, que vos seja familiar e natural, um porte agradavel e insinuante, jovial e modesta presença, e uma conversação ligeira e agradavel.

Acostumai-vos tambem a reflectir muito, a dominar-vos, a fallar acertado, e em bons termos, a dizer concisamente o que quereis, e o que deveis dizer, e não mais, para que assim vos sejais sempre em estado de responder por vossas palavras, e não sobrevenha qualquer recontro não esperado, que vos tome de improviso, vos sobresalte, e vos obrigue a callar.

Toda a repetição a este respeito é pouca. Importa ainda sobremaneira adoçar o porte e as palavras. Deveis mórmente arredar toda a precipitação quanto a estas.

Habituai-vos com o tempo a fallar com sisudeza e reflecção: não levanteis muito a voz, porque fora incivilidade querer ostentar bôa voz.

Fugi tambem cuidadosamente, quanto á maneira de fazer as cousas, por uma parte, de ser estouvado, fastuoso e ardente; e por outra, effeminado e sobremaneira vagaroso; pois d'esta sorte se dá muitas vezes

mostras de pouca sinceridade. Entre taes extremos guardai o acertado meio: tudo em vós seja sisudo, polido, livre e franco; mas seja tambem tudo natural, comedido, suave, e sem a menor affectação; que d'outra sorte virieis a ser objecto do riso e da zombaria de todos, e perderieis o conceito.

Deveis tambem haver como regra certa, que em todos assenta bem uma alegria honesta e tranquilla; fazer pouco estrondo e fugir especialmente d'aquellas esquesitices vangloriosas, as quaes muitas vezes degeneram tanto em habito, que n'ellas cahimos sem adverti-lo, e sem haver razão que bôa seja para desculpa-las; o que dá igualmente ruim opinião da nossa civilidade, espirito e nascimento, e da creação que tivemos.

E' muito conveniente distinguir na alegria, o que é viveza do corpo, e viveza do espirito. Esta sempre assenta bem; ao mesmo tempo que é de grande necessidade o enfrear a outra nos seus justos limites.

Nos impulsos da alegria deveis arredar com cuidado, d'uma parte, tudo o que é gracejar, cujos inconvenientes já ficam ditos; e por outra os brincos de mãos, pois d'estes resultam de ordinario funestos effeitos, e dão infallivelmente occasião a desavenças, como a experiencia tantas vezes tem provado.

DO CASAMENTO.

Deveis quasi ter por certo, meus filhos, que no estado de solteiros sereis mais venturosos, que no de casados.

Este estado traz comsigo muitas vezes trabalhos, inquietações e dissabores: alem d'isso, nos impõe um grande numero de obrigações, que é muito difficultoso cumprir, e de que Deos nos pedirá todavia estreita conta.

Depois, acontece muitas vezes que após o casamento vem uma numerosa familia, que nos põe em mil cuidados, e despezas que não se podem evitar; o que de ordinario nos mette em grande aperto, e nos expõe conseguintemente a um grande numero de varias tentações.

Se, não obstante todas estas considerações, houver razões que vos determinem algum dia a cazar, peço-vos com grande instancia, que para vossa ventura e felicidade não sejais faceis e levianos na resolução que tomardes.

Valei-vos pelo contrario, n'um negocio de tanto momento, de quanto valor de espirito e bom siso tiverdes para pezar seriamente e com socego de coração o que deveis obrar, e o que convêm aos vossos verdadeiros interesses.

Cuidai muito em consultar pessoas, de cuja sisudeza, capacidade e bôa affeição estejais bem certos, e abraçai seus conselhos com muita docilidade.

O casamento dura tanto como a vida, e é cousa de tanto momento que a nossa dita ou desdita, n'este mundo, muitas vezes d'elle só depende.

O que interessa muito mais em particular é a salvação da nossa alma. *Melius est enim nubere quam uri*, * como diz S. Paulo. Assim, se abraçardes este estado, seja com muita prudencia, e nunca formeis estabelecimentos que não forem rasoaveis e solidos.

Não deixeis á paixão tomar posse da razão. Tolhei quanto antes os progressos d'ella, fugindo-lhe e retirando-vos promptamente.

Lembrai-vos que é necessario ir-lhe á mão logo de principio; que em vão corremos a buscar o remedio, quando o mal por nosso descuido ou culpa é inveterado e se tem arraigado; que então é tarde para ir contra elle; toda a traça é inutil; a razão já não nos vale de nada; e a doença, que com facilidade se teria curado se tomaramos cuidado d'isso a tempo, torna-se incuravel, quando a deixamos vigorar, e arraigar-se no coração. Tudo então vai perdido: o mal é sem remedio, porque nos priva do unico que nos podia dar saude, e era o acertado uso da razão que a paixão affogou e tornou inutil.

Aproveitai-vos pois do que vos digo. Estas lições são as principaes e de maior momento. Primeiro que vos determineis e tomeis resolução alguma n'esta materia, pedi a Deos que vos dirija na eleição que houverdes de fazer, e que abençoe os vossos intentos.

Trazei tambem sempre diante dos olhos as seguintes reflecções, que agora vos proporei para illustrar-vos sobre o que deveis obrar n'este particular.

REFLECÇÕES.

1. Não vos caseis muito moços.

O casamento quer reflecções, e tal regra de proceder a que a mocidade não póde chegar. O marido deve estar em estado de governar os negocios de sua casa, e a mulher ha de ter capacidade para reger bem o meneio d'ella.

2. Quando o homem se acha em idade um pouco avançada expoem-se a dar ao mundo filhos, que humanamente fallando, não póde ter esperanças de ver creados; mórmente se casa com uma mulher muito mais moça que elle; e uma mulher, que passou solteira os viçosos annos da sua idade, se vem a casar, quando vai já para velha, não póde arredar o despreso e indifferença de seu marido, se fôr de idade muito inferior á sua.

3. Tratai de ligar-vos com familias que vos dem honra, e vos sirvam de arrimo; que não tenham dividas, e, o que é o principal, onde imperem a piedade, a virtude, a paz, a bôa ordem e economia.

4. Buscai mais que tudo na pessoa, com quem quereis ligar-vos, o temor de Deos, merecimento e virtude. Esta é a base segura e solida, sobre que assenta a felicidade da vida, e que subsiste para sempre; ao mesmo tempo que a formosura e outros dotes exteriores são caducos e passageiros.

---

*—Cor. 1, Cap. 7, V. 9.

5. Deveis tambem attender muito á sua indole.

Para um homem ser feliz é necessario achar na sua metade, igualdade, mansidão, comprazer, e certa sympathia de genio.

Estudai-a bem e por muito tempo, antes que vos entregueis a ella. D'outra maneira accarrearieis contra vós dissabores e arrependimentos, que durarão talvez em quanto viverdes.

6. Ligai-vos com uma pessoa sisuda, que tenha economia, da qual possais fazer inteiro conceito, e que saiba unir á ordem e conveniente estylo de proceder o bom sizo e juizo são.

Guardai-vos de toda as ligações com aquellas, que tem paixão pelo jogo, que amam sobremaneira a leitura, as companhias, e os ajuntamentos ou sociedades dos homens. O jogo nos faz perder tempo precioso; e se não nos lança na pobreza, ou total ruina, quasi que não deixa de lançar-nos na desordem e pôr-nos em apertos. As demasiadas leituras, e companhias nos distrahem das nossas occupações essenciaes, e poem infallivelmente as familias em desordem, que é o effeito necessario que resulta da negligencia e descuido.

7. Ligai-vos com pessoas sadias e de bôa constituição. O bom temperamento dos pais e das mãis influe ordinariamente no dos filhos. Quanto mais que o ter um homem ao seu lado uma mulher doentia e achacada, é ver-se continuamente exposto a magoas e despezas.

Em fim, reflecti maduramente sobre estes conselhos que vos dou a respeito do casamento. Se desejais a vossa ventura e felicidade não deixeis de pol-os em practica; trazei-os sempre diante dos olhos e nunca vos afasteis d'elles.

Desconfiai de vós mesmos.

Quando a paixão é a que nos guia, tudo se nos afigura facil. A paixão nos pinta faceis de vencer os obstaculos mais insuperaveis; e mette-nos em projectos fantasticos. Mas uma vez, que a paixão principia a dar logar á razão, mudam de semblante as cousas, e apparecem-nos no seu natural.

Então é que as vemos taes como são na realidade, e achamos semeado de espinhos e abrolhos o mesmo caminho por onde esperavamos caminhar por entre flores as mais vistosas e encantadoras. Da nossa leviandade já não nos resultam mais que arrependimentos e dissabores, que já não podem arredar-se; a reflecção vem sobremaneira tarde: o mal está feito; não tem já remedio, e custe-nos o que nos custar, havemos de vogar na barca em que tão desacordadamente mettemos o pé.

Acautelai-vos, meus carrissimos filhos, com uma grande circumspecção, contra a desdita, em cujas mãos vos ireis metter sem duvida se fizerdes o contrario.

Esforçai-vos quanto poderdes por ir vosso caminho pela estrada que vos tenho mostrado. Indo por ella arredareis um grande numero de escolhos, e ireis certamente dar com uma ventura e felicidade verdadeira e solida. E' o que cordialmente vos desejo.

CAPITULO VIII.

Obrigações dos que pertendem tomar o estado do Matrimonio.

Se para entrar em qualquer legitima sociedade é precisa muita reflecção e prudencia, muito mais para contrahir matrimonio, que é uma sociedade perpetua, e a mais intima de todas, gravada com muitas obrigações, e por isso muito critica e arriscada.

A sociedade conjugal tem por fim a mútua paz, e união de affectos dos conjuges, o mutuo soccorro na saude e na doença, na prosperidade e na adversidade, a bôa educação dos filhos, e o bom governo da familia; e que excellentes qualidades, e que bôas disposições são precisas em ambos os contrahentes para obterem estes fins! E que soccorros de Deos lhes são necessarios! Por tanto os que intentam tomar este estado devem,—

1. Recorrer muito a Deos, pedindo-lhe lhes faça conhecer a sua vontade e o que mais lhes convem para a sua verdadeira felicidade.

2. Aconselhar-se com pessoas prudentes, desinteressadas, especialmente com seus pais, pois em regra geral os filhos não podem licitamente tomar este estado sem o parecer e consentimento de seus pais ou superiores; assim o pede a sugeição e o respeito que lhes devem, e o bem e paz das familias.

3. Devem seriamente examinar as qualidades pessoaes de seus ou suas projectadas consortes, v.g., o seu genio, indole, costumes, etc., e se são aptas para viver bem em tal sociedade, e obter os fins d'ella. Uma pessoa de genio altivo, iracundo, desconfiado, de costumes dissolutos, etc., que tranquila e amorosa sociedade poderá fazer com quem tem qualidades oppostas ou mesmo tão más como as d'ella?

4. Devem examinar que motivo ou que fim se propõe em abraçar tal estado; se é aquelle para que Deos o instituio, ou se é meramente por interesse; para sahir da sugeição paterna, por appetite, etc. Não será feliz o matrimonio contrahido por fins desordenados.

5. Devem examinar se tem bom officio ou industria para subsistir commodamente n'esse estado, pois a falta de meios para subsistir expõem os casados a muitos desgostos, e ás vezes a grandes peccados.

6. Devem instruir-se nas obrigações anexas a esse estado a respeito do consorte, e dos filhos, se Deos lh'os dér, e do modo de compri-las bem.

7. Devem evitar qualquer dolo, que possa prejudicar a pessoa com quem pertendem contrahir matrimonio; e por isso devem declarar aquelles defeitos ou circunstancias, que ao outro interessa saber, etc.

8. Cada um deve informar-se do genio, indole e costumes da pessoa com quem quer contrahir o matrimonio, e constando-lhe que tem máo genio, máos costumes, etc., fará muito mal em o contrahir com ella. Se o direito natural nos intima o retirarmo-nos (quanto possa ser) da communicação de pessoas de má conducta, para não sermos corrompidos pelo seus

máos exemplos e conselhos, quanto mais o não contrahir com ellas sociedade tão intima qual é a do matrimonio? Não são as muitas riquezas, nem a formosura que fazem os matrimonios felizes: o temor de Deos, a modestia, a honestidade, o adorno das virtudes, o genio docil, a agilidade e prudencia para bem governar a casa, é o principal dote que se deve procurar principalmente em uma donzella. Segundo a Sagrada Escriptura, os pais dão a casa e as riquezas, mas Deos propriamente é que dá a mulher prudente.

9. Para ser feliz o matrimonio, é justo que entre os contrahentes haja igualdade, ou não muita differença no genio, idade, qualidade, fortuna, etc., porque a grande differença n'estas coisas será occasião de desgostos, e de desuniões, que perturbam a mutua paz.

10. Finalmente havendo Christo Nosso Senhor na sua Igreja elevado o matrimonio á dignidade de Sacramento para santificar os conjuges e para lhes dar graça para se amarem santamente, e educarem bem seus filhos, etc: devem os que pertendem tomar este estado, ter intenção não só de celebrar um contrato, mas tambem de rebeber um Sacramento; por outras palavras, devem contrahir o matrimonio com intenção pia e religiosa, segundo a intenção de Christo e da Igreja: e como este Sacramento requer estado de graça nos contrahentes, devem estes dispor-se por uma vida honesta e virtuosa, e até mesmo pela confissão e pela sufficiente instrucção da doutrina para recebe-lo dignamente.

REFLECÇÕES.

Frequentemente não se attende aos verdadeiros deveres, e só se attende á formosura, á nobreza, ás riquezas, ao cego amor que em breve se acaba, e á satisfação de brutaes appetites; e se contrahe o matrimonio sem a pureza de intenção necessaria para elle; por isso o matrimonio é occasião de desgraça e infelicidade para muitos casados, e de escandalo e de graves damnos para a Igreja, e para o Estado; porque sendo o matrimonio a origem dos membros da sociedade, se os que cazam forem de costumes dissolutos, sem piedade, e sem religião, communicarão estes pessimos sentimentos aos seus domesticos e filhos, e estes aos seus, etc., e d'aqui resultarão males incalculaveis á sociedade religiosa e civil.

Será inutil querer remediar estes males, senão se puzer todo o cuidado para que haja matrimonios virtuosos, e para que os contrahentes tenham as bôas qualidades que requer um estado tão interessante.

Direi poucas palavras a respeito dos esponsaes.

Pelo nome de esponsaes entende-se a mutua promessa de futuro matrimonio.

Por tanto é preciso que o homem prometta á mulher, e esta a elle o futuro matrimonio para haver esponsaes.

Pelos esponsaes validos ficam os promittentes obrigados a contrahir o matrimonio.

Os esponsaes podem ser dissolvidos pelos mesmos promittentes.

Em quanto não forem desfeitos, não pode um contrahir esponsaes com outra pessoa, pois violaria o direito da primeira a quem prometteo.

CAPITULO IX.

Obrigações dos que contrahiram Matrimonio.

Basta conhecer os fins para que a sociedade conjugal foi instituida, para inferir quaes são as obrigações dos contrahentes, isto é, do marido e da mulher:

1. Devem amar-se mutuamente com amor especial e terno, mas honesto e santo; com amor constante, que não desfalleça com a idade, com a doença, com os trabalhos e desgraças; com amor, que os faça reputar como uma só pessoa.

2. Com este verdadeiro amor devem supportar os seus mutuos defeitos, animando-se mutuamente com palavras, e exemplos á practica da virtude, pois é este o maior bem que podem procurar um ao outro, e o unico caminho de serem felizes.

Sociedade sem virtude não pode ser tranquilla, nem agradavel.

3. Devem evitar tudo aquillo que justamente poderia desgostar e affligir o outro.

4. Devem ajudar-se mutuamente nos trabalhos e doenças, no governo da casa, em ganhar e prover o seu sustento.

5. Devem cohabitar ou viver juntos: em regra geral não podem separar-se para longe, e por muito tempo sem justa causa, e mutuo consentimento.

6. Deve um a outro inteira, igual e constante fé ou lealdade: por tanto qualquer dos conjuges, que voluntariamente commette adulterio, ou faz outra acção impura com pessoa estranha, pecca não só contra a castidade, mas tambem contra a lealdade que deve ao seu legitimo consorte.

7. Igualmente não podem (sem legitima causa) negar-se o direito, ou debito conjugal, pois a procreação dos filhos é um dos fins do matrimonio, o principal, sem duvida.

8. Sendo o matrimonio um estado santo, devem os cônjuges respeitar-se e tratar-se com decencia e honestidade, e não como libertinos, ou como gentios, que ignoram a Deos.

REFLECÇÃO.

A falta de sincero amor e amizade é causa de muitos males e peccados, que muitas vezes se encontram em pessoas cazadas: d'ahi vem os odios, as intrigas, e as separações; d'ahi as iras, descomposturas de palavras, &a., d'ahi a falta de fidelidade com os adulterios e impurezas;

d'ahi o negarem-se ou subtrahirem-se aos direitos conjugaes; d'ahi a dilapidação dos bens da caza, a perturbação da familia e os escandalos publicos, &a. E' verdade que um amor excessivo, e desordenado tambem póde ser entre elles occasião de condescendencias criminosas, de se lisongearem mutuamente nos seus peccados, e de se entregarem a ciumes e a zelos indiscretos.

Haja nos cazados bons costumes, será o seu matrimonio feliz, e mesmo fecundo; pois a dissolução dos costumes não só perturba a sociedade conjugal, porêm muitas vezes é occasião de não haver filhos, ou porque não pode have-los, ou porque maliciosamente se impede a concepção d'elles, ou porque se destroem com abortos culpaveis.

Na sociedade conjugal o marido é chefe e superior; comtudo a mulher é socia, e coadjutora similhante a elle, e não escrava, nem creada; deve pois o marido ter com ella sincera amizade; dar-lhe signaes de amor e respeito; tratar d'ella como de si mesmo na saude e na doença; soffrer os seus defeitos, adverti-la com bom modo, ouvi-la, e communicar com ella o governo da casa; usar com moderação da sua authoridade para com ella, não a tratando com altivez e despreso, porque isto é contrario á paz, e amigavel sociedade que deve haver entre ambos.

A mulher ainda que socia, é subordinada a seu marido; deve pois respeita-lo e honra-lo, e sugeitar-se a elle como a Chefe da familia, em tudo o que respeita ao bom governo da casa e da sua pessoa; não oppor-se aos justos designios, e honestas vontades d'elle, sem que condescenda no que for peccado; soffrer com paciencia os defeitos e genio d'elle, ainda que aspero, procurando com seus exemplos e conselhos attrahi-lo á virtude, conciliando seu affecto e benevolencia com modos agradaveis, mas virtuosos; não dissipar, nem ainda dispor dos bens communs da casa, de que o marido é administrador, sem permissão d'elle; não arrogar a si a independencia, nem o governo da casa, e menos o da pessoa de seu marido, etc. E' facil inferir d'aqui quaes são as culpas, que o marido e a mulher podem commetter, faltando ás mutuas obrigações, que temos mencionado; e é facil conhecer que se requerem muitas virtudes para conservarem no matrimonio amigavel sociedade, e serem ambos felizes.

CAPITULO X.

Da sociedade conjugal.

Matrimonio é um contrato, pelo qual o homem e a mulher habeis se obrigam a viver em perpetua sociedade, para se amarem, para se ajudarem, e para bem educarem seus filhos.

Disse homem e mulher habeis, isto é, não impedidos por direito natural ou positivo de contrahir a sociedade conjugal.

Disse que elles se obrigam a viver em perpetua sociedade; porque não podem contrahir o matrimonio só por tempo determinado ou indeterminado

a arbitrio d'elles; e isto é innegavel, ao menos por direito divino positivo.

O matrimonio é estado honesto, e louvavel; Deos é o author e instituidor da sociedade, e do vinculo conjugal entre o homem e a mulher; não podem pois estes dissolve-lo por sua livre vontade. *Quod ergo Deus conjunxit, homo non separet:* não dissolva o homem, disse Jesus Christo, o que Deos unio;* e S. Paulo expressamente ensina, que a mulher está sujeita ou ligada com o vinculo do matrimonio em quanto seu marido vive, e que só pela morte d'este ficará livre. *Mulier alligata est legi quanto tempore vir ejus vivit: quod si dormierit vir ejus, liberata est.* † Com effeito o matrimonio dos Christãos (para estes é que escrevo) sendo consummado, só pela morte d'um dos conjuges é que se dissolve quanto ao vinculo; a paz e bôa união dos casados, a educação dos filhos, o bem da familia, e da republica requerem que a sociedade conjugal seja perpetua, e os que casam assim o promettem.

Deos quiz que os homens se multiplicassem pela geração; esta nunca é licita nem permittida, senão no estado de legitimo matrimonio. Ter commercio com uma mulher, com quem se não contrahio legitimo matrimonio, ou é adulterio, se um d'elles ou ambos são casados, ou é peccado simples contra a castidade, se ambos são solteiros: qualquer d'estes commercios é criminoso, prohibido pela Lei divina (do que nenhum Catholico duvida), e pela Lei natural; porque o primeiro involve infidelidade e injustiça para com o legitimo conjuge, perturba a bôa sociedade entre os conjuges, principalmente se é sabido pelo innocente; e se a mulher é a adultera expoem seu marido a fazer gastos com filhos que não são d'elle, etc.: o segundo oppoem-se 1o. ao bem da prole, a qual ordinariamente ou é despresada e abandonada, ou não é bem educada, porque a bôa educação requer o cuidado e applicação da mãi, e muito mais do pai, o que de ordinario não succede por falta de sociedade entre os pais, e porque pelo ordinario a prole é incerta, isto é, o verdadeiro pai é incerto; e que homem quererá sustentar e educar um filho, que não sabe se é d'elle?

2. Oppoem-se ao bem da sociedade civil e religiosa, a qual padece grave damno pelos filhos sem educação, ou mal educados.

3. Se o crime é sabido, perturba a paz das familias, causa graves desgostos aos pais e parentes. Que pais honrados não se affligirão muito, se souberem que sua filha se prostituio com um sujeito, com quem não pode casar, ou não é justo, nem decente que case?

4. E' bem facil que este crime faça cahir em outros contra a natureza, isto é, impedir a concepção da prole, ou destrui-la, se foi concebida.

Finalmente se este crime chega a ser notorio (o que facilmente succede), não só enche de opprobrios e de desgostos as familias, mas tambem de escandalos o publico, etc.

Posto que a sociedade conjugal seja bôa, e conforme á natureza e á razão, comtudo nem todos estão obrigados a contrahir essa sociedade:

---

*—Math. 19. 6.

†—1. Corin. 7. 39.

o estado de continencia abraçado por amor da virtude e por Deos é melhor e mais perfeito.

Pertender que todos tomem o estado do matrimonio, é querer um impossivel; porque nem todos tem saude e forças para abraça-lo; nem todos tem genio, e qualidades para bem viver n'essa sociedade, e para bem educar filhos; nem todos têm meios ou agencia para sustentar mulher e filhos; finalmente dos que casam nem todos tem filhos; a fecundidade é dom de Deos.

Bem sei que muitos declamam contra o celibato: é justo declamar contra o celibato libertino d'essas pessoas que não querendo ligar-se com o matrimonio, vivem na dissolução da impureza vaga. Esta é que causa graves prejuizos á sociedade civil e domestica, porque arruina a saude e força de muitos homens e mulheres, inhabilita-os para ter filhos, impede, ou diminue os legitimos matrimonios, e se algumas d'essas pessoas casam, ou não tem filhos, ou são estes debeis e enfermos; ella é que arruina as casas e propriedades, e como disse, perturba as familias, e enche a sociedade de crimes e de escandalos: a experiencia o mostra.

Mas declamar contra as pessoas, que por amor da virtude, e por Deos abraçam o celibato por voto, ou sem elle, e n'esse estado vivem honesta e louvavelmente, edificando as mais com as suas acções, etc., é sem razão e uma injustiça. Por ventura só é util á sociedade quem lhe dá filhos? Deos poria os homens n'este mundo só para comer, negociar e povoar a terra? Que loucuras! não estamos n'este mundo senão para merecer a perfeita felicidade, que só se conseguirá na vida futura: temos pois direito de consultar a Deos, e de ponderar qual é o meio e o estado, em que com maior segurança e utilidade poderemos conseguir a nossa eterna felicidade; e podemos abraça-lo, ou por voto como fazem os religiosos e ecclesiasticos, ou sem elle, como fazem innumeraveis psssoas; e n'esse estado não faltam meios e modos de promover o bem da sociedade.

Ha pessoas que no celibato fazem á sociedade serviços mais vantajosos do que as que meramente lhe dão filhos, filhos que com as suas dissoluções, injustiças e traições são muitas vezes a ruina da sociedade. A maior parte das pessoas, que vivem no celibato não estão obrigadas a elle por voto; estão n'elle porque querem, e outras porque não tem meios de tomar o estado do matrimonio: diz bem o sabio Bergier * que d'uma parte o luxo e a corrupção dos costumes, e da outra a pobreza e a difficuldade de subsistir são as verdadeiras causas que diminuem o numero dos matrimonios; appliquem-se os meios que facilitem os matrimonios, e será maior o numero d'elles. Em fim porque muitas pessoas vivem no celibato nem por isso se acaba o mundo, nem as sociedades; sempre ha muitos que abraçam este estado; e é mais necessario, diz o citado Bergier † velar sobre a educação dos filhos, e pureza dos costumes publicos, do que sobre a propagação; porque a libertinagem é o maior obstaculo a ella.

*—De relig. t. 11, c. 9.

†—T. 4, C. 11.

CAPITULO XI.

Conselhos d'um Pai a seus Filhos para o seu estylo de viver.

Que a Piedade e a Religião são a base sobre que assenta toda a nossa ventura e felicidade, e por conseguinte tudo quanto ha de mais excellente e de maior utilidade.

O primeiro conselho, e o mais importante e saudavel de todos os que podem dar-se aos moços, é o de amar a Deos sobre todas as cousas, honra-lo, teme-lo e servi-lo com a maior e mais escrupulosa exactidão. De quantas obrigações nos são impostas, a mais essencial é aquella, cuja practica só pode constituir-nos verdadeiramente felizes e venturosos, e guiar-nos necessariamente na observancia das outras obrigações todas que temos. Com effeito o temor de Deos não só é o principio de toda a sabedoria, mas tambem o que só pode dar-nos perfeita felicidade n'esta vida e na outra.

1. Quanto a esta vida, a Religião nos dá a rectidão do coração, uma doce e inestimavel tranquilidade, nascida do testemunho d'uma bôa consciencia, e o solido contentamento d'alma. Ella nos torna resolutos e inalteraveis nos maiores perigos; faz-nos supportar com paciencia, constancia e grandeza d'alma as adversidades, as doenças, as dores, as miserias, as desgraças e os revezes, que nos acontecem; modera a alegria excessiva nos venturosos successos, e nos impede de assoberbar-nos na prosperidade; mantém em nossa alma uns sentimentos pacificos e tranquillos, já na prospera, já na adversa fortuna; concorre sobre modo para que olhemos para a morte sem horror, com socego de coração, e ainda mesmo com alegria; em fim, é mais que tudo capaz de acarear-nos a amisade, estima, conceito e apreço de nossos nacionaes, pois não ha cousa como a virtude, que mais digna seja de respeitos.

A Religião é a que melhor que quantas regras dar-se podem de civilidade e generosidade mundana, nos ensina a conhecer a perfeita igualdade em que a Natureza e a Graça fazem que todos os homens venham ao mundo; e os defeitos, fraquezas e enfermidades, a que elles estão sujeitos; tornando-nos por isso mesmo brandos, condescendentes, officiosos, sociaveis, humanos, soffredores, compadecidos e abrazados da caridade para com os desgraçados que necessitam do nosso soccorro, e para com todos os que estão a par, abaixo, ou acima de nós.

Esta Religião divina é a que, cerceando todos os fataes excessos da intemperança que alteram de ordinario a nossa constituição e vigor, nos conserva o precioso thesouro da saude com muito maior segurança, que todas as regras de medicina. E' ella, a que nos recommenda a mansidão, que nos manda amar o proximo, e superar a cólera, e que desterra as tristes e fataes consequencias que d'esta turbulenta paixão necessariamente

resultam. Ella é tambem, a que com os preceitos de sisudeza, prudencia e moderação que nos dá, nos ensina a cuidar como convêm, nos negocios da nossa casa, a arredar a ociosidade e distracção, a fugir do demasiado ardor pelas riquezas, como escolho temerosissimo, e raiz de differentes males: ensina-nos a cercear as despezas criminosas, superfluas, e que excedem as nossas posses; a contentar-nos com pouco; e por esta via nos impede de cahir na miseria, origem que não se pode arredar de tantos males, e tamanho numero de tentações.

Mas ainda não está aqui tudo. A Religião só é que pode constituir os bons Cidadãos, os bons Principes e os bons Magistrados. Como ella opera sobre a consciencia, e nos ensina a conhecer, e temer a um Deos Justo, Vingador da maldade, Poderoso, que conhece tudo, e a quem nada é occulto; move com muita força os homens todos que estão imbuidos n'estes saudaveis principios, a cumprir escrupulosamente com as obrigações que resultam das differentes vocações, a que são chamados: assim é freio mais forte que as Leis humanas. Assegura o repouso e tranquilidade da sociedade civil com muito mais efficacia que as penas decretadas pelos Legisladores; porque sendo cousa facil encubrir cada um seus crimes aos olhos dos homens, e arredar por esta via o castigo que merecem, não é possivel enganar a Deos, e fugir á sua tremenda vingança.

Com razão se pode dizer tambem que se os homens tivessem no coração entranhados os principios da Religião, seriam sobremaneira venturosos; viveriam juntos n'uma paz profunda, anticipar-se-iam uns aos outros nas suas differentes necessidades, e nunca fariam damno uns aos outros, não attentando contra sua vida, nem contra seus bens, ou reputação. Não haveria então necessidade de Leis para enfrear a licença, nem de Magistrados para castigar o crime, e dar fins ás demandas. Só a consideração de suas obrigações assaz força teria para move-los a cumprir exactamente com ellas.

2. Mas se do temor de Deos nascem effeitos tão venturosos; se este temor nos é tão util, e de tamanho proveito, em quanto vivemos sobre a terra; outras vantagens nos offerece infinitamente maiores, e mais desejaveis depois da morte: uma felicidade constante, que nada é capaz de alterar ou perturbar, uma bemaventurança aguardada de todos os revezes, e cuja duração nunca terá fim; inclinações depuradas das fataes paixões que nos desassocegam durante a vida mortal; a posse continua da presença de Deos, a quem tivermos amado, adorado e servido, em quanto vivemos n'este mundo; n'uma palavra, uma bemaventurança que ninguem pode, nem sabe explicar, á vista da sua grandeza e duração. Estes os preciosos bens que constituiram a herança das almas virtuosas.

Sendo estas as vantagens, que n'esta vida e na outra nos resultam do temor de Deos, inseparavel da exacta observancia das nossas obrigações, segue-se que a Religião que nos ensina a conhecer a Deos, e as obrigações que elle nos impoz, deve constituir o primeiro, total e principal objecto do nosso estudo; e que de todas as nossas obrigações é esta a mais seria, de maior momento, e mais interessante.

Da necessidade que ha de dar culto á Divindade.

Como Deos é o nosso soberano Senhor, e d'elle temos a vida, a saude, e tudo quanto possuimos, reconheçamos com a maior e mais entranhavel humildade que todos dependemos de sua magestade suprema. Como o seu poder, grandeza e gloria não tem limites, e suas perfeições são infinitas, tudo nos empenha a publica-las e celebra-las, e a render-lhe os cultos que de justiça lhe devemos. E porque todos os dias nos enche de novos beneficios, conservando-nos no meio de tantos riscos e perigos a que estamos expostos, durante o curso da vida, devemos-lhe dar as provas mais evidentes do reconhecimento mais vivo e sincero.

Como todos nós somos miseria, e, ainda digo mais, não somos nada, humilhemo-nos, prostrados a seus pés, intimamente persuadidos da nossa baixeza. Já que elle nos ama, e quer a nossa ventura e felicidade, demos-lhe muitas e muito vivas acções de graças, e amemos tambem a um Deos tão benefico. Já que temos necessidade de centenares, e centenares de cousas, em quanto vivemos, peçamos-lhe com fé, confiança e humildade, no-las queira dar. E já que por fim nos vemos expostos ás diversas tentações, imploremos o seu Divino socorro, e peçamos-lhe a força necessaria para vence-las. Que não ha cousa tão justa, nem que mais esteja em harmonia com a Grandeza de Deos, e o nosso nada, do que cumprir com todos estes differentes actos de Religião; e á observancia d'estas obrigações todas é que se dá o nome de Culto.

O que até aqui se tem demonstrado é prova irrefragavel da obrigação em que estamos de dar culto á Divindade, e do grande interesse que temos em cumprir exactamente com todos os nossos deveres. Mas se levantarmos os olhos para fita-los n'esta verdade constante, que Deos é o melhor Ser entre todos; que elle nos ama como bom Pai, e quer a nossa ventura e felicidade, todos nos sentiremos movidos a render-lhe vassallagem, e a louva-lo, e a dirigir-lhe nossas orações de bôa vontade e coração: n'isso teremos sempre grande jubilo, alegria, e prazer verdadeiro, ainda independentemente de todos os motivos que resultam da nossa obrigação e utilidade.

Assim deve este culto ser para nós igualmente justo, necessario, util e agradavel. Todos devemos mórmente tributa-lo á Divindade com muita decencia e sinceridade. Devemos reflectir que não se pode enganar a Deos, que os nossos corações lhe são patentes, que elle detesta os hypocritas, e rejeita o culto, e orações que estes lhe fazem. Tenhamos estas tres maximas por certas e fundamentaes:

1. Que a nossa dependencia e interesse nos constitue na obrigação indispensavel de tributar ao Ser Supremo um culto religioso.

2. Que todos devemos cumprir tudo o que este culto de nós exige, com decencia, sinceridade e prazer.

3. Que este culto deve ser excellente no seu genero, e muito proprio para dar juntamente mostras de temor, respeito e amor, e dos sentimentos de veneração e reconhecimento, que temos entranhado no coração.

Do culto publico.

Ordenou Deos o Culto publico. Os Directores Ecclesiasticos por sua ordem é que foram estabelecidos; da mesma maneira que a celebração dos santos sacramentos. Quem quizesse isentar-se das obrigações que o Culto publico nos impoem, desobedeceria a Deos, e daria por isso mesmo grande escandalo. Este motivo só assaz é para nos empenhar a cumprir a ordem que Deos nos dá. Mas quem reflectir nas razões que Deos teve para mandar aos homens que se ajuntassem para tributar-lhe um culto publico, ficará intimamente persuadido que este culto fôra estabelecido com grande sabedoria. Cousa é na verdade muito justa e rasoavel o ajuntarem-se os homens em certos tempos e lugares para fazer publica, e manifesta profissão da sua Religião e da sua Fé. Quer Deos que os homens a confessem diante dos homens; que se ajuntem para louva-lo, e celebrar a sua Grandeza, Poder, e suas Divinas perfeições; para agradecer-lhe os innumeraveis favores que lhes faz, pedir-lhe a continuação das suas graças e beneficios, confessar-lhe os proprios peccados, humilhar-se profundamente na sua presença, e para se edificarem e excitarem uns aos outros á devoção, piedade, e temor de Deos.

Não é este porêm todo o fruto que se tira d'estes santos ajuntamentos. São elles tambem proprios para manter na Igreja a ordem, e a uniformidade da Fé, e para animar e instruir os fieis. Sem estes divinos auxilios, que nos chamam fortemente ás nossas obrigações, cahiriamos logo na frouxeza, e insensivelmente iriamos perdendo o gosto da piedade e Religião.

O Culto publico é necessario em todo o tempo; mas nos dias santos, e de devoções mais que ordinarias, é inteiramente indispensavel, e é muito louvavel dobrar a assiduidade de assistir a elle.

Todo o Christão deve ter como Lei inviolavel o cumprir com as obrigações do Culto, e que este se tribute publicamente a Deos; e nunca deve dispensar-se d'isso, sem razões graves, e de grande momento.

Do culto particular.

Pouco, ou nada seria, se toda a nossa devoção se limitasse ao Culto publico; que as occasiões, que podem haver para cumprir com as nossas obrigações a este respeito, não são muito frequentes. Demais d'isto até muitas vezes nos distrahem as doenças, e varios negocios, que se nos offerecem. Esta é a razão, por que importa supprir este culto; e não podemos faze-lo, se não tributando em particular á Divindade o culto, que lhe é tão justamente devido. A Oração, um exacto exame de si proprio, o celebrar os louvores, e bondades do Senhor, unidas á leitura e meditação dos livros sagrados, são de maravilhosa efficacia, para impedir-nos de cahir nas tentações, para nutrir em nós a piedade, e vigorar-nos no bem.

A practica d'estes santos exercicios particulares é excellente, louvavel e util a todo o tempo; mas é mórmente indispensavel pela manhã, e á noite. Então se deve practicar com toda a exactidão, e regularidade possivel: os outros negocios todos devem ficar atraz d'uma obrigação de tanto momento; e nunca é permittido, hajam quaes razões houverem, o eximir-se d'ella. Assim deve cada um cumpri-la com pontualidade, prazer e jubilo, como cousa a mais principal e essencial do mundo.

E' na verdade cousa muito justa que na entrada do dia nos consagremos todos a Deos; imploremos a sua protecção sobre nós, e a sua benção sobre nossos designios; que lhe peçamos a sua graça, e o seu amor; que lhe agradeçamos os beneficios que nos faz, e tem feito; e que ao anoitecer nos encommendemos á sua Providencia, lançando-nos entre os seus braços.

Além de se não poder abrir, nem fechar a carreira do dia mais dignamente do que tributando homenagem ao Author da luz, é certo que todos estamos sujeitos á morte, a qual pode apanhar-nos de subito a cada instante, e de muitas maneiras differentes. D'onde se segue que não é possivel gozar de verdadeira tranquillidade d'alma, em quanto não tivermos a certeza moral de estar na graça de Deos; ao mesmo tempo que tendo nós o cuidado de conservar-nos na sua paz, nos guardamos de todos os desassocegos, e estamos dispostos para qualquer acontecimento. Os accidentes mais funestos, as doenças, a mesma morte, nada nos aterrará. Meio infallivel é de constituir a nossa alma n'esta quietação o cumprir exactamente com as obrigações que ficam ditas.

Principio pois é incontestavel que nenhum homem dotado da razão pode ser venturoso e feliz, nem viver em socego e tranquillidade, se não tributar pontualmente com jubilo e fervor á Divindade o Culto particular, que lhe é devido, e se não cumpre pelo menos com esta obrigação todos os dias pela manhã, e á entrada da noite.

Do culto interior.

Pôz Deos os homens todos na necessidade de trabalhar. Cada um o deve fazer segundo a vocação, a que a Providencia julgou acertado chama-lo. Esta obrigação nos impôz o mesmo Creador; e unida a diversos negocios que nos vem durante o curso da vida, nos impede muitas vezes de cumprir com as obrigações do culto particular com aquella frequencia e regularidade que desejariamos.

O remedio para isto é levantar de tempos em tempos, ainda em meio de nossas occupações, o coração a Deos, encommendar-mo-nos a Elle, pedir-lhe que abençoe o nosso trabalho, louva-lo, celebra-lo e agradecer-lhe as suas graças. A este levantamento da alma a Deos, e a estas breves orações se dá o nome de Culto interior; e é o que nos recommenda o Apostolo, quando nos exhorta a orar sem descançar: *sive vigilemus, sive dormiamus, etc.* *

*—1 Thess. 5. 10.

A necessidade d'este Culto interior é da maior evidencia. Todos conhecem quanto elle nos é util para manter o temor de Deos em nossos corações, e fazer todos os dias novos progressos na virtude e piedade. De todos os differentes cultos, que se tributam á Divindade, o que chamamos culto interior é para ella muito agradavel, pela razão de nunca ser effeito do temor de passar na opinião dos homens por indevotos; e não procede ordinariamente do habito, e do costume.

Pelo contrario procede sempre do coração, e só deve a sua origem á muita piedade e devoção. Assim nunca nos devemos descuidar a este respeito; nem nos descuidaremos na verdade, se amarmos a Deos.

REFLECÇÃO.

Dou fim a este artigo, notando que ou se trate de dar a Deos culto publico, ou queiramos tributar-lhe nossas homenagens em particular, e dentro da nossa casa, devemos por via d'um grande recolhimento, e muita reflecção sobre o que vamos fazer, constituir o nosso coração e espirito n'uma situação pia e tranquilla, e arredar tudo quanto poderia distrahir-nos, e perturbar a nossa devoção para que hajamos de cumprir com estas importantissimas obrigações d'uma maneira conveniente e agradavel á Divindade.

CAPITULO XII.

Conselhos d'um Pai a seus Filhos acerca da amizade.

Por grande que seja a influencia que sobre nossa reputação possa ter a de nossos parentes, e dado que alguma quebra nos possa vir de sua má conducta não é com tudo por elles que o mundo nos julga: detestam-se as pessoas que perdem a estima publica, mas tem-se dó de suas familias.

Não acontece porêm assim com os amigos que escolhemos: os parentes são-nos dados pela natureza, devemos soffre-los o mais que podermos; os amigos escolhemo-los nós, e segundo o que elles valem, assim podem julgar de nosso discernimento, gosto, inclinações e habitos.

Não se enganaram nossos antigos quando nos deixaram o sabio proverbio bem trivial:

"Dize-me com quem andas, dir-te-hei que manhas tens."

O menor mal que pode acontecer ao que escolhe um amigo reprovado pela opinião publica é passar por tolo: muito feliz se não o accusam dos mesmos defeitos que conhecem n'aquelle que parece ser seu amigo!....

Notai, meus filhos, que digo que parece ser meu amigo; porque para ser seu amigo; porque para ser susceptivel d'amizade é mister ter a alma nobre, o coração sensivel; ser fiel, sincero, discreto e extremoso; d'um natural prasenteiro, affavel, e sempre igual; ser obsequioso até á generosidade; denodado até á temeridade; possuir emfim virtudes que raramente se encontram juntas. Assim que, devemos dar graças ao Céo quando no curso d'uma longa vida tivermos a fortuna de achar um amigo.

Dizia Cicero que a verdadeira amizade não se podia dar senão entre duas ou mui poucas pessoas. *Ita contra res est ut omnis caritas aut inter duos, aut inter paucos jungeretur.* *

Insistirei muito comvosco, meus filhos, em que não confundais o attractivo que encontrais n'uma pessoa alegre, engraçada, bem parecida, prendada, com a sympathia e affecto que conduz á amizade. Aquellas quallidades são bastantes para o que se chama conhecimento, que nunca deve trazer comsigo familiaridade nem confidencia, e não basta para estabelecer a amizade.

Não vos fieis na linguagem dôce, lisonjeira, sentimental com que algumas pessoas pretendam seduzir-vos para contrahirdes amizades: pedi-lhes outras provas, e uma caução segura antes de lhes entregardes vosso coração; nem penseis que a verdadeira e solida amizade se forma d'um dia para o outro; é necessario tempo, e muito tempo para conhecermos as pessoas com quem lidamos, quanto mais os que escolhemos para amigos....

Já entre os Romanos se dizia vulgarmente, e entre nós o escreveo El-Rei Dom Duarte no Leal Conselheiro, que se devem comer muitos moios de sal com alguma pessoa antes de com ella ligarmos amizade.

Vulgo dicitur, multos modios salis simul edendos esse, ut amicitiæ munus expletum sit. †

Não descubro nenhuma razão plausivel para qne, quando temos parentes, vamos buscar n'uma familia estranha um amigo, isto é, uma pessoa que partilhe comnosco tudo quanto experimentamos de bem ou de mal.

Pois que! mancebo ou donzella, tendes pai, mäi, irmãos, tios, primos, com que viveis, e não viveis, e não é a elles que abris vosso coração, nem pondes n'elles vossas complacencias? Serão os estranhos mais dignos de receber vossas confidencias? Bem desgraçado deve ser um mancebo ou uma donzella que não ache entre os que cuidaram de sua educação, que forão socios de seus primeiros brincos, ou companheiros dos primeiros estudos, um confidente, um amigo a quem abra seu peito!..

A não haver circunstancias particulares que a isso obriguem, sempre desconfiarei das pessoas moças que buscão amigos fóra de sua familia, e ainda formarei peior conceito dos que os buscam fóra do circulo das pessoas conhecidas da casa; e posso assegurar-vos meus filhos, que o mundo não é mais indulgente do que eu, e tem razão; que nunca vi comportarem-se bem no decurso da vida os filhos que têem pressa de subtrahir-se á sollicitude affectuosa de seus pais.

Mas como distinguir um verdadeiro d'um falso amigo, me perguntareis vós? E' mui facil, meus filhos. O amigo verdadeiro é aquelle que vos aconselha o bem, e vos dissuade do mal; que vos encaminha para a virtude e vos aparta do vicio; que vos induz ao respeito e á obediencia a vossos superiores; que vos mostra quanto é util amar o tranbalho e

*—De amicitia, Cap. 5.

†—Cic, De amicitia, Cap. 19.—Vej o Leal Conselheiro, Cap. 49.

regular as despezas; que vos acode em vossas necessidades, vos consola em vossas afflicções, e se interessa em tudo que vos diz respeito; que vos faz mil obsequios, e vos não péde nenhum; que prefére ver-vos antes descontentes do que injustos; que vos é fiel, assim na prospera como na adversa fortuna; que guarda vosso segredo, ainda com detrimento proprio; que nunca vos mente, e vos falla sempre com o coração nas mãos; que tem em vós e vossa palavra grande confiança; que interpreta em bem vossos ditos, obras e gestos; e emfim que só sacrificaria vossa amizade á verdade, á honra e á religião; e que, se lhe pedisseis cousas contrarias a ellas, vos responderia com os antigos sabios: *Amicus Plato, sed magis amica veritas. Amicus usque ad aras.*

Os que assim procederem comvosco esses são vossos amigos, a elles podeis abrir vosso peito. Porêm considerar como amigo um mancebo ou um homem só porque vos acompanha em vossos divertimentos e passatempos; porque vos convida, ou antes vos arrasta aos espectaculos, e aos bailes; porque se assenta comvosco á meza do jogo, e muitas vezes folga de vos ganhar o dinheiro; que vos convida para seus jantares e caçadas, que vos escolhe para testemunha de seus duelos, que vos pede dinheiro emprestado, e que não tem outras confidencias a fazer-vos, senão extravagantes, dissolutas, e por ventura criminosas, é um fatal engano a que estão expostos os filhos de gente nobre, e de que muitas vezes são victimas, contra o qual não cessarei, meus filhos, de vos prevenir.

A amizade procedida de comer e beber, passear juntos, partilhar divertimentos e folganças, não merece o nome de tal, nem pode ter firmeza. Assim o prova a razão, e assim o mostra a experiencia; e devemos ter sempre como regra o dito d'um antigo philosopho, que em vulgar quer dizer:

> " D'amigos bons estimação se faça,
> " Por prova de perigos, e não de taça."

Em quanto a fortuna é prospera abundam os amigos, quando ella nos volta as costas achamo-nos sós.

" Fervem os amigos em quanto a panella ferve."

Sobre esta sentença fez Marcial uns engraçados versos, que o nosso moralista Bernardes transladou nas seguintes, não menos engraçadas, redondilhas:

> " Este que as mesas têem feito
> " E os falernos teu amigo,
> " Cuidas guardará comtigo
> " Verdadeiro e fiel peito?
>
> " De ser amigo dá mostras,
> " Mas resta saber de quem;
> " D'aquillo que sabe bem,
> " Vinho, salsixões e outras."

A amiga d'uma donzella não deve ter menos bôas qualidades que o amigo d'um mancebo, e a primeira recomendação que faço a vós, meus filhos, é que nunca tenhaes confiança n'uma pessoa que vos imponha um segredo para com vossos pais. Não duvideis um só instante que correis grande risco em travar amizade com ella; não é o vosso bem que ella busca, mas o seu proprio, e talvez a vossa ruina. Tomai conselho com pessoas sensatas, evitai sem affectação as occasiões de a ver, não fiqueis nunca a sós com ella, e cortai pouco a pouco toda a sorte de relações, de maneira que seja para vós uma pessoa inteiramente estranha.

Não penseis, meus filhos, que dando-vos estas advertencias relativamente á amizade, não aprecio este dom do céo que é o mais nobre emprego, do coração humano. Não; bem ao contrario, como sei que esta especie de divindade só acceita os puros perfumes da sinceridade, da candura e da virtude, desejo que nunca profaneis, nem sejais causa de que se profanem seus altares com o negro fumo da lisonja, da mentira, ou da seducção. E para vos saberdes governar a este respeito, aqui vos transcrevo alguns pensamentos e maximas á cerca da amizade e dos amigos, que, para meu uso, ha muito collegi de Cicero, d'El-Rei D. Duarte, de Vieira e de Bernardes:

1. A amizade que não seja fundada na virtude, é mui fragil e quebradiça; e só impropriamente se poderá chamar amizade.*

2. Depois da sabedoria é este o maior bem qne o céo nos pode conceder.

3. Na prospera fortuna é a amizade brilhante esmalte de nossas delicias : na adversidade, lenitivo a nossos soffrimentos.

4. Querer tirar do commercio da vida a amizade, seria o mesmo que tirar ao mundo a luz do sol.

5. A amizade só pode subsistir entre gente de bons costumes.

6. A' similhança do bom vinho que com os annos se torna mais generoso, a amizade velha é sempre a melhor.

7. Quem tira á amizade o decoro e o respeito tira-lhe o melhor ornato.

8. E' um pernicioso erro crer que a amizade favorece o desvario dos vicios e a desenvoltura das paixões.

9. Se alguem subisse ás regiões celestes e de lá contemplasse a fabrica do mundo, e a formosura dos astros, não experimentaria prazer completo se não tivesse um amigo a quem communicasse sua dita.

10. A natureza é inimiga da solidão, busca sempre um sustentaculo; e nenhum lhe é mais grato que a amizade.

11. O amigo fiel não tem comparação.

12. O amigo fiel nunca pode deixar de amar; porque nem seria fiel, nem amigo, se não amasse.

13. O maior e mais certo motivo de ser amado é anticipar a sua amizade quem quer alcançar a alheia.

14. A verdadeira amizade é que só merece este nome, vive immortal sobre a esphera da mudança, não chegam lá as jurisdicções do tempo nem a vice-morte, a ausencia, a esfria.

---

*—Cicero, De Amititia, Cap. 6.

15. No coração do amigo ausente palpitam as saudades, rebentam-lhe dos olhós as lagrimas, sahem-lhe da boca suspiros; signaes sensiveis do invisivel fogo em que seu peito se abraza.

16. Quem vê um verdadeiro amigo, vê uma imagem de si mesmo.

17. Ainda que os amigos se auzentem, estão presentes; ainda que sejam pobres, abundam em riquezas; ainda que sejam desvalidos, tem muito poder; e o que é mais ainda, depois de mortos vivem: tanta é a honra que lhes tributamos; tal é a lembrança que d'elles temos, tão vivas são as saudades que d'elles conservamos.

18. Meu amigo é outro eu. Quando eu busco um amigo, é para misturar minha alma com a sua, e das duas fazer uma só.

19. Nada ha tão amavel como a virtude; nada estreita tanto os laços da amizade: os homens probos e virtuosos excitam a nossa amizade, ainda sem os conhecermos: amamo-los por fé.

20. A virtude, e só a virtude, concilia e conserva a verdadeira amizade.

21. Não observa as leis da amizade o que pede ao amigo cousas illicitas e injustas.

22. Profana seu sanctuario, e perde o nome d'amigo o que pede cousas indecorosas e deshonestas.

23. Não merece desculpa nenhuma o crime, que com pretexto de amizade se commette.

24. A bôa lei da amizade manda que não se peça, e menos se conceda, cousa que nos faça vergonha.

25. Não peçamos ao amigo, nem lhe concedamos, senão o que for honesto.

26. E' proprio d'alma bem formada alegrar-se com o bem, e intristecer-se com o mal. E que bem mais innocente e mais grato ao coração do sabio do que a amizade?

27. Se o sabio, ainda o mais estoico, não está isento de afflicções de espirito, poderá elle expulsar do seu peito esta nobre paixão d'alma porque lhe custa alguns sacrificios?

28. Que differença haverá, não digo entre o homem e o bruto, mas entre elle e o marmore ou o tronco dessecado, se seu coração não é sensivel aos toques da amizade?

29. Que loucura não é no homem rico e abastado o adquirir cousas venaes, cavallos de preço, vestidos explendidos, vasos preciosos; e não grangear amigos, alfaias, se assim é permittido fallar, as mais uteis e formosas de quantas nos apresenta o mundo!

30. Por isso que as cousas humanas são incertas e perecedouras, façamos do coração do amigo um thesouro em que a nossa alma ache consolação nas magoas, alivio nas penas, conforto nas tribulações.

31. Não se busque para amigo a quem um dia por alguma circunstancia prevemos ter de aborrecer.

32. Difficilmente se achará verdadeira amizade nos homens collocados em altos empregos ou embaraçados em negocios publicos.

33. Não é bom para amigo o que nos revela os segredos de outros com quem já teve amizade.

34. Tambem não sabe as leis d'amizade o que, ouvindo murmurar ou detrahir do amigo, não acode a defender a sua fama, antes se cala, que vale o mesmo que consentir no que o murmurador diz.

35. O que na prosperidade conhece e estima o amigo desvalido, e o tira da desgraça, ou lhe acode no perigo, este é leal e verdadeiro amigo.

Amicus certus in re incerta cernitur:

E' sentença de Ennio, referida por Cicero, e que anda trasladada em nosso antigo rifão:

No aperto e no perigo
Se conhece o amigo.

36. Ao amigo nunca se ha de fallar com fingimento nem dissimulação. Fingir o que não é, é mentir; e a mentira é inimiga da amizade. Dissimular erros no amigo não é amizade, é lisonja; não é prudencia, é traição, ou quando menos, pusillanimidade.

37. Assim como se vissemos nos vestidos do amigo alguma descompostura ou immundicia, deviamos manifestar-lh'o para que não apparecesse em publico ridiculamente; assim tambem corre-nos obrigação de o avisar em secreto se vemos que a sua fama padece com razão, ou lhe achamos defeitos reprehensiveis.

38. Seja porêm a correcção caridosa, branda, e em occasião opportuna; seja dada com confiança e brevidade como pilula, que ha de ser dourada e pequenina, que quasi se sinta primeiro engulida do que amargosa.

39. Os que a fortuna fez ditosos, e a natureza mimoseou de seus dons devem abaixar-se, e pôr-se ao nivel dos amigos menos favorecidos e menos bem dotados; estes porêm não devem contristar-se de sua inferioridade, antes consolar-se porque a providencia estabeleceo o rico para que soccorra o pobre, o sabio, para que ensine o ignorante, o poderoso para que proteja o fraco.

40. Tem a amizade seus contratempos. As paixões e os vicios disputam-nos muitas vezes o objecto querido de nossa candida amizade. Não podem nossos conselhos e esforços salva-lo do naufragio. Deploremos sua desgraça, mas ponhamo-nos com tempo em salvo, para não perecermos com elle.

41. Porêm, não obremos com pressa ou com espalhafato; desatemos (era expressão de Catão) o laço que nos unia, mas não o rasguemos.

42. Aquelle cujos ouvidos se fecham á verdade, e que recusa ouvir as palavras que sahem da boca do amigo, é um homem perdido.

43. Catão dizia que os inimigos declarados são menos perigosos que os amigos condescendentes e lisonjeiros: aquelles dizem algumas vezes a verdade, estes nunca.

44. Se o dar e receber conselhos, o manifestar o seu pensamento sem disfarce mas com brandura, o ouvir com docilidade e sem repugnancia, são os direitos e deveres da amizade, segue-se que não ha para ella maior inimigo que a lisonja, a adulação e a vil condescendencia.

45. A verdadeira amizade não se contenta com palavras: quer obras, exige sacrificios, pede finezas. Por ella é mister sentir ausencias, chorar saudades, resistir a contradicções, atropellar difficuldades, vencer impossiveis, despresar as honras, abater a authoridade, arriscar a vida, sujeitar a vontade, captivar o alvedrio, e muitas vezes morar dentro em si por tormento, e viver em seu amigo por cuidado.

Estas forão as finezas que Jonathas fez por David; finezas que a Escriptura louva, que nos dá como modelo, e que muito desejo vós imiteis, meus filhos, se achardes tão bons amigos como erão aquelles santos varões, que não só em vida forão muito unidos, mas até na morte se não poderam apartar.

Grande desejo tenho que não só saibais as leis e deverés da bôa amizade, senão que a practiqueis tão pontualmente que quando lerdes os livros que d'ella tratam, nomeadamente o de Cicero, possais dizer com o sabio Rei Dom Duarte: "nosso Senhor me outorgou viver sempre sem "fallecimento em amizade muy especial com os muy virtuosos meus Se-"nhores padre e madre.., de tal guysa que nom me pareceo quando vy "o livro de Tulio e outros que d'ella fallam, que achava cousa nova, nem "contraria da que usavamos; e posto que assy razoar o nom soubera, já "no coraçom aquello sentia, e por obra usava." *

REFLECÇÃO.

Os moços costumam ser por via de regra mui francos, e d'aqui vêm o serem enganados com facilidade pelos tratantes e gatunos: figura-se-lhes, que qualquer bregeiro, que se diz seu amigo, o é na realidade; e a esta confissão de amizade simulada correspondem com illimitada confiança, em troca da qual sempre perdem. Guardai-vos de amizades adquiridas á pressa. Recebei com urbanidade aos que vos fizerem grandes offerecimentos, porêm desconfiai muito d'elles: pagai-lhes com cumprimentos, não com confiança. Não acrediteis que bôas amizades se grangeiem de repente: a verdadeira amizade caminha a passos lentos; e não medra, uma vez que não seja enxertada em um tronco de merecimento reciproco e conhecido. Outra classe de amizade ha entre os homens, que parece mui ardente; porêm que por fortuna costuma ser de pouca duração: é a que se forma depressa, e que é devida á casualidade do encontro no mesmo caminho da libertinagem. Admiravel amizade por certo! fundada na gula, ou na lascivia! Fôra melhor chamar-lhe conspiração contra a são moral e bôa criação, e que sobre ella recahissem os castigos dos magistrados policiaes. Sem embargo ha quem tenha a pouca vergonha, ha quem tenha o pouco sizo de dar a esta conspiração o nome de amizade. Emprestam-se mutuamente dinheiro para máos fins, envôlvem-se em pendencias offensivas e defensivas a favor dos seus cumplices, contam uns aos outros o que sabem, e o que não sabem; até que por algum accidente,

*—Leal conselheiro, edição de Paris, pag. 245.

que sempre sobrevêm, se dispersam, e nunca mais se lembram uns dos outros, a não ser que seja para se fazerem mal, ou para escarnecerem da sua imprudente confiança.

Quando alguem se valer de protestos para fazer-vos acreditar uma cousa tão provavel, que sem necessidade de taes asserções possa ser acreditada, ficai certos que um tal trata de enganar-vos, que tem muito interesse em fazer-vo-la acreditar; pois de outro modo não tomaria tanto trabalho. Deveis fazer differença entre companheiros e amigos: um companheiro condescendente e agradavel costuma ser muitas vezes um amigo perigoso. Não vos esqueçais nunca d'aquelle dictado tão certo, como sabido:—Dize-me com quem lidas, e dir-te-hei as manhas que tens.

O que acompanha sempre com velhacos, é muito difficil que seja homem de bem.

Cum sancto sanctus eris,
Cum perverso perverteris.

N'um cabaz bôas maçãas
Com outras pôdres juntei;
As pôdres não melhorei,
E apodreceram-me as sãas.

Que aconteça a um bom assim,
Se se une ao máo, é razão:
O máo melhora-se?—Não:
E o bom se empeora?—Sim.

Esta pequena parabola, vos faz ver, meus filhos, o que podeis esperar, associando-vos a más companhias. Quando recusardes a amizade d'algum tunante, se é que amizade pode chamar-se, não o façais por um modo tão grosseiro, que elle se converta em inimigo vosso: pois se os perversos são máos para amigos, ainda são peóres para inimigos.

Sêde realmente reservados quasi com todos: é cousa desagradavel o parecer reservado, e mui perigoso o não sê-lo. Poucas pessoas sabem achar o justo meio entre estes dous extremos: muitos são ridiculamente misteriosos e reservados em bagatellas; e outros communicam imprudentemente tudo quanto sabem.

Muitas cousas poderia eu dizer mais á cerca da amizade, porêm contento-me em concluir este capitulo com o que dizia o sabio conde de Oxenstiern:

"A raridade é o que dá valor ás cousas, e é esta a razão porque o ouro e a prata occupam o melhor lugar entre as cousas sujeitas a acabar; mas eu sei que ainda ha n'este mundo cousa mais rara do que esses metaes, e vem a ser, um verdadeiro amigo, se é que é possivel encontra-lo. Persuado-me que é como a ave phenix de quem todos fallam, e que ninguem tem visto. Amigos á moda, tenho eu conhecido uma infinidade em minha vida; mas todos como as turquezas de *mina nova.*

Pareceram-me como as andorinhas que vem pela primavera, e se retiram quando chega o frio. Nunca tive amigo que me amasse por amor de mim mesmo, mas sim que amasse a si na minha pessoa, ou fosse por interesse proprio, ou em razão da minha conversação ou por algum vicio ou outro qualquer motivo que adulasse as suas paixões. O tempo me ensinou esta verdade, pois logo que me falleceram os bens da fortuna, voltaram-me as costas os amigos interesseiros; quando já não pude dizer cousa que divertisse, abandonaram-me os da conversação; quando me corrigi dos meus vicios, affastaram-se de mim os licenciosos, e assim todos os mais; mas nem um só quiz tomar a menor parte nas minhas desgraças, e nem se quer soccorrer-me com um copo d'agoa nas minhas precisões;—o que me fez conhecer que não é sem razão que o Italiano diz: *Ama l'amico tuo tanto que da del suo;* e eu concordo com Ovidio que *vulgus amicitias utilitate probat;* mas é tambem necessario confessar comigo que o verdadeiro amigo se conhece na adversidade. Desejando Dionysio o Tyranno fallar um dia ao Principe seu filho, mandou-o chamar para que viesse cear com elle; porêm desculpou-se o joven Principe, mandando dizer a seu Pai que não podia acceitar o seu convite por se achar já á mesa; mas que logo que acabasse de cear, iria receber as suas ordens, o que assim fez. Perguntou-lhe o Tyranno porque não tinha vindo cear com elle, respondeo-lhe o Principe, que fôra por que estava á mesa na companhia de cinco ou seis amigos.

Dionysio pareceo admirado de ver que seu filho tivesse tão grande numero de amigos, e perguntando-lhe se estava bem persuadido da sinceridade de todos elles; protestou-lhe o Principe que estava seguro d'ella. Accressentou então o Pai, que era necessario experimenta-la, e que para isso convinha chama-los todos aquella mesma noite ao seu quarto, e dizer confidencialmente a cada um d'elles, que elle havia assassinado o Tyranno, e que lhes pedia que o ajudassem a levar o seu corpo a enterrar em segredo, a fim de que se não desse pela sua morte, antes d'elle haver disposto o espirito do povo a senta-lo no throno de seu Pai; e que depois de assim haver experimentado a sua amizade, viesse elle Principe dar-lhe conta do que houvesse passado, a fim de que ambos se podessem congratular pelo inestimavel thesouro que elle houvesse achado na fidelidade de seus amigos.

Cumprio o filho á risca as ordens do Tyranno, e querendo experimentar a sinceridade de seus pertendidos amigos em um trance tão melindroso, qual foi o seu assombro, quando entre todos aquelles que á mesa morriam por elle com o copo na mão, não encontrou um só, que quizesse expor-se por amor d'elle a perigo algum, n'uma occasião em que mais carecia do seu auxilio. *

Tendo depois narrado ao Tyranno tudo quanto havia occorrido, este sabio Pai lhe disse: *Fide, sed cui, vide,* e lembra-te que o homem é mui feliz n'este mundo, quando em todo o curso da sua vida tem um unico

***—A verdadeira amizade não pode obrigar á cooperação n'um crime. O exemplo pois não é muito bem escolhido.**

N. do Revisor.

amigo fiel; sem se lisongear de ter adquirido muitos; e que os amigos da mesa, deixão ordinariamente a sua amizade ao pé do guardanapo com que limpárão os beiços. Finalmente se a sagrada Escriptura não fizesse menção da extrema amizade de David e de Jonathas, não me capacitaria que tivesse jamais havido sincera amizade no mundo. * A cruel experiencia qne a este respeito tenho tido, me induz a crêr que a de Damon e Pythias, de Orestes e Pylades, de Niso e Eurialo, de Achilles e Patroclo, de Theseo e Peritoo, de Tito e Polynice, de Scipião e Lelio, &c. que forão os maiores amigos de que faz menção a antiguidade, é pura fabula;—por quanto, pessoas, cuja amizade eu me lisongeava de haver grangeado, e que em muitas occasiões, e quando eu menos o precisava, caprichavam em me darem provas d'isso, agora que me vejo em desgraça, me tractam com indifferença, para não dizer com despreso;—e me fazem conhecer a verdade do proverbio Hespanhol: *Quien espera en mano agena, mal yanta y peor cena:* Finalmente *suole di parolle amico non valer un fico,* diz o Italiano; assim paciencia; o melhor amigo é o dinheiro, e sobre tudo Deos.

(Oxenstiern.)

A AMIZADE.

Tu és, ó amizade, o dôce laço,
Que esta vida nos fazes supportar,
Sem ti, miseros mortaes, quem nos faria
Nossas penas olvidar?....

Que servem ao mortal ambicioso
Honrosas dignidades, e poder,
Se para o consolar de suas magoas
Um amigo não tiver?

A quem confiará suas esperanças,
O prazer de se ver tão elevado,
Se, no meio d'esta côrte buliçosa,
Elle vive abandonado!!....

Tu és ó amizade, &c.

De que serve ao poeta, ao homem sabio,
Elogios receber, ver-se c'roar?....
Tantos louros de que lhe serviram,
Se um amigo lhe faltar?....

---

*—E' de mais. *N. do Revisor.*

A quem communicar seus successos?....
A quem seus projectos mostrará?....
E a quem sem temor, e sem receio
Um conselho pedirá?....

Tu és, ó amizade, &c.

O amante, que feliz hoje se julga,
Se, amanhã, se vê abandonado,
Onde, senão aos braços de um amigo,
Irá lamentar seu fado?....

O amor, sim....oh! sim, tem attractivos,
Mas firmeza não tem....não é real....
O amor fóge, a amante nos despresa....
Só o amigo é leal!....

Tu és, ó amizade, &c.

Dôce filha dos céos! Santa amizade!
O teu culto não tem um só atheu;
O teu culto não é obra dos homens....
Elle dimana do céo!....

Amo com puros votos; porêm ella
Regeita um coração terno....amoroso....
Embora me desprese....inda me resta
UM AMIGO....sou ditoso!....

Tu és, ó amizade, o doce laço,
Que esta vida me fazes supportar;
Um amigo me deste....Elle me basta
P'ra meus males olvidar!....

N. Pacheco.

CAPITULO XIII.

Conselhos d'um Pai a seus Filhos á cerca da Urbanidade em geral.

Falar-vos-hei agora das regras da urbanidade, para saberdes comportar-vos na sociedade conforme aos usos estabelecidos. O que vou ensinar-vos é a arte de vos fazerdes agradaveis a todos: Para isto é preciso adoptar um modo de proceder relativo á idade, á condição e á jerarchia, que o homem occupa na sociedade, e conforme ás pessoas com quem convive.

Não é difficil de aprender o que vou a dizer: O que se requer da parte dos jovens é uma attenção continua ao modo de obrar das pessoas mais velhas na sociedade, e logo com o uso e trato de pessoas bem educadas se adquirem insensivelmente as boas maneiras.

Em mui breve tempo vos instruirei de modo que possais apresentar-vos em qualquer parte: e se practicardes estrictamente o que vos digo, passareis por moços bem educados. O tempo será igualmente um bom mestre, que vos ensinará certas leves modificações, que tereis que fazer ás regras geraes—modificações dictadas pelas circunstancias e sanccionadas pelo uso das pessoas que fazem authoridade.

Não seria melhor que cada um fizesse o que lhe parecesse do que andar com cumprimentos?

Não, meus filhos; um ajuntamento, onde todos fizessem o que lhes désse na vontade, não offereceria muitos attractivos, e brevemente pareceria de homens selvagens. Esta pequena sujeição, que reciprocamente nos havemos imposto, não é, como se figuram alguns, que não tomam o trabalho de reflectir um pouco sobre as cousas, não é, digo, uma simples convenção, uma etiqueta inutil, é uma lei que a necessidade tem creado; um resultado que procede d'aquelle grande principio da Natureza: *Faz a outrem o que queres te façam a ti.* Com effeito se eu gosto que me saudem com agrado, porque não hei de saudar os mais do mesmo modo? Quando me abstenho de fazer alguma cousa que possa offender aquelles, com quem me acho, não é para que os taes observem para comigo as mesmas attenções? Tal é a base sobre que se funda a urbanidade.

O que resultaria se um homem de bem, que fosse exacto em tudo o mais, faltasse ás leis da urbanidade?

Passaria por um homem ridiculo, ou por um grosseiro, conforme a natureza das faltas que commettesse. Supponhamos, se todos usassem de chapeo redondo, que elle sáia á rua com um de tres bicos, não sendo militar, ou não tendo que vestir-se á côrte; que se differençava no vestir, no andar, no saudar, &c., por um modo notavel comparativamente ao uso geral? Seria olhado como um extravagante, e tido por um ridiculo, expondo-se á mofa e ao escarneo dos imprudentes. Porêm se o mesmo homem entrasse em uma salla de visitas sem saudar pessoa alguma; se tomasse o primeiro assento, que achasse; se não tirasse o chapeo; se começasse a registrar todos os cantos; se não désse agradecimentos por algum beneficio, que lhe fizessem; chamar-lhe-iam homem grosseiro, mal criado, fugiriam d'elle, e o tratariam com máo modo. Quanto mais natural e melhor não é o accommodar-se cada um aos usos do tempo, e do paiz, em que vive?

Posto que nunca varie a obrigação de sermos civis, attenciosos e cortezes com os mais; varia sim com o tempo o modo de significar a nossa urbanidade, e este não é o mesmo em todos os paizes. Por exemplo, offerecer vinho no mesmo copo em que temos acabado de beber, sem antes o havermos lavado, seria em o nosso paiz uma falta de civilidade, pois em verdade é isso uma especie de pouco aceio; comtudo ha alguns dis-

trictos na Hollanda, onde se contempla como uma cortezia que faz o dono da casa aos seus convidados o apresentar-lhes a bebida no mesmo vaso em que elle acaba de beber: o não conformar-nos em tal caso com este uso, seria commetter uma falta contra pessoas que estão persuadidas nos fazem com isso uma pequena honra. Em todas estas cousas, ao que deve attender-se é á intenção, não ao modo. Um Indio que deseja dar a entender ao seu hospede que o conta já em o numero dos seus amigos, apresenta-lhe o cachimbo, depois de haver, e outros varios, fumado por elle: um Europeo delicado recusaria levar á bocca um cachimbo, que tinha passado pelos beiços sujos d'uma quantidade de selvagens; porêm não é melhor fazer um esforço para vencer uma pequena repugnancia, do que affligir a um homem de bem, que me diz a seu modo: *Eu sou teu amigo?* Quando o homem pode excusar-se de fazer uma cousa, sem mortificar pessoa alguma, faz bem; mas se não ha escolha, é preciso que se sujeite ao uso estabelecido: pois, para dizer tudo d'uma vez, a urbanidade não consiste em practicar ceremonias que nos agradam, mas em fazer as que agradam aos outros.

Não julgueis por isto que trato de fazer-vos escravos da Urbanidade, que vos recommendo: antes pelo contrario exhorto-vos a que não imiteis a certas pessoas, que andam sempre em cata de ceremonias, para com ellas enfastiar ao primeiro, que encontram, a quem importunam e obrigam a responder-lhe a cada minuto: *Viva V. Sa. muitos annos.* Taes pessoas, que muito se pagam de superfluidades, tornam-se ridiculas, pensando fazer-se com isto importantes. Meus filhos, com tanto que sejais bons e beneficos, facilmente sabereis até que ponto devereis ser cortezes. Alêm de que, tudo o mais que ha a dizer sobre este ponto, pertence antes para o futuro, isto é, para quando os annos vos pozerem ao nivel dos homens, e não já para o tempo presente. Agora dependeis em certo modo de toda a gente, quero dizer, deveis ter todas as attenções possiveis com os mais; e ao passo que n'este ponto nada se deve á vossa idade, vós deveis tudo aos que vos rodeam. O que poderá convir-vos quando tiverdes trinta annos, não vos convêm presentemente: por isso tende cuidado em distinguir nas minhas instrucções o que é para o presente, do que é para o futuro.

Da hora de levantar da cama.

Acostumado sempre a seguir ordem em tudo pelas vantagens que traz comsigo, agrada-me tambem o tratar com ordem os assumptos; pois não ha duvida que a imaginação os recebe com gosto, e por conseguinte ficam impressos mais profundamente.

Tudo quanto ha de mais principal, que tenho a dizer-vos á cerca da urbanidade terá sua applicação em vinte e quatro horas, findas as quaes, torna a repetir-se a mesma tarefa de trabalho e de descanço.

Começaremos pela hora de levantar da cama. O costume de madrugar tem muitas vantagens. Primeiro que tudo, é util á saude, desembaraça o entendimento, e faz alongar a vida. D'aqui nasce o poder-se trabalhar

mais tempo, e por consequencia augmentarem-se os bens da fortuna. Sete horas de somno bastam para os temperamentos ordinarios. Os que por habito estão nove horas na cama, quando com sete teriam tempo de sobejo para separar suas forças, perdem duas horas, e isto no decurso d'um anno é já de bastante consideração. Para que esta verdade vos seja palpavel, vou fazer uma supposição. Supponhamos que Antonio e João tem vivido sessenta annos cada um. Antonio achou o meio de viver mais que João, e vêde como. Este ultimo deitava-se ás onze, e levantava-se ás dez da manhã; ao passo que Antonio ia para a cama ás dez, e sahia d'ella ás cinco. Por este modo Antonio tinha um dia de dezasete horas, e João sómente de treze: estas quatro horas de differença faziam no fim do anno mil quatrocentos e sessentas horas, as quaes, repartidas por treze numero de horas de que se compunha o dia de João, dão cento e doze dias, quasi um terço do anno de mais para Antonio. Mas não ficam ainda aqui as vantagens. Figurai-vos, que começaram a viver assim aos vinte annos; resulta que aos sessenta Antonio tinha ganhado, madrugando, quatro mil quatrocentos e oitenta dias, ou doze annos e trez mezes. Reflecti tambem quanto mais dinheiro poude ganhar Antonio, se ambos tinham o mesmo officio, no qual os ganhos andassem na razão directa das horas de trabalho.

Convêm observar uma ordem de vida regular nas horas de ir para a cama. Occorre-me a este proposito fazer-vos as seguintes advertencias. Exige o decóro, que ninguem se vista diante de outras pessoas, excepto nos casos em que os achaques, ou alguma enfermidade o exijam. Ha muitas pessoas ricas que se fazem servir por algum criado, que para esse fim escolhem, sem permittirem que os outros entrem n'este serviço; é porêm muito melhor vestir-se cada qual por si só, e sem ajuda de pessoa alguma. Quem se vir precizado a vestir-se em presença d'alguem, deve tomar todas as precauções necessarias para não offender o pudor: e se a conservação d'elle é util aos homens, nas mulheres é o que lhes serve de salvaguarda d'outras muitas virtudes. A que faz pouco caso do pudor, depressa se habituará tambem a faze-lo ainda menos d'outros importantes deveres. Uma menina deve ser tão modesta estando sósinha, como diante d'outras pessoas: deve respeitar-se a si mesma, e não se esquecer de que Deos está em toda a parte.

O celebre naturalista Linnêo tinha estas palavras escriptas na porta do seu gabinete de estudo: *Conserva a tua vida innocente; porque Deos te está observando.* Nunca imiteis o exemplo de certos individuos, que para se mostrarem *gente de consideração,* ou por uma nescia vaidade de fazer alarde da sua roupa, ou moveis internos, recebem de manhã visitas na cama, sem estarem doentes.

Do Traje e da Limpeza.

Cada um deve trajar de modo que não venha a cahir na indecencia, nem offenda a vista dos mais. Aquelle, a quem a fortuna não permitte

usar de vestidos de muito valor, pode arranjar os que traz do modo mais honesto, pode apresentar-se com limpeza; porque a agua pelo ordinario nada custa, e ainda que alguma cousa custasse, esse gasto seria indispensavel para conservar-nos limpos. Todos os dias, meus filhos, apenas sahirdes da cama, deveis lavar a cara, os olhos, as mãos, as orelhas e a bocca: deveis pentear-vos com todo o cuidado, e cortar as unhas a miudo. Não deixeis passar muito tempo sem banhardes todo o corpo, e sem vos esfregardes bem com uma toalha: deveis sobre tudo lavar os pés todas as vezes que o exija o estado em que se acharem, particularmente no estio; para evitardes que o suor e a transpiração formem uma crusta immunda, a qual com o calor interno exhala um fétido detestavel, capaz de provocar nausea no estomago mais forte. Os que nunca lavam os olhos, acabam por enfermar da vista. Os que nunca limpam a bocca, despedem de si um halito pestifero, insupportavel, e de mais d'isto vem a apodrecer-lhes os dentes, os quaes lhes cahem antes da velhice, depois de haverem padecido agudas dores.

Sêde limpos, ainda que não seja senão pelo respeito que deveis ás pessoas com quem tendes de tratar. Não sentis asco, quando algum individuo vos apresenta uma mão suja, ou quando vedes na sua cara indicios certos de falta de limpeza? Pois igual repugnancia, igual desgosto despertareis nos outros, se não andardes limpos.

Por nenhum motivo coceis na cabeça, nem no nariz: esta ultima acção particularmente é mui repugnante e asquerosa. Tambem o é o roer as unhas, como fazem as pessoas mal criadas. Não limpeis as orelhas com os dedos: não mettais a mão em parte alguma do vosso corpo para vos coçar, quando estiverdes com gente, mais que tudo diante de Senhoras. Pelo decurso do dia lavai-vos todas as vezes que houverdes pegado em cousas cheias de pó, ou em materias engorduradas: no estio deveis fazer o mesmo por causa do suór e do pó; e no inverno, porque a felugem que cahe das chaminés, e a cinza ennegrecem facilmente a cara e as mãos. Pelo que acabei de vos dizer, não julgueis que pretendo aconselhar-vos que passeis muitas horas no toucador; isso só é bom para gente desoccupada, inutil, e mui satisfeita de si mesma. Pode em tudo haver excesso culpavel. Os vossos vestidos devem ser proprios da idade, e do estado a que pertencerdes, evitando o singularizar-vos com alguma cousa extravagante ou ridicula, Toda a pessoa de juizo segue n'este particular a moda geralmente recebida. Meus filhos, recommendo-vos encarecidamente a maior limpeza nos vossos vestidos, sem que ao mesmo tempo vos esqueçais do bom gosto, da simplicidade e da elegancia, que n'elles devem reinar; porêm recommendo-vos igualmente, que não limiteis a isto só a vossa attenção; a fim de não vos assemelhardes a esses entes aviltados conhecidos pelo nome de paralvilhos.

Quanto ás meninas, já isso é differente; o seu sexo precisa de agradar, e por essa razão está permittido ás mulheres o poderem empregar mais algum tempo no toucador. Ha comtudo desgraçadamente muitas mulheres, que passam alêm dos limites d'esta permissão. As que só pensam

em trajes, e se occupam todo um dia da ultima moda, raras vezes são mulheres uteis, nem são dignas do apreço dos homens.

Não é facil que se conservem por muito tempo innocentes aquellas que tem um desejo desmedido de agradar; e em tal caso não é injustiça o julgal-as com severidade. Na escolha dos trajes deve a mulher consultar a simplicidade; busquem adornos pomposos as que desejam occultar debaixo d'elles os rigores da natureza. Mulher, que corre após as modas extravagantes, é uma louca que não sabe o que convêm á belleza, nem á razão. E bem contempladas as cousas, que se pode esperar d'uma pessoa que não receia fazer-se ridicula? Não quero fallar d'aquellas que insultam o pudor; pois umas taes não só se desprezam a si mesmas, mas até cuidam pouco em respeitar os mais.

REFLECÇÃO.

Recommendo-vos novamente a limpeza, por ser ella uma das qualidades mais importantes, que mais contribue para conservar a saude, e no bello sexo para realçar a formosura. Deve haver o mais escrupoloso aceio na preparação dos alimentos, na baxella e na roupa da meza, nos quartos, nos moveis, em fim em tudo quanto é do nosso uso. A falta de aceio não só destroe a saude mas deita a perder promptamente as cousas mais preciosas, como são roupas, tapêtes e os moveis de enfeite e de commodidade. Os Legisladores antigos estavam de tal maneira persuadidos de que a limpeza é necessaria para a conservação da especie humana, que não julgaram abater-se, fazendo leis relativas a este objecto.

Tende presente, meus filhos, que um homem desalinhado no vestir aos vinte annos, será desaceiado aos quarenta, e intoleravel aos cincoenta.

Respeito aos Anciãos.

A primeira cousa que faz um joven bem educado, depois de lavar-se e de vestir-se, é levantar o coração a Deos para lhe dar graças; e immediatamente depois vai saber como tem passado a noite seus Pais ou Superiores. Não penseis, meus filhos, que é isto um vão cumprimento; é o desejo, que tem um coração sensivel de saber se as pessoas que estima gosam de bôa saude.

O respeito devido aos Pais e Superiores me traz á lembrança o que se deve aos anciãos. Meus filhos, honrai a velhice, tolerai seus defeitos, e seus achaques. Zombar d'um velho, sómente porque o é, é insultar a natureza. Quando encontrardes algum ancião, deveis sauda-lo com respeito, e não com a leviandade com que saudarieis a um vosso igual. Em qualquer parte que vos encontreis, cedei aos anciãos o logar de preferencia. Referir-vos-hei um caso que succedeo em Athenas, a tempo que os Embaixadores de Esparta estavam no Theatro.

Depois de ter começado a representação, e quando não havia já um só assento desoccupado, entrou no Theatro um bom velho, e não encontrando onde assentar-se, os jovens Athenienses, em vez de fazer-lhe logar, tomaram á sua conta o zombar d'elle, chamando-o, e enviando-o d'uma para outra parte. Os Embaixadores de Esparta, que occupavam um logar distincto no espectaculo, tendo notado o que estava acontecendo, chamaram o pobre ancião, e apertando-se um pouco, o accommodaram no meio de si. Agradeceu o velho esta demostração de respeito, levantou a voz, e disse: "Os Athenienses tem sempre a virtude na bocca, os Espartanos practicam-na."

REFLECÇÃO.

Se a morte nos não atalhar no meio da carreira, nós tambem chegaremos a ser velhos, e não gostaremos então, que moços estouvados e immoraes zombem das rugas da nossa cara, da nossa falta de cabello, da voz tremula, e d'outros defeitos physicos, que andam annexos á velhice. Um homem carregado de annos, que tem cumprido bem os deveres da Sociedade, é um ente sagrado, um deposito de experiencia, aonde devemos acudir para saber como devemos dirigir-nos nos diversos accidentes da vida. O nosso poeta Ercilla faz-nos ver com que respeito ouviam os ferozes Araucanos os conselhos que lhes dava o velho Coloiolo para manterem a independencia do seu paiz.

Da Docilidade e Condescendencia.

Sêde doceis com vossos Pais e Superiores; observai escrupolosamente esta sagrada obrigação. Não obedecer aos Pais é commetter duas faltas mui graves: a primeira ultraja a natureza, a segunda é prejudicial a nós mesmos. Por isso que devemos tudo aos que nos tem dado a existencia, a sua vontade deve ser tambem a nossa: quanto nos mandam é para nosso bem; respeitemos por isso as suas ordens. Obedecei a vossos Pais sem tardança e com ar alegre, para dardes mais realce á obediencia. Não ha cousa mais desagradavel, que um menino que faz tudo de má vontade e resmungando. Pelo contrario toda a gente gosta naturalmente dos meninos, cujo semblante risonho annuncia a sua bôa vontade. As vantagens da docilidade são mui grandes para um menino: escutai-me attentamente.

Um menino docil é amado: o ser amado é uma grande dita, que merece façamos mil esforços para consegui-la.

Um menido docil faz quanto está da sua parte para seguir os conselhos de seus Mestres: com isto chega a instruir-se facilmente, e a não ser castigado: consegue tambem o ver-se no andar do tempo mais estimado do que uma porção de ignorantes, de preguiçosos, e de obstinados desde a infancia.

O menino docil prepara para si um futuro prospero; porque toda nossa vida é uma obediencia continua: hoje obedeceis a vossos Pais, e Mestres; amanhã obedecereis aos vossos Superiores, a vossos deveres, ás circunstancias, e até a pessoas que nem sequer terão sido objecto de vossos pensamentos.

Ninguem pode fazer sempre o que quer. Todos os homens, ainda os mesmos ricos, vivem dependente uns dos outros.

Se vos costumardes a obedecer desde meninos, nada vos custará a obediencia, quando chegardes a ser grandes.

Se, como a cada passo está acontecendo, um revez da fortuna vos poem na necessidade de dedicar-vos a um trabalho desagradavel, para ganhardes o vosso sustento, não vos faltará o animo necessario em taes circunstancias, de tudo sabereis tirar partido, e sereis superiores á desgraça.

Quão diversa será a sorte do homem, que na sua infancia foi obstinado, e só amigo de fazer a sua vontade! Sempre descontente, sempre maldizendo a sua sorte fará tudo mal e incommodará a quantos o rodearem.

REFLECÇÃO.

Não basta n'esta vida obedecer aos que tem imperio sobre nós: a urbanidade manda-nos que sejamos condescendentes com as pessoas com quem tratamos.

Meus filhos, a vossa idade obriga-vos a ceder aos mais: * quando chegardes a ser homens, tereis direito para resistirdes, se o que de vós se exigir, não for justo. Em regra geral, cedei com agrado em cousas de pouca monta: é signal de máo genio o querer ter sempre razão; e como o que d'aqui resulta, é a mortificação do amor proprio dos outros, o que por fim vem a conseguir-se, é fazer-se um homem aborrecivel. Se vos vedes na precisão de defender-vos, fazei-o com modestia, tranquillamente, e de modo que não offendais a ninguem. E' interesse vosso o serdes amaveis; porque d'este modo chegareis a persuadir mais facilmente, e ainda a conseguir que os outros confessem que não tem razão. Um procedimento contrario serviria para exaspera-los mais, e para não tirar d'ahi proveito algum.

Regras para a Conversação.

Os jovens devem ouvir muito e fallar pouco quando se acham entre homens já maduros; porque se suppoem, que sabem pouco, e que em qualquer materia que fallem hão de dizer muitos disparates.

Não parece bem, que estejam distrahidos, nem que mostrem tedio á

*—Quando não haja n'isso peccado, se entende.

N. do Revisor.

conversação: muito menos, que façam ruido com os pés, ou que façam compasso com os dedos sobre alguma mesa, ou outro logar.

Porêm como algum dia ha de chegar, em que pela razão da idade tereis que fazer parte nas conversações, quero desde agora ensinar-vos as regras que as pessoas bem educadas observam na conversação, considerando-vos já como homens feitos e acabados.

Convem observar com que pessoas estamos, antes de fallar.

Antes de soltardes a lingua, informai-vos dos genios das pessoas com quem estais em sociedade; porque em todas as partes abundam mais as cabeças desarranjadas do que as de são juizo; e são mais as que merecem censura, do que as que gostam de ser censuradas. Se vos alargais no louvor d'alguma virtude, da qual notoriamente carece algum da sociedade, ou se declamais contra algum vicio, de que enfermam em demasia os que vos escutam, vossas reflecções, por geraes que sejam, e por mais que as não appliqueis a determinada pessoa, serão sempre havidas por satyricas. Mas se acontecer que vós sejais os ouvintes, não vos mostreis tão desconfiados e melindrosos, que penseis estão fallando a vosso respeito.

Contos e Digressões.

Contai contos ou historietas raras vezes, e nunca sem que venham muito a proposito, tendo cuidado em que sejam curtos: omitti toda a circumstancia que não venha muito ao caso; e evitai as digressões, e sobre tudo o dizer a cada passo estas, ou outras expressões fastidiosas e enfadonhas:

Que me diz a isto?—V. Sa. percebe?—Não tenho razão?—Ah! &c.

Sobre tudo tende sempre presente, que poucas pessoas ha, a quem seja dado o contar contos com graça; e ainda aquelles que a tem, como d'isso facilmente se persuadem, peccam d'ordinario interrompendo a cada instante a conversação com um conto, repetindo diante das mesmas pessoas algum dos que já lhes haviam contado, &c.

Sobre a Acção.

A acção deve ser mui natural. Pessoas ha, que se aproximam tanto d'aquella com quem fallam, que a opprimem e molestam com os seus movimentos: umas vezes pegam-lhe na mão, outras travam-lhe do braço, ou agarram-lhe em um botão da casaca, ou do colete, e começam a dar-lhe voltas até chegar a arrancar-lh'o no decurso da conversação. Ha sujeitos, que para serem ouvidos com toda a attenção, que exigem, vos dão repetidas cotoveladas, se ides com elles a passeio; e vos detem a cada passo puxando-vos pela casaca. Outros ha, que vos salpicam a cara com saliva, o que poderiam evitar collocando-se em distancia conveniente. Observai tudo isto com cuidado, meus filhos, para não cahirdes em iguaes vicios.

Falladores e Segredistas.

Os falladores eternos cahem sempre sobre algum infeliz nas companhias para cochichar com elle, ou ao menos para atormenta-lo em meia voz com uma torrente de palavras. Isto, alêm de ser muito má criação, é uma verdadeira fraude, porque a conversação é uma propriedade commum, que se deve repartir entre todos os que se acham presentes.

Sem embargo d'isto, se algum d'estes despiedados falladores vos tomar á sua conta, ouvi-o com paciencia (ou com apparente attenção), se é digno de que se use com elle d'esta cortezia: pois nada ha que mais possa agradar-lhe do que um que o escute attentamente, e nada o mortificaria mais do que o deixa-lo no meio da sua narração, ou o manifestar symptomas de impaciencia, ou de incommodo. Perguntou um grande fallador ao famoso Isocrates, quanto lhe havia de levar por ensina-lo? O philosopho pedio-lhe o dobro do que levava aos outros: "Porque, disse elle, não só tenho que ensinar-te a fallar, senão tambem a callar."

Quando Catão de Utica ainda era rapaz, houve quem lhe dissesse que algumas pessoas censuravam o fallar elle tão raras vezes, estando com outros: "Deixai-os, respondeo elle, que reprehendam o meu silencio, com tanto que approvem a minha vida: eu fallarei quando puder fallar de modo que mereça ser ouvido."

Falta de attenção quando outra pessoa falla.

Não ha cousa que mais desagrade, nem que menos se perdoe, do que a desattenção ao que alguem vos está dizendo. Tenho visto muitas pessoas, que em quanto outra com ellas falla, em logar de ouvi-la com attenção, se entretem em olhar para o tecto, ou para os adornos da salla, chegam-se á janella, brincam com o cão, ou fazem rodar a caixa de tabacco por cima da meza. Nada ha que descubra mais do que isto a futilidade e a má educação, pois equivale a uma declaração explicita da parte de quem assim procede, de que os objectos mais frivolos merecem mais a sua attenção, do que tudo quanto pode dizer-lhe o que lhe está fallando. Isto começa por offender o amor proprio, o qual é inseparavel da natureza humana, qualquer que seja a condição, ou jerarchia em que o homem se ache collocado. E por isso que o vosso criado mais facilmente vos perdoará algumas pancadas do que o mais leve signal de desprezo. Por tanto, meus filhos, todas as vezes que vos fallarem, escutai com a maior attenção.

Não se deve interromper a quem falla.

Considera-se como o gráo supremo de má criação o interromper a quem está fallando, ou seja pelo desejo de fallar sobre o mesmo assumpto, ou, o que é peor, chamando a attenção dos circunstantes para um assumpto novo. Não ha rapaz que ignore isto. Ao entrarmos em um ajuntamento, é melhor seguir o assumpto que está servindo já de objecto á conversação geral, do que introduzir outro de novo, não havendo motivo racionavel.

Não ostenteis de sabios nas companhias.

Desenvolvei o vosso saber sómente em occasiões particulares: e quando vos fizerem perguntas, fazei ver, que disputais mais por condescendencia, do que por um vão prurito de ostentar sabedoria. Assim ter-vos-hão por modestos, e por mais sabios do que realmente sois. Não queirais parecer mais sabios e instruidos que os outros. Se fazeis gala do vosso saber, sereis perguntados com frequencia; e se descobrem que sois superficiaes, ridiculizar-vos-hão, e vos desprezarão; ou quando muito, ter-vos-hão por pedantes. O verdadeiro merito descobre-se por si mesmo.

Contradizei com urbanidade.

Quando tenhais que oppor-vos a opinião de alguem, fazei-o de modo que no vosso ar, nas vossas palavras e tom de voz se descubra compostura, nobreza e dignidade; porêm d'um modo facil, natural e não affectado. Em logar de dizer: *V. Sa. não me entende; V. Sa. equivoca-se; não é assim; que entende V. Sa. por isso?* empregai certos palliativos, como: *Posso enganar-me; não estou bem certo, porêm penso; eu seria de opinião; talvez me não tenha explicado com clareza;* e outras frazes que vos ensinará o uso. Conclui a disputa com alguma expressão alegre ou de bom humor para deixardes ver, que não estais enfadados, nem que a vossa intenção tem sido mortificar o vosso antagonista.

Evitai as disputas.

Evitai, quanto vos for possivel, quando vos achardes de visita, ou em companhias, os argumentos e conversações polemicas, que as mais das vezes acabam por indispor por algum tempo as partes contendoras; e se a controversia se inflammar, e se augmentar o ruido, esforçai-vos por corta-la com algum chiste.

Disputais sempre com moderação e não aposteis.

Nunca os argumentos devem sustentar-se com escandecencia, nem com gritarias, ainda quando julgarmos que temos razão. Manifestai a vossa opinião modesta e friamente; e se com isto nada conseguirdes, mudai de conversação, dizendo: "*Vejo, que nos não convenceremos um ao outro, nem isso é necessario; assim fallemos d'outra cousa.*" Não sustenteis vossas opiniões com apostas; nem as admittais, quando vos forem propostas por outros: porêm se alguma vez cahirdes n'esta tentação, e perderdes a aposta; pagai promptamente, e com cara alegre o que se houver estipulado: se ganhardes, não escarneçais do vosso contrario, nem lhe exijais o premio da vossa victoria, até que elle vô-lo apresente; que o fará sem delongas, se fôr homem de bôa educação.

Observem-se as conveniencias locaes.

Adverti que ha certas conveniencias locaes, que devem ser observadas em todas as partes: quero dizer, o que em uma casa, ou reunião de pessoas é mui proprio e conveniente, fóra d'ali, pode ser mui improprio e indecoroso.

Chistes e Agudezas.

Os chistes, as agudezas, que tem graça em certas reuniões de pessoas, frequentes vezes a perdem, quando as queremos transplantar para outras. Certos genios particulares, certos costumes e certos equivocos podem dar a uma palavra ou gesto tal merecimento que privado d'algumas circunstancias accidentaes, não fique valendo nada.

Ha muitas pessoas que sem pensarem n'isto, contam com muita emphase algumas cousas fóra de tempo e de logar; e passam pela mortificação de verem que os que escutam, em vez de se rirem, como ellas pensavam, ficam serios ou os tem por mentecaptos.

Egoismo.

Evitai, meus filhos, tudo quanto for fallar de vós mesmos. Alguns sem pretexto, nem occasião, fazem *ex abrupto*, o seu proprio panegyrico, o que é uma imprudencia manifesta.

Outros hão-se mais artificiosamente: forjam accusações contra si, queixam-se de calumnias que nunca ouviram; e a fim de justificar-se, estendem-se largamente no catalogo de suas muitas virtudes: "Confessam, que não é proprio o fallar d'este modo de suas proprias pessoas; e se vencem a natural repugnancia, que experimentam em se elogiarem a si mesmos, é por haverem sido tratados injusta e escandalosamente."

Este ligeiro véo de modestia, para encobrir a sua vaidade, é transparente em demasia, para poder occulta-la, ainda áquelles cuja penetração não é das maiores. Não faltam alguns que buscam outros modestos artificios para por-se em bom logar com uma humildade fingida, caracteres dignos da jocosa penna de Moratin. * Não imiteis tambem aquelles que andam á caça de elogios; contam cousas de si mesmos, que, ainda dado que sejam certas, não merecem justo louvor. Um affirma que correo trinta leguas em seis horas; isso provavelmente é mentira, mas ainda suppondo-o certo, que se infere d'aqui? que o tenham por bom postilhão? outro assegura talvez com dous ou tres juramentos, que bebeo seis ou oito garrafas de vinho d'uma assentada: fôra melhor tê-lo por embusteiro; pois, sendo certo, deve ser considerado como um bruto. Varios se gabam de comprar as cousas baratas, ainda quando assim não seja; para passarem por sujeitos entendidos.

*—Celebre escriptor comico Hespanhol.

Outros de matar muita caça, quando sahem com clavina; e talvez compram a que outros mataram. Pessoas ha, que tudo tem previsto, tudo tem dito, ainda quando tenham opinado e dito tudo pelo contrario; porêm o mais insupportavel de tudo é ouvir a um louvar-se da sua nobreza, das suas honras, das suas riquezas, ou talvez exaltam o seu proprio talento e valor, ou o dos seus antepassados. O melhor meio de não cahir n'estas extravagancias, é não fallarmos nunca de nós mesmos; e se alguma vez nos virmos na precisão de o fazer, tenhamos cuidado em não deixarmos escapar alguma expressão, que possa ser interpretada como elogio proprio, que nunca deixa de ser um vituperio. Por mais que digamos, não é cousa facil o disfarçar os nossos defeitos nem augmentar o brilho de nossas perfeições, pelo contrario, faremos sobresahir mais aquelles, e obscurecer mais estas ultimas. Se nos callar-mos, desarmaremos a inveja, a indignação e o desejo de nos ridicularisarem; de maneira que não poderão privar-vos dos louvores, que realmente merecemos. Se quizermos ser nossos proprios panegyristas, por maior que seja o cuidado que ponhamos em disfarçar-nos, faremos que todos conspirem contra nós, e não alcançaremos o fim, a que nos proposemos.

Sobre o ar reservado e mysterioso.

Não vos apresenteis diante de gente com semblante mysterioso, nem demasiadamente serio; porque, além de ser esse o caracter de pouca amabilidade, inspirareis de mais a mais desconfiança; e os que assim vos virem, serão tambem mysteriosos comvosco, e não vos confiarão cousa alguma.

A grande habilidade consiste em apresentar-se o homem com um exterior franco, patente e ingenuo; porêm com um interior prudente e reservado; em estar sempre em defensa, e sem embargo sabe-lo dissimular com uma apparente e natural franqueza. Reflecti em que a maior parte dos que vos rodeam, se aproveitarão de qualquer expressão indiscreta, que vos escape, para a converterem em proveito seu. *Estote prudentes sicut serpentes, et simplices sicut collumbæ,* disse o divino Mestre.

Olhai para a pessoa com quem fallardes.

Quando fallardes com alguem, olhai-lhe para a cara, ainda que não muito fixamente: o contrario d'isto dá a entender, que a consciencia vos accusa d'alguma cousa; aliás perdereis a vantagem de observar a impressão, que faz o que dizeis no animo da pessoa, com quem estais fallando. Para saber os affectos verdadeiros da gente, tenho mais confiança em meus olhos, do que em meus ouvidos; porque podem dizer-me o que quizerem que eu ouça, porêm raras vezes podem impedir que eu não veja em seus olhos, o que desejam occultar-me.

Não ataqueis Corporações.

Não ataqueis na conversação as corporações inteiras de classe alguma; porque grangeareis com isso sem precisão um grande numero de inimigos. Entre as mulheres, bem como entre os homens, ha máos e bons; o mesmo entre os magistrados, militares, padres, frades, cortezãos, etc., etc. Todos são homens sujeitos ás mesmas paixões e affectos; differentes porêm em suas maneiras, conforme as suas diversas educações: E' pois tão imprudente, como injusto o atacar a alguma d'ellas em massa.

Os individuos perdoam muitas vezes, as corporações nunca. Muitos môços julgam que fazem uma grande cousa, quando escarnecem dos ecclesiasticos; porêm enganam-se miseravelmente: deveriam considerar, que os Sacerdotes são homens como os outros, e que uma batina, ou um habito não os faz nem melhores, nem peores. Julguem-se os individuos pelo que são em particular, e não pelo sexo, pela profissão, ou pela classe a que pertencem.

Bobices.

As bobices, divertimento mimoso de almas baixas, têm sido contempladas sempre com o maior despreso pelas grandes almas.

A peor d'ellas todas é a que tem por objecto arremedar os defeitos d'outras pessoas. Meus filhos, nunca practiqueis tal baixeza, nem a applaudais nos outros.

De mais d'isto é um insulto feito á pessoa a quem se arremeda, e tende sempre na memoria, que um insulto raras vezes se perdoa de todo, ainda que a boa moral e a virtude nos mandem perdoar aos nossos inimigos.

Juramentos.

Ás vezes entre pessoas de muito bôa criação vêem-se outras, que por uma especie de graça, segundo pensam, entremettem na conversação alguns juramentos: é preciso porêm observar que estas taes jámais são as que contribuem, nem ainda na minima parte para dar ás companhias, onde concorrem, o titulo de companhias de pessoas bem criadas. Sempre que observardes, que um homem jura muito, podeis dizer sem receio de enganar-vos, que tem muito má educação; e acreditai-me, que o não dizer d'elle nada mais do que isto, é fazer-lhe um grande favor.

Segredo.

Meus filhos, tende muito cuidado em não repetir em parte alguma o que tiverdes ouvido em alguma casa ou reunião. As cousas ao parecer mais indifferentes costumam ter pela circulação consequencias mais graves do que se imagina. Ha na conversação uma especie de geral e tacita convenção, pela qual um homem se vê empenhado a não divulgar o que

tem ouvido, ainda quando se lhe não tenha exigido segredo. Semelhantes correctores das companhias, além de se metterem em mil labirinthos e discussões desagradaveis, costumam ser recebidos aonde vão com a maior indifferença ou cautella.

Se quereis, meus filhos, que se não saibam os vossos segredos, não os communiqueis a ninguem; pois são mui poucos os homens que saibam guardar o segredo que se lhes confia; e como se fôra uma carga pezada que lhes opprimisse o peito, tratam de sacudi-la, assim que acham quem queira escuta-los. Quantas inimizades, quantos desastres, quantos transtornos publicos tem devido a sua origem á falta d'um segredo! Considerai que um segredo é uma joia, que vos emprestam, da qual vos não é licito dispor, nem ainda para vos adornardes com ella momentaneamente. Alexandre Magno lia em certa occasião uma carta de sua mãi juntamente com seu amigo Ephestião: a carta continha assumptos de segredo, e queixas contra Antipatro. Depois de ter acabado de a ler, applicou o seu sello sobre os labios de Ephestião, advertindo-o por este modo, que devia guardar um segredo inviolavel.

Convêm que se falle a cada pessoa conforme a sua graduação e qualidade.

O estylo da conversação deve ser conforme ás pessoas com quem fallarmos, quero dizer, que o mesmo assumpto, e o mesmo modo de o tratar, não convêm a um Bispo, a um Poeta, a um Capitão, a uma Senhora. Ha mister saber tambem os titulos, e as expressões de civilidade, que a cada um correspondem conforme a sua classe e emprego: uns tem o tratamento de *Senhoria*, outros de *Excellencia*, outros de *Alteza*, de *Eminencia*, de *Magestade*, etc., etc.

Estando em sociedade ninguem deve suppor-se objecto de escarneo dos mais.

Um homem de educação ordinaria imagina, quando se acha em uma sociedade respeitavel, que é o unico objecto da attenção geral: se alguem falla ao ouvido, se se ri, já cuida que é d'elle: se ouve uma palavra ambigua, a qual só interpretando-a violentamente é que pode ser-lhe applicada, já suppoem que foi dita a seu respeito. Por esta razão começa a ficar serio, e por ultimo enfada-se. A conversação d'um homem vulgar dá logo a conhecer a má educação que tem recebido, e o ter tratado com gente ordinaria; não sabe sahir de assumptos domesticos, dos seus criados, da boa ordem que se observa na sua familia, com algumas anecdotas da visinhança; e costuma contar tudo isto com emphase, como se fôra cousa interessante. O homem fino raras vezes pensa que se occupam d'elle; ou, se o pensa, não o dá nunca a entender, pelo menos a não ser isso tão claro, que lhe não réste a menor duvida, em cujo caso sabe obrar conforme dicta a honra.

Seriedade.

Um certo gráo de seriedade exterior nas vistas e nos gestos dá dignidade, sem por isso excluir uma viva e decente alegria.

Um sorriso continuo no semblante, pondo todo o corpo em movimento, é indicio muito vehemente de superficialidade. Muitissimas outras cousas mais poderia dizer-vos; porêm concluirei com exhortar-vos, que não deixeis sahir jámais da vossa bocca palavras indecentes; e, se outros as disserem na vossa presença, manifestai com o semblante o vosso desagrado. Não conteis cousas asquerosas, particularmente estando á meza: nem no meio do prazer e da alegria saiais com um discurso, que avive na memoria alguma desgraça. Se estais fallando com um superior, e notais que tem difficuldade em achar as palavras para explicar-se, não lhe suggirais o que deve dizer. Não façais repetir a uma pessoa o que já disse; pois seria isso signal de que haveis dado pouca attenção quando fallava. Não andeis contando segredos ao ouvido em uma companhia, nem aponteis com o dedo para as pessoas de quem fallais, se estiverem presentes.

Quando contardes um facto, não digais de quem o soubestes, se isso podér encommodar a quem vo-lo disse. Algumas vezes parece bem o dizer cousas amaveis a outrem; nunca porêm sejais aduladores, nem louveis o que não é digno de louvor.

Não offereçais o que não tendes tenção de cumprir; e posto que todos sabem, que, são palavras vãs, usadas como formluas de civilidade, nem por isso deixam de ser falsas; e quem faz muito uso d'ellas, facilmente se acostuma a uma linguagem exagerada e frivola.

Do modo de comportar-nos em uma sociedade.

Pelo modo, com que vos portardes em uma sociedade, formarão de vós bôa ou má opinião as pessoas que vos não conhecerem: é por isso mui importante que vos não descuideis sobre este ponto. Entrando em um logar, onde se acharem reunidas muitas pessoas, saudai com modestia, inclinando o corpo para diante, primeiramente os donos da casa, e depois as mais pessoas, começando pelas de mais distincção. Se é costume dar as mãos, offerecei a vossa aos vossos iguaes ou inferiores; mas, pelo que respeita aos superiores, esperai, que elles vo-la offereçam. Se todos estiverem assentados, tomai o assento que estiver desoccupado, ou o que vos indicarem.

Em qualquer situação que estiverdes, conservai o corpo na sua posição natural; porque a affectação é sempre ridicula.

Se estiverdes assentados, fazei que os vossos pés pouzem igualmente no chão, sem que as pernas fiquem nem demasiadamente separadas, nem unidas.

E' muito máo costume o pôr os pés sobre as travessas das cadeiras; porque alêm de ser uma postura familiar em demasia, estragam-se com isso as cadeiras, de que nada pode gostar o dono da casa.

Não imiteis a certas pessoas, que ao assentar-se em um sofá, estendem-se ao comprido, com o que indicam o seu pouco respeito aos circunstantes.

Os meninos mal criados tem as pernas em continuo movimento, e agitam-se sobre a cadeira, para mostrar o seu desgosto e impaciencia. A meninas é isto principalmente dirigido. A decencia deve brilhar em todas as acções d'uma mulher, pois no vosso sexo basta a postura para decidir a favor ou contra uma pessoa.

Por esta razão as meninas devem tomar menos liberdades que os rapazes: o que n'estes seria um estouvamento ou uma leviandade, n'aquellas passaria por uma indecencia.

Uma Senhora bem educada não cruza os joelhos, não se deixa cahir sobre as costas da cadeira, e tem cuidado em que o vestido lhe cubra os pés até o sapato.

O uso tem estabelecido que em uma companhia de ceremonia os homens estejam com as cabeças descobertas; se o frio, ou outra alguma cousa vos incommodar, será melhor que peçais licença para vos cobrirdes, se estais entre pessoas d'alguma confiança.

Escutai attentamente a conversação: não esfregueis as mãos por modo de importancia, não estejais cantando por entre dentes, nem assobieis; pois são signaes de muito enfadamento pouco agradaveis aos mais.

Não olheis a miudo para o vosso relogio; porque interpretarão isso, ou porque estais cançados, e desejais que passe o tempo da visita estipulado pela etiqueta; ou porque vaidoso o estais mostrando.

Se alguem vos offerecer alguma cousa, recebei-a com ligeiro porêm decente sorriso, inclinando um pouco o corpo, ou sómente a cabeça: quando tornardes a entregar o mesmo objecto, praticai pouco mais ou menos a mesma ceremonia: se for faca, colher, garfo, tesoura, ou alguma outra cousa que tenha cabo, ou parte determinada para se lhe pegar, apresentai-a pelo lado conveniente á pessoa que ha de recebe-la.

Se vos mimosearem com alguma cousa, não desprezeis a dadiva, sobre tudo diante da pessoa que vos tenha feito o mimo; o contrario seria não só ingratidão, mas até offenderia aquelle que julgará ter-vos dado algum prazer.

Não é tambem muito cortez o louvar o presente que fizerdes a uma pessoa; porque seria dar a entender, que exigis um agradecimento maior. Ha mister saber dar, meus filhos; porque não consiste em dar muito, senão no modo e na graça, com que se dá.

Por esta occasião vos recommendo que sejais mui delicados nos serviços ou favores que fizerdes.

O que precisa de nós, se é homem de bem, já se acha assás humilhado com a sua mesma precisão; é por isso cousa cruel o trata-lo com desdêm, ou com máo modo.

Respeitai o amor proprio de quem quer que seja; que este é o meio de grangear vontades.

Quando derdes esmola, dai-a com graça. Se os homens reflectissem,

em que é ainda menos trabalhoso o ser amavel, do que o ser secco e soberbo, e que não ha coração que resista á amabilidade, ao passo que todos se irritam contra um orgulhoso; poucos haveria que se não esforçassem em ser, ou parecer o que tantas vantagens traz comsigo.

Ninguem agradece um favor feito com altivez; é uma acção que irrita, indigna d'uma alma bem nascida. Tornemos ao nosso assumpto. Ha certas necessidades continuas na vida humana que é preciso satisfaze-las d'um modo que a ninguem offenda.

Entre as que mais amiudo occorrem são o assoar, cuspir, espirrar, bocejar: a primeira deve fazer-se sem incommodar aos circunstantes com um estrondo similhante ao d'uma trombeta; logo depois dobra-se o lenço, e mette-se na algibeira, sem antes d'isso o mostrar nem olhar para dentro d'elle, como fazem algumas pessoas immundas.

Quando ha vontade de cuspir, deve voltar-se a cara um pouco para não salpicar a pessoa alguma, e pisar logo a saliva: o mais aceado, e o que deve fazer-se em toda a salla alcatifada, ou bem lavada e polida, é cuspir no lenço ou na escarradeira, havendo-a.

Não ha cousa que revolva o estomago mais robusto, como é uma casa cheia de escarros; e ainda que não fôra senão para arredar da vista um espectaculo tão asqueroso, deveria introduzir-se em todas as partes o costume de cuspir no lenço, estando em companhia.

Pelo que respeita a espirrar, é preciso voltar um pouco a cabeça, ou, o que é melhor, cobrir a cara com o lenço.

Se está em uso o saudar a pessoa que espirra, esta deve agradece-lo com uma leve inclinação.

O bocejar a miudo considera-se como signal de enfadamento: se tiverdes precisão de faze-lo, cobri a bocca com um lenço, e não falleis, em quanto durar o bocejo: se esta necessidade vos atacar em demasia, o melhor é retirar-vos.

Quando as pessoas se reunem em volta do fogo, os assentos mais commodos devem ceder-se aos individuos de maior consideração.

Não chegueis as mãos á chamma, nem vos colloqueis diante dos outros, nem com as costas voltadas para o lume: esta ultima acção só pode ser permittida a um pai diante de seus filhos, ou a um amo com os seus criados. A humanidade de mãos dadas com a cortezia exigem, que se faça logar para os que chegam tarde, e que se lhes ceda o sitio em que melhor possam aquentar-se.

Se alguem lança no fogo cartas, papeis ou outra cousa similhante, é muita indiscrição o pretender salva-los das chammas: não é menor o por-se a ler cartas, que estão sobre a mesa; ou, quando outra pessoa está lendo um papel, o dirigir a vista para elle, a fim de ver o que contêm. Igualmente se não deve abrir um livro, sem que antes se tenha pedido licença a seu dono. Em fim não deve tocar-se em cousa alguma, estando em casa alheia.

Observai em todas as occasiões como procedem as pessoas que passam por mui bem educadas, e d'ellas imitai o que convêm á vossa idade, e á

graduação que occupais na sociedade, procurando não copiar as maneiras d'uma personagem distincta; porque isto só bastaria para fazer-vos ridiculos.

Ha muitos moços, que por falta de trato com gente, ou por descuido de seus pais e mestres fogem de toda a sorte de visitas; e cada vez que tem de apresentar-se em uma companhia, ou em qualquer ajuntamento de pessoas de ambos os sexos, apossa-se d'elles uma tremura como de sezões: quando entram na salla acham-se embaraçados, as faces e as orelhas fazem-se-lhes vermelhas como um lacre, perturbam-se, equivocam as pessoas, confundem tudo, e a final adquirem um aborrecimento extremo ao trato social com gente fina.

Vencei, meus filhos, este temor pueril, que muito vos prejudicará. Adquiri um ar desembaraçado e franco, que todavia não degenere em falta de civilidade; pois este seria outro extremo igualmente perigoso.

Uma pessoa amavel, attenciosa e alegre forma as delicias de uma sociedade.

Se vos afflige algum desgosto, esquecei-vos d'elle á porta da casa, aonde ides entrar: se isso vos é impossivel, não sahiais da vossa habitação, e assim não communicareis a outrem vossa tristeza. Esquecia-me dizer-vos que, antes de entrar em uma casa, deveis limpar os sapatos ou botas no ferro que para isso costuma estar á porta, ou no esteirão que se põe ao pé da escada.

Ninguem deve fumar em uma companhia, sem ter pedido antes licença ao dono da casa e ás senhoras; e se ha suspeitas de que o fumo do cigarro pode encommodar a alguem, seria uma brutalidade o pôr-se a fumar, ainda quando o dono da casa n'isso consentisse por urbanidade.

Do modo de estar á meza.

Escutai-me, meus filhos, com attenção. Antes de vos assentardes á meza deveis lavar as mãos, se as não tiverdes bem limpas.

Se fordes a alguma casa, onde fôr uso o laval-as, esperai que chegue a vossa vez, e fazei-o sem incommodar a ninguem e sem molhar o vosso vestido.

Ha familias que tem o louvavel costume de fazer uma curta oração antes de começarem a comer: não pode causar-vos isso admiração, porêm ha pessoas imprudentes para quem isto costuma ser objecto de um sorriso de escarneo, e olham com certo ar de compaixão para os que reconhecem a existencia de Deos, e lhe dão graças pelos beneficios que nos reparte!

Se vos achardes em alguma casa, na qual se não costuma rezar no principio e no fim da comida, não digais nada, levantai silenciosamente o vosso coração a Deos, e com isto tereis cumprido.

Se vos benzerdes e rezardes uma pequena oração, ainda melhor

obrareis; mostrando com isto que desprezaes completamente o respeito humano. N'este caso porêm deveis obrar com toda a modestia e naturalidade, sem procurar que vos vejam. Este ponto deixo-o completamente á vossa prudencia, e á inspiração que então tiverdes.

Quando chegar o momento de se ir para a meza, esperai que o dono ou a Senhora da casa vos marquem o assento que haveis de occupar, e deixai que se assentem primeiro as pessoas mais velhas e de maior consideração.

Não vos arrimeis muito á meza, nem d'ella vos separeis muito: collocai-vos com desembaraço, sem encommodardes com os braços aos vossos visinhos.

Nunca ponhais os cotovêllos sobre a meza, nem sobre o páo da cadeira, que vos ficar ao lado; apoiai-vos levemente sobre os pulsos e conservai o corpo direito.

Tem estabelecido o uso o levar a comida á bocca com a mão direita e que com a mesma se corte; que o pão se ponha á esquerda do prato, e o copo á direita, um pouco mais para o meio da meza. Os criados devem servir pelo lado esquerdo; a fim de poderem pegar naturalmente com a mão direita no que lhes fôr apresentado.

Não desdobreis o guardanapo, antes que o faça o dono da casa ou que elle vos convide a fazel-o: ponde-o conforme o uso, e de modo que o acheis prompto para com elle limpardes os dedos, e os beiços todas as vezes que for necessario, e principalmente antes e depois de beber.

Parece muito mal soprar o caldo, a sopa, ou a comida para arrefece-la; deve mexer-se vagarosamente com a colher: ao leva-la á bocca não façais muita bulha para sorver o caldo.

Não offereçais com precipitação o prato para que vos sirvam; esperai que chegue a vossa vez. Se vos apresentarem um prato, não escolhais os melhores bocados, sobre tudo quando houver pessoas mais velhas ou Senhoras, que d'elle devem ser servidas.

Cortai o pão em pedacinhos iguaes, e comei juntamente a côdea com o miolo.

Não agarreis em um pedaço grande de pão, levai-o á bocca em porções pequenas com dous dedos, quando for necessario.

Não comais com demasiada precipitação, nem muito de vagar: a primeira cousa indica glotonia, e faz mal ao estomago; a segunda enfastia a todos.

Não enchais muito a bocca, nem falleis em quanto não tiverdes mastigado o bocado.

Quanto ao uso que devereis fazer do garfo, ou da faca para levar a comida á bocca, convêm que vos sujeiteis ao que practicarem os mais, isto é, ao uso geral, por ser este o melhor meio de não parecerdes ridiculos.

Não deixeis a colher, nem o garfo, nem a faca fóra do prato depois de ter-vos servido d'elles, para que não sujem a toalha; porque á conta dos serventes está o apresentar-vos outros limpos a cada prato.

Não tireis com os dedos o sal ou a pimenta: não havendo colherinha

destinada para este uso, servi-vos da ponta da faca caso a não tenhais levado á bocca; ou do cabo do garfo de prata: D'aquellas duas cousas tomai unicamente quanto precisardes.

Não andeis cheirando os manjares; e excepto se o dono da casa vos perguntar o vosso parecer, abstende-vos de fallar da sua bôa ou má qualidade; em caso nenhum porêm do seu merecimento, e do modo com que estão cosinhados.

Se encontrardes na comida alguma cousa immunda como um cabello, uma mosca, etc., não a mostreis a ninguem, para o não incommodar; separai-a para o lado com dissimulação, ou entregai o prato ao criado, se estiver ao pé.

Não lanceis ao chão os ossos, cascas de ovos, aparos de fructas, nem cousa alguma que se coma: tudo isto poem-se a um lado de prato.

Os carocinhos da fructa tiram-se mais limpamente da bocca com dous dedos, do que d'ella se despejam no meio da mão.

E' cousa desagradavel o ver uma pessoa sujar as mãos, quando come; tocar na carne e nos molhos com os dedos, e lambe-los depois. Não enlabuzeis em demasia os beiços. E' tido por grosseiro o que limpa o prato com um pedaço de pão agarrado nos dedos.

Não bebais com boca cheia, e sem que primeiro limpeis os beiços.

Pegai no copo pela parte mais proxima á base antes do que ás bordas; e se fordes vós mesmos quem lance a bebida, não o enchais tanto que possa sujar-se a toalha.

Não se deve beber nem muito de pressa nem muito de vagar, nem aos sorvos, fazendo soar os beiços. Em quanto beberdes tende a vista posta no copo.

E' uma grosseria o fazer sopas no vinho; todavia em algumas partes está permittido o molhar o biscoito no vinho á sobremesa.

Pelo que respeita a saudes, dir-vos-hei que vos accomodeis ao uso estabelecido: casas ha, em que se bebe á saude dos circunstantes, começando pelos donos da casa, logo desde o principio da comida; em outras guarda-se esta ceremonia para a sobremesa; e finalmente em outras partes nunca isto se pratica, excepto em algum convite extraordinario onde reina muita alegria e contentamento. Os Francezes costumam tocar os copos, (ceremonia que só serve para fazer bulha e para sujar ás vezes as toalhas). Em Inglaterra o copo está pousado sobre mesa, e tendo-o agarrado com os dedos, diz-se então o que se pretende dizer: acontece algumas vezes, ter uma pessoa de por-se em pé para agradecer aos circunstantes alguma civilidade, que lhe tenham dito ou tambem para propor uma saude; n'estes casos deve levantar-se já com o cópo na mão, uma vez que seja breve o que tem para dizer.

Ha pessoas tão amigas de tomar tabaco, que não podem deixar passar tres minutos sem entulhar as ventas com esta droga. Em regra geral, á mesa sempre mal parece tomar tabaco; pois por muita limpeza e cuidado que se tenha, costuma frequentemente cahir alguma cousa sobre o vestido, sobre a toalha ou sobre o prato, e por ventura o visinho não

deixa de participar d'algumas particulas, que o fazem expirrar sem ter vontade, sobre tudo se o tabaco é da natureza do chamado Sevilhano, ou do Esturro Portuguez que ataca ao mesmo tempo a garganta. De mais d'isto as pessoas, que tem contrahido este habito, descuidam-se muitas vezes de tirar a tempo o lenço, e as suas ventas apresentam um espectaculo asqueroso, a sua gola e a sua gravata andam enlabusadas de tabacos, e até o halito, que de si exhalam, está mui longe de cheirar a ambar: A' vista do exposto pode fazer-se juizo de quão feio deve parecer o pôr a caixa de tabaco sobre a mesa: quanto porêm a pôr sobre ella o lenço, isso é cousa insuportavel.

Durante a comida, não mostreis, meus filhos, certo ar de gulosina, que daria a entender que devorarieis tudo quanto tendes diante.

Não olheis para o prato do vosso visinho para examinar, se lhe deram melhor bocado.

Uma vez que não tenhais muita confiança, ou que a vossa idade e graduação a isso vos authorisem, não peçais que vos dêm um pedaço melhor que outro.

Não recebais cousa alguma sem dardes os agradecimentos com uma ligeira inclinação de cabeça e de palavra: o mesmo deverei fazer quando o dono ou dona da casa, ou algum dos convidados vos fizerem qualquer obsequio.

Como haverá occasiões em que tenhaes de trinchar, para que o façais com graça, promptidão e limpeza, é necessario sobre isso algumas lições praticas, sem as quaes toda a theoria não passa de palavras. Os que o não sabem fazer expoem-se a uma especie de vergonha, a encher de gordura a toalha ou os vestidos de seus visinhos, e a lançar ao chão os vasos, a destroçar e a fazer em migalhas miseravelmente uma perdiz, um capão, etc.

Durante a primeira coberta, costuma-se fallar pouco; depois a conversação torna-se geral, e por ultimo cada um falla com os que lhe ficam das ilhargas, e ás vezes com os fronteiros. Se a mesa é muito larga, não parece bem emprehender uma conversação com alguma pessoa que fique distante; pois se todos fizessem o mesmo, armar-se-hia uma matinada, que não daria logar a entenderem-se uns aos outros.

O tempo da sobremesa é um escolho para muitas pessoas; para umas porque é n'elle que fazem ver a sua golodice, para outras porque tiram muitas cousas para levarem comsigo; e para algumas finalmente porque julgam que então lhes é permittido o manifestarem uma alegria louca e incommoda, a ponto de causar enfado ao homem mais fleugmatico.

Não é cousa mui polida o conservar o palito na boca, por modo de entretenimento, depois de acabada a comida, e de levantada a mesa.

O modo de tomar café é bastantemente sabido; por isso nada vos direi a este respeito, á excepção de que o bom uso requer que elle se tome pela chicara, e não pelo pires.

A ultima cousa, que vos recommendo, meus filhos, é que não comais nem bebais até fartar-vos. Um Sabio antigo disse que o excesso na comida e na bebida tem dado a morte a maior numero de pessoas, do que todas as guerras juntas.

REFLECÇÃO.

A natureza, que tem necessidade de reparar-se, tem disposto as cousas de sorte que sintamos um prazer exquisito quando comemos, a fim de não abandonarmos dever tão essencial; porém pelos males que nos resultam, tem-nos advertido ao mesmo tempo de que saibamos conternos logo que a necessidade esteja satisfeita: as indigestões destroem o estomago, causam dores violentas e trazem comsigo a morte. Taes são as consequencias da glotonice.

Nunca commettais excessos na bebida: o vinho e mais que tudo *os* licôres tomados em grande quantidade queimam as entranhas, produzem terriveis enxaquecas, debilitam a vista e até as faculdades do espirito.

Um homem no estado d'um excesso de embriaguez, é um animal feroz e desprezivel.

Sahi pois d'um banquete com a mesma serenidade com que n'elle haveis entrado: dormireis tranquillamente, estareis dispostos para quanto se vos offerecer, tereis os sentidos desembaraçados; o estomago, que *é o* laboratorio chimico, onde se prepara tudo o de que necessita para sua subsistencia a nossa fragil machina fará as suas funcções com regularidade; e por ultimo ninguem poderá jámais lançar-vos em rosto um defeito, que, ainda que mui commum, é vergonhoso.

Se vos encontrardes alguma vez com pessoas que queiram fazer-vos beber mais do que julgais razoavel, não sejais condescendentes até o extremo de estragardes a vossa saude, e de expor-vos á mófa e ao escarneo, por uma mal entendida complacencia; e, o que peor é, a commetter um peccado. Porque deveis ter entendido, que a descortezia está da parte do que vos provoca a commetter um excesso, não da parte d'aquelle que tem juizo bastante e firmeza para não fazer demasias.

Meus filhos, acabarei dizendo-vos que, se estando comendo, chegar um pobre a pedir-vos esmola, não sejais como aquelles que se irritam, dizendo que vão importuna-los. Pelo contrario pensai que talvez não tenha comido, nem terá que comer n'aquelle dia; e dai-lhe alguma cousa, com que possa ir satisfeito. Estou certo que a comida vos saberá melhor, depois que houverdes soccorrido a urgente necessidade do infeliz, que se chega á vossa porta cançado e desfalecido.

Modo de proceder no jogo.

O espirito, meus filhos, precisa de distrahir-se depois de se haver occupado algumas horas em assumptos serios: foi para esse fim que se inventaram os jogos.

Cada idade, cada classe, e ainda mesmo cada sexo tem os seus proprios, sem embargo de que os ha tambem que convêm geralmente a todos.

Os da meninice são muitissimos, alguns dos quaes vem com as estações do anno.

Devem os mestres e os pais de familia ter especial cuidado em proporcionar aos meninos jogos accommodados á sua idade, e a cada estação, uns para dar mais agilidade e desembaraço ao corpo por meio d'um exercicio que não seja superior ás suas forças; outros para que, de envolta com o divertimento e deleite, vão acostumando o seu entendimento a discorrer e a inventar recursos e ardis; alguns, com que possam adquirir por modo de entretenimento os primeiros elementos de algumas sciencias e artes. Porêm agora eu passo a fallar-vos, como se já fosseis homens feitos, e por isso vos direi o como é que o homem deve comportar-se no jogo.

Ha mister pôr-se a jogar com semblante alegre, e com intenção de contribuir para o prazer dos mais.

O que no jogo vê sómente o meio de ganhar dinheiro, tem a alma sordida, e infallivelmente deve ser máo jogador, quero dizer, fará n'elle trapaças todas as vezes que se lhe proporcionar a occasião de as fazer sem ser notado; mas expoem-se tambem a algum duro accidente.

Um trapaceiro é um ladrão que rouba o dinheiro áquelles mesmos a quem dá o nome de amigos; é um homem indigno de ter entrada em parte alguma. Todo o homem de educação comporta-se desinteressadamente, e só joga para divertir-se: se ganha, não mostra alegria demasiada que possa offender aos que tem perdido; e se perde, não se mostra de máo humor.

E' grande descortezia o zombar dos que não tem jogado com destreza; e ha certa malignidade em escarnecer dos que tem perdido.

O jogo, meus filhos, é perigoso; não só porque n'elle perdemos muito tempo, quando lhe adquirimos uma affeição demasiada; mas tambem porque nos expoem ao perigo de reduzir-nos á pobreza: pelo que, jogai as menos vezes possiveis.

A ninguem deve dizer-se que é vagaroso ou apressado em jogar, nem mostrar a mais pequena impaciencia, puxando pelo relogio, pegando em um livro para ler, etc.

O assobiar, o cantar, o fazer estrondo com os pés ou com os dedos sobre a mesa, são signaes de pouco esmerada educação.

Os que assistem de fóra do jogo devem observar o mais rigoroso silencio, sem se inclinarem a favor de ninguem para dar-lhe conselhos que offendam a quem se dão, porque ferem o seu amor proprio; e mais ainda ao outro jogador, porque lhe fazem perder o jogo.

Com as Senhoras, com as pessoas de maior idade e distincção é preciso ter aquellas condescendencias que o uso tem estabelecido em cada jogo.

Não é proprio do homem de bem o lançar os olhos para as cartas do parceiro contrario, para saber o seu jogo e ataca-lo com esta vantagem devida a uma falta de delicadeza.

Pagai pontualmente o que perderdes, sem vos aproveitardes do esquecimento dos outros.

REFLECÇÃO.

Em parte alguma se descobre mais a bôa ou má educação do homem, a nobreza ou vilania de seus pensamentos, do que no jogo: ali se poem em movimento por uma parte a ambição, a cubiça, a astucia interessada, a inveja, o rancor, e outras baixas paixöesinhas: pela outra a generosidade, o desapego, a nobre emulação, a distracção desinteressada, e os gracejos festivos e modestos.

Quão differentes não serão os semblantes agitados por paixöes tão oppostas?

Do Baile.

"O baile (diz Lord Chesterfield) ainda que seja um passatempo louco e frivolo, é uma d'aquellas loucuras, com as quaes é preciso que os homens de juizo se conformem algumas vezes; e se se conformam é preciso que o façam com regra."

A cortezia exige que os que se apresentam a dançar tenham as mãos cobertas com luvas, e tambem que o homem não dance sempre com o mesmo par ou Senhora.

Os homens delicados, finos e cortezes tem especial cuidado em tirar para dançar aquellas a quem a natureza ou o tempo vai malquistando com os homens. Uma tal contemplação ou fineza, á qual não tem direito um sexo em guerra com os attractivos, merece ser paga com todo o agrado e amabilidade, que dictam a urbanidade e o amor proprio lisongeado.

Nenhuma Senhora deve negar-se a sahir a dançar com um homem de bem, ou em tal caso deve abster-se de dançar em toda a noite. Esta regra de urbanidade, por dura que pareça, abrange a todas as Senhoras indistinctamente.

O baile, bem como a conversação, não deve ser propriedade exclusiva só de certas pessoas; requer que todos alterem e participem d'este prazer.

O baile accende o sangue, e poem em movimento as paixöes; ha mister pois sabe-las reprimir, não se entregando a uma alegria immoderada.

Deve reinar a maior compostura e decencia nos trajes, nos movimentos e nas posturas. A mulher que se apresenta pouco honestamente não deve estranhar que d'ella façam máo conceito. O pudor faz realçar a belleza muito mais do que todos os adornos que podem inventar as modistas.

Do modo de andar pelas ruas.

Os homens de juizo, que não querem passar por extravagantes e attrahir a attenção da gente, andam naturalmente; nem muito lenta, nem precipitadamente, uma vez que não exija pressa, algum negocio urgente.

O erguer com affectação a cabeça, acompanhado ao mesmo tempo d'um balanceamento de hombros, indica orgulho e altivez.

Se andardes bambaleando-vos e arrastando os pés passareis por preguiçosos, que vos moveis como por força.

Não andeis nas pontas dos pés, como se estivesseis dançando, excepto havendo de passar algum charco: não corrais do passeio d'uma rua para a outra; porque vos teriam por loucos.

Não movais violentamente os braços, como se fossem azas ou remos.

Se fordes com alguma pessoa superior ponde-vos á sua esquerda, e regulai os vossos passos pelos seus: não vos avisinheis tanto d'ella que a incommodeis, nem vos arredeis tanto que não possais ouvir o que ella vos disser.

Tende cuidado de observar onde pondes os pés para não sujar-vos, nem salpicar de lodo aos mais que passarem.

A uma senhora deveis offerecer o braço, e leva-la da parte lateral do passeio da rua, ainda que ella tenha de dar-vos a direita; pois é esta uma precaução necessaria, para evitardes que a salpiquem de lama as carroagens, os carros e as cavalgaduras, e por que o lado das casas considera-se como o de preferencia.

O que fôr com duas senhoras deve collocar-se no meio d'ellas, para dar a cada uma o seu braço.

Nas grandes cidades, onde o concurso da gente pelas ruas é muito numeroso, ha uma convenção que se observa com o maior rigor sem distincção de pessoas, e consiste em seguir cada qual a direita no passeio da rua por onde vai passando; d'este modo se termina toda a origem de disputas, não se interrompe a marcha, e resulta o que para todos é mui commodo.

Quando fordes andando voltai a ponta de pé um pouco para fóra: não batais com o calcanhar um n'outro, nem vades brincando com as pedrinhas que encontrardes.

Se vos sahir ao encontro alguma pessoa respeitavel por seus annos, ou dignidade, saudai-a cortezmente, sem para ella vos voltardes de mais, excepto se a conhecerdes particularmente.

Nas grandes cidades só se cumprimentam as pessoas conhecidas.

Se alguem vos saudar e detiver no caminho deveis corresponder-lhe nos mesmos termos, com tanto que vos não seja muito inferior: mas nem por isso ficais isemptos de ser cortezes com este, e de trata-lo com amabilidade e attenção.

Nem a todo aquelle com quem nos topâmos na rua devemos dizer-lhe. *como passa?* Esta formula só é boa para ser usada com os nossos iguaes, e com as pessoas do nosso grande conhecimento.

O ir fumando, assobiando, ou cantando pela rua, é proprio de gente ordinaria; embóra o practiquem sujeitos que se tem por cavalheiros porque tambem ha cavalheiros mui ordinarios e de má educação.

Uma senhora terá que observar certos deveres ainda mais rigorosos do que todos estes.

No modo de andar deverá descubrir-se o pudor, assim como nas vistas a decencia: uma senhora, que fixa os olhos nos homens, inculca falta de vergonha; e se move a cabeça d'um lado para outro, tel-a-hão por louca.

A mulher deve ir andando sem deter-se, nunca olhando para traz, salvo se algum motivo honesto o exige.

Se algum desavergonhado atrevido lhe falla, a ella pertence o fazer-se desentendida, ir continuando o seu caminho sem dar-lhe resposta.

Em geral o porte d'uma senhora deve ser mais reservado, que o d'um homem: rodeada por todos os lados de laços, deve ser naturalmente desconfiada, não se esquecendo jámais de que o mundo julga com severidade o seu sexo.

A modestia é como a planta chamada *Sensitiva,* a quem offende o mais ligeiro toque de qualquer corpo estranho, até o do proprio ar.

Do que devem os homens observar por urbanidade para com as senhoras.

As relações que existem entre os dous sexos fazem que haja alguma differença entre o modo de comportamento que um deve ter com o outro.

Os homens devem ter um respeito mais distincto, uma complacencia mais attenta para com as mulheres, do que para com as pessoas do seu sexo.

Se a natureza tem recusado a estas a força do corpo, pelo menos tem-as indemnizado amplamente concedendo-lhes qualidades moraes das quaes tem sido avára para com os homens.

Com que cuidado não previne uma bôa mãi de familia, affeiçoada á sua casa, e amante de seu esposo e de seus filhos tudo quanto pode contribuir para augmentar a felicidade dos amados objectos que a rodeam! Encarrega-se das cousas mais minuciosas, tudo prevê, a nada repugna, e costuma ser industriosa para causar agradaveis surprezas a seu marido. Quando este volta dos seus negocios, dispoem os filhos, para que lhe prodigalizem caricias, tomando precauções para que não sejam importunos; a sua prudencia, a sua amabilidade e bom genio lhe asseguram para sempre o coração do seu querido esposo.

Nós os homens seriamos muito injustos se em consideração de tão bellas qualidades não quizessemos tolerar alguns defeitos leves que são proprios das mulheres.

Quando vos achardes em uma companhia onde haja senhoras tende para com ellas toda a especie de considerações: a debilidade de sua constituição physica, alêm do que fica dito, deve empenhar-vos para lhes evitardes todos os incommodos que estiverem ao vosso alcance.

O que não farieis por um homem, fazei-o gostosos por uma mulher.

Cedei em todas as partes ás senhoras o assento mais commodo e honroso.

Ao descer ou subir as escadas d'uma casa, ou d'uma carroagem, etc., deveis offerecer o braço ás senhoras; porêm seria imprudencia o faze-lo quando uma senhora fosse acompanhada d'outra pessoa, com quem tivesse relações mais estreitas de amizade ou de parentesco.

Na mesa nunca consintais ser servido primeiro que ellas.

Tratando-se de jogar consultai-as sobre o jogo da sua preferencia: condescendei com os seus desejos, com tanto que esta condescendencia não seja contra o vosso estado, contra a vossa idade e saude.

Encarregando-vos de que condescendais com os seus desejos, entendo só os rasoaveis; todavia, se alguma houver tão louca, tão caprichosa, ou mal educada, que exija cousas indiscretas, recusai-o cortezmente, porêm com firmeza: pois na verdade fôra cousa cruel, o ser por urbanidade victima d'uma louca imprudente, que em tal caso só mereceria a compaixão da companhia.

Sobre tudo, meus filhos, na presença de mulheres seja a vossa linguagem sempre casta.

Ha mil fátuos que se figuram cousa agradavel o dizer cousas deshonestas em uma companhia; quando é certissimo que essas grosseiras conversações offendem sempre aos castos ouvidos.

Outros ha que tem a arte de cobrir com um ligeiro véo as suas palavras, porêm se vos apresentassem á vista uma cousa asquerosa coberta com um véo, deixaria ella por isso de causar-vos asco? Os taes descobrem uma alma pouco delicada, uma imaginação obscena, e dão de si opinião pouco vantajosa.

REFLECÇÃO.

Todo o pai de familia deve fechar-lhe a porta de sua casa, se não quizer ver com o tempo o estrago que causam as suas palavras.

Homens, respeitai as mulheres; porque é da maior importancia para os bons costumes que ellas se respeitem a si mesmas.

Do modo com que as jovens senhoras devem portar-se na sociedade com os homens; ou conselhos d'uma mãi a sua filha.

O mundo, minha filha, julga severamente o nosso sexo; e é por isso que nós devemos caminhar, como diz o proverbio, com pés de chumbo.

As vistas annunciam sem querer o que se passa no coração; faze por isso que nas tuas só se veja a expressão da modestia; e para que melhor o possas conseguir, sê em verdade modesta: uma vista atrevida em uma mulher é cousa que repugna com o seu sexo.

Sobre tudo não busques as dos homens; um tal costume procede da depravação do coração; e se por casualidade o praticares, ou por mera inadvertencia, confundir-te-hão com aquellas, cujos costumes estão já estragados.

Se para a civilisação da Sociedade é bom que os homens se reunam com as mulheres, é tambem util para os bons costumes que esta frequencia não seja intima em demasia.

As mulheres não devem fugir dos homens, a não ser que de todo se tenham consagrado a Deos em Religião, ou determinem faze-lo; mas tambem não devem busca-los com excesso: prefere sempre, minha filha, a sociedade de pessoas do teu sexo.

No meio dos jogos e divertimentos mais estrepitosos deves ser constantemente reservada; a tua modesta reserva será como um escudo que protegerá tua alma contra tudo que possa feri-la; e as pessoas mais relaxadas temerão dizer ou fazer alguma cousa que ultraje o teu decoro.

Se houver quem se atreva a tomar alguma liberdade comtigo faze que a severidade d'uma vista tua lhe recorde o que deve á decencia.

Nunca mostres um ar risonho ao que não fôr honesto: se o contrario praticasses, serias immediatamente desprezada, sem poderes fazer valer os teus direitos ao respeito.

Se diante de ti se proferirem palavras equivocas, ainda que as entendas, não o dês a conhecer; nem te enfades, ou rias, ouvindo-as.

Se o que disserem fôr claramente indecente e sem equivoco, retira-te se poderes; se não, mostra com teu ar frio e rigido ó desprezo com que ouves taes palavras, que só podem sahir da bocca de gente immoral e sem bôa criação.

Se os homens, minha filha, devem ser condescendentes com as mulheres, eu acrescento que uma mulher deve guardar-se, e muito de abusar de tal condescendencia.

Deixa que assim obre a namoradeira ou a caprichosa: uma mulher honesta e de juiso recebe com modestia as attenções que se lhe prestam; porêm tem o maior cuidado em que os homens se não occupem com ella a cada passo.

Não parece bem que uma mulher se esforce por sobresahir em demasia na conversação; basta-lhe que seja instruida. Querer obrigar a que todos sejam da sua opinião, achar prazer em ostentar a sua sciencia, é fazer-se insoffrivel, e pôr-se na classe dos pedantes. Falla sempre sem mostrar pretenção de passares por muito instruida: os homens são injustos, uma mulher sabia offende o seu orgulho.

Contar-vos-hei dous casos; eis o primeiro: Quando Bonaparte voltava para Paris, depois de sua gloriosa campanha da Italia, sem embargo de que evitava as grandes concurrencias, não poude deixar de assistir a um baile, que lhe deram em uma cidade principal. Achava-se entre as senhoras convidadas a celebre Madama Stáel, tão conhecida por seus escriptos: o seu amor proprio era igual ao seu merecimento; e assim como n'aquelle tempo o joven Bonaparte era o objecto da admiração geral entre os homens, ella aspirava a sê-lo entre as mulheres. Com este designio buscou occasião de entrar em conversação com o general, e quando lhe pareceo a proposito, fez-lhe a seguinte pergunta: Qual é na vossa opinião a mulher mais eminentemente digna do apreço geral?

Bonaparte percebeo o fim da pergunta, e respondendo—" Aquella que mais filhos tem dado ao estado," voltou as costas e foi-se, deixando-a confusa e envergonhada. O segundo caso é o que succedeo a Madama Dacier, mulher a mais sabia do seu tempo, com um cavalheiro Alemão. Este, que nas suas viagens tinha particular gosto em visitar as pessoas de maior merito, supplicou uma vez a Madama Dacier, que escrevesse o seu nome em um livrinho de memorias que costumava trazer comsigo: Depois de haver por muito tempo resistido, esta senhora respeitavel escreveo o seu nome, e logo após um verso de Sóphocles, cujo sentido vem a ser o que expressam os dous versos seguintes:

Um modesto silencio ha sido sempre
Das mulheres o adorno mais formoso.

Minha filha, se por ventura fores instruida, com mais razão deves em tal caso conservar-te silenciosa: o teu papel reduz-se a escutar, e não só isto é facil, mas até muitas vezes dá gosto aos mais. Não faças que a conversação recáia, como fazem muitas mulheres vãs e tolas sobre um vestido, um penteado, um adereço, ou sobre outro objecto pertencente ao toucador: de todos os passatempos é este o mais fastidioso, e o que os homens mais desprezam.

Um defeito bastantemente geral em o nosso sexo é o examinarem-se as mulheres mutuamente, passarem em revista todas as partes do seu traje e adornos, para as sujeitarem depois a uma critica terrivel: procede isto de zelos baixos e miseraveis.

Livra-te, minha filha de os teres. O criticar as outras não te faria parecer mais formosa, nem realçaria o explendor de teus vestidos; antes só conseguirias com isso o dar má idéa do teu coração

Muito poderia dizer-te; porêm contentar-me-hei com te dar as seguintes maximas de Pythágoras:

" Mulher de governo, não imiteis a cigarra que faz muita bulha, e trabalha pouco.

" Prefere em uma mulher o talento á belleza e as graças ao talento," (a virtude a tudo o mais.)

" Não digas mal das mulheres: ellas tem muitos direitos para que os homens as tratem com indulgencia.

" Se encontrares varias mulheres ralhando umas com outras, vai seguindo o teu caminho.

" Mulheres, não deixeis de ser fagueiras e modestas. Conservai vossos costumes pudicos. Não deis de mão ás graças. Para agradardes aos homens sêde sempre mulheres.

" Mulheres moças sêde sempre amaveis, e fazei que vossas paixões nunca se irritem; nada desfeia tanto o rosto como um movimento de cholera ou um transporte produzido pelos zelos.

" Linho velho faz má teia. Esposas mãis, applicai esta lei de economia domestica á educação tardia e abandonada de vossas filhas.

"A paz e a abundancia sahirão de tua casa no mesmo dia, em que n'ella entre uma mulher menos laboriosa que linda, e mais amiga de si que do governo interior da casa.

"Mulheres, sabei que ha ainda certa cousa superior a uma bella mulher: é uma mulher bella e ao mesmo tempo modesta.

"Mulheres de todas as idades, sacrificai ás Nimphas das fontes." (Pythagoras n'esta Maxima recommenda a limpeza diaria)

"Cidadãos, guardai-vos de pôr em frente da vossa Republica aquelle que não sabe fazer-se respeitar de sua mulher ou de seus filhos.

"Menina, poucas abelhas encontrarás fóra da sua colmêa durante a noite. Faze que te não vejam tambem fóra da casa paterna ou marital toda a noite.

"Queres que teu marido esteja sempre a teu lado? Porta-te de modo que não encontre em outra parte tantas graças, modestia, meiguice e ternura.

"Meninas, no meio das occupaçoës domesticas mais desagradaveis conservai certo ar de festa e de adorno."

Não ataqueis ninguem por causa de sua crença religiosa.

Havemos chegado a uns tempos em que felizmente os homens vão sendo mais tolerantes em materias religiosas, ao menos em certos paizes; mas, por desgraça, confunde-se muitas vezes a tolerancia razoavel com o indifferentismo impio e absurdo.

Fugi cuidadosamente, meus filhos, d'ambos os extremos.

Considerai que todos os homens são vossos irmãos; e não vejais n'um individuo de religião diversa da vossa um ser *irremissivelmente* condemnado por Deos. Esta idéa funesta á sociedade parte d'um máo principio, e não pode ser agradavel a Deos, Auctor de toda a justiça. A ignorancia invencivel e a bôa fé encontrarão sempre benignidade diante do Altissimo.

A Religião Catholica, mãi e mestra da verdade, nunca ensinou doutrina contraria a esta que aqui vos exponho, como poderiam ser levados a crê-lo certos espiritos acanhados e pouco instruidos.

Para vos não citar obras que difficilmente podereis consultar, como são as dos Santos Padres, recommendo-vos, sobre tudo, para vos instruirdes n'esta materia de grande importancia, que leais o Cap. 27 das *Respostas familiares ás objecções contra a Religião* por M. de Segur (obra que já tem duas edições na nossa lingua e quarenta e seis na Franceza); bem como as *conferencias* do Padre Ravignan; a *Historia da Litteratura Franceza sob o governo de Julho*, por M. Netlement; e os *Estudos Philosophicos sobre o Christianismo*, por M. Nicolas, no Vol. 3o., Cap. 14.

Todas estas obras são d'um merito subidissimo, tanto para consultar sobre o ponto que vos indiquei, como sobre outros muitos em que convem, e até se torna necessario, serdes instruidos.

Mas, voltando á nossa materia, se vos encontrardes n'uma reunião de pessoas de diversas religiões, não puxeis a conversação para aquella que seguis, se não estiverdes bem preparados com estudos convenientes para defende-la triumphantemente, e se a prudencia bem entendida vos não dictar que d'ahi se pode tirar fructo. Sem estas duas condições, que raras vezes se encontram reunidas, seria desgostar os outros, ou desgostar-vos a vós mesmos.

Sobre tudo, se não sois instruidos em materias theologicas, deixai aos Ecclesiasticos as questões melindrosas sobre o dogma e a disciplina, procurando no entanto tornar-vos aptos para dardes em qualquer parte razão de vossa crença. Por se não observar esta regra é que se vêem tantas dissensões religiosas, e se ouvem a cada passo tantos dislates.

Por mais ridiculo que um culto vos pareça, deveis sempre pensar que tem um fim respeitavel: que ordinariamente fallando, é melhor ter esse culto do que não ter nenhum; e emfim que tambem o vosso pode parecer ridiculo aos olhos d'outros homens.

Que não vão porêm estas minhas palavras excitar em vós algum juizo temerario contra os missionarios e sacerdotes da Santa Religião Catholica que professamos.

Ainda que tudo quanto acabo de dizer em certo modo lhes é applicavel, comtudo não foi a elles que tive em vista, que seria em mim grande ousadia: e por outra parte reconheço que devendo ter n'este ponto como nos demais, toda a prudencia que lhes recommenda o DIVINO MESTRE, * com tudo não devemos nós exigir sempre d'elles uma prudencia e sabedoria meramente humanas, que muitas vezes são loucura e morte aos olhos de Deos. †

Está escrito, e elles bem o sabem: "*Prædica verbum, insta opportune, importune: argue, obsecra in omni patientia et doctrina.* ‡ Eu te conjuro diante de Deos que pregues as verdades religiosas, que instes opportuna e importunamente; que reprehendas, rogues, admoestes com toda a paciencia e doutrina."

Por estar convencido d'isto mesmo é que o Apostolo exclamava em sua Epistola aos Corinthios: *Væ enim mihi est si non Evangelisavero.* § Ai de mim se não propagar o Evangelho.

Não nos mettamos pois nunca, n'este ponto, a ser juizes de nossos directores na fé aos quaes aliás devemos razoavel e obsequiosa submissão porque só a elles foram de certo dirigidas aquellas palavras do Redemptor: "*Euntes ergo docete omnes gentes, etc.*" ||

---

*—Estote ergo prudentes sicut serpentes, et simplices sicut columbæ. (Ev. 1. Math. 10.16.)

†—Sapientia enim hujus mundi stultitia est apud Deum. (1 Cor. 3.19.)

Nam prudentia carnis mors est; prudentia autem spiritus vita et pax...Sapientia carnis legi Dei non est subjecta: nec enim potest. (Rom. 8. 6 e 7.)

‡—II ad Timoth. 4.2.

§—I Cor. 9.16.

||—Math. 28.19.

A cegueira do entendimento é tão digna de compaixão, como a do corpo; e não é objecto de riso, e póde não ser criminoso o homem, que em um ou em outro caso érra o seu caminho.

Verdade é, que a caridade nos ordena que mostremos o caminho verdadeiro a quem vai errado; porêm não é menos verdade que a caridade nos prohibe o castigar, ou ridiculizar a sua desgraça.

Cada seita crê que a melhor de todas é a sua. Criticar, mofar, rir-se das ceremonias religiosas ou seja em um templo de Protestantes, em uma sinagoga de Judeos, em uma reunião de Quakers, ou seja em um pagóde de Budha (Chinez), seria insultar as pessoas que observassem estes differentes cultos, seria a grosseria mais grave, e mais digna de ser castigada.

Se vos obrigarem ou julgardes conveniente declarar a vossa opinião, não a dissimuleis; porêm fallai sem offender os outros, evitando quanto seja possivel o entrar em disputas religiosas sem fruto.

Recordai-vos d'aquella maxima attribuida ao sabio mas infeliz Pontifice Clemente XIV: "Se Deos permitte os incredulos, nós devemos toleral-os." (O que não quer dizer de certo que soffamos que nos corrompam, ou a nossos filhos com suas pessimas doutrinas.

Se isto se póde dizer dos incredulos, quanto mais dos que tem crenças differentes das nossas?—(O que aliás não quer dizer que nos não acautelemos do veneno de suas doutrinas.)

Fenelon, aquelle respeitavel Arcebispo de Cambray, costumava dizer: "Soffamos o que Deos quer soffrer." Estas duas maximas abundão em sabedoria e humanidade. Meus filhos, eu as entrego ao vosso coração; não vos esqueçais nunca d'ellas.

Leitura.

" Tem cuidado dos ochavos (pequena moeda de cobre), dizia um; porque as onças d'oiro o terão de si mesmas: " E eu vos digo: Tende cuidado dos minutos; porque as horas o terão de si mesmas.

Fazei alguma cousa todos os dias: não desperdiceis as meias horas, nem os quartos; pois no fim do anno fazem uma somma consideravel.

Por exemplo, ha no dia pequenos intervallos entre o estudo e os passatempos; em vez d'um homem estar assentado com os braços crusados, ou despedindo da bôcca e ventas tanto fumo, como uma chaminé vale mais pegar em um bom livro, e ler n'elle um pedaço não superficialmente, mas tomando grande sentido no que se lê.

Quando lêrdes, não passeis a segundo periodo, sem que tenhais entendido o primeiro, e não deixeis o livro, em quanto bem o não comprehenderdes; pois fazendo o contrario no fim d'uma semana achar-vos-heis como se nada tivesseis lido. *Ligere sine inteligere est negligere.*

Modo de fazer as cousas.

Qualquer cousa que tiverdes que fazer, fazei-a tão depressa como poderdes, nunca de meias; porêm sem interrupção, sendo possivel. Nunca digais: Em occasião mais conveniente fallaremos n'isso.—A occasião mais opportuna para tratar d'um negocio é sempre a primeira; porêm o homem de juiso marca o tempo proprio para estudo e despacho de seus negocios. As mais das vezes desperdiça-se muito tempo por má escolha ou por falta de methodo nos prazeres e passatempos.

Methodo.

A promptidão é a alma dos negocios, e nada contribue tanto para os despachar promptamente como o methodo.

Para cada cousa estabelecei seu methodo accommodado, e observai-o rigorosamente todas as vezes que vol-o não impeçam outros inesperados accidentes.

Fixai um dia e hora em cada semana para pôr em ordem as vossas contas; por este modo com pouco trabalho evitareis que vos enganem ou defraudem muito.

Rotulai todas vossas cartas e papeis, e atai-os nas suas respectivas classes para que os possais achar quando d'elles necessitardes.

Marcai para cada dia o tempo de vosso estudo e leitura, e assentai em um livro aquillo que mais despertar a vossa attenção no que lerdes, a fim de prestardes um soccorro á vossa memoria e não para ostentardes de pedantes.

Nunca leais livro algum de historia sem terdes ao lado sendo possivel, mappas geopraphicos, e um livro de tabuas chronologicas, a que recorrais quando vos fôr preciso; sem isto a historia não passa de ser muitas vezes mais que um montão confuso de factos.

Pode bem ser que alguns jovens vos digam, que toda esta ordem ou methodo é cousa fastidiosa, só boa para gente de entendimento obtuso, sendo aliás uma sujeição desagradavel, e só por si capaz de suffocar o nobre fogo da mocidade. Eu sustento o contrario: a ordem vos proporcionará mais tempo e mais gosto para vossos divertimentos; e bem longe de ser-vos cousa fastidiosa, se por ventura a pozerdes em pratica um mez, custar-vos-ha depois muito trabalho a deixal-a.

A occupação é para os prazeres o que o exercicio é para o alimento; é por isto que uma comedia, um baile, um concerto de musica causarão maior prazer ao homem estudioso do que ao que passou o dia inteiro em uma inutil ociosidade.

Muitos pensam, que se divertem, com tanto que não estudem, nem se occupem em cousa alguma: em consequencia habituam-se á preguiça, e gostam só de frequentar aquelles sitios, onde podem fazer a sua vontade.

Todavia posso dizer-vos que, exceptuando os criminosos, não ha pessoas

mais desditosas que estas; por toda a parte por onde vão, um sem sabor mortal as persegue, nunca estão contentes; nos proprios prazeres, que mais anciosamente anhelam, encontram um vasio que não sabem encher e que os atormenta. Chegando a ser velhos, tudo os importuna, e acabam por ser os tyrannos de suas familias.

Se por casualidade vos faltarem alguma vez duas ou tres horas para alguma cousa util, suppri-as com as destinadas para o somno: seis ou sete horas são bastantes para dormir; tudo quanto d'aqui excede, é preguiça.

Se os vossos negocios, ou divertimentos vos occuparem alguma vez até ás quatro ou cinco horas da madrugada, levantai-vos á mesma hora, que costumais fazel-o; para não perderdes as horas preciosas da manhäa; e a fim de que o somno vos obrigue a ir para a cama mais cedo em a noite seguinte.

Bagatellas.

Sobre tudo, meus filhos, não empregueis o tempo em bagatellas.

O homem frivolo parece sempre occupado, porêm em nada de proveito. Para elle os objectos pequenos são grandes, e desperdiça em bagatellas o tempo e a attenção que devêra empregar em cousas de importancia.

Para a observar os vestidos, e não os caracteres de quem os traz.

Fixa toda sua attenção nas decorações d'um theatro e não faz caso da peça: não lhe escapa uma ceremonia da Côrte, e deixa a um lado a politica.

Conhecei o verdadeiro valor do tempo: arrebatai, colhei e gozai de todos os seus momentos. Fóra com a ociosidade, com a preguiça, com as dilações: nunca demoreis para o dia seguinte o que hoje poderdes fazer.

Economia.

O pateta dissipa sem credito nem proveito o que tem; o homem de juizo gasta por um modo inteiramente contrario.

Este emprega o dinheiro, como o tempo, util e agradavelmente para si e para os outros: aquelle compra o de que não necessita, e não paga o que lhe faz falta; não passa por diante d'uma loja sem cahir na tentação de comprar algumas bugiarias e bagatellinhas que só servem para arruinal-o: contra elle se conspiram os seus criados e tendeiros; e dentro de pouco tempo fica assombrado de ver em sua casa tantas superfluidades ridiculas, e tão poucas cousas das que augmentam a commodidade e o bem-estar d'um individuo.

Sem cuidado, nem methodo, as rendas mais pingues não servem para cobrir os gastos necessarios.

Meus filhos, pagai immediatamente o que deverdes com dinheiro á vista, e não com papel; e pagai vós mesmos em pessoa, e não por intervenção

d'algum criado; a fim de que não estipule com os tendeiros tanto por cento, ou o mimo que lhe hão de fazer por seus bons officios, segundo costumam dizer os criados.

Nunca por economia mal entendida compreis aquillo de que não tendes falta, só porque vol-o dão barato, muito menos pelo nescio orgulho de ser objecto caro.

Fazei uma conta exacta de tudo quanto recebeis, e de tudo quanto pagais: o homem, que sabe o que recebe e o que gasta, nunca dissipará o seu dinheiro. Não quero dizer n'isto que assenteis por escripto as pequenissimas quantias despendidas em frioleiras, pois não merecem o trabalho de com ellas se gastar tempo, papel e tinta: só sim quero dizer, que em economia, bem como nas mais cousas da vida, deve o homem attender aos objectos de entidade e desprezar as bagatellas.

Do Mentir.

Nada ha mais criminoso, baixo, ou ridiculo do que o mentir: é effeito de malicia, de cobardia ou de vaidade; porêm, geralmente fallando, os que mentem não conseguem o seu intento; porque tarde ou cedo vem a descobrir-se a mentira.

O embusteiro que trata de depreciar os bens ou a reputação d'alguma pessoa, poderá por algum tempo damnifical-a, mas a final será elle quem terá mais que soffrer; pois descoberta a mentira, todos o aborrecerão.

O que se equivóca e tem a franqueza de o confessar procede com nobreza.

O que trata de evadir-se d'alguma cousa por meio d'uma mentira, é um homem desprezivel e cobarde.

Ha muitos que se recreiam em contar mentiras que podem ser havidas por innocentes, porque a ninguem fazem damno senão a quem as diz: estas mentiras nascem de vaidade e loucura.

Uns taes são amigos do maravilhoso, tem visto cousas, que nunca existiram; tem visto outras que realmente nunca viram, ainda que existissem; sómente porque julgaram, que eram dignas de ser vistas.

Tem succedido ou tem-se dito alguma cousa notavel em qualquer parte que seja? Immediatamente declaram que se achavam ali, e que foram testemunhas de vista. Sempre são os heroes das suas fabulas, pensam attrahir com isto a attenção dos mais; ainda que, a dizer verdade, o que ganham é fazerem-se ridiculos e despreziveis, accrescentando ainda a isto o ninguem dar credito ás suas narrações, pois é muito natural o suppôr, que uma pessoa, que mente por vaidade, não terá escrupulo em encaixar uma mentira mui gorda se fôr do seu interesse.

Meus filhos, se alguma vez chegardes a ver alguma cousa tão extraordinaria, que se possa duvidar da sua veracidade, não a conteis para não dar occasião a que vos tenham por embusteiros sequer por um minuto.

A dissimulação na juventude é precursora de perfidia na velhice: o seu primeiro apparecimento é fatal prognostico de ignominia futura.

Sêde em todos vossos procedimentos francos e firmes, com as devidas precauções. O caminho da verdade é facil e seguro, o da mentira é um labyrintho confuso.

O que uma vez deixa após si a sinceridade não é já senhor de tornar para ella, porque um artificio conduz a outro; o enredo do labyrintho se augmenta, até que cahe nas redes, que elle mesmo tem tecido. Vou contar-vos agora uma fabulasinha a este proposito.

O Mentiroso castigado.

Uns rapazotes destros nadadores,
Sem licença de pais, de professores,
Na calma intensa de abrasado Estio
Iam contentes mergulhar-se ao rio.
Como peixes, sem roupas, e ligeiros
Agora mergulhavam prazenteiros,
Agora a veia d'agua atravessando,
Sem pagar barca, ou ponte iam passando
D'elles um, que á verdade era contrario,
Folgazão, temerario,
Quando longe se achava
Dos outros rapazotes, os chamava,
Dizendo-lhes: " Ai! vinde aqui correndo,
Que me afógo: por Deus! que estou morrendo."
Todo o bando corria pressuroso;
Mas elle mais ligeiro, que um raposo,
Por debaixo das aguas se summia,
E a uma longa distancia apparecia;
E da péça que adrede lhes pregava,
Com grandes gargalhadas se jactava.
Mas ai! veio uma tarde desastrosa,
Em que a sua pagou graça enganosa,
Pois de repente vendo-se atacado
D'uma caimbra mui forte o desgraçado
Ao tempo que nadava satisfeito
Do largo rio quasi em meio leito
Soltou altos gemidos,
Chamando os companheiros seus queridos,
Para evitar a sorte
De nas garras cahir da negra morte:
Seus amigos as vozes escutaram,
Porêm imaginaram,
Que fazia ésta tarde

Da arte de nadar gentil alarde;
E receando a peça conhecida,
Nenhum correo para salvar-lhe a vida:
Entretanto o rapaz abandonado
Foi-se ao fundo, e ficou n'elle afogado.
Triste de quem de enganos se alimenta,
Se, ouvindo esta lição, não escarmenta.

Cuidado, meus filhos, em não mentir, nem ainda por brinco.

Arte de agradar.

Uma cousa dita por uma pessoa amavel, d'um modo engraçado, e com semblante risonho, não pode deixar de agradar; a mesma cousa dita por entre dentes por um homem tosco, com uma fronte sombria, é fóra de duvida que desagradará.

Os poetas representam a Venus acompanhada das tres Graças; Minerva deveria ter igualmente outras tres; porque sem ellas a sabedoria tem poucos attractivos. Se examinarmos attentamente a razão por que certas pessoas nos agradam e captivam mais do que outras de igual merecimento, conheceremos que é porque aquellas tem comsigo as graças e as outras não.

Quantas vezes o mais solido merecimento tem sido mal recebido e desprezado por falta de graça; ao passo que um homem com algumas prendas superficiaes, pouco saber, menos merito, introdusido pelas graças, tem sido recebido, querido e admirado.

Frequentes vezes a fortuna do homem depende para sempre do modo com que se apresenta pela primeira vez: se o faz com graça, muitos se persuadem que tem um merecimento, que é muito possivel não tenha: se se apresenta por um modo grosseiro e desalinhado, previnem-se contra elle, e com muito trabalho lhe concedem o merecimento que tem.

O caminho que conduz ao coração passa pelos sentidos: quem captivar os olhos e os ouvidos já tem feito meia jornada.

E' proverbio verdadeiro e antigo que os reis que reinam mais segura e absolutamente, são os que reinam no coração de seus subditos: sua popularidade é para elles melhor guarda do que um exercito; e o amor dos seus subditos um penhor mais seguro da sua obediencia do que o medo. *

Esta mesma regra pode applicar-se, guardando as devidas proporções, ás pessoas particulares.

---

* **Aqui não vemos soldados,**
Aqui não sôa atambor,
Outros reis, os seus estados,
Guardam d'armas rodeados,
Vós rodeado d'amor.

Sá de Miranda, **(carta a El-Rei D. João III.)**

O homem, que possue a grande arte de agradar universalmente, e de ganhar as vontades d'aquelles com quem trata, possue uma força que lhe serve para sustentar-se e elevar-se; e, em caso de contratempo, para impedir a sua queda.

Poucos são os jovens que consideram, como deviam, este ponto da popularidade, e succede-lhes que, quando chegam á idade madura, não podem recuperar o que tem perdido pelo seu despreso.

Tres são as cousas principaes que impedem a acquisição d'uma força tão util: o orgulho, a desattenção e a timidez. A primeira é propria dos nescios, que, porque occupam um emprego dependente muitas vezes da vontade d'um aulico, ou pela casualidade de terem nascido ricos, se julgam superiores aos outros homens. Vós, meus filhos, podeis dar graças a Deus por viver na abundancia, mas não tendes direito por isso para desprezardes o criado que vos limpa os sapatos.

O rico deve gosar das suas riquezas sem insultar aos que tem a desgraça de as não possuir, nem igualmente avivar-lhes na memoria a falta d'ellas; alêm de que a fortuna é caprichosa: hoje podeis ser ricos, e amanhã pobres.

Estais vendo exemplos terriveis d'esta verdade.

Os proprios reis com todo o seu poder não estão isentos dos revezes d'aquella inconstante deosa. Quasi em nossos dias se tem visto algumas testas coroadas descerem do throno para subirem ao cadafalso, e outras para irem n'um desterro meditar sobre a inconstancia das cousas humanas.

Ouvi, meus filhos, o caso seguinte de Sesostris, Rei poderoso do Egypto:

Tinha na sua Côrte quatro Reis captivos, capturados em quatro batalhas differentes; e, cheio de soberba, fazia que puxassem pela sua carroagem. Um d'elles tinha sempre os olhos fitos em uma das rodas. Sesóstris, movido de curiosidade, perguntou-lhe sobre que estava considerando? Ao que o Rei captivo respondeo o seguinte:

" Observando o movimento da roda, e vendo que a parte que agora está debaixo um momento depois se acha em cima; e que essa mesma parte que está em cima, se abaixa logo ao nivel do terreno; penso na nossa sorte futura."

Esta idéa surprehendeo tanto a Sesostris que no mesmo instante mandou pôr em liberdade aos quatro illustres captivos.

Eu, meus filhos, tenho mais cuidado no tratamento que é devido aos meus criados, e a outros que se dizem meus inferiores dos que no dos meus iguaes, só para que elles não suspeitem que nutro o baixo sentimento de fazer-lhes ver a differença que a fortuna tem feito, talvez injustamente, entre nós.

A gente moça não pensa n'isto, e imagina falsamente, que umas maneiras imperiosas, e um tom aspero de autoridade e dècisão, são signaes de vivacidade e de animo esforçado.

A desattenção é sempre contemplada, posto que muitas veses injustamente, como effeito do orgulho e despreso, e o que assim pensa nunca a perdoa.

Os jovens, acostumados a tratar com pessoas de alta jerarchia, contemplam as outras classes como indignas da sua attenção e dos respeitos da urbanidade: dirigem assiduamente todas suas attenções ás personagens mais distinctas, aos ministros, aos sabios, ás formosas damas, ao passo que offendem com seu ar desdenhoso a todas as mais, com o que grangeam milhares de inimigos de ambos os sexos.

Confesso que é muitas vezes desagradavel o pagar o devido tributo de attenção a homens estupidos e pezados, e muito mais ás velhas feias e falladoras; porêm este é o preço mais baixo por que se vende a popularidade e o applauso geral, os quaes são dignos de comprar-se ainda quando fossem mais caros.

Sêde pois attentos e cortezes com todas as pessoas, e se não poderdes ganhar a sua boa vontade conseguireis ao menos uma neutralidade parcial.

A timidez ou o pejo priva os jovens de muitos amigos, e lhes attrahe inimigos, quando tem vergonha de fazer o que conhecem ser bom, pelo receio de que d'elles se ria alguma senhora leviana ou alguma farçola.

Fazei promptamente, sem temor nem vergonha, o que a razão vos dictar, ou aquillo que virdes praticar a pessoas de mais experiencia que a vossa, e que sejam bem conhecidas por seu juiso, e bôa criação.

Sem embargo de tudo isto, dir-me-heis talvez que é impossivel agradar a todos. Convenho; porêm não se segue d'aqui que não devâmos esforçar-nos por agradar ao maior numero que podermos.

Tambem é certo que apenas haverá um homem que não tenha inimigos; porêm o que menos tiver será o mais forte; subirá ao ponto mais alto com menos invejas, e, se cahir, será lamentado na sua queda.

Cumprimentos.

Observai, meus filhos, o modo com que um homem de bôa educação dá os embóras, ou pezame a seus superiores, a seus iguaes, e a seus inferiores: observai o seu semblante, o tom da sua voz; porque tudo concorre para o ponto principal de agradar.

Vêde com que vivacidade, com que ardor e alegria em todo seu rosto se apresenta a um noivo, e abraçando ou apertando-lhe a mão, talvez lhe diz: "Se V. Sa. faz justiça á amizade, que lhe dedico, julgará da alegria que sinto n'esta occasião melhor do que posso expressar-lh'a, &a." A outro que está afflicto dirige-se-lhe lentamente, com passo grave, e com voz muito mais baixa, talvez lhe diz:

"Espero que V. Sa. fará a justiça de acreditar que sinto o que V. Sa. sente, e que sempre tomarei interesse em tudo aquillo que lhe diz respeito, &a."

Trazei sempre á memoria aquelle proverbio que diz: "Aonde fores, faze como vires fazer." Quero dizer n'isto que se alguma vez fordes a algum paiz estrangeiro, vos sujeiteis aos usos e costumes d'esse paiz; para o que é bom que, alêm de instruir-vos no idioma que n'elle se fallar, vos

provais d'algum livro que vos instrua á cerca do que deveis praticar a fim de não commetterdes certas faltas que a vossa ignorancia não saberia evitar, expondo-vos em consequencia ao riso da gente, como homens de pouco conhecimento do mundo.

A boa educação não permitte que se despresem, estando em paiz estrangeiro, aquelles usos, costumes e trajos que não são conformes aos nossos.

Da Pronunciação ao tempo de fallar.

Quem deseja adquirir uma pronuncia agradavel deve lêr todos os dias em alta voz um pedaço a um amigo entendido, supplicando-lhe que o interrompa e corrija quando fôr demasiadamente apressado, quando não marcar os diversos periodos e membros de cada um, ou não pronunciar com a clareza devida. Na falta d'um amigo, ou d'outra pessoa, que corrija será bom que leia para si, porêm em alta voz accommodando a pronuncia ao seu proprio ouvido, e variando aquella conforme o assumpto, para evitar certa toadilha enjoativa e monótona, mui propria para conciliar o somno a quantos estiverem ouvindo a leitura.

Ha mister abrir os dentes para ler ou fallar, articulando cada uma das palavras com clareza, o que não pode fazer-se sem se pronunciar a ultima letra.

Com este exercicio diario adquire-se em pouco tempo muito desembaraço e graça na leitura.

Não são tambem para desprezar-se a voz e o modo de fallar: algumas pessoas ha que quazi fecham de todo a bôcca quando fallam; e rosnam, sem que se lhes entenda palavra: outras ha que correm pela posta, como uns correpios, cospem na cara do individuo com quem estão fallando, e nada igualmente se lhes entende: outras gritam, como se fossem surdos aquelles que os estão escutando: e outras abaixam tanto a voz que nada se lhes ouve. Todos estes habitos são grosseiros e desagradeveis: por cuja razão devem ser evitados.

Tenho visto pessoas de muito talento mal acolhidas por faltarem a estas bagatellas, ao passo que outras de muito pouco talento eram muito bem recebidas, porque as observavam.

Expressões Vulgares.

A vulgaridade na linguagem é signal carateristico de má educação, e de familiaridade com gente ordinaria.

Expressões proverbiaes, e ditos communs são flores de Rhetorica usadas pelo homem vulgar: tem de mais d'isto uma palavra mimosa, que a cada passo prodigaliza, com o que cansa e rala os ouvidos dos que estão a seu lado. Na sua mesma pronunciação dá a conhecer a gente cuja sociedade frequenta: estropêa as palavras; pois diz Supertinente de Policia, alumiar, agrumentar, praceiro, sistí, &a.; em logar de Superintendente de Policia, nomear, argumentar, parceiro, assistir, &a.

Um homem delicado não se serve de proverbios e aforismos vulgares; não emprega a cada passo palavras mimosas nem outras indecentes e grosseiras: antes sim falla correcta e grammaticalmente, e pronuncia como deve ser, isto é, conforme o fazem as pessoas mais instruidas e mais bem educadas. De tudo isto costuma resultar, quando menos, que algum faceto marca a um homem com uma alcunha, que o acompanha mais tenazmente do que o seu proprio appellido.

Alcunhas.

Não ha cousa que deva temer com mais rasão um joven, quando se apresenta pela primeira vez no mundo, e que deva evitar com maior cuidado, do que a imposição d'uma alcunha que o ridiculise.

Se a alcunha envolve alguma graça maliciosa ou picante fica sendo mais permanente do que o seu proprio appellido, de maneira que nem as sombras da morte chegam a apagar-lh'a. O que dá occasião a impôr-se uma alcunha a alguem entre pessoas de boa criação costumam ser em geral certos pequenos defeitos no modo de apresentar-se, de saudar, de fallar, de andar, de vestir, &a.

Os defeitos corporaes nunca devem ser objecto de zombaria de ninguem.

Não sejais, meus filhos, do numero d'esses que se entretêm nos ajuntamentos em pôr alcunhas, pois uns taes são desprezados ainda dos mesmos a quem fazem rir.

Aconselho-vos tambem, que nunca publiqueis as fraquezas e achaques dos outros, com o expresso designio de divertirdes uma sociedade: o homem de bem trata antes de occultar as desgraças e fraquezas alheias do que de apregoal as para despertar o riso. Os que tem graça no dizer, devem agradar e não damnificar: podem brilhar como o sol nas zonas temperadas sem queimar.

Muitas cousas são necessarias para qualquer se apresentar no meio da gente e parecer bem. Vós, meus filhos, as ireis aprendendo insensivelmente, se tiverdes cuidado de lêr de quando em quando todas as regras da urbanidade, de que vos tenho tratado; e tambem se, além de as lêrdes, observardes como se comportam as pessoas bem educadas.

REFLECÇÃO.

Tenho-vos dito assás para que sejais bons virtuosos, e cortezes, se quizerdes aproveitar-vos dos bons conselhos.

A redundancia demasiada á cerca d'estas materias costuma prejudicar muitas vezes: poucos gostam d'um sermão extenso: por grandes bellezas que tenha uma ópera, logo que é comprida, cança a generalidade dos ouvintes. Quanto mais não deve cançar uma serie de conselhos não sustentados pelos encantos d'uma musica agradavel, nem pela eloquencia

e profundidade d'um Cicero, ou d'um Pythagoras! Resta-me fallar-vos á cerca do modo de ir para a cama, ou de deitar-vos, o que farei em breves palavras.

Do Tempo e do modo de ir tomar o descanço na camą.

Tenho-vos dado pouco mais ou menos todas as regras de urbanidade que podem pôr-se em pratica no curso do dia: nos mais casos, que vos occorrerem, e de que vos não tenha fallado, imitai as pessoas, que a uma probidade a toda a prova sabem unir a verdadeira cortezania, que tem por fim principal o agradar.

Quanto á hora de deitar-vos, se fordes senhores de fazel-o quando melhor vos pareça, aconselho-vos, que o não façais depois da meia-noite.

Já vos tenho fallado em outra occasião das vantagens que comsigo traz o madrugar, tanto para a saude, como para o melhor desempenho dos negocios.

Para madrugar é preciso deitar cedo.

Antes de ir para a cama, um filho bem educado deve dar as boas noites, e beijar a mão a seus pais, e saudar as pessoas presentes.

.Não deve metter-se na cama sem ter dado graças a Deos por todos os beneficios recebidos durante aquelle dia.

No modo de despir-se deve haver a mesma decencia que no vestir.

Os vestidos devem pôr-se com certa ordem em logar determinado, de maneira que seja facil o achal-os de manhã ou de noite se houver precisão de sahir da cama: a ordem é cousa utilissima, e economisa muito tempo.

Antes de adormecerdes, occupai-vos por alguns momentos em trazer á lembrança as vossas acções d'aquelle dia: vêde, se tendes feito alguma cousa util, se haveis cumprido os vossos deveres; e promettei ser melhores no dia seguinte, se não estais satisfeitos com o modo por que empregastes o tempo que acaba de passar.

REFLECÇÃO.

"Quão pouco reflectimos sobre o uso e valor do tempo!" E' certo que esta phrase anda na boca de todos; porêm poucos são os que d'ella tiram proveito. Os moços pensam, que lhes sobeja o tempo para dissipal-o em futilidades.

O tempo é precioso, a vida é curta; por conseguinte não deveria perder-se um momento.

Os que reflectem sabem isto muito bem, e põem a somma total do tempo a juro, ou a gastam no prazer; quero dizer, nunca estão ociosos, mas continuamente occupados no estudo, no trabalho, ou em honestos divertimentos.

E' tão sabido como certo o adagio: "A ociosidade é a mãi do vicio." "A preguiça é a herança dos nescios," e que "nada ha tão despresivel como um preguiçoso."

Catão, o Censor, sabio e virtuoso Romano, costumava dizer que só de tres acções da sua vida estava arrependido: era a primeira ter revelado um segredo a sua mulher, a segunda ter ido uma vez por mar, podendo ter ido por terra, e a terceira ter passado um dia inteiro sem ter feito cousa alguma.

Pensai, que o tempo foge para nunca mais voltar, e que as horas perdidas são outras tantas de menos na marcha da vossa existéncia.

Esta reflecção é terrivel; e se todos a tivessemos fixa na memoria seriamos mais avaros do tempo.

CAPITULO XIV.

Observações geraes á cerca do estylo epistolar.

Simples e conciso em suas expressões deve ser quem familiarmente escreve.

Os que para exprimirem cousas triviaes empregam termos pomposos tornam-se ridiculos, e são avaliados pelos intelligentes, almas que, nada sentindo, forcejam por encobrir com phrases o esteril de suas idéas.

Expressa-te como em conversa e escreve o que realmente disseras ante o sujeito, a quem diriges tua carta.

Attenta depois nas pessoas, e trata-as com mais ou menos familiaridade, mais ou menos respeito, segundo o grão em que se acham, e desempenharás teu dever quanto ao estylo.

Ceremonial.

Certos usos existem, quiçá insignificantes, mas indispensaveis a quem não quer offender a pessoa com quem trata.

Consiste pois o ceremonial das cartas em certas formulas quasi unanimemente adoptadas, e que significam maior ou menor attenção á pessoa a qual se escreve. A vaidade, alimento d'espiritos mesquinhos, tornou assumpto importante o ceremonial. Assim, bem que qualquer sujeito tenha isso em pouco, deve adoptal-o para os outros.

Aconselho aos que querem tratar com gente que n'esse ponto sejam mais profusos que parcos.

Sobeja polidez não prejudica, porêm uma falta, um esquecimento basta para indispôr a pessoa a quem se escreve. Não passe tua humildade á baixeza, mas nada omittas do que te releva para agradares.

Papel das cartas

O formato quarto é o que commumente se adopta para ellas. Sempre devemos deixar folha dobrada, salvo quando escrevermos á pessoa, com a qual temos familiaridade summa, ou nos é inferior.

Descortezia fôra cortar a folha quando escrevermos á pessoa respeitavel.

Data.

Contêm a data: o sitio d'onde a carta é escripta, o dia, mez, e anno. Antigamente punha-se no fim d'ella á mão esquerda, mas agora põe-se no começo. Quando se escreve um bilhete, que ha de ser entregue no mesmo dia, só a hora se põe em que foi escripto.

Inscripção ou Qualificação.

O titulo que se dá aos sujeitos a quem se escreve e se põe no principio da carta, chama-se inscripção. Ella varía segundo a qualidade das pessoas.

Quando, nas regras e observações geraes á cerca do estylo epistolar, ponderámos que era necessario attender á qualidade e catagoria da pessoa a quem se escreve, dissemol-o: porque o estylo deve ser adequado aos predicados d'essas pessoas. Agora, porêm, que vamos enumerar succintamente quaes os tractamentos devidos ás differentes jerarchias, que constituem a sociedade, (alguns dos quaes sómente se acham estabelecidos pelo uso geral que d'elles se faz) cabe-nos o recommendar a maior circumspecção no emprego d'esses tractamentos, para que de similhante falta não nasça algum pique ou resentimento.

Assim é que quando a carta ou requerimento for feito

Ao Papa, pôr-se-ha no alto	Santissimo Padre.
Ao Rei	Senhor.
A' Rainha	Senhora.
Ao Principe, Princeza, Infante ou Infanta *	Serenissimo Senhor, ou Serenissima Senhora.
Ao Patriarcha	Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor.
Aos Bispos, Arcebispos, e Principaes da Sé	Excellentissimo e Reverendissimo Senhor.
Ao Vigario Geral	O mesmo
Ao Esmoler-mór	O mesmo
Aos Monsenhores	Illmo. e Reverendissimo Senhor.

*—Não é erro escrever Infante ou Infanta, porque temos boas auctoridades, tanto para uma como para outra palavra.

Aos Barões, Condes, Marquezes e Duques	Illmo. e Excellentissimo Senhor.
Aos Pares do Reino	„ „
Aos Conselheiros d'Estado	„ „
Ao Presidente do tribunal da Relação	„ „
Ao Procurador geral da Corôa	„ „
Ao Procurador Regio	„ „
Ao Procurador Geral da Fazenda..	„ „
Aos Administradores Geraes dos Districtos do Reino	„ „
Ao Presidente da Camara dos Deputados	„ „
Ao Presidente da Camara Municipal	„ „
Ao Presidente da Junta do Credito Publico	„ „
Aos Brigadeiros, Marechaes de Campo, Tenentes Generaes, Marechaes do Exercito	„ „
Aos Chefes de Divisão, Chefes de Esquadra, Vice Almirantes e Almirantes	„ „

A todos os mais individuos, que occupam uma posição decente na sociedade, é costume por-se no alto da carta, Illmo. Senhor, e dar-se-lhes o tratamento de Senhoria. O Vossa Mercê sôa tão mal hoje no ouvido, que se o empregáramos escrevendo mesmo a pessoas a quem não competisse outro tratamento, esta incuria affectaria a susceptibilidade de muitos, ou ao menos, a hilaridade de todos.

A's senhoras competem os respectivos tractamentos de seus pais maridos, &a. e sempre Dona: no entanto é moda dar-se Exellencia a todas mui particularmente nos bailes e saráos.

Aquelle, que infringisse hoje este requintado preceito d'urbanidade, passaria por grosseiro e descortez.

Quando a pessoa a quem escrevermos fôr de consideração e respeito, devemos pôr, bem no alto da carta, o tratamento que lhe tocar, e depois começar a primeira regra a dois terços, pouco mais ou menos, da altura do papel.

Nas correspondencias familiares não se exige esta formalidade.

Deixa-se entre a qualificação e o principio da carta um intervallo maior ou menor, conforme o respeito devido á pessoa a quem se escreve.

Tambem se deixa debaixo da mesma pagina, um espaço de dous ou tres dedos; e no reverso d'ella começa-se na mesma altura em que se poz o titulo: Senhor ou Senhora.

Corpo da carta.

Seria grande incivilidade, especialmente em uma carta de ceremonia, usar de breves, raspar palavras, ou pôr entrelinhas.

A polidez tambem exige que se deixe á esquerda do papel uma margem larga em branco.

Todavia nas cartas familiares, ou de egual para egual, é dispensavel esta formalidade.

No corpo da carta deve usar-se, sem affectação do titulo ou tratamento devido á pessoa a quem se escreve.

Assim é que diremos:

Ao Papa ....Vossa Santidade.
Ao Rei e á Rainha ....Vossa Magestade.
Aos Principes e Infantes ....Vossa Alteza.
Ao Patriarca ....Vossa Eminencia.
Aos Bispos, Arcebispos, Fidalgos, Titulares, Pares do Reino, &a. } Vossa Excellencia.
A's mais pessoas, como atraz deixo dito....V. Senhoria.

Se por acaso fôr necessario encher a terceira pagina da carta, reservar-se-ha um pequeno espaço, em branco, de ambos os lados, para a obreia ou lacre, afim de que, ao abrir-se a carta, se não inutilisem algumas palavras.

Nas cartas de formalidade e ceremonia devem evitar-se as interrogações; mas se as fizermos será sempre d'um modo respeitoso.

E' necessario evitar cuidadosamente certas palavras com que principiam algumas cartas, v. g.—Tomo a penna para escrever a V. Mce.—Tenho o gosto de escrever-lhe estas quatro linhas, &a., &a. Evitem-se repetições quando se responde a uma ou muitas cartas, todavia pode recordar-se a data, mórmente em cartas de negocios, onde ella é indispensavel.

Convêm que o estylo seja egual n'uma carta, menos que a pessoa que escreve seja dotada de engenho tal que possa passar d'um estylo a outro, sem incorrer nota de atrevido.

Nunca esqueças, torno a repetil-o, a qualidade da pessoa a quem escreves. Não tomes tom jocoso com quem está de luto, nem uses familiares expressões com superiores, ou com os que te não dão confiança.

Pallía tambem a fraqueza dos que presumem muito de si, mas não rojes.

Quando o assumpto da carta se alonga demasiado devem deixar-se, ao menos, duas linhas para a pagina seguinte.

Conclusão das cartas.

Como são muitas e variadas as maneiras de rematar uma carta, transcrevemos aqui, para maior facilidade, as formulas mais usadas, em cujo

emprego (escusado seria repetil-o) devemos sempre ter em vista quaes as relações que temos com a pessoa a quem nos dirigimos.

A's pessoas de grande consideração, diremos:

Sou, com o mais profundo respeito,

Illmo. e Exmo. Sr. (o nome.)

De V. Excellencia
Attento venerador e criado.

Digne-se V. Exa. receber benignamente as protestações de consideração e respeito de quem tem a honra de ser

Illmo. e Exmo. Sr. (o nome.)

De V. Excellencia
Subdito fiel e respeitoso.

Mas tambem podemos concluir, sem repetir o nome, dizendo:

Sou com todo o respeito e acatamento

De V. Senhoria attento venerador.

Aproveito esta occasião para repetir mais uma vez, que sou

De V. Excellencia
O mais attento venerador.

Tenho a honra de confessar, que sou

De V. Excellencia
Muito venerador e criado.

Sou com toda a consideração,

De V. Senhoria
Respeitoso admirador e affectuoso criado.

Espero que V. Exa. não duvidará nunca da consideração e respeito com que sou

De V. Excellencia
Muito humilde criado.

Digne-se V. Excellencia receber os respeitosos cumprimentos de quem tem a honra de assignar-se,

De V. Excellencia &a.

Recebe V. Senhoria, com a sincera expressão do meu reconhecimento, as protestações de respeito e acatamento com que sou

De V. Senhoria, &a.

Sou com a mais alta consideração,

De V. Excellencia, &a.

Nas correspondencias familiares usaremos das seguintes formulas:
Acredita que sou e serei eternamente

Teu amigo de coração.

Adeos, meu caro: conta sempre com a sincera amisade e verdadeira estima do

Teu fiel amigo.

Recebe, com as expressões d'amizade, que te envio, mil saudades d'este

Teu amigo sincero e grato.

Acredita que será eterna a gratidão deste

Teu amigo, &a.

Podes ficar certo, que a minha amizade nunca terá quebra, e que sou e serei sempre

Teu amigo, &a.

Para se empregar com acerto qualquer d'estas formulas diremos: que a palavra reconhecimento é a mais propria quando se escreve a um bemfeitor; que aos superiores devemos respeito; reverencia aos paes e aos mestres, e consideração áquelles, que gosam da estima publica pelas suas virtudes e relevantes serviços.

Os pais, escrevendo aos filhos, acabam ordinariamente dizendo:

Teu pai e bem sincero amigo.
Teu pai e unico amigo.
Teu pai muito extremoso.
Ou, Tua mäi, &a.,

Os filhos, porêm deverão usar de formulas respeitosas como por exemplo:

D'este seu filho muito obediente e respeitoso.

Sou com a mais profunda veneração, meu querido pai (ou mäi), seu filho (ou filha) muito affectuoso (ou affectuosa).

Nas cartas, que forem dirigidas a pessoas de respeito e consideração, nunca se accrescentarão postscriptos.

Como nas correspondencias das confrarias e associações se costuma usar das mesmas formulas que nas publicas ou officiaes, diremos qual é a praxe seguida n'estas, afim de se poder empregar quando for necessario.

No alto do officio põe-se o tratamento devido á pessoa; por exemplo:

Illmo. Exmo. Sr.;

E no fim escreve-se em regra separada:

Deos Guarde a V.... (Segue-se a data):

Logo em seguimento, n'outra linha, começando da extrema esquerda do papel, pôr-se-ha:

Illmo. e Exmo. Sr. (o nome ou titulo); e bem no fim do papel a assignatura.

N. B. E' signal de respeito pôr n'uma só regra todo o nome da pessoa a quem se officia, bem como deixar um grande espaço entre este e a assignatura.

Das assignaturas.

O mesmo que deixo dito sobre a collocação das assignaturas nos officios se deve applicar ás cartas particulares; mas como, ainda mal a experiencia tenha mostrado, se podem seguir graves prejuisos de deixar um grande espaço entre a assignatura e o fim da carta, deveremos obrar em tal caso, com circumspecção.

Do modo de fechar e lacrar as cartas.

Uma carta, depois de dobrada, deve formar um quadrilongo. Quando for de ceremonia ou para pessoa de consideração metter-se-ha dentro de sobrescripto separado.

Os requerimentos e memoriaes dobram-se em quatro partes eguaes.

As cartas fecham-se com obrêa ou lacre: o lacre é mais seguro e indica, alêm d'isto, mais respeito.

Quando nos servirmos do lacre empregaremos sómente a quantidade necessaria para gravar o sinete.

A obrêa ou lacre preto só se usa quando nós ou a pessoa a quem escrevemos está de luto.

Sobrescripto ou endereço.

Contêm o sobrescripto o nome da pessoa á qual escrevemós, sua morada e algumas vezes sua profissão.

Se escrevemos para uma cidade ou villa cumpre designarmos a rua e o numero da casa; mas se a carta se dirige a logar pouco conhecido ou fóra de caminho, basta indicar o correio onde hade ser lançada.

Se o individuo a quem endereçarmos uma carta tiver algum emprego ou dignidade, dever-se-ha designar, em linha separada, logo depois do nome, esse emprego ou dignidade.

Quando porêm a correspondencia for por mão d'um criado ou pessoa particular, e para a mesma terra em que residimos, então bastará pôr no sobrescripto, tendo sempre em vista o que dissemos no § antecedente:

Illmo. Sr. ou Illmo. Exmo. Sr. Fulano....
e em baixo
S. C. ou C. de V. Exa. De...(o nome por extenso se a pessoa for de respeito e só appellido se nos for familiar.)

As letras S. C.—sua casa—ou—casa de Vossa Excellencia—omittem-nas algumas pessoas nos sobrescriptos; é no entanto uma prova d'urbanidade e cortesania pôl-as á esquerda da data.

Se o individuo, porêm, que as levar não for nosso criado, n'esse caso deverão pôr-se no canto esquerdo as seguintes letras: P. E. F.—ou tão sómente,—P. F., que querem dizer, por especial favor, ou por favor.

Tambem é uso geral pôr tres, *et cæteras* depois do nome da pessoa a quem a carta é dirigida; mas como o fim para que isto se faz seja, segundo parece, o de enfeitar o sobrescripto, não é d'absoluta necessidade o pratical-o assim.

Resta-nos exemplificar, com alguns modelos o modo por que se fazem os sobrescriptos para as pessoas de primeira distincção: assim é que, se se escrever ao Rei, pôr-se-ha:

A Sua Majestade
El-Rei ou Rainha.

Ao filho mais velho do rei:

A Sua Alteza Real
O Principe Real.

Aos Infantes ou Infantas:

A Sua Alteza Real
A Serenissima Senhora Infanta D. (o nome)
ou
O Serenissimo Senhor Infante D. (o nome).

Ao Patriarcha:

Ao Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarcha de Lisboa, Capellão-Mór de sua Magestade, Conselheiro d'Estado e Par do Reino.

Aos Fidalgos titulares:

Illmo. e Exmo. Sr. Duque, Marquez, ou Conde de ....

Remataremos dizendo, que os tratamentos de Illustrissimo, Excellentissimo, &a., se podem pôr, e geralmente se pöem sempre em breve.

Franqueio ou Porte-pago das cartas.

Antigamente seria grande impolitica franquear cartas, salvo para pessoas pobres, ou para paizes estranhos; hoje que as estampilhas de correio estão em uso em quasi todas as nações civilisadas, grande impolitica seria não as franquear, havendo alêm d'isso o risco de não chegarem ao seu destino.

Observações sobre differentes especies de cartas.

O homem foi creado para viver em sociedade, e não póde viver n'este estado sem certas relações e deveres para com os seus similhantes.

Estas relações e deveres é que constituem o commercio social; e este commercio, que muitas vezes se alimenta por meio das communicações epistolares, necessariamente deve offerecer, para essas communicações, tantos objectos differentes, quantas são as situações em que nos achamos em relação aos outros homens.

Eis-aqui pois a rasão por que são tão variados os assumptos sobre que versam as cartas; comtudo sem nos demorarmos em enumeral-os, passaremos a tratar das observações de cada especie em particular.

Observações sobre cartas de conselho e exhortatorias.

O fim d'estas cartas é procurarmos persuadir a pessoa a quem escrevermos a que faça o que deve fazer, o que é justo e digno de louvor. Para isso ou empregamos razões, ou nos servimos d'estimulos com o fim de lhe mover os affectos e excitar a emulação.

Os meios mais efficazes para o conseguirmos são os seguintes:

Mostrar a prestancia e utilidade da acção que propomos; elogiando ao mesmo tempo, mas com delicadeza, os dotes d'espirito do individuo a quem nos dirigimos.

Fazer-lhe ver a honra e gloria, que lhe cabe, se a pozer por obra; ou vice-versa, os desgostos e pesar que lhe podem provir da falta de execução d'aquillo que se lhe aconselha.

Indicar-lhe o prazer e insolencia com que os seus inimigos aguardam que mude de proposito, bem como as vantagens que podem resultar aos seus amigos e á patria se o levar ao cabo.

Apontar-lhe os exemplos d'estranhos; e melhor ainda, os de conterraneos, parentes, ou emulos.

Finalmente servirmo-nos d'instancias e supplicas affectuosas.

Todavia, como ha individuos de genio naturalmente tão agastadiço, que regeitariam qualquer conselho, só pela desconfiança de serem dominados por outrem; devemos sempre adoçar as nossas exhortações, fazendo vêr á pessoa a quem escrevemos, que, se a aconselhamos é por pura amisade, pelo puro desejo que temos de que a sua reputação não soffra quebra, e não por julgarmos que precisa de advertencias.

Observações sobre cartas para o dia de annos.

Duas cousas devemos ter presentes quando escrevemos cartas: a classe das pessoas a quem as dirigimos e o que somos relativamente a taes pessoas, a fim de pautarmos nosso estylo sobre essas reciprocas relações.

Devem ser agradaveis e graciosas as cartas que se endereçam a amigos ou sujeitos d'igual qualidade, relativas a felicitações á cerca d'alguma festa ou d'um dia de annos.

Seu principal caracter deve ser talento e delicadeza. Se sabemos compôr alguns versos podemos com elles adornal-as.

Nem devemos esquecer outro sim manifestar expressiva amizade, por quanto este sentimento é mais apreciavel que a ingenhosa elegancia dos conceitos.

Quando dirigimos cartas a superiores, devemos attentar em que ellas manifestem submissão e respeito: então não é gosto, sim obrigação escrever. Nunca isto esqueçamos.

Observações sobre cartas para começo e fim do anno.

Costume antigo, estabelecido na sociedade, obriga a todos a felicitar-se mutuamente por pascua e anno novo.

N'essa epoca todos se visitam, e se desejam felicidades:

Quando se acha ausente a pessoa a quem devemos comprimentar, convêm escrever-lhe.

As cartas d'esta especie são custosas de compôr, pois nada mais contêm que molhos de palavras e floreios d'estylo, com sufficientes regras para comporem uma carta. As mais vasias de sentido são as que geralmente s'endereçam a superiores ou à pessoas que apreciam em muito essas cousas. As que aos amigos se escrevem não são tão difficeis.

Quando nada occorre a dizer, devemos ater-nos a cousas geraes: v. g., que o tempo passa e não volta, que só consolida nossa amizade e respeito, etc.; e podemos concluir, desejando mil felicidades aos individuos a quem escrevemos.

Após o que, fechada a carta e lançada no correio, desempenhámos essa indispensavel obrigação.

Observações sobre cartas de felicitações.

A amizade, a politica e o agradecimento dictam as cartas de parabens. Alegramo-nos com nossos amigos, tomando parte em seus augmentos: e congratúlamos a nossos iguaes ou protectores, para não sermos tachados d'ingratos e invejosos.

Faceis são as primeiras d'essas cartas, pois basta escrevermos o que sentimos. As segundas requerem mais algum trabalho, pois que não é tão facil mostrar a um protector, por exemplo, o que sentimos, ou que pede a civilidade devemos mostrar sentir a seu respeito. Cumpre n'esse caso recorrer a generalidades. Commumente as pessoas que protegem, exigem menos sinceridade nos sentimentos, que exactidão nas homenagens que lhes tributamos. Alguma alegria ou jocosidade não incommoda n'uma carta de felicitações, pelo contrario minora o enojo inseparavel sempre dos cumprimentos. E' grande defeito a extensão n'esse genero de cartas, pois devemos suppôr não ser os unicos que comprimentamos a mesma pessoa. Indispensavel é pois deixar-lhe o tempo necessario para lêr, e responder ao que outras lhe dirigem.

Por outra parte estas cartas d'etiqueta são enfadosissimas até para aquelles a quem se escrevem.

Observações sobre cartas de pezame ou dó.

Estas cartas tem por objecto manifestar a parte que tomamos na perda que as motiva. Algumas reflecções religiosas convêm-lhes. A grande idéa do Ente-Supremo minora, em certo modo, tudo quanto na vida nos parece mais importante e nos alenta a esperar que a nossa separação da pessoa que choramos não será eterna. Podemos louvar a pessoa que dá motivo ao luto, quando escrevermos a quem muito lhe era affecto; mas um tal assumpto requer muita delicadeza, e vale mais sermos então laconicos que prolixos.

Observações sobre cartas de reconvenções.

Pede este genero de cartas summa prudencia e moderação. Quem demasiado se entrega á viveza de seu caracter ou resentimento pode de tal modo irritar as pessoas de quem se queixa, que nunca mais com ellas se reconcilie.

As palavras na conversa voam rapidas, quasi sempre se esquecem facilmente, e pessoas que mutuamente se encolerisáram, separam-se amigas. Mas um escripto fere e dura mais: lê-se, relê-se, medita-se, e de tal sorte se interpreta as mais das vezes que assanha o golpe recebido.

Antes pois de escrever reflexiona, e deixa, se for possivel, para o dia seguinte a resposta.

Outra consideração deve empenhar-nos a ser moderados, e é que quando alguem toma a liberdade de dizer tudo o que sente, dá direito a que d'igual modo lhe respondam.

Ha genero de reconvenções, que não requer tanta prudencia, e são as que se dirigem a um amigo, quando elle parece haver-nos esquecido, ou não escreve, temendo importunar-nos. Aqui releva termos graça, e darmos ás expressões certo toque de sensibilidade. As verdades, que em tal caso dissermos, sejam em estylo faceto, porque então causam gosto a quem as recebe, e algumas vezes corrigem-no.

Observações sobre cartas de desculpa.

Determinam as circumstancias como devemos usar estas desculpas, mas sejam ellas quaes forem, não convêm manifestarmos despeito ou baixeza.

As pessoas ingenuas e francas facilmente confessam os erros comettidos, mas pessoas taes são raras.

Convêm usar de summa delicadeza para com as que queremos apaziguar.

Devemos manifestar-lhes o dissabor que sentimos de havel-as offendido, e mostrar-nos dispostos a reparar nossa falta.

Se fôr leve, poderemos fazel-o em tom franco e mesmo jocoso, porêm nunca mofador, pois isso seria envenenar a ferida, que desejamos cicatrizar.

Observações sobre cartas de meninos a seus Pais ou Superiores.

Este genero de cartas deve ter por principal caracter, ternura e respeito. Quando escreveis a pais ou superiores, não deveis fallar como a amigos ou eguaes. Se a bondade dos primeiros consente algumas vezes estylo jocoso, releva usal-o com sobriedade e discrição tal, que o respeito o realce sempre.

Se quereis desculpar-vos d'algum erro ou defeito, fazei-o de modo que todos se persuadam estardes d'elle arrependidos. Em summa, melhor é que vossos corações, e não vossos espiritos vos dictem os mais bellos sentimentos. Amai e facilmente aprendereis a expressar esse amor.

Observações sobre cartas de recommendação e supplica.

Recommendar alguem é pedir para elle a protecção d'alguma pessoa, que occupa um bom emprego, e nos honra com sua amisade.

Entra ordinariamente nas cartas de recommendação o elogio da pessoa recommendada, para captar o favor do sujeito que deve patrocinal-a.

Quando se entrega a carta ao recommendado, dá-se-lhe fechada, porêm sem pegar a obreia ou mesmo sem ella, a fim de que elle possa lêr o que se diz em obsequio seu. Devemos levar cartas de recommendação quando vamos a sitio onde ninguem conhecemos.

O tom d'uma carta de supplica deve ser simples e modesto, segundo a classe do sujeito a quem se dirige, e a qualidade do supplicante. Pedir com altivez, é expôr-se a uma negativa. Cumpre fallarmos pouco de nós mesmos quando pedimos algum favor, porque isso póde offender o amor proprio de quem ha de concedel-o.

Quanto ás petições que se fazem a amigos, devem ser feitas com franqueza; é esse o principal requisito, pois o resto pertence á discrição e ingenho de quem escreve.

Observações sobre cartas de agradecimentos.

Basta n'este genero de cartas escrevermos o que sentimos. O gosto de nos vermos favorecidos suggere-nos gratos e benevolos conceitos.

Expressemos o que o coração nos dictar e cumpriremos nosso dever.

Releva, todavia, attendermos á qualidade do favorecedor. Se ella requer consideração e respeito, devem sobresahir estes requisitos em nossa carta.

Melhor é sermos prodigos de termos gratos, que avaros d'elles.

Evitemos sobre tudo frialdade e tibieza. Quem não sabe agradecer, não offenda.

Observações sobre cartas de declaração d'amor com o objecto honesto de matrimonio.

A uma senhora bem educada, que conhece as leis severas do pudor, raras vezes se permitte contestações a cartas d'esta classe. Deve sobre tudo prohibir-se este passo com um homem, cuja moral lhe não é assás notoria, porquanto muitas vezes a resposta dictada com o maior candôr e prudencia, dá ousadia a um homem, a quem as primeiras difficuldades não detêm.

Toda a reserva é pouca no proceder d'uma donzella, pois a minima leveza, da sua parte, persuade um esturdio, que tudo pode tentar, e obrará em consequencia.

Ha comtudo varias circumstancias, em que uma senhora póde responder sem comprometter-se, e sem offender as leis da honestidade.

Melhor é no entanto peccar por de menos do que por demais.

Observações sobre cartas de peditorios matrimoniaes.

Quando uma senhora recusa um partido, deve recusal-o com prudencia, e com todo o decoro e honestidade possiveis, pois do contrario, poderia tornar inimigo seu o mesmo sujeito que a buscava para casamento.

Não lhe deverá dizer, que lhe desagrada sua pessoa ou talento, ou não pode amal-o; porquanto isso além de affligil-o, offender-lhe-hia o amor proprio.

Em tudo deve luzir a urbanidade, mesmo n'uma recusa d'este genero.

Tanta delicadesa se ha mister para negar, como para pedir, e empregando-a convenientemente grangeamos a estima de todos.

Observações sobre cartas de negocios e commercios.

Cartas de negocios e commercios faceis são d'escrever: basta que digamos á pessoa a quem escrevemos, o necessario.

Elegante phraseologia é inutil em tal genero: devemos encetar a materia sem preambulos, e passar d'um a outro artigo, sem transição.

Observações sobre a differença de cartas e bilhetes.

A differença que existe entre as cartas e os bilhetes, é que estes se terminam sem cumprimentos.

São escriptos algumas vezes em meia folha de papel, a qual se dobra sem ceremonia, e até amiudo não se fecha.

Basta esta observação para indicar, que tal modo de escrever só tem logar com eguaes ou inferiores.

Com pessoas a quem devemos algum respeito, seria impolitica grosseira.

Quando se escreve algum bilhete de convite a pessoa de confiança, pode-se inserir n'elle alguma cousa agradavel para a pessoa convidada.

Quanto ao mais, haja vista ao que fica dito nas instrucções do estylo, &a.

Observações sobre requerimentos e petições.

Dirigem-se as petições aos magistrados e ás autoridades constituidas.

Antigamente o tom das ditas petições era submisso, e até orçava a baixeza: hoje basta expressar respeitoso o objecto d'ellas, e expressal-o em poucas palavras.

Estas petições escrevem-se em uma folha de papel sellado, segundo o requer o assumpto, e deixe-se-lhes larga margem para os ministros e subalternos poderem escrever n'ella suas observações.

Requerem as petições ou requerimentos estylo succinto e respeitoso, e expressões escolhidas, sem que o pareçam; pensamentos que convençam,

e conceitos que insinuem a persuasão.

O mesmo estylo e eguaes expressões não convêm em todos os casos: o bom senso deve guiar-nos e ensinar-nos a conformar o tom com o objecto, importancia e occasião.

E'-nos permittido louvar em uma supplica, mas de leve, e sobre tudo depois do pedido.

Elogiar a justiça d'um homem, quando lh'a requeremos, é em certo modo obrigal-o a que nol-a faça.

Confiar na humanidade d'um magistrado é convidal-o a tratar-nos favoravelmente, mas em geral elles só reputam estes louvores como vãos comprimentos, dos quaes com rasão pouco caso fazem.

REFLECÇÕES.

Todo o que tiver a vista expedita, e a mão direita, pode escrever conforme lhe dér na vontade; porêm ha mister advertir que é muito grande descortezia o dirigir a quem quer que seja uma carta cheia de traços indecifraveis e de borrões.

Não deve exigir-se que todos tenham boa letra; mas sim que a forma da letra seja clara, e não meras rabiscas; de modo que se não perca tempo em lêr a carta.

Algumas tenho eu visto d'uma personagem distincta, que continham assumptos da maiôr importancia e urgencia, as quaes, depois de hora e meia de trabalho penoso, não poderam ser decifradas, não obstante acharmo-nos reunidos alguns amigos para este fim. Como occorre diariamente o escreverem-se cartas, é cousa mui importante o sabel-as escrever bem.

Os descuidos em orthographia, e no estilo não são desculpaveis nos homens, e ainda nas senhoras parecem mal.

O estylo epistolar deve ser conforme ao assumpto de que se trata: por exemplo, as cartas de commercio não devem conter mais do que o necessario, com expressões e termos iguaes áquelles que se empregariam se se tratasse verbalmente o mesmo assumpto. Um filho deve escrever a seu pai singela e respeitosamente; as expressões alambicadas só servem para fazer rir. Um pai a seu filho, amigavelmente, de modo que lhe inspire confiança; excepto quando tenha que reprehendel-o: e ainda então o deve fazer misturando a firmeza com o carinho.

Uma carta de pezames não deve conter senão o que é proprio para mitigar a dôr; porêm sem nada misturar que cheire a jocoso. Uma de parabens tem por objecto o manifestar o prazer que sente a pessoa que escreve, pelas fortunas ou prosperos successos d'um amigo ou conhecido: as expressões affectuosas e amaveis assentam bem n'estas cartas. Em geral todas ellas devem ser escriptas por um modo singelo e natural, apresentando as idéas do mesmo modo que as apresentariamos se estivessemos fallando com aquelles a quem as escrevemos. Concisão e correcção devem brilhar n'ellas.

O estylo jocoso convêm sómente aos amigos intimos.

A prudencia, a quem escreve uma carta, é a primeira cousa, que deve recommendar-se.

Muitas cousas podem dizer-se na conversa, porque as palavras passam ou quando muito deixam lembrança que o tempo diminue ou apaga: não acontece o mesmo com o escripto; elle subsiste, e com a mesma força. Recente injuria conserva-se, e pode offerecer arma contra nós qualquer expressão que escorada em confiança ou amizade nos haja escapado. Quem poderá afiançar-nos que uma palavra indiscreta, por nós escripta com plena confiança, não seja depois documento que nos condemne? Bem sei que a prudencia, que aqui recommendo, tem visos de desconfiança: mas só quem desconhece o trato humano achará intempestivo este conselho.

Mais necessaria é essa prudencia em cartas de reprehensões ou reconvenções.

Nunca digais tudo o que sentis, nem vos apressureis em escrever quando estiverdes de máo humor: aguardai que o primeiro assomo da colera se vos dissipe e volva a moderação.

Jámais vos arrependereis de seguir estes meus conselhos.

Os melhores modelos de cartas, que posso recommendar-vos, são as de Cicero a Attico a seus amigos; e as de Plinio, entre os antigos.

As de Santa Thereza de Jesus, as tres cartas censorias do Bacharel Pedro Rua, as de Antonio Péres, Secretario de Filippe II, e as do Padre José Francisco Isla á sua irmã e a seu cunhado, entre os Hespanhoes.

As de Madama Sevigné entre os Francezes.

As de Lord Chesterfield, as d'um pobre negro, chamado Ignacio Sancho, escriptas haverá meio seculo a seus protectores e amigos, as do Deão Swift, as do Doutor Johnson e de outros varios, entre os Inglezes.

Nas cartas do elegantissimo Gaspar Gozzi brilham a singeleza, a clareza e o explendor d'um estylo que poucos terão chegado a egualar, e talvez nenhum a exceder.

Bellissimos modelos d'estylo epistolar são tambem entre os Italianos as cartas do celebre Annibal Caro, do Bembo, &a.

São finalmente dignas de ser lidas em Portuguez, entre outras, as do Bispo D. Jeronimo Osorio, e as do mellifluo Padre Antonio Vieira, &a.

E' necessario observar as ceremonias e etiquetas do estylo, quero dizer, o papel de que se deve uzar, a margem que n'elle deve deixar-se, o logar da data, da assignatura, e da anti-assignatura; o modo de dobrar a carta, de fechal-a, de pôr-lhe o sobrescripto, &a. como já vos tenho explicado atraz.

Se ao tempo de escrever a carta, ou o sobrescripto, lhe cahir algum borrão, ou qualquer outra nodoa, deveis escrever outra; e se para isso não houver tempo, é absolutamente indispensavel o pedir perdão por envial-a em tal estado.

Todas estas miudezas, como diariamente acontecem, e podem agradar, ou desagradar, merecem alguma consideração: quem d'ellas não faz caso é

justamente notado de faltar ao respeito que deve aos outros, e por conseguinte não deve estranhar que lh'o não guardem.

Fallai em vossas cartas como se estivesseis ante a pessoa a quem quereis escrever; isto é, não façais ou recuseis cousa alguma por escripto de que fallando vos pejareis.

E' maxima pessima d'alguns o dizerem que papel não se envergonha.

CAPITULO XV.

D'algumas cartas moraes d'um pai a seus filhos.

CARTA PRIMEIRA.

Sobre os meios de adquirir a estimação e approvação dos homens.

Meus caros filhos, o caminho mais breve, e o mais infallivel para uma pessoa se conformar com o gosto dos homens, consiste em renunciar ás suas proprias inclinações, e cingir-se ás dos outros, e aos seus genios. Esta especie de filosofia não se adquire sem grande trabalho e sem um grande desejo de agradar; mas é bom que cada um por si mesmo contribua para esse fim, porque todos dependemos uns dos outros no commercio da vida civil.

Não espereis encontrar homens que tenham todas as perfeições sem o desconto de algum defeito. Não ha homem tão completo que não tenha desegualdades, extravagancias e fraquezas; mas em fim podem-se dominar todos os genios por meio da paciencia, e dos esforços que se costumam fazer para reprimir os impedimentos das paixões.

Se não podeis ser perfeito em tudo, pelo menos occultai de tal modo as vossas faltas, que a ninguem causem o menor detrimento, e que ainda não as cheguem a penetrar.

Consultai, ouvi com docilidade as pessoas illustradas, para vos aproveitardes dos seus conselhos.

Um homem attento ao seu dever está sempre álerta, receando que o publico éntre a censurar algumas das suas acções menos consideradas.

Lembrai-vos de tudo aquillo que pode contribuir para que ninguem chegue a denegrir a vossa reputação. Mas se vos vituperarem injustamente, socegai, porque as pessoas discretas vos farão sempre justiça.

CARTA SEGUNDA.

Podem-se adquirir todas as virtudes empregando com gosto o trabalho necessario para alcançal-as.

Meus caros filhos, as virtudes de que vos fallei na minha primeira carta, não são sempre os effeitos ou as apparencias d'um feliz temperamento;

mas em fim podem-se alcançar com o soccorro da arte e do habito, e principalmente com o commercio das pessoas virtuosas a quem se deseja agradar.

Os homens mais imperfeitos e menos polidos podem perder uma certa rusticidade e grosseria nascida com elles. Socrates, fallando de si mesmo, confessava ingenuamente que tinha nascido com muitas más qualidades, e que se se deixasse entregar ao seu temperamento e á sua inclinação seria um pessimo homem.

Comtudo o mesmo Socrates curou-se tão perfeitamente das suas más inclinações com o soccorro do estudo da Filosofia Moral, que foi declarado pelo Oraculo o mais homem de bem de toda a Grecia. Poucas pessoas se applicam a conhecer-se a si mesmas, como fazia este Filosofo. O amor proprio obra n'ellas dois máos effeitos; diminue a idéa dos seus defeitos, fazendo-os quasi imperceptiveis, e ao mesmo tempo engrandece na sua imaginação a idéa do seu merecimento, e das suas boas qualidades naturaes, que na realidade tem; de sorte que não se conhecendo taes como effectivamente são, e persuadidos de ter um merecimento raro, absolutamente não trabalham por chegar ao gráo de perfeição conveniente a um homem de bem. Comtudo não ha cousa tão lisonjeira, e tão digna de ser desejada, como esta qualidade de se conhecer cada um tal qual é: só este titulo é superior a todos aquelles que podem dar o favor, as riquezas e a fortuna.

CARTA TERCEIRA.

Sobre o caracter e qualidades especificas d'um homem de bem.

Meus caros filhos, alegro-me de que tenhais tão grande empenho de saber precisamente em que consiste o perfeito homem de bem; e isto me faz persuadir que vós o desejais ser, e que o conseguireis. Communicar-vos-hei sobre esta materia o meu sentir com muito gosto; e para entrar logo na exposição d'este, dir-vos-hei que devemos satisfazer duas obrigações essenciaes para adquirir o gráo de probidade, em que consiste o caracter especifico do homem de bem. Como membros da républica civil, somos obrigados a cumprir certas obrigações, das quaes não podemos ser dispensados com honra. Como membros d'uma républica ainda mais perfeita, nos devemos submetter á Religião; e ella nos domina com direito tão particular, que ainda é mais indispensavel do que qualquer outro.

Não é coisa impossivel concordar o Mundo com a Religião: comtudo esta concordia pede qualidades totalmente diversas; e é mais difficultoso do que se imagina, unil-as, e conserval-as na pratica. Primeiramente é necessario ter um conhecimento completo, quanto ser possa, das nossas obrigações, e uma exacta fidelidade em satisfazel-as.

N'isto não se pede pouco á maior parte dos homens, os quaes vivem sem reflexão; não querem mortificar, nem determinar-se a dar a cada um

que lhe é devido, ou o que cada um tem justiça para esperar d'elles. E' necessario para este fim ter uso do mundo, experiencia, estudo, uma applicação continua. Posto que as virtudes dependentes em parte do temperamento não sejam as mais heroicas, nem as de maior merecimento, comtudo são muito amadas e muito dignas de serem desejadas no commercio da vida civil.

Uma mulher que é naturalmente circumspecta e casta, está muito adiantada no caminho da virtude; assim tambem aquelles que nasceram suaves, attenciosos, condescendentes, officiosos, tem grandes vantagens, e grandes disposições para adquirir esse ponto de perfeição em que consiste principalmente o caracter d'um homem de bem.

Fazei seriamente reflexão sobre estas maximas, e cuidai em vos familiarizardes com ellas para as pôr em pratica.

CARTA QUARTA.

Sobre as desordens do amor profano.

Meus caros filhos, a maxima que condemna o desregrado amor impuro tem poucos sectarios; com tudo não ha nenhuma tão verdadeira.

Um homem sujeito ao dominio da sensualidade, mal póde exercitar alguma virtude. *

O amor é o mais formidavel de todos os vicios por causa da sua tyrannia, que se extende por todas as potencias da alma, sem que ella sinta, ou perceba a sua escravidão; antes parece que se contenta com ella: a alma entrega-se absolutamente ao prazer, e por conseguinte fica inhabilitada para applicar-se aos empregos serios, desde que o amor dos prazeres sensuaes reina imperiosamente no coração. O amor, e as caricias das mulheres envilecem os homens, e lhes inspiram estes sentimentos efeminados pela arte dos prazeres que lhes procuram, e que occupam os seus espiritos de espessas trevas.

Com effeito os deleites excessivos tornam muitos homens estupidos: o seu juiso e seu espirito fazem-se pesados e ficam como sepultados na sensualidade.

Galeno, Principe da Medicina, dizia que os excessos n'esta materia faziam o entendimento brutal, e incapaz das suas mais bellas funções: bem assim como certas drogas, que tem a força de adormecer os membros do corpo, e de os fazer absolutamente inuteis.

Uma mocidade abandonada a esta paixão, chega a ser indocil e incapaz de se aproveitar das instrucções, e dos bons conselhos que se lhe dá.

---

*—S. Philipe Neri costumava dizer que lhe dessem um mancebo casto, que bem depressa faria d'elle um heroe em todas as virtudes; mas que pouco ou nada faria d'elle se fosse dado á sensualidade.

O amor é como um peso, que inclina sempre a alma para o mesmo lado; a memoria e a vontade estão sempre occupadas com aquillo que se ama, as idéas do entendimento estão cheias de amor, e o coração como arrastado por este peso não pode formar outros desejos, nem desatar-se do objecto da sua affeição.

Demais, este vicio, além de causar a molestia das molestias, que é a da alma, com o peccado, traz ordinariamente consigo terriveis molestias corporaes.

Eis-aqui bastante materia para occupar a vossa reflexão. Eu me lisongeio, que fareis bom uso dos conselhos, que tenho a satisfação de vos dar.

CARTA QUINTA.

Sobre a urbanidade.

Meus caros filhos, não devemos admirar-nos de ver tão pouca gente polida no mundo, ainda que muitas pessoas tenham a presumpção de o ser, e de que por este meio se distinguem dos outros.

Não fallo simplesmente d'uma urbanidade exterior, que se limita a certos respeitos, e a algumas obrigações, que reciprocamente se satisfazem; fallo d'uma urbanidade interior que regula os movimentos da alma.

Esta é mais rara do que se imagina, porque é como um contheúdo de todas as virtudes moraes; é uma collecção de discrição, de civilidade, de complacencia, d'uma continua attenção de prestar a cada um aquelles cuidados que de justiça lhe são devidos. A verdadeira urbanidade demostra agradavel tudo o que se diz; pelo contrario todas as acções das pessoas mal polidas tem um não sei quê, que desagrada; as suas palavras amargam, ou são mal assasonadas.

A verdadeira urbanidade é uma consequencia d'um espirito bem formado que se possue, e que é senhor dos seus sentimentos e das suas palavras; nada contribue mais para as delicias e a doçura da sociedade civil.

Ella nos ensina a supportar as fraquezas e os contra-tempos das pessoas com quem vivemos, as suas levezas, e seus caprichos; a entrar com destreza nos seus sentimentos para os conduzir á rasão.

E' um signal d'urbanidade o recuzar as honras que vos querem fazer em prejuiso d'outras pessoas, a quem possam causar inveja ou escandalo.

N'isto comtudo, como em todas as outras coisas, é justo evitar uma demasiada affectação. Cada um se faz importuno, por exemplo, disputando muito tempo a uma porta sobre quem ha de entrar primeiro. Acceitai sem ceremonia o lugar que vos offerecem e que é devido ao vosso nascimento, á vossa idade, e aos vossos empregos. Raras vezes se encontram juntamente todas as qualidades que formam o caracter da urbanidade.

Não basta ter o merecimento raro: contribue algumas vezes para fazer menos estimaveis as pessoas quando fazem ostentação d'elle e n'ellas se observa uma vaidade ridicula; ao passo que a urbanidade faz o merecimento amavel e digno de louvor.

CARTA SEXTA.

Sobre a falsa urbanidade.

Meus caros filhos, todos os dias nos enganamos com a urbanidade. Suppômos estar em sociedade com pessoas verdadeiramente polidas, que aliás só tem as exterioridades e as apparencias da urbanidade: é porque não passa de superficial e emprestada.

Esta qualidade de pessoas não conservam a sua affectação em uma companhia muito tempo; por pouco que se pratiquem, conhece-se facilmente a hypocrisia d'esta falsa urbanidade. São suaves e condescendentes, com tanto que sejam applaudidas e que sejam sempre lisongeadas; que se lhes conceda tudo o que desejam, e que para com ellas haja attenções continuas; então facilmente podem ser consideradas como modelos da urbanidade; mas se chegam a desgostal-as, ou a contradizel-as em alguma coisa, pelo menor desgosto que se lhes dê, por uma cortezia que se lhes não faça por descuido, queixam-se, clamam, impacientam-se, e até chegam a proferir injurias, e a dizer mil impertinencias. Estas desegualdades extravagantes fazem com que sejam desprezadas.

De que serve affectar suavidade, offerecer a todas as pessoas que chegam, aos bons officios, fatigar a todos com estereis abraços, que não produzem effeito algum?

Engana-se grosseiramente quem se persuade ser verdadeiramente polido, tendo sómente esta urbanidade exterior e superficial. A maior parte dos homens se contentam com salvar as apparencias: toda a sua urbanidade consiste em tregeitos, em um sorriso agradavel, ou n'uma inclinação de cabeça affectada; mas nas occasiões que se offerecem, as contradições, ou o interesse fazem logo conhecer a falsidade d'esta urbanidade hypocrita. Alguns se persuadem algumas vezes ter uma perfeita e verdadeira urbanidade, porque vivem com pessoas attenciosas, e condescendentes, que os attendem em todas as coisas, e lhes concedem tudo o que desejam, que os respeitam, e os enchem de civilidades. Para conhecer verdadeiramente se a vossa urbanidade é falsa, ou sincera, deveis praticar primeiro com pessoas grosseiras, mal polidas, extravagantes, e de máo genio. Se vos portardes civilmente com similhantes pessoas, se lhes não disserdes palavras pesadas, se as não tratardes com a mesma grosseria, se lhes não fallardes com o seu modo pouco agradavel, a vossa urbanidade é verdadeira; porêm se vos retirardes descontentes, e se as insultardes com altivez e fereza, desenganai-vos que só tendes uma falsa urbanidade.

CAPITULO XVI.

Conselhos d'um pai a seu filho em particular.

Bem a meu pesar, meu filho, te separo hoje de tua irmã para te dar algumas advertencias em particular.

Bem quisera eu fazêl-o como atéqui, porêm como nossos costumes, de acordo com a naturesa, não prescrevam a vós ambos os mesmos deveres pessoaes sou obrigado a dirigir-me hoje em particular a ti, assim como o farei egualmente a ella n'outra occasião.

Não penses comtudo que o que vou a dizer-te seja um segredo para tua irmã, e o seja para ti o que a ella disser; não, meu filho, nada deve haver de occulto entre vós; ha cousas especiaes a cada um de vós, mas que ambos podeis saber: para maior claresa e melhor intelligencia vo-las digo em separado, porêm não só vos permitto, mas vos aconselho que vo-las communiqueis mutuamente, porque n'alguns pontos se tocam, e se tornam por isso mais completas.

Deves ter notado, meu filho, que eu não tive em vista (e seria louco se o intentasse) dar-te tratados completos sobre os differentes deveres do homem que vive em sociedade; tenho apontado o que a este respeito é mais importante, e que fica mal a um homem bem criado ignorar: mais para o diante com a lição dos bons livros, a experiencia dos negocios, e o trato com os homens probos e instruidos conhecerás a fundo o que agora te digo ligeiramente, e saberás apreciar os meus conselhos.

Seguindo pois este mesmo methodo, digo-te que as primeiras qualidades do homem que tem casa, e quer andar com a cara descoberta, e merecer a estima de seus conterrâneos, são a ordem e regularidade em suas occupações e negocios, e a economia em sua despeza.

Quando entrares na posse dos bens que te pertencem deves ir vêl-os a miudo, e conhecer pessoalmente teus rendeiros ou feitores. Se tens trabalhos a fazer por tua conta, assiste a elles o mais tempo que podéres, e sê tu mesmo quem pagues aos obreiros. Mantêm severamente a auctoridade que tiveres confiado a teus feitores ou caseiros, para que elles respeitem a tua. Quando tiveres alguma ordem desagradavel a dar, dá-a por um segundo; mas se quizeres exercer algum acto de clemencia ou de caridade, exerce-o por ti mesmo, para que teus inferiores te conheçam mais por tua bondade que por tua auctoridade.

Ainda que tenhas mordomo ou feitor, sê tu mesmo quem guardes os livros de contabilidade, para saberes n'um momento o estado da tua casa, o que deves e o que te devem, quanto te rende tal e tal fazenda que trazes por tua conta, e poderes calcular se te seria mais vantajoso o arrendal-a. Tambem é bom que saibas separadamente quanto te custa a cozinha e mesa, e quanto gastas em fato e objectos de luxo, &a.; para que, quando aconteça ser necessario fazer algumas economias, saibas sobre que ramo as possas fazer que sejam menos sensiveis.

Quanto lamento, meu filho, a sorte d'aquelles mancebos que entram na administração d'uma casa que não conhecem, que não buscam conhecer, e que não sabem governar! Gastam o que não têem, comem adiantado, devem o que não gastaram; cahem nas mãos dos usurarios, que, á maneira d'esponjas, lhes absorvem toda a substancia, e em pouco tempo se acham reduzidos ao mais lastimoso estado de dependencia e pobreza. Muitos exemplos d'estes acharás em nossa terra: sirvam-te de advertencia e de escarmento. O homem de medianos teres que vive com regularidade e economia é mais rico que o rico desarranjado e perdulario.

Ainda que tenhas muita riqueza, sê poupado e cuidadoso em teus vestidos; não por affectação, mas por habito; andarás sempre aceiado com menos despeza, e farás a teu conterraneo pobre bem bom presente quando lhe deres o fato uzado.

Apezar de teres sempre em vista a economia, não sejas mesquinho nem ridiculo, e sobre tudo não consintas que teus criados sejam mais economicos do que tu, para que se não diga em tua casa o que n'algumas ouvi:

Amos o dão, criados o choram.

Segue a moda, mas sem affectação. Tem por alfaiate e sapateiro os que são conhecidos por bons officiaes, paga-lhes com dinheiro á vista, e serás bem servido. Quando te digo que sigas a moda quero dizer que te vistas como as mais pessoas de tua qualidade, mas não que sejas o primeiro a trazer o fato d'um feitio novo e muitas vezes ridiculo, como acontece a esses pobres mancebos que, pagos pelos alfaiates como bonécos, são obrigados a mostrar por toda parte as sobrecasacas ou calças de nova feição, para estabelecer uma moda que trará comsigo a necessidade de mandar fazer fato novo e dar que fazer aos alfaiates.

Para andares bem vestido, é mister que mandes fazer uma casaca cada anno, e que conserves sempre tres; uma sobrecasaca para o inverno e outra para verão são de necessidade; dous chapeos é o menos que pódes ter; calçado nunca é demais, a não ser que a humidade e outras disposições particulares do paiz em que vivas tudo estrague em pouco tempo. Logo que guarneceres tua guardaroupa d'estes objectos, tem cuidado de os renovar successivamente; a despeza será menos sensivel, e os vestidos te durarão mais trazendo-os alternativamente. Bem depressa andará de fato velho quem só tem fato novo.

Os homens não costumam trazer cheiros, coisa mui acertada, que te peço observes escrupulosamente; pela mesma razão estimaria que não trouxesses anneis, cadeias de ouro, botões de diamantes, e outros enfeites que são proprios de senhoras, e ficam mal n'um homem.

Espero que não verás reviver a moda de ensebar a cabeça de pomada: espero igualmente que não deixarás crescer os cabellos á maneira dos Hottentotes, nem a barba como a d'um bóde; e que não te deixarás levar d'essa tola invocação á natureza, que não deixam de fazer os que gostam de semelhante moda; porque então o cortar-se as unhas, o pentear-se, o limpar os dentes com uma escova são outras tantas infracções das leis da mãi commum, que, se as quizessemos observar escrupulosa-

mente, não nos permittiriam enxertar as arvores fructiferas, nem adubar as hortas e pomares. Lembra-te, meu filho, que no homem ha duas substancias, e que a material deve sujeitar-se á espiritual.

Faze o que tiveres por mais saudavel, commodo e airoso, segundo os conselhos de tua rasão, não te importe o que dizem esses apologistas da natureza, que só a invocam no que é extravagante, para melhor a insultarem nos sagrados deveres que ella nos impõe.

Evita pois os vestidos muito justos, assim como os muito largos; estes annunciam moleza, aquelles impedem a circulação do sangue e embaraçam o movimento das articulações.

Não te acostumes a estar em casa em traje desalinhado, ou, como se diz vulgarmente, traje de frasqueira, nem tomes o costume de te pôr em mangas de camiza e sem gravata no pescoço, mórmente vindo quente de fóra: o primeiro só é permettido aos velhos caqueticos, e o segundo, sobre nocivo á saude, é proprio de gente ordinaria ou mal criada.

Não te ponhas á janella de chambre, em mangas de camiza, de chinellas, nem desgorjado; e muito menos ainda ao lado d'uma mulher, fosse ella tua irmã. Deve-se a quem passa pela rua certo respeito que grangea o seu para comnosco.

A não haver cousa que te empeça veste-te logo desde pela manhã, de maneira que estejas prompto a receber alguem que venha fallar-te, ou a sahir, se caso o pedir.

Não percas o costume que adquiriste no collegio, de te lavares com agua fria logo que te levantes da cama; toma todos os dias banho, seja de agua fria ou tepida, e gasta em toda esta limpeza corporal o menos tempo possivel; porque, se é necessario ser aceiado, não é permettido ser molle e effeminado.

Tem muito cuidado em teus dentes; limpa-os todos os dias; advirto-te porêm que não faças demasiado uso de escovas duras, mórmente na parte que toca ás gengivas, porque as escarna; que não os laves com agua fria quando tens a boca quente, e pela mesma rasão não a bebas (o que entre nós se costumava muito) depois de comer a sôpa escaldando, porque os constipa e nos traz dores insuportaveis; e emfim que não uses de aguas aromaticas ou pós dentifricos e odontalgicos que não sejam conhecidos e approvados por dentistas.

Por isso que um pai deve precaver tudo que interessa ao bem-estar do filho, é tempo que te falle d'uma necessidade que só pertence aos homens: o fazer a barba. Deves possuir um estojo com todo o necessario para esta operação, que nossos maiores confiavam a mãos estranhas, mas que hoje a boa educação pede que só fiemos das nossas. A que embaraços, a que tormentos se não viam elles expostos quando faltava o barbeiro, ou quando n'uma viagem se viam obrigados a entregar nas desastradas mãos d'um desconhecido suas encanecidas barbas! Quantas vezes lhes rebentavam involuntarias lagrimas n'aquelle martyrio que se assemelhava ao de S. Bartholomeu!....Acostuma-te pois a barbear-te em quanto a barba é nova, e uma vez adquirido o habito não o percas. Deves fazer a barba

todos os dias; e não percas nunca este costume, pois é grande incivilidade e quasi afronta apresentar-se a alguem de respeito sem ter a barba feita n'aquelle dia. A hora mais propria é quando nos lavamos pela manhã: tenho visto por experiencia que a barba está mais macia e as navalhas cortam melhor.

Em quanto tiveres saude acostuma-te a sahir com todo o tempo; mas se entrares com o fato ou calçado molhado, muda-o sempre que te seja possivel. Quando for necessario não duvides expor-te ao frio, á calma, á chuva, ao cansaço; mas sem precisão e só por veleidade tornar-se impossibilitado e valetudinario, e por consequencia incapaz de fazer algum serviço á sociedade ou ficar-lhe servindo de peso, é rematada loucura. O homem que não sabe soffrer a dôr é desprezivel; o que a busca, a não ser por penitencia, e com a moderação que a prudencia christã recommenda, é digno de compaixão porque é insensato; mas se é victima de soffrimentos por satisfazer suas paixões não se isentará do despreso. Quanto a mim, nunca tive muito dó das indisposições causadas pela gula, nem dos accidentes que traz comsigo a triste gloria de levantar grandes pezos ou de fazer algum outro esforço; e guardo a minha admiração para as cicatrizes recebidas em guerra justa.

A simplicidade que desejo tenhas em teus vestidos, desejo-a igualmente em tua mobilia. Nada em teu quarto deve respirar luxo, molleza, nem futilidade. O que ahi se deve ver são livros, instrumentos d'estudo, ou de musica, algumas armas curiosas, se as tiveres.

O horror das dividas deve ser tão grande como o do crime: pelas dividas se perde o decoro, o brio, a dignidade e a independencia; mórmente em terras estranhas onde se prende por ellas; até se perde o juizo, e suffoca o sentimento religioso adquirido com tanto custo n'uma educação desvellada. Quantos, mancebos devorados pelo pejo, e desesperados contra si mesmo, se tem deitado ao rio, ao mar, ou se deram um tiro no ouvido para encubrirem sua vergonha!!...

Divide o tempo o mais regularmente que podéres, e pensa que a lembrança dos prazeres nenhum causa. Não deixes passar um só dia em que não dediques algumas horas ao estudo, de qualquer genero que seja, e acostuma-te a estar só. Parecer-te-ha a sociedade muito mais agradavel, quando por algum tempo te privares d'ella, e tu mesmo lhe causarás maior satisfação.

Aproveita o tempo da mocidade para dares grandes passeios a cavallo, ou a pé, dançares, fazeres exercicios gymnasticos, jogares a pella, a bolla, a barra, para nadares, ires á caça e á pesca; porêm não desprezes os estudos sedentarios, que de necessidade serão um dia tua unica occupação. Prevê que virá um dia em que a força e a agilidade te abandonarão, se não tiveres cultivado tua intelligencia e não tiveres amor á leitura, serás aborrido a ti mesmo e insuportavel aos outros: é grande necedade deixar-se surprehender pelo tempo, e os moços frivolos e estonteados tornam-se velhos insipidos e rabugentos. Corre a vida do homem tão rapidamente que apenas nossa rasão está formada, devemos começar a fazer

provimento de gosos para todas as épocas de nossa existencia; e para que nos sejam gratos em todo tempo, é mister que em nós tenham sua origem, e seu alvo seja nosso bem-estar, porque quanto mais vâmos avançando na edade tanto menos sympathia causâmos nos outros. Não te assustes, nem te mostres timorato quando os cabellos te cahirem ou alvejarem, quando a columna vertebral se curvar, e houveres mister um bordão para apoiar os tremulos passos; porque este é o apanagio da velhice, e é grande fraqueza não aprender a encarar desassombradamente a decrepitude e a morte. Quantos ha que enfermam ainda moços, e que morrem na flor dos annos! Acredita-me, meu filho, é bom e louvavel empregar o vigor da juventude a construir o edificio em que ha de repousar a velhice; fal-o assim, e conhecerás por experiencia a verdade d'aquella sentença d'um antigo sabio:

Mocidade sobria e regulada
Traz comsigo velhice descançada.

Não esperes que o mundo te abandone; abandona-o tu primeiro. Mette tempo entre a vida e a morte; faze como o Imperador Carlos V. que, depois de espantar o mundo com suas victorias, não esperou que a morte lhe batesse á porta para se preparar para ella; sem que a fortuna o abandonasse, nem a velhice o perseguisse, arrimou o bastão, renunciou o imperio, despio a purpura, e tirando a corôa imperial da cabeça, poz a corôa a todas suas victorias recolhendo-se ao mosteiro de S. Justo, para aprender a morrer; porque, como sabiamente disse o nosso mellifluo e doutissimo Pe. Antonio Vieira, saber morrer é a maior façanha. Se por desventura, o que Deos não permitta, as paixões tiverem algum dia em ti mais poder que a rasão, se arrastado pelo turbilhão das delicias mundanas, te afastares do verdadeiro caminho que conduz á morada celestial, mais tempora deve ser tua resolução; que não esperes ter vida longa se ella for agitada e descomedida. Se d'éste escandalo em teu viver, repara o mal sabendo morrer; imita um moderno poeta que, tendo mal vivido, acabou dizendo:

Deos, ó Deos, quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

Sê sincero para comtigo mesmo, e não te illudas voluntariamente. Não te lisonjeies de ir aos theatros para te instruires ou tomares lições de bem obrar. O *castigat ridendo mores* é um gracejo de que ninguem se deixa enganar. Nunca se reconhece no theatro ordinariamente outra cousa senão os vicios e os defeitos de seu visinho. Quintiliano queria que se não permittisse, senão mui tarde, aos mancebos a leitura das peças de theatro; Cicero olhava os espectaculos como perigosos: Platão reprovava-os; Ovidio declara-os funestos; Marco Aurelio queria destruil-os; Tacito attribue á falta d'elles a pureza de costumes dos Germanos; os Conselheiros de Cyro declaram que o melhor meio de conservar submissa uma nação vencida, é enviar-lhe uma banda de musica e de dançarinos... Depois de tantas

auctoridades pagãs não me perguntes qual é a opinião dos sabios do Christianismo. Lembra-te pois que não vai ao espectaculo senão para te divertires, e d'este prazer, como de todos os outros, usa com grande sobriedade. Havendo lugar para escolha, não frequentes senão os theatros maiores, onde se representam as peças dos auctores celebres, e onde a boa musica te servirá de distracção e aperfeiçoará o gosto das bellas artes. Esses theatros são caros, me dirás tu? Tanto melhor; irás a elles menos vezes. Não vás nunca aos theatros inferiores, e que em França chamam *petits théâtres*, nenhum bem d'ahi te resultará, antes muito mal, sendo o menor o perder o que tiveres adquerido de bom, no fallar e nas maneiras.

Conserva o habito que tens adquerido de te levantares cedo, e não faças longo serão.

Não leias na cama depois de te deitares, e não penses que isso seja necesario para conciliar o somno, como pertendem muitos mancebos.

Faze um plano do que deves ler e estudar, e rejeita não sómente os livros que lisonjeam as paixões, senão os inuteis. Gastar a vista e o tempo para não vir a ser nem mais instruido nem melhor, é dar provas de curto engenho e fraco juizo.

Até aqui, meu filho, tenho conseguido que não fumes, mas temo encontrar algum dia em teu quarto uma collecção de cachimbos...Bem sei que este ornato de taverna se encontra por toda a parte, e que a opinião geral é hoje mais indulgente do que no tempo passado. Nunca vi fumar em casa de gente de bem, antes ouvi sempre dizer: O fumar é dos marujos e tambores. Talvez a minha opinião não seja hoje a da maioria, mas estou decidido a não mudar, tanto mais que ouço a cada passo dizer que d'entre os mancebos que fumam poucos são os que merecem o nome de amaveis, ajuizados e distinctos...* Sei que poderás citar-me alguns exemplos tão respeitaveis que anularão a minha critica; todavia quero citar um em contrario que corrobora o meu sentimento.

Quando Napoleão estava no maior auge de sua gloria, fundou no antigo paço de S. Germano *en Laye* † uma escola de cavalleria, onde só podiam entrar os filhos dos primeiros e mais ricos fidalgos da côrte imperial, e dos differentes Estados então unidos á França. Os primeiros mancebos ali reunidos prometteram corresponder á idéa aristocratica do fundador e deliberaram entre si qual seria o meio de sobresahir a todas as outras escolas...

Observar a mais severa disciplina, mostrar zelo e valor no serviço e nas manobras, anhelar pelo momento de poder applicar no campo de batalha a pratica á theoria, seria não se differençar da escola d'infantaria de *Saint Cyr*, rival da de *Saint Germain*, que andava em foro de in-

---

*—E' demasiado.

†—*Saint Germain en Laye* é uma pequena cidade a seis legoas de Pariz, onde Francisco I edificou um palacio que, por muito tempo, foi a residencia dos Reis de França. Luiz XIV abandonou-o de todo porque de lá via as torres de S. Diniz, onde havia de ser enterrado com seus maiores. O grande Rei não se parecia com Carlos V: era este muito pequeno quando já se lembrava a miude que havia de morrer.

comparavel... Decidiram pois unanimemente que se podiam ter maneiras militares e não soldadescas, que se podia ter arreganho militar sem o descaro de tarimba; deram-se palavra de não fumar, de não se tratarem por tu, de não beber aguardente, e de não praguejar...

Observou-se á risca este regulamento. Foram raras as infracções, e punidas pelos proprios alumnos, que, segundo o costume dos jovens legisladores, se mostraram rigidos observadores das leis que elles mesmos se tinham imposto, e provaram dentro em pouco tempo que se podia amansar um cavallo sem usar do estylo dos moços de cavalhariça; ter amigos, sem se tratar com familiaridade descortez; resistir ás fadigas da guerra, sem se embriagar; e desenfadar-se, sem recorrer ao cachimbo, ou ao cigarro....Este facto te prova que a vontade constante vence tudo, e que justificar-se com exemplos é mostrar-se fraco e pusillanime.

O uso do tabaco em pó era muito do gosto de nossos antigos e ainda hoje tem sua acceitação; comtudo em quanto podéres não te acostumes a um uso incommodo aos outros e pouco aceiado para ti. Se porêm te acostumares a tomar tabaco tem cuidado em usares de lenço de côr escura e nunca branco; não cheires á mesa nem ao chá, e ás senhoras não offereças tabaco ou rapé ainda que saibas que o tomam, porque em geral se escandalizam quando se lhes offerece em publico. Toma sempre do melhor, e offerece a tua caixa aos que te fazem o mesmo, mas não aos tafues que querem sustentar vicios á custa alheia.

Tem sempre presente, meu filho, que a sobriedade e a moderação em tudo e por tudo são as bases da saude, e que não ha indisposição que se não cure com uma dieta rigorosa. Se soffreres molestia aguda, se tiveres febre, chama o medico, e faze o que elle te ordenar. Porêm sabe soffrer sem impaciencia, sem máo humor. Os que tratarem de ti terão assás de trabalho com tua molestia, e é mister não os amofinar com murmurações e ralhos. Se á intensidade do mal juntares a acrimonia do genio, irritarás teu soffrimento, e darás desprazer aos que de ti tem cuidado.

Dir-te-hei por fim, que ha na vida muitos devêres, mas que é necessario conhecer os que são indispensaveis, e ter cuidado em não multiplicar os outros, em cujo numero ponho as visitas e as correspondencias inuteis. Não estendas pois tuas relações sem necessidade, nem te julgues obrigado a acceitar todos os convites que te fizerem as pessoas frivolas e ociosas, para que te não tornes similhante a ellas. Toma por costume responder: meus estudos, meus negocios, minhas occupações me obrigam a estar em casa, e deixar-te-hão em socego....Não é porêm para te abandonares á preguiça que te exhorto a amares o retiro, é sim para melhor te preparares para servir a sociedade, teus amigos, tua familia, e teus proprios interesses.

Ninguem se deve descuidar de augmentar a sua riqueza, quando se faz d'ella o uso que a humanidade prescreve. Para isto nada mais é precioso do que a rigorosa observancia das simples regras seguintes.

Eis a primeira:—Faze que sejam tuas assiduas companheiras a probidade e o trabalho.

A segunda: Despende menos do que o teu rendimento liquido. Fazendo isto, a tua algibeira agora tão chata, principiará logo a estender-se, e não terá jamais rasão para gritar que trazes o ventre vasio; nem te verás assaltado de credores, atormentado pela mizeria, roido pela fome, e tiritando de frio por andares nú.

Todo o horisonte brilhará aos teus olhos com luz mais viva, e o prazer augmentará as pulsações do teu coração. Apressa-te portanto a abraçar aquellas duas regras se quizeres ser feliz.

Remove para longe do teu espirito o gelado sopro da tristeza, e procura a vida independente. Só então é que serás verdadeiro homem, nem esconderás a cara na presença dos ricos; não soffrerás o desgosto de sentir-te pequeno, quando os filhos da fortuna passarem ao teu lado direito; pois a independencia, com pouco ou muito é um estado feliz, e te collocará a par dos mais orgulhosos, embora enfeitados com o tosão d'ouro. Ah! sim, meu filho, sê prudente: faze que o trabalho ande sempre em tua companhia desde o romper da manhã; que elle te acompanhe até ao momento em que a noite te marque a hora do somno.

Faze que a probidade seja para assim dizer a alma da tua alma; nem te esqueças nunca de guardar o que restar depois de haveres feito a conta e pago todas as tuas despesas. Então sim, terás chegado ao cume da felicidade; e a independencia te servirá de couraça, de escudo, de capacete e de coroa. Caminharás então com a cabeça levantada sem te curvares diante d'um patife vestido de seda, só porque é rico; e sem que te vejas obrigado a soffrer uma affronta só porque na mão de quem vo-la fez brilham diamantes.

Finalmente lembra-te, meu filho, que ha pobres que estendem a mão para terem um bocado de pão, amigos que hão mister soccorro, artistas que merecem que os animem; reparte com elles e não terás riquesa de mais. Se trabalhares com outro intento, não sei que te diga; porque nunca pude comprehender que houvesse prazer em accumular credito e ouro para mim só.

REFLECÇÃO.

Meu filho, ouve o ultimo conselho que quero dar-te: guia-te sempre pelo clarão da boa e são philosophia; que é a philosophia Christã; procura ter em teu favor o testimunho da propria consciencia, faze por teres ao menos possiveis necessidades; sê o mais independente que podéres; exercita o corpo, cultiva o espirito, desafoga o coração, e serás feliz quanto é possivel sêl-o n'este mundo.

Não faças fincapé nas prosperidades do mundo, nem te deixes levar das esperanças d'um melhoramento proximo na especie humana, devido á lei do progresso. Eu, que ja tenho bastante experiencia, penso o contrario, e para que te convenças que não sou eu só que penso assim, ouve o que em 1820 escrevia José Agostinho de Macedo, e verás que elle fallou com espirito quasi prophetico quando disse:

"Eu não sei agoirar, sei discorrer; o fogo do genio está abafado, e o gosto das letras perdido, a ignorancia estende-se, a barbaridade aproxima-se, a boa moral desconhece-se; cedo ou tarde, a surda fermentação de principios anti-sociaes, anti-politicos, anti-religiosos exporá o mundo a uma explosão irremediavel; e saibam os mais profundos pensadores que, se as oscilações da montanha vulcanica se não fazem visiveis, não é menos activo e menos violento o incendio que lhe despedaça e devora as entranhas. O amor das sciencias, e o apreço de quem as cultiva, foi substituido pelo furor das innovações, e são tão cegos os homens que exultam nos males proprios com a quimerica esperança de melhoramentos futuros. Chamem-me embora um Jeremias, que d'antemão derramo lagrimas sobre as ruinas da humana sociedade." *

CAPITULO XVII.

Conselhos d'um Pai a sua filha em particular.

Não penses, minha filha, que por isso que sou homem não é da minha competencia fallar-te do que respeita á tua pessoa e teus enfeites.

Fenelon era homem, era ecclesiastico, era Arcebispo, mas não duvidou entrar nas particularidades mais minuciosas sobre o caracter das mulheres, seus defeitos e boas qualidades, nas estimaveis cartas que escreveo sobre a educação das meninas: os enfeites, o toucador, as modas tudo foi examinado pelo virtuoso Prelado com aquelle discernimento, sabedoria e bom gosto que tornam immortaes seus escriptos. Se não tiveres vocação para religiosa, ou te cases, ou fiques solteira, has de encontrar na sociedade tantos homens como mulheres: é mister que adquiras bom nome entre os cavalheiros não menos que entre as senhoras. Podendo pois ser o interprete junto de ti de metade do genero humano, alêm da minha qualidade de pai, tenho assás bom direito para te aconselhar sobre o modo como para com ella te deves comportar; e depois de haver consultado algumas senhoras da minha amizade, não receio fallar-te do que convêm a uma menina, ainda pelo que respeita ao toucador, seus vestidos e enfeites: capitulo este que, por te agradar, tratarei primeiro.

E' muito possivel, minha querida filha, que não entendamos d'egual modo o que é relativo ao aceio, á compostura e ornato do corpo; mas posso assegurar-te que não dás a isso mais importancia do que eu.

---

*—São dignas de ler-se sobre esta materia as immortaes conferencias do Pe. Felix sobre o Progresso; bem como as seguintes obras do Pe. Ramière *L'Eglise et la civilisation moderne*, e *Les Esperances de L'Eglise*, as quaes, sem encubrirem os males contemporaneos, apontam egualmente seus bens, n'uma linguagem eloquente, repassada de esperança consoladora e de illimitada confiança na Providencia.

Nota do Revisor.

A primeira cousa que te recommendo é o aceio constante, porque tenho visto muitas meninas da tua edade que guardavam limpar os dentes, as orelhas, e as unhas para o dia de festa ou de baile: este cuidado deve ser diario; mas não gastes. muito tempo, e com o pretexto de seres aceiada não sejas perluxa. Não tenhas horror á agua fria, a não ser que por motivos de molestia os medicos te prohibam usar d'ella; nunca tive em conta de limpas e aceiadas as pessoas que esfregavam a cara com uma toalha molhada em vez de a banharem e lavarem com as palmas cheias d'agua; e sempre me pareceram invencioneiras as que, sem necessidade, esperavam que a agua se aquecesse para lavarem o rosto: as abluções d'agua fria ao levantar da cama são muito saudaveis, com a addição de conservarem as faces frescas e rubicundas,—rasão de certo mui attendivel para as pessoas de teu sexo.

Os banhos de todo corpo fazem uma parte do aceio; porêm, a não serem ordenados por facultativo, basta que tomes um em cada semana, e que não sejam longos. Fica mal a uma menina o gosto de se estabelecer no fundo d'uma banheira horas esquecidas: esta molleza e ociosidade nem quadra aos seus verdes annos, nem é propicia á sua saude.

A primeira cousa que deves fazer depois de te lavar é arranjar o cabello; e se por algum incidente o não pôderes logo pela manhã, põe uma touca com que escondas teu desalinho. Não ha objecto mais desagradavel do que uma mulher desgadelhada ou mal penteada.

Os arrebiques, os perfumes, e até os cheiros têem caido em desuso: e com rasão, que eram elles prejudiciaes á saude e pouco favoraveis á fama das que os traziam; porque chamavam a attenção dos homens, e não posso dissimular-te que elles são mui dispostos a cortejar as mulheres quando ellas parecem desejal-o; mas que em lhes prodigalizando os cortejos que ellas provocam, cessam de as estimar. E' necessario, minha filha, que a este respeito tomes uma firme resolução: se se poder suppôr que tua vontade tem alguma parte no effeito que produzes, se se crer que contribues d'algum modo para que os homens olhem para ti com particularidade, e que buscas suas homenagens, serás declarada leviana, garrida e namoradeira, o que tudo se inclue na palavra franceza *coquette*, que mui bem conheces, e que é o opposto de sisuda, modesta e recatada, que são os mais preciosos dotes d'uma donzella; e não só terás esta triste fama mas suppor-te-hão sujeita á inveja, ao ciume, á mentira, e a todas as miseraveis baixezas da vaidade, e aos insupportaveis caprichos e devaneios que lhe formam o cortejo. E não penses que é a austeridade propria da minha edade ou o pouco conhecimento do mundo, quem me dicta este discurso: não, minha querida filha, eu sou para comtigo o interprete de todos os homens, ainda d'aquelles que te negassem as verdades que te revelo. E para que não penses que fallo só de mim, citar-te-hei as expressões d'um auctor moderno que conheceo e descreveo bem o seculo em que vivemos: fallando em nome dos homens a este mesmo respeito, diz:

" Nós temos todos a mesma opinião, formâmos o mesmo con-
" ceito; mas por vezes temos interesse em deixar as mulheres no
" erro, e se não encontrassemos na sociedade d'essas que merecem
" o nome de garridas ou namoradeiras, ficariamos privados d'um
" dos mais visiveis divertimentos que offerece o mundo."

Não te deixes illudir d'esses respeitos e acatamentos hypocritas que has-de encontrar na sociedade; não te deixes seduzir d'essas finezas estudadas, que muitas vezes ouvirás; suppõe sempre que tudo é fingimento, e que querem rir á tua custa. Empenha todo o teu amor proprio em não seres nunca alvo de chistes e gracejos, e muito menos objecto de riso e fabula da gente. Queres ver o retrato que o mesmo auctor faz d'uma d'essas garridas? ei-lo aqui:

" Uma mulher garrida figura-se-me sempre empunhando uma trombeta como a estatua da Fama; toca, torna a tocar, e não descança emquanto se não vê bem rodeada: assim como os feirantes estendem a fazenda para attrahir os compradores, assim ella faz alarde de todos os seus attractivos, enfeites, ditos engraçados para captivar a attenção e os affectos dos que a admiram. Nota-se-lhe o volver dos olhos, o sorvido dos beiços, o inclinado do collo, os requebros do corpo, a languidez ou vivacidade dos gestos; passa-se depois a examinar as dobras da mantilha, os fofos dos vestidos, o ondeado dos folhos, o bordado do lencinho que menêa com desdem, o aberto das meias, o justo dos sapatos, a pequeneza de pés que tem cuidado de mostrar: este é o estudo dos olhos; segue-se o dos ouvidos, que é mui curto, porque estas damas dizem todas o mesmo, segundo se acham lançadas ou no genero sentimental ou no apaixonado. Se fallam de litteratura só conhecem o romantico; se contam suas viagens, extasiam-se com as impressões que receberam, e querem que partilhemos suas emoções..."

Desculpa, minha querida filha, esta digressão; deves attribuil-a ao extremoso amor d'um pai, que antes quereria ver-te morta do que dada ao galanteio. Lembra-te que a formosura acaba antes da vida, que a velhice e a morte são o fim certo para que todos caminhamos: e quanto não é melhor chegar a este termo pela estrada da virtude que pela do vicio?!...

Tratemos agora de cousas mais ligeiras, mas que não deixam de ter sua importancia. E' quasi desnecessario dizer-te que deves ter cuidado de andares sempre bem calçada, que é este um dos signaes de boa educação. Dir-te-hei comtudo alguma cousa a este respeito, para que algum máo exemplo, que em nossa terra encontres, te não induza em descuido e desalinho que possa dar fraca idea de tua pessoa.

O andar bem calçada não consiste em trazer sempre sapatos novos, mas em nunca os trazer acalquinhados ou mal debruados, ou largos a cahir dos pés, ou tão apertados que empeçam o andar. Usa pois sempre d'um calçador, e não se acalcanhará o talão: o servir-se dos dedos em lugar de calçador alarga a entrada do sapato e rompe ou estraga o debrum. Busca

bom sapateiro que tome bem a medida, e que fazendo o calçado justo e airoso t'o não faça apertado, porque sobre o incommodo que experimentarás, e os calos que te fará, e que te serão bem dolorosos, ouvirás muita gente rir-se de ti, porque é um mal que buscas por tuas mãos, e que só serve de te impedir de bem pisar. As duas côres de que em geral deves mandar fazer os sapatos, são o branco e o preto: a primeira para os bailes e grande gala, a segunda para todos os demais casos. Os borzeguins pretos no inverno, e de côr no verão são de bom tom, e além de serem uteis ficam mui bem ás senhoras quando vão a passeio ou visitas de pouca ceremonia. Abstem-te quanto poderes de trazer pantufos ou chinellas; e se fôr por economia poupa antes n'uma fitta, n'um cinto, ou n'outro qualquer enfeite, mas não sejas mesquinha pelo que pertence ao calçado: um chale grande, uma capa, uma mantilha esconde o corpo, porêm os pés apparecem sempre.

Se os sapatos não devem ser apertados, muito menos o devem ser os vestidos. Põe o justilho, ou collete de barbas, logo pela manhã, mas não o apertes senão quanto seja necessario para conchegar o corpo. Mal sabes, minha filha, quantas e quão perigosas molestias resultam do excessivo aperto dos colletes, para os quaes já não bastam as barbas de balêa, e é mister empregar folhas d'aço! Não attribuas a outra causa os vergões vermelhos que vês no rosto de muitas damas, os narizes avermelhados, as dores do estomago, e outras molestias internas que soffrem sem se queixarem e de que muitas vezes são victimas. O desejo de ter uma cintura delicada tem-se tornado em monomania para certas senhoras, que amam mais parecer bem do que ter saude. Algumas conheci que, depois de ter soffrido o martyrio, morreram com a consolação de terem ouvido celebrar o delgado de sua cintura! Este modo de suicidio que consiste em ter as entranhas vazias e em talas, assemelha-se alguma cousa com o de Catão, que arrancou as suas! Porêm o que mais me admira é que haja mãis de familia que não só o consintam, mas que o ordenem a suas filhas, e ajuntem ao preceito mundano o exemplo que muitas vezes lhes não dão na observancia dos divinos...Dir-te-hei comtudo, minha filha, que esta exigencia do nosso seculo não é peior que o costume que tinham as senhoras antigas, de trajarem vestidos ligeiros e decotados no rigor do inverno, só para parecerem bem; as de hoje matam-se com uma gastrite ou molestia de figado; aquellas matavam-se com uma constipação ou com um pleuriz. As antigas não tinham tempo para se fazerem feias antes de expirar; as de hoje fazem-se feias e velhas antes de tempo, e antes de morrerem para a vida morrem para aquelles para quem pretendiam viver: é toda a differença que ha entre umas e outras. Isto basta para estares de prevenção contra modas loucas, e prejudiciaes á saude.

Não pertendo eu, minha filha, pôr-te em rebellião contra as modas do teu tempo, nem te direi tão pouco que sigas as que precederam: o nome moda diz mudança, inconstancia. "A moda, diz Fenelon, destroe-se a si mesma; diz que põe a mira no perfeito, e nunca o encontra, ou se o acha, não quer nunca ahi fixar-se." Se pois a moda muda a cada instante, por-

que rasão serás tu escrava da sua inconstancia? E se ella nunca consultou em nada a saúde, a commodidade, nem mesmo a formosura, por isso que pelo menos desfigura e altera as proporções do corpo, porque rasão te deixarás arrastar de seus funestos caprichos? Aconselho-te pois que, se te não podes eximir de sacrificar alguma cousa á esta imperiosa exigencia do seculo em que vives, faças este sacrificio com discernimento e bom gosto, e nunca de modo que a decencia e a honestidade sejam menoscabadas pelo capricho ou leviandade d'uma modista.

Dir-te-hei com o mesmo veneravel Prelado, que a simplicidade das estatuas antigas deve mostrar-te quanta nobreza e graça têem os vestidos lisos e sem adornos. Quanto mais teu penteado e vestidos fizerem lembrar o traje antigo, tanto mais engraçados e de bom gosto serão. A roçagante tunica grega, o largo manto, o longo véo parecem-me outros tantos emblemas do pudor que deve conduzir as donzellas a subtrahir-se aos olhos curiosos e atrevidos do mundo. Farás modificar estas formas segundo as modas do tempo, com discernimento e bom gosto, como já te disse, de maneira que nem dês motivo a que se riam de ti, nem faças nascer a mais leve suspeita de que tens em pouca conta a modestia e a honestidade.

Posto que eu desejo que saibas fazer tudo que pertence ao teu vestuario e adornos, todavia recommendo-te que, se não és perfeitamente habil n'este mister, mandes fazer teus vestidos por uma costureira: o vestido do mais magnifico estofo mal cortado ou mal feito, não enfeita nem aproveita, nem dura. Outro tanto te digo das toucas, dos chapeos, e de tudo que forma o ornato mulheril, o qual, com ser em nossos dias mui consideravel, não o é tanto como no tempo dos Romanos que por exageração lhe deram o nome de *mundus muliebris*. E' necessario, minha filha, ou supprimir todos esses atavios (e este seria o meu parecer, posto que não me attrevo a declaral-o), ou trazel-os mui recentes, e vindos das melhores lojas. E' mister andar vestido: ninguem pois tem direito a criticar os vestidos necessarios e velhos que sejam; mas não sendo necessarios á compostura e resguardo do corpo os milhares de enfeites e ornatos de que as mulheres fazem uso, é mister ser mais que philosopho para não escarnecer da triste figura que faz uma mulher que se apresenta com todos estes atavios quando já perderam seu frescor, ou formam um anachronismo com os que estão em moda. Figura-te, minha filha, filós, fittas volantes, flores seccas, plumas, bordados de seda ou de palheta, amarellados, desbotados, enxovalhados, e dize-me se se pode ver, sem rir, um tal espectaculo!

O refinamento no luxo e vaidade das mulheres é um signal infallivel da decadencia dos costumes, e quasi sempre de grandes desastres na ordem social; e, fallando a linguagem dos moralistas Christãos, é um insulto á Divindade que muitas vezes provoca exemplares castigos. Quero transcrever-te aqui o que diz o Propheta Isaias no terceiro capitulo de suas predicções, em que, fazendo aranzel ou rol das galas e enfeites femininos annuncia pue Deos estava indignado de tanta vaidade e luxo, e ameaçava castigal-o com terriveis demonstrações; e por principio d'elles, diz, "que ha

de deitar abaixo as fivellas, e topes do calçado, as luas, os collares, as gargantilhas, os afogadores, os braceletes, as mitras, os pentes, as fittas que servem de apartar as tranças, as fraldelins, os cordões d'ouro, as pomadas, os frasquinhos d'aguas cheirosas; as arrecadas e os chuveiros, os anneis e memorias, as joias de pedraria preciosa pendentes sobre o collo, as galas de festa, os capotilhos, os volantes e vestilhos, os espelhos, as toucas, os listões, vendas, e faxas." E ajuntarei o que a este respeito diz o Pe. Bernardes, figurando a mulher vaidosa e dada ao luxo sob a allegoria d'uma náo que ha mister grande apparelho para navegar: * " Porêm n'este rol não está a centesima parte do apparelho que pede esta grande náo para velejar vento em popa nas ceruleas planicies do applauso publico." E mais é de advertir que o Propheta falla das mulheres que andam em seus pés; que as que andam nos alheios necessitam de muito mais enxarcia, enfrechaduras, e amantilhos; de muitas mais flamulas e galhardetes; de muitas mais grinaldas e pharoes e de melhores pavezes a um e outro bordo.

Nem penses, minha filha, que este modo d'expressar é só proprio de Christãos. Terencio disse sentenciosamente nas suas comedias:

" Mulheres em quanto se apercebem, em quanto se enfeitam, lá vai um anno." † E Catão o Censor, vendo a desordem escandalosa das matronas Romanas, que sem decencia nem decoro sahiam de casa, e andando pela rua pedindo amotinadamente a quantos encontravam que votassem pela revocação da lei Opia, promulgada durante a segunda guerra punica, em que se lhes prohibia trazer alfaias d'ouro e prata alêm de certo valor, lançou-lhes em pleno Senado esta amarga censura: " Que costume é este de apresentar-se assim em publico, de encher as ruas, e parar a fallar com homens que não são vossos maridos? Não póde cada uma fazer essa mesma supplica ao seu lá no interior da sua casa? Ou sois acaso mais afaveis em publico que em particular, e mais com os estranhos que com os proprios? Sem embargo de que, nem ainda em vossa casa, se soubesseis conter-vos dentro dos limites que vos prescreve o pudor devieis curar de saber que leis se iam a estabelecer aqui, ou a revogar."

E' de esperar que entre nós não chegará o luxo a um tal desenfreamento; porêm ainda que chegasse, estou persuadido que tu nunca estarias no caso de merecer nem a ameaça de Isaias, nem a censura de Catão.

Tem como regra geral, minha querida filha, que o penteado, o calçado, os vestidos simples e modestos, tudo bem feito, aceiado, e bem composto; poucas côres vivas, e nunca contrastando umas com outras, como as dos arlequins; certo discernimento e juiso em modificar as modas n'aquillo em que offendem a decencia e prejudicam a saude, são as cousas em que deves pôr todo o teu desvelo, e pelas quaes darás prova de ter recebido uma boa educação, te tornarás estimavel a todas as pessoas que sabem apreciar o verdadeiro merecimemto e a modestia acompanhada de bom gosto.

*—Allegoria fundada no dito de Terencio: *Navis et mulier nunquan satis armantur.*
†—O adagio de Terencio era: *Dum moliuntur, dum comuntur, annus est.*

A mesma simplicidade te recommendo na mobilia e alfaias de tua camara ou camarim. Que loucura não é a de muitas damas e donzellas que ornam mais ricamente seus quartos de dormir ou camarins de toucar do que suas capellas ou oratorios, quando os têem! Vêem-se ali com profusão quadros, pinturas de preço, sanefas, bambinellas, cortinas tomadas a trechos com rosas de maravilhas, ou apanhadas em florões dourados; banquinhos de madeira aromatica e preciosa, ou guarnecidos de damasco, franjadas de seda ou de ouro; pias de cristal ou de rarissimas conchas; guardaroupas de grande custo pela preciosa madeira e bem acabado da obra; caçoletas, espelhos, jarras, ramalhetes, porcelanas, frasquinhos, figuras de alabastro ou de gesso; caixas, bocetas, cofrinhos, escrinios escaparates, escritorinhos; carteiras de gabinete e de viagem; carteirinhas d'algibeira para memorias ou cartas de visita, ou para marcar as contradanças nos bailes; estojos de toucar e de costura; papeleirinhas recheadas de cabo de marfim ou d'agatha para pennas metalicas, lacres aromatisados, sinetes de camafeos ou emblematicos, obreias transparentes ou ephémeras, papel de côres estampado aberto em tarjas, guarnecido de beixos entrelaçando armas, iniciaes ou emblemas; uma prateleira cheia de bagatellas; de marfim, porcelana, cristal e filagrana que não tem nome e que só se lhes poderia chamar bonitos de criança....A todo este aranzel accrescem os alegretes portateis de flores exoticas, naturaes ou artificiaes, a gata d'Angora com a sua competente cesta, o cão felpudo ou fraldeiro com a indispensavel camilha, etc. ! !

Que idéa se pode ter d'uma pessoa que gasta o seu dinheiro em similhantes superfluidades, e que perde o seu tempo em limpar todos estes objectos, ou que occupa n'isso a sua criada do quarto a maior parte do dia? E' por ventura de bom gosto que uma camara se pareça com uma loja ou bazar? Não, minha filha, se fores rica, tem uma ou mais galerias para os paineis, estatuas e objectos de curiosidade; mas não sejas nunca a caricatura da gente poderosa e rica. A camara d'uma mulher honesta não deve trazer á memoria esses templos pagãos cujos sacerdotes faziam notar as offerendas dos visitantes para que estes augmentassem o numero d'ellas. Sê modesta em tudo. O luxo d'uma camara não é menos escandaloso que o dos vestidos e adornos. Em lugar de todas essas futilidades, vejam-se em tua camara teares de bordar, cestos de costura, lapis, pinceis, e cavaletes, instrumentos de musica, livros de piedade e de boa litteratura; *note-se bem nem um só de novellas ahi tenha lugar, porque taes livros pervertem o espirito e corrompem o coração.*

Se algum porêm d'estes ultimos quizeres lêr não o faças sem consulta e approvação de teu confessor. (A proposito: a escolha de confessor deves fazel-a entre os Padres mais instruidos e, sobre tudo, tementes a Deos.)

Se não seguires este conselho expor-te-has a grandes perigos. Pudera contar-te exemplos bem terriveis e funestos produzidos pela leitura sem escolha dos *romances modernos.*

Pode ser que em quanto te não tive a ti, minha filha, eu fosse d'outro parecer, um pouco mais laxo; mas agora o instinto e o dever da pater-

nidade me fazem ver a verdade como ella é para t'a manifestar. Tu não sabes, não fazes idéa de quanto a piedade e a virtude exalta uma mulher na opinião dos homens—ainda dos máos. Sabemol-o nós... Alêm d'isso, a tua alma é bem mais preciosa do que o teu corpo, e a vida futura mais duradoura que a presente...

Já te disse que não devias ter em teu quarto aromas ou perfumes cheirosos; mas não te prohibo o que exhalam as flores naturaes, uma vez que não seja mui activo e faça mal á cabeça. Não tenhas de noute flores no teu quarto nem quando és obrigada a fechar as janellas; porêm fóra d'isso podes tel-as em vasos, tendo cuidado de lhes mudar a agua e cortar os pés; e se tiveres quintal, jardim, varanda, ou janellas de sacada em que possa haver vasos, muito folgarei de ver que as cultivas por tuas mäos: é uma innocente recreação que fica mui bem ás meninas e senhoras.

O mesmo te digo dos passaros; não só t'os não prohibo, mas digo-te que uma gaiola bonita e aceiada, habitada por um lindo cantor dos bosques, cujas brilhantes côres e mavioso gorgeio annunciam perenemente uma das maravilhas da creação, um aviario em que se admire a variedade d'estes engraçados animaes, são, não só um objecto de diversão permittido ás senhoras, mas um emprego mui louvavel de seus desvelos. São ellas destinadas a passar a maior parte da vida em casa; pela viveza de sua imaginação, e necessidade que seu coração tem de se affeiçoar a algum objecto deleitoso, hão mister distracções misturadas de prazer; e que mais innocentes e attractivas que as flores e os passarinhos?! E quanto não são ellas mais appreciaveis quando se sabem os elementos de botanica e historia natural?! E que uteis se não tornam quando as contemplamos como obras que sahiram primitivamente do thesouro da Sabedoria Increada, e que a fecunda Providencia faz renascer cada dia para deleite dos humanos e ostentação do seu poder? Creio, minha filha, que attrahida por esta contemplação muitas vezes exclamarás com o real Propheta:

"Quanto és grande, Senhor, nas tuas obras!
"Quanta brilhar se vê magnificencia,
"E infinda sapiencia!"

Não estejas nunca ociosa; descança-se quando se muda de occupação.

Busca saber fazer todas as cousas que houveres de mandar fazer a teus criados e criadas, para poderes julgar o que custam, e que tempo levam.

Sê bôa, polida e affavel com tua criada do quarto; exige d'ella que cumpra exacta e regularmente seus deveres, adverte-a, aconselha-a mas não ralhes destemperadamente; se não for submissa, cuidadosa e aceiada, despede-a, e ainda com mais rasão se for linguareira e presumida; não a deixes estar ociosa, nem consintas que vá conversar com outras criadas, e muito menos lhe admittas murmurações e fallar nas vidas alheias; se estiver doente, trata-a com caridade e carinho: é este um meio de ganhar o coração dos familiares, mais efficaz que as grandes dadivas. Dá-lhe o exemplo de todas as virtudes, e não lhe confies nunca segredo que não queiras que se descubra.

Já te disse, minha filha, que é mister ter cuidado na propria saude: é este um bem, que uma vez perdido tarde ou nunca se recupéra.

Não te entregues a uma vida molle e delicada; não durmas em cama de pennas branda de mais; sáe todos os dias ao menos uma hora a pé, de verão e de inverno; não faças serão até muito tarde; levanta-te cedo; vai raramente ao baile e ao theatro; come alimentos sãos, simples e pouco adubados; não uzes de bebidas fermentadas; reserva no interior da casa algumas occupações que te obriguem a levantar da cadeira, porque a vida sedentaria é nociva á saude, e faz envelhecer antes de tempo. Não te ponhas no costume de chamar a cada instante ou tocar a campainha a teus criados. Sabe arranjar o teu lume, tomar um copo d'agua, ir buscar nos armarios ou nas gavetas o que has mister. Se te fizeres servir á maneira das mulheres da India e da America meridional serás bem depressa como ellas, palida, apathica, debil e tão insipida como ellas são. Rir-se-hão de ti todas as senhoras e donzellas, e como não has de ter escravas para te servirem, terás o dissabor de te veres a cada instante abandonada de tuas criadas, que não poderão aturar uma ama que se torna insuportavel á força de exigencias.... Se por ventura alguma criada do quarto te adular a este respeito, se ella pozer muito desvelo em satisfazer todas as tuas vontades, fazendo de ti uma especie de idolo, desconfia d'ella, e vigia-a; acharás que tem algum interesse em se tornar d'esse modo indispensavel.

E' mui agradavel cousa vermo-nos cercados de familiares que nos poupam mil pequenos incommodos, mas é necessario saber dispensar o serviço d'outrem.

Uma viagem, muitas outras circumstancias inesperadas podem forçar-te a servir-te a ti mesma d'um momento para outro.

A perda de tuas riquesas que póde provir de innumeraveis causas, póde reduzir-te á dura necessidade de despedir até o ultimo criado..... Aprende não sómente a não precisares de ninguem ao serviço de tua pessoa, mas a seres util a teus parentes na adversidade; e para o conseguires não abuses d'uma prosperidade presente, penhor pouco seguro contra as miserias que podem sobrevir.

Desejo, minha filha, que o teu quarto seja o lugar do mundo em que estejas com mais satisfação, e que as occupações sedentarias sejam para ti uma necessidade: sem prohibir nenhum dos prazeres proprios de tua edade; desejo que a privação d'elles não te pareça jámais um sacrificio, e que não ames realmente senão o que sempre se póde amar: o estudo que eleva o espirito, o trabalho que occupa as mãos, as obras de beneficencia que conquistam todos os corações, as maneiras polidas que captivam a gente de distinção, o bom modo que de todos grangea a estima.

Conselhos.

Em fim, minha querida filha, deves pôr o maior cuidado e esmero em reunir em tua pessoa todas as virtudes d'uma donzella, e em preparar as que são proprias da mãi de familia.

Tem sempre diante dos olhos o retrato da mulher forte debuxado por Salomão com que Fenelon remata suas instrucções á cerca da educação das meninas.

REFLECÇÃO.

Oh! se eu podesse em meus derradeiros dias ver renascer nos patrios lares aquellas heroicas virtudes das antigas matronas Portuguezas, aperfeiçoadas com a polidez, urbanidade e instrucção que aquelle grande Prelado recommendava em suas cartas; se tu podesses ser o prototypo d'este aperfeiçoamento seria eu o mais feliz e ditoso dos mortaes; e o esposo que a Providencia te destinar, vendo a enchente de bens que a mulher forte lhe traz para casa, juntaria seus louvores aos de seus conterraneos, e dir-te-hia com o Rei Sabio:

" Muitas mulheres juntaram riquezas; porêm tu excedeste a todas.

" A graça é enganadora, e a formosura é vã, a mulher que teme ao " Senhor essa é a que merece ser louvada. Venham sobre ella as bençãos " e a abundancia, que são o fruto de seu trabalho, e proclamem-se seus " louvores nas portas da cidade e no conselho dos anciãos."

CAPITULO XVIII.

Conselhos aos pais, e mãis sobre a instrucção, correcção e educação dos filhos.

Ordinaria cousa é encher a naturesa os pais e mãis d'uma affeição tão terna a seus filhos, que todos por inclinação natural se esmeram, e põem a mira no que é commodo seu, e sua felicidade e ventura, lançando juntamente mão de tudo quanto os encaminha a isso. Este amor natural é tão rasoavel que a Escriptura mais o suppõem como obrigação, do que se empenha a recommendal-o. E com effeito maior risco ha de peccar por excesso, do que por falta de amor.

Alguns pais ha que se desvelam tanto por seus filhos que até se esquecem das obrigações da humanidade para com os outros homens. Outros porêm, cujo amor é em extremo indulgente, encobrem e desculpam todos os defeitos de seus filhos, contribuindo assim para sua perdição. E se em alguns todavia este amor passa a excesso, não se pode negar que se acham tambem outros, que suffocam d'alguma maneira a este respeito os sentimentosd a naturesa, ou que, pelo menos, não se amoldam com a regra de proceder, que requer o verdadeiro amor.

Vemos pais, que pelo seu modo de proceder severo e arrebatado desafiam o animo de seus filhos, e desgostam-os, e fazem com que venham a desanimar-se, obrando assim estes pais directamente contra o conselho de

S. Paulo: *Et vos, patres, nolite ad iracundiam provocare filios vestros: Sed educate illos in disciplina et correptione Domini.* * "E vós, pais, não enojeis vossos filhos; mas criai-os, corregindo-os, segundo a Doutrina do Senhor."

Pode ser que o numero d'estes seja maior do que se cuida. E por esta rasão exhorta um excellente moralista os Pastores a fazer repetidas exhortações aos pais e mäis. Tomai conta, diz elle, em ajustar bem a "balança. Mostrai-vos imparciaes; e não ponhaes grande peso sobre os "hombros aos filhos, aliviando de todo os pais; nem impondo rigorosas "obrigações áquelles, deixeis a estes obrar á sua vontade. Os pais são "de carne e sangue, como seus filhos, e por isso podem faltar, como estes, "ás suas obrigações. Até importa muito mais, (ajunta elle,) exhortar os "pais a cumprir com suas obrigações, do que os filhos, porque a estes "assás enfrea nos limites do respeito o temor, que tem dos seus pais."

Raras vezes ousam inferiores rebellar-se sem rasões fortes contra seus superiores; sendo certo que os pais, como não conhecem authoridade maior que os cinja ao que devem, é para recear que tomem demasiada liberdade.

Esta é a rasão que nos move a publicar o presente discurso; quero dizer, a seguir os dictamos d'este moralista, e fazer de maneira que os pais, de quem acabamos de fallar, quando seja possivel, se deixem guiar dos sentimentos de brandura, e moderação, que a natureza não pode deixar de inspirar-lhes repetidas vezes. Para este fim descreveremos a naturesa do vicio que consiste em enojar os filhos, mostrando-lhes ao mesmo tempo os motivos, que os devem arredar d'elle, descobrindo-lhes de que procede, e apontando os meios proprios para remedial-o.

A expressão, de que se serve S. Paulo, quando escreve aos Efesios, significa affligir, entristecer, provocar alguem, movel-o a encolerizar-se, desgostal-o, desafiar-lhe o animo. Pelo que quer o apostolo, que os pais se hajam de tal maneira com seus filhos, que não lhes dêem occasião de murmurar, de arrebatar-se, de amaldiçoar o dia em que nasceram. Prohibe-lhes todo o excesso quanto ao uso da authoridade paternal, e o desmesurado rigor e severidade com elles; aquelle porte enfadonho, arrebatamentos, imprecações, correcções severas, desarrasoadas, com que ordinariamente zombam dos filhos, soblevam-os, e lançam-os na desesperação. Este é o temeroso extremo que elle quer que se arrede com todo o cuidado. Mas como a indulgencia e impunidade seria outro extremo, egualmente pernicioso, propõem um justo e assisado meio, quando ajunta: "Criai-os, corregindo-os segundo o Senhor." Com estas ultimas palavras, que traz por opposição ás primeiras, como que parece que a correcção má e desarrasoada é que desafia o animo dos filhos. Vejamos pois com alguma individuação, como se pecca, e como se pode peccar a este respeito.

A primeira cousa que se requer, para que a correcção seja ligitima, é o certificar-se primeiro bem da realidade da culpa commettida. Ora

* Eph. C. VI. V. 4.

quando um pai, depois de ter castigado seu filho, viesse a conhecer que fizera sem rasão, e por mal informado, quem não vê que similhante castigo não só seria infructuoso, senão que nenhuma causa se pode dar mais propria para enojar e erritar sobre maneira o animo do filho, e movel-o a taxar seu pai de injusto e cruel? Aquelle pois que, por exemplo, sem mais exame, que a primeira informação d'um visinho, vai logo impôr alguma pena a seu filho, pecca contra esta primeira regra.

E' necessario, em segundo lugar, que as culpas sejam de consideração; porque então são mais temerosas, devem-se precaver com maior desvelo, e a correcção se recebe com submissão e sem murmurar. Se os pais castigarem por cousa de nenhum momento, por ter fallado fóra de proposito, por qualquer leve esquecimento, tornarão seus filhos timidos e insensiveis ás correcções que se derem por causas mais graves, e mais importantes. Convêm que um pai dissimule muitas cousas que vê e ouve.

A terceira cousa que se requer é que o filho saiba que cahio em culpa. Não basta que o pai a tenha por tal; pois a correcção deve dar-se para instrucção. Se o filho cahio sem malicia, e por inadvertencia, seria injusto o castigo; e para que d'elle se tire utilidade é necessario que o filho conheça que obrou contra o conhecimento que se lhe dera da sua obrigação.

A estas regras convêm ajuntar outras, que respeitam ao modo de dar as correcções. Seja pois a quarta, que antes de passar ao castigo deve-se primeiramente usar das exhortações e reprehensões. As primeiras faltas admittem perdão, e quando se pode corrigir um menino só com a palavra, o que é cousa muito facil, seria inutil usar do castigo. A este respeito convêm obrar á maneira d'um medico prudente; quando chega a cortar alguma parte do corpo, é quando todos os demais remedios tem sido inuteis. Obrando assim dará um pai mostras de que não se deleita em castigar seus filhos, e de que só por necessidade o vem a fazer com constrangimento seu.

Em quinto lugar convêm que o castigo seja proporcionado á edade e culpa, de quem a commetteo. Para lonje de nós vão aquelles pais desalmados e verdugos, dissera eu, de seus filhos, que em castigal-os não conhecem regra; impondo-lhes penas de que podem resentir-se toda a vida. N'isto dão mostras de dominal-os o odio, e não o amor, e em vez de callar, tornam mais emperrado o coração de seus filhos, e fazem com que estes venham a desejar-lhes a morte. Damnado desejo! mas que recahe em muita parte sobre os auctores de suas penas.

Em sexto lugar, as correcções devem ser dadas com socego d'alma: quando um pai se sente encolerizado, convêm esperar que a ira passe. Ateado o fogo da paixão, ninguem conhece o que é muito, nem o que é pouco. Além de que, não resultaria então effeito algum; pois um menino julgaria ter sido castigado, não porque cometesse falta digna de castigo, mas porque seu pai ardia em colera.

Em septimo lugar, deve-se tomar conta em não censurar e corrigir o filho na presença dos estranhos. Dois males, poderiam d'aqui seguir-se; o primeiro, desafiar-lhe o animo; porque não ha cousa que enoje mais do

que ver qualquer suas faltas descobertas por aquelles mesmos, que deveriam encobril-as, e ver-se por esta via, exposto á vergonha, e a ser escarnecido pelos outros; o segundo, movel-o a ficar cada vez mais endurecido: em quanto o filho julga que é tido dos outros em boa conta, isto seria motivo para enfrear-se; mas uma vez corridas as cortinas á vergonha, dar-se-ha a todas as paixões.

Em oitavo lugar, as correcções devem ser nascidas de amor e ternura; devem estes sentimentos descobrir-se até nas mesmas reprehensões, por maneira que o menino possa devisal-os, e reconhecer que em tudo quanto se lhe faz, só se põem a mira no seu maior bem. Pelo que os pais que reprehendem seus filhos com terrivel semblante, o rosto acceso em colera, proferindo contra elles palavras injuriosas, e até usando de imprecações torpes, todos elles peccam contra esta regra e são muito de censurar, ou porque o odio lhes inspira taes palavras, ou porque o costume lhes tem amoldado a lingua a esta venenosa linguagem. Um pai por ventura assim é que deve guizar suas reprehensões d'uma maneira tão indigna? Similhante linguagem não diz mal n'uma pessoa bem nascida? N'um Christão, cuja boca deve ser uma fonte de bençõès é bem que se ache tal linguagem? Inda mais, perguntára eu, diz ella bem n'um pai, cujo nome respira só benignidade e mansidão? Não é mais depressa propria d'um inimigo dos mais barbaros? Esta maneira de proceder só serve de atenuar a estima e conta em que um filho deve ter a seu pai, e movel-o insensivelmente a respeital-o menos. Só é propria para enojal-o e desgostal-o, por muito poucos sentimentos que elle tenha. Que tristeza e esmorecimento não o tomará todo, quando só vê colera e aversão no rosto e nas acções e palavras da pessoa que lhe deve ter mais amor que ninguem no mundo?

Não é só n'estes casos, que aqui ficam ditos, e quanto ás correcções, que os pais podem enojar o animo de seus filhos, d'outros muitos modos o podem tambem fazer no modo ordinario de proceder que tem com elles.

Primeiramente ponho n'este numero os pais que nunca dão louvor a seus filhos, nem signal algum de quem aprova o que elles fazem; que nunca lhes dizem que estão contentes, por mais que elles se esforcem para agradar-lhes; que lhes mostram um rosto demasiado severo, quando elles fazem algum mal, e finalmente que nunca os animam, e sempre tem com elles um ar melancolico, fastidioso e agro. Como querem estes pais que seus filhos não se enojem? Cuidam por ventura que d'isto não resultará effeito algum n'elles? Ah! que fôra na verdade necessario ser um anjo, ou creatura extraordinariamente arrasoada para deixar de murmurar.

Ponho tambem n'este numero aquelles pais, que escassamente dão a seus filhos, e como de má vontade, as cousas necessarias; que de tudo quanto é para o seu uso e serviço, querem elles mesmos tomar conta, e que se faça como bem lhes parece, sem dar a este respeito aos filhos mostras da sua boa vontade, senão por sua morte. Porêm nenhum d'estes pais pode deixar de saber que, pois deram ao mundo seus filhos, devem solicitar-lhes os meios de viver n'elle uma vida agradavel e suave, segundo

suas posses e condição. Os que assim não obram, não só deixam de comprir com suas obrigações, não só dão lugar a seus filhos a recorrerem a meios illicitos para acudir ás suas necessidades; mas tambem por esta via, mais que por outra qualquer, desgostam, desanimam seus filhos, e lhes affracam consideravelmente o amor.

Emfim n'este numero ponho tambem aquelles pais, que blazonam de opprimir seus filhos, e tirar-lhes quanta liberdade podem. Fallo dos que parece que tomam a peito o mandar a seus filhos cousas a que elles tem muita repugnancia, e que lhes custa a executar; * fallo dos que mal entendem que seus filhos fazem gosto n'uma cousa, ainda que indifferente, prohibem-lh'a, e em tudo os contradizem; dos que os impedem de visitar amigos sizudos, e de boa conversação.

Isto não é certamente usar do seu poder com equidade e moderação; é satisfazer o seu animo de dominar; opprimir seus filhos com ordens e vontades desarrasoadas; obrar mais como tyranno, do que como pai, especialmente quando os filhos são sizudos, e não abusam da liberdade que se lhes dá antes são cuidadosos em cumprir suas obrigações, e nunca faltam ás essenciaes.

D'estas differentes maneiras é que se póde desafiar o animo dos filhos. Mas n'este lugar faremos uma reflexão importante, antes de dar fim a este artigo. E' sobre tudo necessario arredar todos os defeitos, que ficam ditos, com os filhos que tem chegado á edade que as leis estabeleceram para a maioridade. Têl-os então em grande dependencia, reprehendel-os por cousas que não valem nada, é fazer com que vivam uma vida amarga, e vender-lhes bem caro o sustento, vestuario e esperanças, que se lhes dão para o futuro. "Cuido que todos terão por cousa razoavel, diz o celebre Locke no seu Tratado da educação dos meninos, que os filhos, em-
" quanto são pequenos, tenham como de fé, tudo que lhes dizem seus
" superiores; que considerem seus pais como seus senhores e soberanos
" absolutos, e como taes os respeitem; porêm chegados que sejam a edade
" mais madura, tenham-os pelos melhores amigos, e como taes os amem.
" Ora, para que se gerem estes sentimentos de amizade não ha outro meio

---

*—Não queremos dizer com isto que os pais não tenham o direito e até ás vezes o dever de mandar fazer a seus filhos coisas algum tanto difficeis e repugnantes ao amor proprio d'estes, para os conservar na humildade, ou para os castigar por seus desvios. O que se condemna são os excessos; o que se recommenda é a circumspecção e a prudencia em casos similhantes—sobre tudo, que se não deixem os pais dominar dos primeiro movimentos da ira nos castigos ou humilhações a que hajam de sujeitar seus filhos: d'outra maneira produzem taes castigos muitas vezes o effeito contrario d'aquelle que se pretende.

Fallando porêm a verdade, parece-nos algum tanto demasiada a insistencia do auctor em recommendar aos pais moderação para com os filhos, lembrando-nos sobre tudo que n'estas terras do Oriente com especialidade, e talvez que em todas as outras, muito maiores males provêm do desleixo e dos demasiados mimos dos pais do que da sua severidade para com os filhos. *Qui parcit virgæ odit filium (Prov.* 13. 24.)

" Aborrece seu filho quem o não castiga," como diz o Sabio. Sirva ao menos isto de correctivo á demasiada e por vezes falsa ternura do coração paterno (e materno ainda mais.)

Nota do Revisor.

" mais que o levantar um pouco mão da severidade, á proporção que elles
" entrarem a descobrir juiso. Porque, (ajunta o mesmo Locke,) todos de-
" vemos considerar que nossos filhos, uma vez que chegam a ser maiores,
" são em tudo similhantes a nós; tem as mesmas paixões, os mesmos de-
" sejos. Todos folgam de passar por sujeitos arrasoados, e usar do seu
" alvedrio no que respeita á sua regra de viver. Não gostam de passar
" a cada instante por censuras e despresos, não podem soffrer o ver-se
" expostos continuadamente á ruim disposição d'aquelles que frequentam,
" nem que os tenham em grande constrangimento. Pelo que, se tratardes
" com severidade e imperio os filhos que tem a rasão por guia, é este o
" meio de obrigal-os a desgostar-se de vós, e a dizer comsigo: Tomára já
" ver-te morto (—o que aliás seria n'elles um gravissimo crime, a que de-
" veis tirar toda a occasião.)

" Não intenteis dominar despoticamente o vosso filho, uma vez que tiver
" chegado á maioridade; diz tambem um auctor de verdadeiro merecimento.
" Assás é que não vos descuidasseis, nem tenhais poupado cousa alguma
" para a sua educação; tendo assim comprido com as leis de homem hon-
" rado, e bom pai: contentai-vos com isto, e lembrai-vos que mais sois
" amigo do que pai do vosso filho, quanto á authoridade. Que se elle for
" qual deve ser, não deixará de seguir sempre os vossos conselhos, e se de
" ruim indole, em vão vos cançareis em dar-lh'os."

Segundo pois os conselhos d'estes dois auctores, e os que atraz temos dado, evitar-se-hão os defeitos que S. Paulo quer que se evitem, quando diz: " Pais, não enojeis vossos filhos, e não façais com que elles venham a desanimar-se." Porêm entremos, para evitar melhor todos os escolhos, na averiguação dos principios donde nasce este genero de proceder severo, que a maior parte dos pais tem; e refutemos as illusões a este respeito.

E' pois o primeiro principio que temos de notar, a desmesurada opinião que se tem da dignidade e authoridade paternal. Uma e outra entendem os pais por uma soberania absoluta, independente e despotica; o que julgam pelo extremo de querer alargar seus direitos, e prerogativas. Não se pode negar que os pais tem grande authoridade sobre seus filhos; mas é necessario attender que sendo sua authoridade justa, quando não rompe os justos limites, torna-se tyrannica quando é illimitada. Compara-se de ordinario a authoridade d'um pai com a d'um Rei. A d'este não tem a mira n'outra coisa mais que simplesmente na vantagem de seus vassallos; e todas as vezes que se desvia d'este alvo, já o Rei se fica servindo injustamente do seu poder. O mesmo dizemos da authoridade d'um pai, cujos preceitos todos por elle dado a seus filhos devem encaminhar-se ao bem d'estes; e uma vez que se afastam d'este fim, ficam aquelles sendo desarrasoados.

Deos não lhes depositou nas mãos a authoridade, para que com ella atormentassem seus filhos, mas só para o proprio bem d'estes, os quaes lançando mão da experiencia e sizo de seus pais, podessem mais facilmente constituir-se membros commodos, e uteis á sociedade, e vir a ser homens honrados e bons Christãos.

Sobre esta materia falla bem e precisamente Puffendorf: "Constituido "um pai, (diz elle,) pela natureza na obrigação de criar bem seus filhos, "tornal-os uteis á sociedade, até que elles cheguem a ter capacidade para "se regerem a si proprios, deve o seu poder alargar-se quanto for neces-"sario, e não mais, para este fim."

Temos o segundo principio no pensamento em que alguns pais estão. Cuidam elles que seus filhos tudo lhes devem, só porque os deram ao mundo. Não é esta a base sobre que assentam unicamente as obrigações dos filhos. Não basta ter-lhes dado a vida, é necessario tambem, quanto for possivel, fazer de maneira que elles vivam tranquilla e suavemente, e não em amargura e dissabor. Porisso todos os moralistas fundam as obrigações dos filhos mais em particular sobre o reconhecimento. Ora, quem falla de reconhecimento suppöem beneficios, e beneficios que pódem ser mais, ou menos consideraveis. Do que se colhe que as obrigações dos filhos a este respeito são condicionaes, e podem alargar-se mais ou menos. Assim todos os pais que no seu porte dão mostras de que não os animam a respeito de seus filhos os ternos sentimentos que a natureza de ordinario inspira; todos os que sempre olham para elles com ruins olhos, que os desgostam a cada instante, e procuram só entristecel-os, negam-lhes toda a recreação, mal lhes dão o necessario, e isso de má vontade, perguntaria eu a estes pais, se julgam e devem esperar que seus filhos estejam com elles em tanta obrigação, e cingidos a seu respeito a tantas leis, como estariam com outro que se esmerasse no seu bem, que os instruisse, e lhes fallasse com amizade, nunca os reprehendesse com demasiada aspereza, nem lhes negasse todas as recreações innocentes, que lhes pedissem? Sei eu que ha certas obrigações a que nunca se deve faltar; mas não ha ninguem certamente que tenha julgado que os filhos devem ser os mesmos, e haver-se da mesma sorte a respeito dos pais que procedem d'uma como dos que procedem d'outra maneira, que aqui deixamos dito.

O terceiro principio está no pensamento d'alguns pais cuidarem que seus filhos nasceram unicamente para elles; que devem combinar inteiramente com elles nos pensamentos; que em qualquer idade que seja, não lhes é permittido terem outro gosto, nem outra vontade que não seja a sua. D'aqui vem que se os filhos não ajuizam, como elles, ou se tem alguma inclinação que não é do seu agrado, tratam-os como se lhes tivessem faltado ao respeito. E tem por ventura rasão n'isto? Façamos uma reflexão. Se quando dizem que seus filhos nasceram para elles, entendem que seus filhos são obrigados a sustental-os e soccorrel-os em suas necessidades, não vamos contra esta maxima; porêm se pretendem que os filhos não devem ter outra inclinação que não seja, a que se combina com seu capricho e fantasia, não podemos ajuisar como elles. E com effeito não se pode dizer que para isto só os trouxera Deos ao mundo; outras tambem foram os fins que o mesmo Deos teve para isso, mais excellentes, e que se alargam mais. Trouxe-os ao mundo para que se constituissem uteis á sociedade, e sobre tudo para que o conhecessem, servissem glorificassem, e trabalhassem na sua salvação. De maneira que facil cousa é

de ver, que quando os pais gostassem do mundo, dos espectaculos, de cousas que nada valem, e fosse necessario que os filhos combinassem com elles n'este gosto, e em tudo isto os imitassem, nunca se conformariam com o fim, a que Deos os trouxe ao mundo, que é todavia aquelle com o qual se devem conformar, com preferencia a outro qualquer. Demais d'isso, amolda-se por ventura com a rasão o formalisar-se um sujeito por causa da differença de sentimentos? Não é livre a faculdade de pensar? Se em tudo fora conveniente o conformar-se o homem com o sentimento de seus pais, quaes seriam os nossos sentimentos? A nenhum de nós nos seria licito pensar d'outra maneira que Adão pensou. Pelo que, tudo quanto n'este particular se pode requerer, é que os filhos exponham seu sentimento com respeito e modestia.

Agora refutaremos, por addição a este lugar, outra cousa que certos pais requerem, que diz muito com as antecedentes. Ha pais que não querem permittir que seus filhos se justifiquem, quando se lhes imputa alguma cousa, e só querem que se dêm por culpados, e confessem que obraram mal; cousa que, não dizendo bem com a rasão, é ao mesmo tempo injusta. Porque, tirando aos filhos o direito de justificar-se, tiram-lhes tambem o meio de produzir bom effeito; pois poderiam allegar boas rasöes, capazes de satisfazel-os com força e vigor. E não deveria ser suave satisfação para um pai, e legitimo prazer o achar seus filhos innocentes, e não ter o dissabor e trabalho de enfadar-se com elles? Ainda digo mais que seria injustiça tirar-lhes este direito. Todo o homem, por isso mesmo que é de natureza racional, tem direito para preservar-se a si e a quanto lhe pertence de toda a exprobração. Não lhes deo o Supremo Creador debalde a faculdade de arrazoar; e de que lhes serviria esta faculdade, se não podessem servir-se d'ella para defender o que deve amar mais—a sua innocencia—quando se armam contra elles! Tudo quanto fica dito nada tem que não seja muito conforme á moral mais rigorosa. O Escriptor Picted ainda passa adiante. Quer elle que os pais dêem a seus filhos a liberdade de exprimir seus pensamentos, e as mesmas queixas, que poderiam ter d'elles, como fez o pai de que falla S. Lucas. *

O quarto principio, que serve tambem de desculpa a muitos pais para justificar a sua severidade, é como elles dizem, a ruim maneira de proceder de seus filhos para com elles. Primeiramente eu duvido que os filhos sejam os primeiros. Raras vezes acontece, como fica dito no principio d'este discurso, que os filhos a quem não se tem enojado o animo, deixem de cumprir com suas obrigações. Pois com que fim obrariam elles d'esta maneira? Resultar-lhes-hia d'isso algum proveito? Antes se tornariam desgraçados, e acarreariam contra si dissabores e mortificações, fazendo com que se lhes negasse muitas cousas. Obrariam talvez por soberba. Mas onde está a soberba que não se humilhe, quando se trata de passar d'uma situação que affige a outra muito mais agradavel, e de arredar o máo tratamento para restituir-se á boa amizade d'um pai? Em segundo

*—C. XV. V. 29.

lugar; muitas vezes se entende que os filhos não tem respeito, e bons modos só porque não executam certas ordens que se lhes dão? Porêm esta desobediencia procede muitas vezes da difficuldade, e ainda impossibilidade da cousa. Se elles nunca déssem mostras de respeito, nem de submissão, então commetteriam grande culpa. Mas elles a dão d'outras muitas maneiras, e só parece que não o fazem n'um só caso, em que a cousa é difficultosissima; e então protestam grandemente, e tomam a Deos por testimunha de que sua intenção não é faltar ao respeito: não se pode na verdade censural-os de falta de reverencia. Em fim quero suppôr que os filhos, enojados pelo modo de proceder de seus pais e mäis, se hajam tambem com elles de máo modo: devo dar a estes pais um conselho, e é que entrem, como mais arrasoados, a mudar de proceder, que eu lhes seguro que seus filhos entrem tambem em si, e obrem como devem.

O ultimo principio com que os pais pretendem desculpar a sua severidade, é, dizem elles, o serem de genio ardente e arrebatado; não poderem moderar-se, serem fogosos; cousas que vem do sangue. Confessâmos que a compleição natural influe muito sobre o genio e condição do homem, e que os homens colericos tem maior trabalho em vencer-se. Mas não é rasão que paguem e padeçam por isso os vossos filhos; o genio ardente não é cousa incuravel. Quer Deos que nós sejamos brandos, e não é de crer que elle queira de nós uma cousa impossivel. Quanto mais que é de notar que aquelles mesmos, que dizem proceder este vicio do sangue, sabem todavia quietar-se muito bem na presença de qualquer pessoa de respeito e consideração para elles. Em fim quero que seja como elles dizem; pelo menos, quando estão em socego de espirito, se querem que não se suspeite nada d'elles, devem dar a seus filhos sinceras mostras de sua benevolencia, e dar-lhes a conhecer que se os maltrataram foi como contra sua vontade.

Estes os principios donde nasce a severidade de que certos pais usam com seus filhos. Desejára eu que todos elles attendessem a tudo quanto temos dito, e da mesma maneira aos meios que agora lhes apontaremos em poucas palavras para acabal-os de corrigir.

Devem primeiramente examinar as occasiões e cousas que os irritam contra seus filhos e precavel-as. Querer, por exemplo, de seus filhos mais do que elles podem, querer cousas inuteis, ou que nada valem, e podem esquecer; ter a curiosidade de saber tudo, e metter-se com cousas do menor momento é buscar dissabores, e querer alterar-se, e inquietar-se a si proprio sem necessidade.

Devem depois d'isso pôr os olhos na fraqueza dos filhos. Quando o vosso filho não cumpre exactamente com o que desejais logo vos enojais. Por ventura entendeis que toda a natureza deve ser docil comvosco? O homem, e mórmente um menino, acaso é algum ente perfeito e completo? Demais d'isso diz bem n'um pai o ser tão difficultoso de contentar? Ora considerai um pouco quanta paciencia necessitais que Deos tenha comvosco.

Em terceiro lugar convêm assegurar-vos do que esta maneira de pro-

ceder tem de baixa e vergonhosa. E' cousa indigna d'um pai o encolerisar-se e enfurecer-se contra seus filhos. Isto se vem a conhecer, quando, socegado o espirito, entra cada um em si. Envergonha-se então das mostras de arrebatamento que déra sem querer, arrepende-se dos máos conselhos que a paixão lhe dictára e elle seguira.

Outro excellente meio temos, e é em quarto lugar o pedir a nossos parentes, amigos, e assistentes que nos sustenham, e vão á mão quando se atear em nós a colera. Ha pessoas cujas paixões são tão violentas, que nem permittir querem que alguem se entremetta a socegal-as. Enojam-se contra os que tal intentam, e querem levar a sua ávante, e ir com suas exprobrações e censuras ao cabo. Assim entendem tão mal o que é de seu verdadeiro interesse.

Em quinto lugar convêm lembrar-se que amor com amor se paga, e odio com odio.

Tal é a natureza do coração humano. Se quereis a emenda de vossos filhos; se quereis que vos tragam dentro do coração, e que vos tenham amor, estima, e respeito até ao fim de seus dias, anticipai-vos, e tratai-os com verdadeiros sentimentos de pais; que d'esta maneira cedo ou tarde vós achareis bem. Chegados que fordes á edade avançada, em que o mundo e as companhias vos serão pezadas, e as doenças entrarão a vir sobre vós, os vossos filhos, cuja affeição tiverdes ganhado com bons modos, disvelar-se-hão sobre maneira por vós, correrão atraz de tudo quanto for vossa recreação e esmerar-se-hão por vos tornar suaves os ultimos dias que vos restarem da vida. E pelo contrario, se com censuras e castigos desarrasoados, havendo-vos com elles aspera e severamente, e com os movimentos de ira e odio, lhes tiverdes enojado, e desaffeiçoado o animo, dar-vos-heis muito mal nos dias da velhice. Não deixarão vossos filhos talvez de cumprir com o que devem; mas não passarão a mais. Recebereis d'elles menos consolações, e nenhum vos tratará com os competentes disvelos e cuidados.

REFLECÇÕES.

Finalmente o ultimo meio é meditar seriamente no que fica dito n'este discurso quanto ás precauções que deve haver nas correcções; no que dissémos sobre a auctoridade dos pais, fins porque Deos lh'a deo, e dos limites, a que deve estar cingida. Lembrai-vos mórmente, ó pais e mãis; comvosco fallo, lembrai-vos da hora, em que sereis chamados para comparecer perante o Supremo Juiz. Não vos servirá então de desculpa a vossa auctoridade, se tiverdes abusado d'ella, antes servirá de aggravar a vossa culpa. Pois achando-vos em edade mais avançada e posto mais eminente, tendo mais experiencia que vossos filhos, deverieis servir de guias e archotes que os alumiassem para entrar em bom caminho; e de exemplar, a que podessem conformar toda sua vida, mórmente quando chegassem tambem a ser pais. Se elles peccam á vossa imitação, e por seguir o vosso exemplo, pedir-se-vos-ha conta do seu sangue.

Segui pois uma regra de proceder sizuda e moderada com elles, por maneira que não seja desmesuradamente nem indulgente, nem severa. Não os reprehendais com desacordo: fazei-o sempre com moderação. Guardai a seu respeito, não só em vossas acções todas, mas tambem no semblante, porte, e expressões o caracter de pais e senhores; mas seja de pais e senhores justos, assisados, brandos benignos, seguindo o exemplo que vos dá Deos, pai commum de todos os homens.

CAPITULO XIX.

Collecções de pensamentos e sentimentos moraes de varios auctores.

Nunca os filhos são mais verdadeiramente amados do que quando são educados com sabia severidade.

Pe. Leite.

Que cousa mais agradavel para os pais, do que ter filhos virtuosos, e bem criados?

Anonimo.

A felicidade, ou a infelicidade da vossa vida provém quasi sempre da boa, ou da má educação.

Anonimo.

No que respeita á educação dos meninos, deve uma pessoa propôr-se o fim de cultival-os, adornar-lhes o espirito, e dispol-os assim a desempenhar dignamente os differentes empregos a que são destinados; mas sobre tudo deve-se-lhes ensinar o culto religioso, com que devem servir a Deos.

Rollin.

Todos os povos da terra, por mais differentes e oppostos, que sejam pelo seu caracter, costumes e inclinações, se acham todos reunidos em um ponto essencial, que é o sentimento intimo d'um culto devido a um Ente Supremo.

Fréron.

Um mancebo que é docil aos conselhos que se lhe dão terá infalivelmente merecimento.

Molière.

Quem duvida que o homem que cultiva a virtude e as sciencias, não goze d'uma felicidade mais solida, que aquelle que consome a sua vida na dissipação dos seus bens e engolfado em prazeres do mundo?

Anonimo.

A gratidão é rara, porque offende o amor proprio. Ella recorda de continuo a superioridade, que adquirio o bemfeitor.

Le Page.

As pessoas agradecidas parecem-se com aquellas terras ferteis, que dão mais do que recebem.

Anonimo.

Os máos fogem como d'um supplicio ao espectaculo da virtude recompensada.

Blanchard.

Um menino attento, affavel e bom, é querido de todo mundo.

Anonimo.

A ignorancia é a mäi da admiração, do erro, do escrupulo, da superstição e da prevenção.

Girard.

Os homens illustrados são contemporaneos dos seculos futuros por seus pensamentos.

Stael.

Falsos sabios, e tambem pessoas habeis, estão expostos a vans apparencias, e a erros verdadeiros.

Vaugclas.

Os grandes e profundos projectos, unidos a uma prompta e sabia execução, fazem o grande Ministro.

Girard.

Parece-me que o unico modo de julgar com equidade o caracter d'um homem é examinando se ha ou não calculo pessoal em seu procedimento.

Stael.

Todas as parvoices da metafisica politica não valem uma decisão da politica experimental.

Du Pan.

Um homem de genio, quando por acaso se acha á testa dos negocios publicos, deve trabalhar por se não tornar indispensavel. As boas instrucções realisam e sustentam os altos pensamentos que um individuo, qualquer que seja, só passageiramente pode pôr em pratica.

Stael.

As vantagens da sciencia e disciplinas militares não podem ser experimentadas, sem que um certo numero de soldados seja unido em um só corpo, e movido por uma só alma.

Gibbon.

O prazer mais delicado é fazer bem aos outros.

Blanchard.

Fazei felizes, e vós o sereis.

Blanchard.

A immortalidade do nome não é por fim mais do que uma vã ostentação. As paginas do livro da vida voltam-se em silencio. Cada seculo é um livro, que se lança para o lado para nunca mais se abrir. O idolo do dia expede de nossa memoria o heroe da vespera; e será á sua vez supplantado pelo heroe d'amanhã.

J. Washington.

Nossos pais acham em nossas memorias fugitivas uma sepultura, e nos ensinam de que modo sobreviveremos em nossa posteridade.

Brown.

A pobreza é incomparavelmente menor mal que a infamia.

Anonimo.

O mentiroso é tão despresado como o homem verdadeiro é estimado.

Anonimo.

O coração d'uma mulher fiel contêm uma faisca do fogo celeste, que está eclipsada durante o grande dia da prosperidade, mas que brilha e resplandece com todo o seu esmalte na sombria noite da desgraça.

J. Washington.

A dôr que sentimos, perdendo aquelles que adoramos, é a unica a que recusamos renunciar.

J. Washington.

Sê nos apertos animoso e forte;
E quando sopra mui feliz galerno,
Tu mesmo com prudente aviso caça
Turgidas velas.

Horacio.

O enthusiasmo é d'algum modo a adolescencia do verdadeiro genio e a moderação sua edade madura. Esta é o fructo das luzes, das desgraças, dos resultados d'uma vida occupada, tanto como virtuosa.

O amor do trabalho, e o amor da verdade, ficam sós. A consciencia já não é escrava da sensibilidade; fortificou-se, sacrificando uma depois d'outra, não as virtudes, mas as illusões.

Um som ao longe, egual ao da trombeta, fez resoar os echos. A princeza escuta; um morno silencio lhe succede.

"Tal é a fama," exclama ella, "o som fugitivo d'um instante."

Arlincourt.

Quando um principe, bem nascido, não s'esquece de que é homem pode achar amigos que não se esqueceram de que é rei.

Ramsay.

Qual é o homem, que não quizera voltar ainda uma vez aos primeiros annos?

Byron.

A desgraça é religiosa: a solidão chama a oração.

Chateaubriand.

A satisfação que se tira da vingança dura instantes; mas aquella que produz a clemencia nunca finda.

(Expressão d'Henrique IV.)

Blanchard.

O homem soffredor deve ser preferido ao animoso e valente.

Blanchard.

Valor, conquistas, luxo, e anarquia, eis o circulo fatal, e os differentes periodos da vida de quasi todos os estados.

Ramsay.

Uma constituição que faça entrar em seus elementos a humilhação do soberano ou do povo, deve precisamente ser derribada por um d'elles.

Stael.

Aquelle que for senhor de si proprio, o será bem cedo dos outros.

Homme de Cour.

A falta de felicidade no povo é causa da sua immoralidade. *

Stael.

Os discursos não alliviam as dôres: a amizade tão sómente consola as penas quando toma parte n'ellas.

Chateaubriand.

N'este mundo o heroismo e o genio, umas vezes repellidos pelo despreso e outras acolhidos pelo enthusiasmo, ainda que louros os corôem, não tem senão palmas contestadas; e o mortal illustre, levado ao tribunal dos contemporaneos, precisa de se fazer absolver.

Arlincourt.

Se tendes thesouros, que emprego mais excellente e honroso podeis fazer d'elles do que na compra de corações?

Blanchard.

Nada basta ao avarento: elle accumula e sempre deseja.
O prodigo nunca tem o sufficiente: sempre quer despender mais do que tem.

Girard.

---

*—Não é a unica: e até as vezes o que se chama a sua felicidade é a cousa principal de sua immoralidade e decadencia.

Nota do Revisor.

Quasi sempre na edade feliz da mocidade um incomprehensivel encantamento adorna o futuro: o mysterio de nossos destinos se nos offerece coroado pela esperança e pela inexperiencia.

Regeitando o positivo pelo ideal, nós recusamos entender a vida; e a precisão innata da ventura toma para nós o lugar d'ella algumas vezes.

Arlincourt.

Que espectaculo mais encantador que o de nos vermos amados! Todos os objectos, que se nos offerecem, são agradaveis; todos os movimentos, que se elevam do coração, são prazeres. Quereis gosar prazeres, tão verdadeiros, tão sensiveis, tão dignos d'uma bella alma? Vivei para os outros, vivei para premiar o merecimento, proteger a innocencia, e soccorrer o afflicto.

Blanchard.

Um homem ordinario nunca jámais poderá ser o objecto da indisposição de toda uma cidade.

Zimmermann.

Emenda-te dos teus defeitos, e lembra-te que para ser estimado é necessario ser homem de bem.

Anonimo.

A occupação é a primeira precisão das imaginações vivas.

Zimmermann.

Ha uma cousa de grande n'este homem contra o qual vós gritais todos; a quem cada um de vós lança a pedra; em quem se procuram mil ridiculos; a quem s'imputam mil crimes sem poder provar um só.

Zimmermann.

Não ha no mundo signal mais seguro d'um espirito pequeno e fraco, do que a desattenção.

Chesterfield.

Existe na verdadeira hospitalidade uma certa emanação do coração, que se não pode definir, mas que se sente logo, e logo deixa em liberdade o estranho.

J. Washington.

O mundo inteiro é o arbitro da fama d'uma nação. Elle observa com milhares d'olhos todas as suas acções; e do testemunho collectivo dos povos é que depende a gloria, ou a vergonha d'um paiz.

J. Washington.

O favor e a industria não dão o merecimento; não fazem mais do que dar-lhe valor, e pôl-o em uso.

Rochefoucault.

O louvor é uma lisonja occulta e delicada que satisfaz tanto ao que a dá como ao que a recebe.

A tranquillidade e a felicidade d'um estado dependem da Religião: é ella quem sustem as leis; sem ella todas se podem transgredir.

Girard.

Queremos aquillo que nos póde ser conveniente. Temos vontade d'aquillo que nos agrada. Apetecemos aquillo que nos lisongea. Suspiramos por aquillo que nos attrahe.

Girard.

O supremo e perfeito governo consiste em regrar aquelles que governam. E' preciso observal-os, animal-os, adiantal-os, abaixal-os, mudal-os de emprego, e tel-os sempre debaixo da sua mão. *

Fénelon.

*—Regeitamos esta maxima, se com ella se quizer apoiar o espirito revolucionario e desordeiro, e muito menos o despotismo: o Santo Bispo de certo que a não empregou em tal sentido.

Nota do Revisor.

Em quanto um genio é necessario, desejam-no gigantesco; logo que cessou de ser util, quereriam fazel-o um pigmeu.

Arlincourt.

Ha duas cousas, que revivem no coração do homem, quando elle avança na edade, a patria e a religião.

Chateaubriand.

A natureza, diz Silviano, pede sómente o necessario, a rasão quer o util, o amor proprio procura o agradavel, a paixão requer o superfluo.

Wailey.

Expressões igualmente justas e brilhantes, unidas aos pensamentos verdadeiros, delicados, e nobremente expressados, fazem o estylo sublime.

Olivet.

E' preciso animo e valor para vencer; paciencia e força para dominar.

Olivet.

A honra tem grandes attractivos para as grandes almas.
A fortuna tem fortes agrados para todo o mundo.
A gloria tem encantos invenciveis para os ambiciosos.

Girard.

Um amigo e um inimigo devem procurar reconciliar-se.
Um homem economico gosta de poupar e evitar a despreza; um homem avarento gosta de possuir, e não faz uso algum d'aquillo que tem; um homem interesseiro ama o lucro, e não faz nada de graça.

Girard.

Dizer d'algumas pessoas que ellas tem engenho, não é dizer tanto bem, quanto muitos imaginam: é preciso tambem poder accrescentar, que fazem bom uso d'elle.

La Bruyere.

O tempo é o maiòr dos innovadores.

Bacon.

A verdadeira gloria d'um principe está na ventura de seus subditos : difficultosamente se acha em uma gloria, que custa o sangue dos mortos e que bastantes vezes se paga tambem pelas lagrimas dos vivos.

La Page.

Um homem casado, que soffre desgraças, as repara mais facilmente do que aquelle que o não é. Isto em parte vem de que é estimulado em seus esforços pelas precisões d'entes adorados que d'elle esperam a subsistencia. Seu coração é consolado pelos gosos domesticos; seu amor proprio é sustentado pela idéa de que apezar das humilhações, que o esperam fóra, ainda lhe resta em sua casa um pequeno mundo de que é senhor.

J. Washington.

Os homens não inventam verdades; elles não fazem mais do que tirar consequencias, e achar as relações das verdades conhecidas.

Bonald.

Os homens verdadeiramente superiores aos outros homens elevam-se por si, quando se ha mister d'elles, forçam todos os obstaculos, e tiram d'uma educação commum a todos, conhecimentos particulares a elles sós.

Bonald.

Quem despreza ser estimado, não é estimavel.

Blanchard.

Desculpar em si mesmo as tolices que se não podem tolerar nos outros é gostar mais de ser tolo do que ver que os outros o são.

Freron.

E' cousa mais ridicula, segundo o meu parecer, louvar-se a si mesmo do que gabar-se; porque o gabar-se uma pessoa nasce do grande desejo de ser estimado, e isto é uma vaidade, que facilmente se desculpa; mas o louvar-se procede d'uma grande presumpção, que se tem de si mesmo; este é um orgulho de que todos zombam.

Girard.

O orgulho é tão exigente como a necessidade, com a differença de ser infinitamente mais insociavel.

Franklin.

O interesse contem um tão activo e subtil veneno, que apenas se junta a um sentimento, o corrompe, acabando por extinguil-o.

Anonimo.

A indiscrição e a curiosidade são inseparaveis.

H. Raisson.

E' necessario um grande respeito com os olhos e ouvidos das crianças.

Bonald.

Tal é a condição da sociabilidade, e a lei geral sobre a qual repousa a sociedade, que os homens recebem uns dos outros a existencia physica pela geração, a existencia moral pela pelavras, e que os mesmos conhecimentos religiosos lhes vem por communicação:—*fides ex auditu,* diz o Apostolo.

Bonald.

Os elogios e a gloria são a unica recompensa digna do valor. Não é com ouro que convem pagar o que só a honra pode e deve adquirir.

Blanchard.

Um louro recompensa um heroe.

Blanchard.

O verdadeiro valor vinga com estrondo as injurias da patria, dissimula as offensas pessoaes, ou as perdôa; procura triunfar dos inimigos da patria pela valentia, e dos seus pela gloria das acções.

Blanchard.

Quem medita negros designios procura estradas apartadas, e caminha de noite; e o que só pensa em fazer bem, segue as reaes e publicas, e marcha á claridade do sol. *

Blanchard.

Os serviços publicos nunca são melhor desempenhado do que quando uma recompensa é a consequencia da execução, e esta se proporciona ao modo pelo qual o serviço foi prehenchido.

Smith.

O amor que na vida dos homens, não é mais que um episodio; é a historia inteira da vida das mulheres.

Mme. de Stael.

As leis inuteis enfraquecem as leis necessarias; as que podem ser illudidas enfraquecem a legislação inteira.

Montesquieu.

Uma bella alma não receia mostrar-se, persuadida que quanto maior rectidão e lisura virem n'ella, tanto maior respeito e amor lhe terão.

Blanchard.

Os grandes devem ter grandes sentimentos; abatem-se, quando o seu modo de pensar não corresponde á sua grandeza.

Blanchard.

---

*—Os franc-mações de todos os ritos, seitas e chafaricas que façam a applicação.

Quando m'injuriam, dizia o celebre Descartes, intento elevar tão alto a minha alma, que lhe não chegue a offensa.

Blanchard.

Pedimos a Deos, que esqueça as nossas offensas, e não queremos esquecer as que nos fizeram!

Blanchard.

Affectar mais espirito, do que os outros, é um meio infallivel para que elles achem em nós menos do que temos.

Blanchard.

Perdemos o affecto e estimação das pessoas que queremos dominar.

Blanchard.

A modestia é um véo delicado que esconde para dar maior valor.

Blanchard.

A lisonja é como a moeda falsa, que empobrece quem a recebe.

Madame Woillez.

A ambição e a avareza dos homens, são as causas unicas de muitas das suas desgraças.

Flechier.

As illusões nutrem a imaginação, que muito mais carece de alimento, do que a rasão.

Bartholemy.

Os homens não podendo contar uns com os outros pelo que respeita á realidade, parece que se ajustaram em se contentarem com as apparencias.

La Bruyére.

As idéas, que os differentes povos têem da belleza, são tão singulares e oppostas, que ha todo o lugar de crer que as mulheres tem ganhado mais pela arte de se fazerem desejar, do que por aquelle dom da natureza a respeito do qual os homens pensam tão differentemente.

Buffon.

O poder da imaginação não tem limites. Diminue, e até dissipa nossos soffrimentos, e só ella pode dar aos prazeres aquelle assazonamento que encerra toda a sua vida.

Condillac.

A fortuna não muda os homens, desmascara-os.

Mme. Riccoboni.

A imaginação do homem apaixonado pare monstros, assim como a do sabio, prodigios.

Stael.

Quando os povos estão em risco, ou quando s'abalançam a alguma gloriosa empresa, chamam em seu soccorro homens de genio; e em quanto o raio troa em torno d'elles, prostram-se humildemente diante da estrella do salvamento; mas quando uma mão firme e atrevida, domando a tempestade, lhe faz succeder os bellos dias, o idolo inspira tanto medo, como as tormentas que afugentou; e a mediania se indigna de ver o astro dos maravilhosos destinos não cahir, ao grado de seus desejos, de toda a altura de sua esphera sublime, no apertado circulo das potencias vulgares.

Arlincourt.

Que é d'ordinario o instante da ventura? O que precede pezares; o enfeitado precursor dos soffrimentos.

Arlincourt.

Os sentimentos apaixonados que os prazeres estrepitosos enfraquecem, e as lagrimas mundanas fazem perecer, crescem na solidão, e exaltam-se no infortunio. Seu alimento é a dor, sua atmosphera as tormentas.

Arlincourt.

A amisade é um vivo atractivo tão cheio de innocencia, tão puro em seus actos que nunca o amor pode attingir sua perfeição. Este é uma paixão devoradora, uma verdadeira enfermidade d'alma, aquella um doce sentimento que a satisfaz sem a perturbar.

Bartholemy.

Tanto pela idéa falsa que fazemos dos bens e dos males, como por effeito da inconstancia da nossa vontade, obramos quasi sempre sem precisamente saber o que devemos desejar ou evitar.

Bartholemy.

O verdadeiro talento, o verdadeiro genio tem uma certa simplicidade que o faz menos inquieto, menos buliçoso, e menos prompto em mostrar-se, do que um apparente e falso talento que se toma por verdadeiro e que não é mais do que um vão ardor de brilhar, sem meios de o conseguir.

J. J. Rousseau.

A prudencia não consiste em tomar indifferentemente toda a casta de prevenções; mas em escolher as que são uteis, e desprezar as superfluas.

J. J. Rousseau.

As opiniões philosophicas seguem a sorte dos objectos de moda; a novidade lhes dá voga, o tempo as sepulta no esquecimento.

Condillac.

A boa fé é a base do commercio; a sabedoria a da virtude.

J. J. Rousseau.

Não queiraes ser arbitro de pessoa alguma; mas se vos virdes obrigado a sê-lo, procurai não ser juiz senão entre vossos inimigos, e nunca entre os amigos; porque no primeiro caso alcança-se um amigo, e no segundo faz-se um inimigo.

Maximas do philosopho Bias.

Exponde-vos antes a soffrer um damno, do que a ter proveito com deshonra; porque o primeiro é uma infelicidade que dura por algum tempo, e o outro é uma mancha para toda a vida.

Anonymo.

As cousas mais difficeis de cumprir na vida humana são duas: empregar bem o tempo; e sopportar as injurias.

Anonymo.

Se a um negociante correm mal as suas especulações, dizem d'elle os nobres que era um alvar, e um grosseiro plebêo; se lhes correm bem, pedem-lhe a filha!

La Bruyere.

Quando a alma se agita, torna-se o rosto humano um painel vivo, em que as paixões estão pintadas com tanta exactidão como energia.

Buffon.

A ociosidade assemelha-se á ferrugem; ella gasta e consome mais que o trabalho.

Anonymo.

São perniciosos ao homem *tres muitos e tres poucos*: muito fallar e pouco saber; muito despender e pouco ter; muito presumir e pouco valer.

Proverbio Hespanhol.

Os homens insolentes na prosperidade, são sempre na desgraça fracos e covardes, e perdem até a rasão, logo que das mãos lhes escapa a auctoridade absoluta.

Fénélon.

De todas as paixões, que se ateam no coração do homem, nenhuma produz uma embriaguez mais violenta do que a sede d'ouro.

Raynal.

E' melhor nunca ter experimentado a felicidade, do que gosal-a, e depois perdel-a.

J. J. Rousseau.

Se compararmos as diversas condições do homem, e os inconvenientes e vantagens a ellas inherentes, notaremos certa compensação de bem e de mal que as torna eguaes, ou que pelo menos faz que uma não seja mais appetecivel do que a outra.

La Bruyere.

A alma é, relativamente a suas diversas operações, como dividida em duas partes principaes: uma possue a rasão e as virtudes do espirito; a outra é a morada das virtudes moraes.

Barth.

A esperança e o temor contribuem para augmentar os desejos: é do combate d'estes dous sentimentos que nascem as mais vivas paixões.

Condillac.

Nós não pudemos ajuntar uma linha á nossa estatura, uma gota d'agua ao mar, uma folha á menor planta, uma aza ao mais pequeno mosquito, e pretendemos sondar os abysmos do Eterno!

Caraccioli.

A natureza para dar movimento a tudo que ha sobre a terra só precisou imprimir em nossos corações duas tendencias, que são a origem de todos os nossos bens, e de todos os nossos males; uma é o amor dos praseres que tendem á conservação da nossa especie; e a outra é o amor da superioridade que produz a ambição e a injustiça, a emulação e a industria.

Bartholemy.

Ha grande differença entre combater as superstições dos homens, e relaxar os laços de virtude que prendem a sociedade.

*Voltaire.**

Quantas mortes são tranquillas e doces! Que paz, que serenidade no olhar dos moribundos! Que raio d'esperança, que alegria pura brilham no rosto do homem de bem! Elle não morre, nasce para uma nova vida, e é então que apparece em sua verdadeira grandeza.

Virey.

O homem é prodigo da vida dos seus similhantes: nada se deve esperar da sua piedade quando é ferido do veneno do temor, e tem o poder de destruir.

J. Washington.

Uma dôce palavra, ou o gracejo d'um superior, regosija o coração do inferior, mais do que uma distribuição d'azeite ou de vinho.

J. Washington.

Aquelle que se acostuma a estudar os grandes homens, e os sentimentos elevados, adopta facilmente alguma cousa de romantico.

Zimmermann.

---

*—O auctor desgraçadamente não observou na pratica, nem teve em conta esta differença fundamental. Elle foi o auctor da infame *Pucelle*...e muitas vezes tomou por superstição aquillo que era a mesma virtude, ou pelo menos o seu fundamento.

Nota do Revisor.

O primeiro passo para o bem é não fazer mal algum.

Anonymo.

A caridade é a nota caracteristica e particular d'uma alma grande.

Pequenos espiritos cheios d'arrebatamento, e de vingança, são incapazes de sentir o sublime prazer de perdoar a seus inimigos e dar signaes de favor e de generosidade áquelles sobre quem alcançaram vantagens.

Nunca chamemos amigos verdadeiros, senão áquelles que, referindo tudo ao objecto de sua affeição, não buscam senão a utilidade e ventura d'este.

Brisson.

Valor activo pode ser dadiva da naturesa; mas paciente e dilligente, só pode resultar da reflexão e do habito.

Gibbon.

Quem presa a aurea mediania, evita
D'um velho tecto a sordidez seguro:
Evita, sobrio, magestosos paços,
Alvo da inveja.

Horacio.

Homens acostumados em sua propria familia ao abuso do poder apresentam em todas as suas acções civis este espirito de tyrannia, que se torna por fim o caracter dominante do seu governo.

Virey.

O homem que se applica, julga-se ainda moço, quando já é velho.

*Ganganelli.**

---

*—E' necessario notar que nem todos os escriptos que se attribuem a este Papa infeliz são obra sua. Podiamos apontar um infame trecho que ha poucos mezes o *Ultramar* transcreveo do *Braz Tizana*.

Nota do Revisor.

Quando os queixumes são inuteis, sómente denotam fraqueza: quando podem prejudicar, são absurdos.

Genlis.

A maxima das bellas almas é fazer o bem só pelo prazer de bem obrar.

Le Page.

Todo o ente subordinado por natureza a um outro, e que lhe não tem o respeito que deve, não sómente se não eleva, mas abate-se mais.

Genlis.

A gratidão é a pedra de toque dos homens verdadeiramente honrados.

Le Page.

Os direitos mais bem fundados nunca devem authorizar uma injustiça, sobre tudo quando ella offenda a humanidade.

La Page.

O homem mais sabio tem suas fraquezas, e o homem mais fraco assignala-se algumas vezes por actos de sabedoria e de prudencia.

Chesterfield.

Caracterisa um homem bem educado conversar com seus inferiores sem altivez, e com seus superiores com respeito e desembaraço.

Chesterfield.

Sêde realmente reservado com quasi todo o mundo; mas nunca esta reserva se manifeste exteriormente, porque muito desagradavel é o parecer reservado; e todavia perigosissimo não o ser.

Chesterfield.

A mais arrebatadora das commoções, aquella que fazem sentir as acclamações de todo um povo, nunca se poderá renovar para quem vio esse povo em momentos d'uma revolução.

Stael.

Ah! a força d'amar é grande, muito grande nas almas ardentes! Quanto são felizes aquellas que consagram só a Deos este profundo sentimento d'amor de que os habitantes da terra não são dignos!

Stael.

A verdadeira virtude, regulando as paixões, não extingue os sentimentos.

Ramsay.

Não é licito gosar o descanço, sem que se tenha trabalhado muito a favor da patria.

Ramsay.

Sómente, quando um partido é o mais forte, se pode formar juiso sobre as doutrinas que professa.

Stael.

Desejar uma revolução é sacrificar á morte o innocente e o culpado; é condemnar talvez o objecto que nos é mais caro.

Stael.

Uma reflexão que devia servir de guia a todos os homens que representam nos grandes conflictos humanos, é que devem considerar seus inimigos como sendo todos da mesma natureza: é homem desgraçadamente até o malvado: e ninguem todavia se serve do conhecimento de si proprio para se ajudar a adivinhar um outro. Diz-se que é preciso abater, humilhar e punir, entretanto que se sabe que semelhantes meios só produzem em nossa alma uma irreparavel exasperação.

Olham-se os inimigos como uma cousa physica que livremente se póde abater, e a si proprio, como um ente moral, a quem a propria vontade só deve dirigir.

Stael.

Existe um Deos. As hervas do valle e os cedros das montanhas o bemdizem; o insecto susurra seus louvores; o elefante o saúda ao despontar do sol; a ave o canta entre a folhagem; o raio faz brilhar o seu poder; e o oceano declara a sua immensidade. Só o homem é que chegou a dizer: *Não ha Deos!!..*

Chateaubriand.

O objecto dos desejos das paixões não é o que existe, mas o que ellas suppõem; é uma especie de febre, que apresenta sempre um fim imaginario que ha mister de conseguir-se com meios reaes; e pondo de continuo em opposição o homem, e a natureza das cousas, lhe torna indispensavelmente preciso o que é absolutamente impossivel.

Stael.

Um povo que governa, nunca cessa de ter medo; elle julga-se sempre proximo a perder a sua auctoridade; e, disposto pela sua situação ao movimento da inveja, nunca tem pelos vencidos o interesse que inspira a fraqueza opprimida: nunca cessa de os temer.

Stael.

Devo eu antes morrer, do que envenenar o meu inimigo? Sim, seguramente; antes morrer do que commetter uma acção covarde, ou criminosa.

Chesterfield.

O povo algumas vezes com cem mil braços derriba tudo, e com cem mil pés não anda mais que os insectos.

Montesquieu.

Os genios mais brilhantes são d'ordinario os menos solidos.

Ramsay.

O homem que nada sabe é o mundo em trevas.

Homme de Cour.

Um só dia do homem erudito é mais brilhante do que milhares d'annos da vida do ignorante.

Seneca.

Nós nos amamos com todos os nossos defeitos; da mesma maneira devemos amar nossos amigos.

Ramsay.

Uma mulher verdadeiramente estimavel é aquella que cumpre exactamente com a sua obrigação.

Anonymo.

O corpo perece, a alma é immortal; comtudo isso os nossos cuidados são todos para aquelle, ao mesmo tempo que desprezamos esta.

Durand.

A brandura é tão util aos superiores que mandam, como aos inferiores que obedecem.

Durand.

Aquelle que se offende facilmente de qualquer cousa descobre o seu fraco e facilita a seus inimigos a occasião de se aproveitarem d'elle.

Durand.

Ha na verdadeira virtude uma tal candura e singeleza, com a qual não é facil o equivocarmo-nos.

Molière.

O amor da liberdade nos impede muitas vezes o vermos os precipicios em que estamos quasi para cahir.

Molière.

A cousa em que o avaro cuida menos é em soccorrer os pobres: o seu thesouro é o centro de todos os seus cuidados e deleites.

Durand.

A vida é um d'aquelles bens de que não conhecemos o preço senão á proporção que a vamos despendendo; não conhecemos o bom uso d'ella senão quando está muito adiantada.

Durand.

Quando um sujeito teve a infelicidade de affligir alguma pessoa, deve procurar fazer-lhe esquecer o desgosto que lhe deo.

Durand.

Não basta para ser attencioso, dar a cada um o que se lhe deve, é necessario ainda fazel-o com um modo livre e natural.

Durand.

Aquelle a quem ninguem agrada é mais infeliz do que aquelle que não agrada a ninguem.

Rochefaucault.

Ha cousa alguma que alegre mais o espirito e o ouvido, que um discurso meditado com prudencia e expresso com nobresa?

Olivet.

A maior parte dos homens se inclinam ás cousas externas, e reprehendem com gosto os menores defeitos dos outros, sem se embaraçarem em considerar as boas qualidades que estes possuem.

Gallières.

A sobriedade faz o alimento mais simples muito agradavel : ella é que dá com a saude a mais vigorosa os prazeres mais puros e mais constantes.

Fénélon.

Raras vezes se acerta, applicando-se a muitas cousas juntas.

Durand.

Viver familiarmente com os viciosos, val o mesmo que auctorisar o vicio.

Anonymo.

O pudor deve defender a formosura, como os espinhos defendem a rosa.

V. J. Rosati.

Um comprimento é as mais das vezes uma insipidez, quando não é uma inutilidade ou uma mentira; o que não obsta a que frequentemente seja um dever.

Voltaire.

O clima influe sobre a disposição habitual dos corpos, e por consequencia sobre os caracteres.

Montesquieu.

O valor deixa de ser uma virtude, todas as vezes que a prudencia o abandona.

Fénélon.

O exercicio, a abstinencia e a tranquillidade d'alma, são algumas vezes melhores remedios do que os que se preparam nas boticas.

Fénélon.

Não saber supportar a pobreza é uma cousa vergonhosa, porêm não saber expellil-a pelo trabalho é uma cousa ainda mais vergonhosa.

Pericles aos Athennienses.

Quando a alma está agitada, o rosto humano torna-se um quadro vivo onde as paixões são representadas com tanta delicadeza como energia; onde cada movimento d'alma é desenhado por um gesto, e cada acção por um signal, cuja impressão viva e prompta precede a vontade.

Buffon.

A analyse é uma operação que consiste em compôr e descompôr nossas idéas, para fazer differentes comparações, e para descubrir por este meio as relações que ellas têem entre si, e as outras idéas que ellas podem produzir.

Condillac.

O verdadeiro meio de ganhar muito é não querer ganhar muitissimo, e saber perder a tempo.

Fenel.

Evitemos as situações que collocam nossos deveres em opposição com os nossos interesses, e que nos mostram o nosso bem no mal dos outros; porquanto em taes situações, ainda que entremos n'ellas possuidos do sincero amor da virtude, fraquejaremos cedo ou tarde, mesmo sem o perceber, tornando-nos então injustos e máos de facto, sem termos cessado de ser justos e bons no fundo d'alma.

J. J. Rousseau.

Não basta conhecer a virtude, é necessario amal-a; e não basta ainda amal-a, é necessario possuil-a.

Confucio.

A paciencia é uma virtude que faz com que se suportem os males com tranquillidade e moderação, e sem despeito nem agitação.

Anonymo.

E' do seio do tumulo que se elevam as altas verdades que nos desenganam do mundo: e a sabedoria não é mais do que uma meditação sobre a morte.

Virey.

Onde reina a malicia está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

Camões.

Aquelle que se instrue cada dia, e que se apodera dos dons que a Providencia tem abandonado ao espirito humano, parece anticipar-se ás eternas delicias, e já espiritualizar o seu ser.

Stael.

A maior parte dos grandes homens tem sido melancolicos: todos tem achado o genio no seio das meditações, que lhes suggeria o estudo do coração humano, e a vista do seu fim.

Virey.

Cahe com seu peso a força sem conselho;
Força prudente em mãis os deoses dobram:
Os mesmos aborrecem valentias,
De quem maldades pensa.

Horacio.

O verdadeiro amor somente se acha em almas altivas e generosas: elle se nutre d'esperanças e de rigores, e se extingue nos deleites.

Virey.

Os miseraveis se andam buscando e se unem: os felizes e voluptuosos, aspirando á variedade dos gosos, temem os austeros deveres de pais de familia.

Virey.

Não é o homem quem reina sobre a terra: são as leis da natureza, de que elle não é mais que o depositario e interprete. Elle é seu primeiro escravo, e todo o poder da terra se calla na presença do Senhor Eterno dos mundos.

Virey.

Lei suprema da salvação do estado—pretexto trivial de todos os actos de despotismo e de tyrannia....

Bertrand de Malleville.

Todo aquelle que derriba, deve restabelecer; mas eis o que é difficil, e o que nos deve fazer tremer das revoluções.

Chateaubriand.

Nunca é preciso precipitar o curso das cousas por nossas opiniões. E' um governo máo.... Deixemos obrar o tempo, e elle o remediará melhor do que nós.*

Chateaubriand.

---

* Chateaubriand queria de certo só condemnar as revoluções crueis e sanguinolentas; porque os meios justos e honestos, esses não só se podem, mas até se devem empregar para derrubar um governo máo.

Nota do Revisor.

Queixas vagas de tyrannia é o grande pretexto dos facciosos.

Chateaubriand.

Quando se abandonam os corpos politicos a si mesmos soffrem suas metamorphoses naturaes como as crisalidas.

Chateaubriand.

A paciencia é uma amiga generosa, que durante a prosperidade não apparece; mas que se nos apresenta a offerecer seus soccorros quando a desgraça os torna necessarios. O que as mais das vezes obsta ao bom exito dos nossos negocios é, depois da falta de felicidade, a falta de paciencia.

Anonymo.

Quem pode lisongear-se de ser homem sem macula em tempos de delirio, em que ninguem tem uso de rasão?
Sejamos pois cheios de indulgencias uns para com os outros.

Chateaubriand.

Interesse e coração humano são duas palavras similhantes.

Chateaubriand.

As instituições dos povos são a obra de tempo e de experiencia.

Chateaubriand.

A tranquilla innocencia não evita as testimunhas, nem teme ser observada.

Genlis.

O dever, o habito, a estima e a gratidão formam as verdadeiras ligações.

Genlis.

Educai bem a vossa filha, e o modo então será para ella uma escola muito util.

Genlis.

Um unico remorso basta para corromper a felicidade mais pura.

Genlis.

Velhos, moços, solitarios, homens do mundo, sêde justos, sêde bons e vós gosareis d'este bem tão desejado (a ventura), que os intrigantes e os máos jámais conheceram.

Genlis.

Um homem pode ser grande sem ser dotado d'um espirito e d'um genio superior, com tanto que tenha coragem, elevação, juiso são, e uma cabeça bem organisada.

Genlis.

As grandes desgraças attrahem os respeitos e admiração, quasi tanto como as grandes virtudes.

Genlis.

Cousa nenhuma me parece tão augusta, como uma pessoa perseguida pela fortuna, e que se sujeita com coragem ao seu destino.

Genlis.

Valem pouco os exercitos na campanha se na côrte não ha bons conselhos.

Cicero.

Muitas idéas se confundem, porque se confundem os tempos.

Stael.

Não pode deixar d'entrar na conta dos homens ignorantes quem se faz dependente das interpretações do povo ignorante.

Cicero.

O grande erro dos exaltados em politica é attribuirem a seus adversarios todo o genero de baixezas e de vicios.

Stael.

Devemo-nos applicar a conhecer as boas e más qualidades com que nascemos; e é preciso trabalhar em fortificar aquellas e emendar estas.

Anonymo.

Animos primorosos affinam em patriotismo, quando são maiores os males da patria.

Alex. Lobo.

Os homens nascem e vivem todos sujeitos: ao menos na familia, sujeitos a um poder humano; sujeitos em toda parte, e sempre ao poder divino.

Bonald.

O coração tem suas rasões, que a rasão não conhece.

Pascal.

Não conhecem nem as decisões, nem os arrependimentos estas almas de ferro que parecem possuir em si as immudaveis qualidades da natureza physica; mas entes dotados d'imaginação, sensibilidade e consciencia podem dar um passo sem temerem perder-se? Buscam o dever por guia, e até o dever se obscurece a seus olhos, se a Divindade lh'o não revela no fundo do coração!

Stael.

A vaidade dos homens é a origem de seus maiores desgostos, e não ha pessoa, por mais perfeita e lisongeada que seja, a quem ella não dê mais dissabores do que prazeres.

J. J. Rousseau.

Quem se pode chamar um homem pio? interrogava Fan-chi. Aquelle que ama os outros, respondeo Confucio (—devia acrescentar: "e a Deos antes de tudo.")

E o homem prudente qual é? accrescentou Fan-chi.—Aquelle que conhecer os outros, disse Confucio.

Se os principes têem abusado muitas vezes do seu poder, os povos têem abusado não menos vezes dos seus direitos.

Voltaire.

Não passeis os limites da justiça e equidade. Só a cinco cousas se deve fazer guerra com todas as forças; e vem a ser: ás doenças do corpo, ás paixões d'alma, ás sedições e motins das cidades, e á discordia das familias.

A muralha mais segura e forte contra a oppressão e tyrannia, é a união dos cidadãos.

Maxima de Pythagoras.

Não sigaes as opiniões do vulgo; mas sim o parecer dos sabios (mas dos verdadeiros...)

Maxima de Pythagoras.

Sêde meigo e agradavel para os outros, e austero sê-lo-heis para vós.

Maxima de Pythagoras.

Amigo, queres tu que a noite dos tumulos tenha para ti o brilho do mais bello dia? Accende durante esta vida o facho das boas acções, e elle te precederá na outra.

Anonymo.

Feliz a morte, que sendo devida á natureza como tributo, se offerece pelo bem da patria em voluntario sacrificio.

Miranda Rebello.

O douto e eloquente S. Chrysostomo offerece-nos uma bella idéa para nos mostrar quão superiores são as vantagens da pobreza ás da riqueza. Elle nos representa duas cidades, uma povoada tão sómente de ricos, e a outra habitada por pobres; e depois passa a examinar qual d'ellas é a mais poderosa.

Se consultarmos a opinião da maior parte dos homens a respeito d'esta proposição, não duvido que ella seja favoravel aos ricos: mas o grande S. Chrysostomo tira uma judiciosa conclusão em abono dos pobres.

A cidade dos ricos, diz elle, terá muito pompa e explendor, mas não terá força nem base segura: a abundancia, inimiga do trabalho, incapaz de se contrafazer, e por consequencia arrebatada sempre no caminho das voluptuosidades, corromperá os espiritos, affrouxará a coragem pelo luxo, pelo orgulho, pela ociosidade; assim as artes serão desprezadas, a terra pouco cultivada, as obras laboriosas, pelas quaes o genero humano se conserva, inteiramente abandonadas; e esta rica cidade, sem ter necessidade d'outros inimigos, cahirá em fim por si mesma, arruinada por sua opulencia.

Na outra cidade, onde não ha mais do que pobres, acontecerá o contrario; a necessidade industriosa, fecunda em invenções e mãi das artes uteis, applicará os espiritos pela precisão, tornal-os-ha subtis pelo estudo, inspirar-lhes-ha um vigor energico pelo exercicio da paciencia; e, não poupando os suores, ella acabará as grandes obras que exigem necessariamente um grande trabalho.

Bossuet.

A virtude perdôa ao crime, como o páo sandalo perfuma o cutello que o fere.

Pensamento Indiano.

Nós temos mais força do que vontade; e é muitas vezes para nos desculparmos que imaginamos que as cousas são impossiveis.

La Rochefaucauld.

Os camponezes tem-se separado das altas classes; e julgam que seus interesses não são os mesmos, etc. Eu creio que para os sustentar nas boas disposições n'esta epocha difficil, seria mister que a nobreza passasse mais tempo nas suas terras e que se associasse mais com a gente do campo.

J. Washington.

Quanto é doce contemplar uma feliz velhice, e ver o abrigo em um porto seguro, no fim da vida um homem respeitavel que tem sido agitado pelos tormentos da adversidade!

J. Washington.

Elle tinha sabido tornar-se independente dos acontecimentos, porque possuia aquella inalteravel bondade, dom o mais precioso dos céos, que se espalha como um balsamo sobre todos os pensamentos mais penosos, e que tem o espirito em equilibrio no meio das tempestades da existencia.

J. Washington.

A natureza humana não se compöem senão de fraquezas e de prejuisos. Seus affectos os mais ternos e os mais doces são misturados com sentimentos imaginarios.

J. Washington.

A penna do genio penetra os abysmos da terra e do mar. Ella destroe os prejuizos do mundo, e nos mostra como em um espelho as virtudes e os vicios dos nossos contemporaneos.

Churchyard.

Em qualquer parte onde estejais, tende os olhos e ouvidos abertos sobre vós mesmo.

Chesterfield.

A mentira é um vicio a que deveis ter o maior horror.

Anonymo.

Não frequenteis os homens que tiverem perdida e diffamada a reputação.

Maxima de Pythagoras.

Se a verdadeira felicidade pertence ao sabio, é porque elle é de todo os homens aquelle a quem a fortuna menos pode tirar.

J. J. Rousseau.

Estais soberbo porque fostes bem affortunado? Pois por maior que seja a fortuna, não vos deveis fiar d'ella.

Anonymo.

Tanto os gosos celestes são estranhos ao nosso destino! Elles atravessam algumas vezes a nossa alma só para nos recordar nossa origem e esperança.

Stael.

A piedade tambem ama o que é novo: todo o coração é voluvel.

Dupaty.

A miseria fardada com o luxo é horrivel.

Dupaty.

O espirito é composto de substancias demasiadamente picantes, demasiadamente fortes para certos temperamentos. O bom humor é ao contrario um verdadeiro balsamo para todos os individuos; e a sociedade a mais agradavel é talvez aquella em que as argucias são raras, e os risos abundantes.

J. Washington.

Tomai o tom da companhia onde vos achardes, e nunca pretendais dal-o.

Chesterfield.

Aquelle, que procura a fama em sua vida, e que tem recolhido uma ampla seara de honras mundanas, acha alfim de tudo que não existem amor, admiração nem louvores tão agradaveis á alma como os tributos que se recebem em a terra natal. E' lá que elle procura gozar em paz da sua gloria entre seus parentes e seus primeiros amigos; e quando seu coração esfriado, sua cabeça desfallecida o advertem que o fim da vida se aproxima, elle volta com a mesma ternura que um menino, aos braços de sua mãi a saborear o repouso entre as scenas da infancia.

J. Washington.

Escutai tudo quanto se diz, e vêde quanto se faz; observai, mas de modo que ninguem vos tome por observador; d'outra sorte cada um se guardará de vós.

Chesterfield.

A vossa vaidade e o vosso amor proprio nunca vos façam crer que as pessoas se tornam vossas amigas á primeira vista.

Chesterfield

A verdadeira amisade cresce lentamente; e nunca produz bons fructos, a não ser fundada sobre um merecimento conhecido e reciproco.

Chesterfield.

Reina entre os mancebos uma outra especie de amisade, de nome tão sómente calorosa, e muito viva por um certo tempo, mas que por felicidade é de pouca duração.

Chesterfield.

A vaidade de ser o primeiro em uma companhia é demasiadamente commum, mas ella é tambem ridicula e perniciosissima.

Chesterfield.

Se temos tido a desventura de obrar mal, ha uma certa nobresa em confessal-o ingenuamente: é o unico meio de o reparar.

Chesterfield.

O mundo é um paiz que nunca ninguem conheceo por descripções: cada um de nós deve correl-o em pessoa se o quizer bem conhecer.

Chesterfield.

Aquelles que buscam exceder a todos os outros, estão pelo menos certos de exceder um grande numero.

Chesterfield.

Aquelles que em si são despresiveis, são os mais sensiveis a uma affronta; porque consistindo todo o seu merecimento meramente em uma opinião vã, não acham em si cousa alguma que os possa abonar, quando estas idéas vantajosas ficam diminuidas, ou aniquilladas pelo despreso.

Proiset.

Sêde homem honrado, generoso, amante da verdade, inviolavel em vossa palavra, senhor de vossas paixões, e ninguem perguntará se sois fidalgo para vos estimar.

Blanchard.

Bem infeliz é uma pessoa quando não sabe applicar-se a cousa alguma solida.

Anonymo.

Felizes aquelles a quem os deoses concederam fazer cousas dignas de serem escriptas, ou escreverem cousas dignas de serem lidas! Mais feliz aquelle que obtem ao mesmo tempo estes dous favores!

Plinio.

Viver não é vegetar, arrastar longos dias na apathia; é pensar, sentir e obrar.

Vyrei.

Feliz aquelle que, respeitando as leis da sabedoria, e os preceitos da virtude, passa dias felizes cumprindo os seus deveres no seio de sua familia e dos seus amigos; que é bem fazejo, vive contente, e na independencia. Longos annos o esperam, e a sua carreira é uma serie não interrompida de venturas.

Vyrei.

Considero as dignidades como algumas syllabas demais para um epitaphio; e estando o cadaver abaixo até das inscripções que se lêem sobre a sua sepultura, não tem rasão alguma para tirar d'ahi motivos de vaidade.

Ganganelli.

A vida é um longo tirocinio da morte para aquelle que sabe reflectir. Collocados em um ponto do circulo da eternidade, tudo quanto nos cerca, attesta nosso nada. Quantos milhares d'homens tem morrido successivamente n'este mundo similhantes á herva do prado sob a foice do ceifador! Por que rasão elevamos pois nossos desejos acima do nosso commum destino? Filhos do tempo, elle deve devorar-nos um dia.

Vyrei.

Poucas vezes consegue persuadir aos outros o seu merecimento quem d'elle mostra estar muito persuadido.

Blanchard.

Quando se dá ouvidos a quem quer comprar a justiça, muito proximo se está de lh'a vender.

Blanchard.

A verdadeira habilidade consiste em penetrar os designios dos outros e saber occultar os proprios.

Blanchard.

Os desgraçados e os jovens são quasi todos indiscretos.

Blanchard.

O segredo é como o thesouro. Está meio descoberto quando se sabe que está escondido.

Blanchard.

A nobresa orna e illustra o merecimento, quando se lhe ajunta a modestia, que parece esquecel-a; mas desdoura e deslustra ao que se recorda muito de a ter.

Blanchard.

A probidade conduz vagarosamente ao templo da fortuna.

Blanchard.

E' grande desgraça ser sempre afortunado: uma constante prosperidade corrompe, amollece e enche d'orgulho.

Blanchard.

O attractivo da vida domestica é o melhor contraveneno dos máos costumes.

Anonimo.

De que servem as frias lições de moral desmentidas por um máo exemplo continuo, senão de fazer julgar que aquelle que as dá zomba da credulidade do que as recebe?

Rousseau.

A um General victorioso nunca o publico attribue erros, assim como a um General vencido sempre accumula de censuras, por mais sabio e prudente que tenha sido o seu comportamento.

Voltaire.

O esquecimento das injurias recebidas é a mais nobre acção d'uma alma bem formada.

Bossuet.

Procurai antes adornar o espirito com proveitosa instrucção, do que aformosear o corpo com vaidosas puerilidades.

Massilon.

As leis escriptas com simplicidade e em pequeno numero são as mais proprias para conter o povo nos seus deveres.

Bossuet.

Nada ha mais perigoso que o vicio e a impiedade, armados de sciencia: se esta cahe em uma alma falta de capacidade para a conter, é causa de muitas desordens, porque enche o homem de presumpção, de temeridade, e faz que despreze com altivez os conselhos e advertencias dos outros.

Pe. J. A. de Macedo.

A pedra e a arêa são cousas pesadas; mas a ira do insensato peza mais que uma e outra.

L. dos Proverbios de Salomão, Cap. 27o.

Bemaventurado o homem que achou a sabedoria, e que está rico de prudencia: melhor é a sua acquisição do que o trafico da prata, e seus frutos melhores do que o ouro mais fino e mais depurado; mais preciosa é que todas as riquezas; e tudo o mais que se deseja não se póde comparar com ella.

Id., Cap. 3o.

Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver cede, dá-lhe agua para beber, porque assim amontoarás brazas vivas sobre a sua cabeça, e o Senhor te dará a paga.

Idem.

Não te desamparem a misericordia e a verdade; põem-nas á roda do teu pescoço, e grava-as sobre as taboas do teu coração: e acharás graça e sabia conducta diante de Deos e dos homens.

Idem.

A saude do corpo é a vida da carne: a inveja é a podridão dos ossos.

Idem, Cap. 14o.

Não ha cousa mais estimavel e bella, que a nobreza do sangue junta á nobreza do coração; é uma saphira engastada em ouro purissimo.

Pe. J. A. de Macedo.

Os lisonjeiros vivem á custa de quem os quer ouvir.

Anonymo.

Egualmente são despresados o lisonjeiro e o mentiroso; porque ambos fazem muito máo uso do dom da palavra.

Anonymo.

Não ha cousa que penetre mais doce e profundamente a alma do que a influencia do exemplo.

Locke.

A esperança que se retarda, affige a alma: o desejo que se cumpre é uma arvore da vida.

L. dos Proverbios de Salomão, Cap. 13o.

Ninguem deve desamparar o seu posto sem permissão d'aquelle que o commanda; o posto do homem é a vida.

Pythagoras.

O principio do caminho bom é praticar a justiça: e diante de Deos é mais acceito do que immolar hostias.

L. dos Proverbios de Salomão, Cap. 16o.

Quando o homem lucta com o homem, elle pode ser superior ao medo: quando lucta com os elementos, não o pode ser.

No primeiro caso, é a fraqueza debatendo-se com a fraqueza; no segundo, é a fraqueza d'um lado, e do outro o poder immenso de Deos.

Bastos.—Virgem da Polonia.

O amor de rasões não cura.

Simão Machado.—Comedias de Dio.

Se cuidas que é valentia
Estimar pouco os perigos:
E' temeraria ousadia.

Idem.

Tão vil na mentira é o *sim,* como honrado na verdade o *não.* A verdade (que por isso se pinta despida) não sabe encubrir, nem fingir, nem enfeitar, nem córar, e muito menos enganar: e a primeira virtude do throno, ou seja da justiça ou da graça, é a verdade. Todo o artificio é cousa mecanica, e não nobre, quanto mais real.

O sol abranda a cêra, e endurece o barro, porque obra conforme a disposição dos sujeitos; mas em todos e com todos descobertamente: por isso o calor é inseparavel da luz. Importa distinguir o bastão do sceptro. Os estratagemas não são bons para o despacho: sejam embóra para a campanha, mas não para a côrte; para os inimigos, e não para os vassallos. Saibam os pretendentes se podem esperar ou não, para que no fim não desesperem. Quem diz que é arte de não desgostar, não diz, nem cuida bem. Melhor é dar um desgosto, que muitos. Queixem-se

de que os não satisfizeram, mas não possam dizer juntamente, que os enganaram. Se é dura palavra um "*não*," mais duras são as bôas palavras que suspendem e encobrem o mesmo "*não*" até que o descobre o effeito. Quem fez o "*não*" tão breve, não quiz que se dilatasse.

Vieira.—Sermões, p. 2a.

Que preciosas joias se perdem no abominavel vicio do jogo! Perde-se n'elle o tempo, o dinheiro, a religião e a consciencia!—E' ainda este nefando vicio sobremaneira terrivel, que tantas familias tem estragado no mundo, e entre desordens, contendas e mortes, tantas almas levado ao abysmo!

Anonymo.

O jogo é o officio dos que não tem officio, e que não fazem caso dos amigos, senão afim de por modos insidiosos lhes roubarem o dinheiro.

Bluteau.

O homem mais infeliz é aquelle que o julga ser.

Blanchard.

Se tendes virtude e juiso opponde a egualdade d'animo á inconstancia; a mansidão á brutalidade; grandes sentimentos a indignas acções.

Blanchard.

Não temos receio de nos entristecer e enojar quando seriamente nos occupamos.

Blanchard.

Os grandes devem aos pequenos e aos fracos o arrimo da sua authoridade e do seu poder. Os ricos devem aos pobres e infelizes o esteio de seu credito e riquezas.

Blanchard.

Ha muitos males passageiros, de que nos não livrâmos, senão adormecendo-os e affagando-os.

Blanchard.

A alegria é a saude da alma, assim como a tristeza o seu veneno.

Blanchard.

O silencio e o socego é o supplicio d'uma alma mundana.

Croiset.

Deos não eleva os grandes acima dos outros, senão como elevou o sol acima da natureza, para ser seu bemfeitor universal.

Blanchard.

Em seus designios o grande deve ser a consolação dos afflictos, o tutor dos fracos, e o homem destinado a fazer felizes os outros homens.

Blanchard.

Quando os raios do astro benefico, que governa, estendem a sua influencia ás ultimas classes da sociedade, raras vezes ellas se vêem manchada pelos crimes.

Brissot.

Homem, ama os teus similhantes: tu o deves á sociedade e a ti mesmo.

Vassalo, ama o teu principe, elle vigia sobre os teus dias em quanto dormes.

Esposo, ama a tua esposa, ella é a tua imagem e deve fazer tuas delicias; respeita-a, porque é fraca; estima-a, porque é tua egual.

Pai, educa com ternura teus filhos, estende sobre elles tua mão perpetuamente bemfeitora. Elles são o fructo do teu amor e a sua educação affiança a tua felicidade e a sua gratidão.

Amo, não deixes cair sobre teus criados vistas de desprezo ou d'indignação. A natureza os fez nascer na mesma linha de nivel que tu; se elles são mais infelizes, são por isso mesmo mais respeitaveis.

Pratíca a religião mas para sustental-a, não te sirvas da espada do fanatismo. O cego tem direito á tua piedade, não ao teu odio.

Brissot.

A's vezes é mais proveitosa ao homem a má fortuna do que a boa; uma o faz cahir em si, e a outra não faz mais do que ensoberbecel-o.

Anonymo.

O triumfo do máo é de curta duração, e a alegria do hypocrita dura só um momento.

Cottin.

A herança mais preciosa e mais ampla do que qualquer patrimonio que os pais podem deixar a seus filhos, é a gloria das virtudes e a das grandes acções.

Cicero.

Tres imperios s'elevam no mundo e dividem todos os genios: o imperio da opinião, o da ambição e o do deleite; o erro preside em um, a força domina em outro, e o frivolo reina no terceiro.

Ramsay.

A immoralidade em todo o genero é um emprestimo com uzura: salva em um momento e arruina mais tarde.

Stael.

A desgraça nos é util; sem ella as faculdades amantes da nossa alma ficarião em inacção; ella a torna um instrumento todo harmonia do qual ao menor sopro saem murmurios inexpressiveis.

Chateaubriand.

Um exterior que nada offereça que escandalize, uma physionomia caracterisada d'expressão interessante ou espirituosa, são as vantagens que se desejão: ajuntai a este retrato graças simplices e sinceras, docilidade, espirito sem affectação, e vereis, se a belleza lhe poderá disputar a estimação.

Genlis.

Couza nenhuma é tão capaz de tirar todos os bons sentimentos como mostrar desconfiança: basta muitas vezes suspeitar-se alguem d'inimigo para o tornar tal; a despesa está feita, nada ha já a poupar.

Sévigné.

Uma mulher casta e d'uma solida virtude, é uma graça que excede a toda a graça.
Uma mulher má é a afflicção do coração, é a chaga mortal do seu marido.
Valeria mais habitar com um leão ou com um dragão. A mulher bella e insensata é similhante a um annel d'ouro em o nariz d'uma porca.

Princip. da Filosof. Hebraica.

O homem que faz mais caso da vida, é aquelle que menos sabe gozar d'ella, e aquelle que mais avidamente aspira á ventura é sempre o mais miseravel.

Sallustio.

Se não souberdes reprimir as vossas paixões, por mais riquezas que tenhais não sereis felizes.

Anonymo.

Os bons principios podem adormecer, os máos nunca. E' a ordem da sociedade, que estabelecido um máo principio, nunca faltam homens que lhe deem seu completo effeito.

Goldsmith.

A beneficencia assemelha-se aos perfumes preciosos, que s'evaporam descubrindo-se.

Blanchard.

Quando um homem está resolvido a practicar injustiças e tem o poder de as fazer, nunca lhe faltam pretextos.

Cobbet.

Dos tres principaes attributos da Divindade, diz Plutarco, *immortalidade, poder* e *justiça,* dos quaes o primeiro excita nossa admiração e desejos, o segundo nos enche de temor e pavor, o terceiro nos inspira o amor e respeito; é o amor e a practica do ultimo só o que verdadeira e pessoalmente foi communicado ao homem, e o unico que pode guiar os outros, porque o homem nunca poderá ser verdadeiramente immortal e poderoso sem ser justo.

Cobbet.

A justiça é de todas as virtudes a que mais concorre para a felicidade dos homens na vida social.

Anonymo.

O homem de bem, se amontôa riquezas, é para d'ellas se servir; e serve-se d'ellas para se fazer estimado e honrado, não tanto aos olhos do mundo, como aos de Deos.

Rollin.

A modestia está bem a todos os estados, mas ella se faz ainda mais estimavel nas pessoas de distincção: a soberba pelo contrario sempre se faz mais odiosa e sempre se manifesta mais nos lugares mais elevados.

Croiset.

A ambição cresce com as honras: quanto mais o homem se vê elevado, mais caminho descobre para andar; nunca considera donde vem, mas só onde pretende chegar.

Croiset.

Uma desgraça, um accidente adverso, uma morte precipitada, em um momento põe em confusão as obras da ambição.

Todos estes colossos orgulhosos se sustentam sobre pés de barro. Triumphamos de ter ganhado alguma vantagem sobre os nossos eguaes, mas a sepultura nos mette bem depressa debaixo dos pés de nossos inferiores.

Croiset.

O' morte! Quão amarga é a tua memoria ao que não põe sua esperança senão só nos thesouros e nos prazeres! Por mais surdo que este se faça, a importunidade da tua voz austera, do teu brado terrivel, o penetra até o coração, e o faz estremecer no meio dos seus contentamentos peccaminosos.

Evangelho em Triumpho.

Uma alma desordenada ha mister de pôr muita violencia nos seus movimentos para se distrahir da vista e da vergonha do seu proprio interior.

Idem.

A falsa filosophia não poderia, sem embargo das suas illusões e sofismas, escurecer jámais os resplandecentes principios em que a Fé se apoia, se as paixões a não tivessem ajudado, corrompendo ou abusando da luz das sciencias.

Idem.

Os nossos maiores, apezar de suas fraquezas respeitavam os dogmas. O nosso seculo mudou d'estilo, e o orgulho dos *sabios* d'hoje desdenha d'uma carreira, em que, reduzido ao merito de crer, se não pode ter a gloria d'inventar.

Idem.

A fragilidade é um defeito que custa muito a emendar.

Crevies.

Deveis aqui advertir, o como esta Fé é ao mesmo tempo clara e escura; clara até á evidencia nos motivos de crer; clara nos documentos que a fundam; clara nas invenciveis provas que a estabelecem: porêm escura em alguns dos seus mysterios; e isto era necessario para ser fé, porque a sua essencia é não ver, e crer o que não vê: devia tambem sel-o para ser meritoria, porque não ha merito em crer o que se vê.

Evangelho em Triumpho.

O nosso coração tanto se derrama pelas cousas exteriores porque sente no seu interior a evidencia dos remorsos e pezares a que está exposto.

Croiset.

Respeitai o trabalho e as opiniões dos outros, se quereis ter jus a exigir que o vosso trabalho e opinião sejam respeitados.

Anonymo.

Por mais engenho que tenha uma pessoa não pode sem applicação ser excellente em cousa alguma.

Durand.

Não devemos tratar com os impios, antes devemos fugir d'elles como da peste publica.

Durand.

Como a estimação publica é que faz os homens grandes, é tambem por cousas grandes que é preciso obtel-a ou ao menos merecel-a.

D'Alembert.

As desordens terriveis que inundaram a terra depois que a geração de Seth se multiplicou e se aparentou com a de Caim, mostram o quanto pode o máo exemplo.

Calmet.

Amareis os vossos inimigos, abençoareis os que vos amaldiçoarem, favorecereis os que vos perseguirem, rogareis por aquelles que vos calumniarem.

*S. Real.**

O util nunca se acha onde não existe o honesto; o homem que duvida d'esta verdade, não pode deixar de ser velhaco.

Olivet. †

Devem-se evitar as repetições; ninguem gosta de ouvir o que já se sabe, porque n'isso não ha interesse algum. ‡

Evremont.

Tributar ás sciencias a honra que se lhes deve e favorecer os doutos como merecem, são os dous meios infalliveis para adquirir uma gloriosa reputação e eternizar a sua memoria.

D'Alembert.

O desterro é o maior de todos os males na interminavel têa das sensações dolorosas da humana existencia.

Anonymo.

O homem honrado é aquelle que faz todo o bem que pode e não faz mal a pessoa alguma.

Olivet.

O douto vê outro tanto mais que os outros homens, e o ignorante não vê cousa alguma, ainda quando se persuade ver com mais claresa.

Idem.

---

*—Este pensamento, como outros muitos—os melhores—que citamos, atribuidos a diversos auctores são de certo, no fundo, extrahidos das Sagradas Lettras.

†—Antes d'elle o tinha dito Cicero e muitos outros.

‡—Ha comtudo certas verdades que nunca são assás repetidas; por exemplo as verdades eternas que dizem respeito á salvação.

Nota do Revisor.

Foi privilegio do Marechal de Turenne o ter podido vencer a inveja: o merecimento a tinha feito nascer, o merecimento a fez morrer.

Fléchier.

Amigos sempre promptos em fallar em nosso favor, são um forte apoio n'este mundo.

Durand.

Desgraçados aquelles que amam e estimam mais as riquezes do que a virtude.

As riquezas são muitas vezes mais funestas do que é incommoda a pobreza.

Idem.

Aquelle que se fia mais nas suas luzes que na da graça, é ingrato para com Deos.

Idem.

Ha tanta differença entre o douto e o ignorante, como ha entre o são, e o doente.

Idem.

Os grandes talentos são de todos os estados, e se os não vemos brilhar tão commummente nas pessoas de baixa condição como nas outras, é por falta de diligencia e cultura.

Idem.

Fallai pouco e pensai bem, se quereis ser respeitado por homem de juizo.

Idem.

A gloria que nos deixaram os nossos antepassados é uma herança de que o merecimento somente nos pode metter de posse.

Le Maître.

Não estimes por cousa alguma o valor ousado, não sendo acompanhado de prudencia.

Terraasson.

Quando o homem é moço commette muitos erros, servindo-se sómente do seu proprio conselho.

Se os homens fossem prudentes e que seguissem as luzes da rasão, evitariam muitos pezares.

Quando um homem se entrega ás suas paixões e que é conhecido pelo que é, então vive sem honra; e aquelles que o lisongeam na apparencia, o despresam na realidade.

Bellegarde.

Se soubessemos reprimir os nossos dezejos evitariamos muitos males, e adquiririamos muitos bens.

Anonymo.

Os grandes bens, as dignidades e o alto nascimento que exalta o merecimento das pessoas que estão já estimadas, servem sómente de augmentar a confusão e vergonha d'aquelles que perderam a reputação pelas suas desordens.

Idem.

A guerra é um flagello ainda para os mesmos vencedores; e os Reis nunca a devem emprehender, não sendo justa e necessaria.

Mr. 1°. Abbé de St. Cyr.

Sois insensivel ás bondades d'um Deos que vos creou; d'um Deos que não quer o vosso coração, senão para vossa propria felicidade; d'um Deos que acharia igualmente a sua gloria em condemnar-vos por justiça, como em salvar-vos por misericordia.

Fénélon.

Somos dignos de vituperios quando conservarmos o dinheiro sem nunca fazer bom uso d'elle; e isto é o que se chama avareza. Somos dignos de louvor quando o conservamos para despendel-o em outro tempo mais proprio, e isto é o que se chama economia.

Idem.

O unico contentamento de que gozam os mundanos na variedade de seus regozijos, é o escasso prazer de s'esquecerem de si por algumas horas.

Croiset.

Quando se quer apurar a verdade, é mister pôr freio á imaginação e não se deixar conduzir mais que pelas regras do bom juizo.

Evangelho em Triumpho.

Sem a luz da Revelação jamais teriam os homens podido conhecer que nascem culpados. Mas quanto interesse tem em conhecer esta verdade! Como sem este conhecimento, e em meio de tantas trévas e paixões teriamos podido discernir nem os dons de Deos que perdemos, nem os que nos restam? Como houveramos podido conciliar a grandeza e nobreza do nosso coração com as continuas ruindades e fraquezas que sentimos? Como houveramos podido explicar uma elevação que aspira a uma felicidade infinitá e eterna e uma baixeza que renuncia a destinos tão altos pelos mais vís objectos?

O homem antes de saber a revolução do seu primeiro estado, era para si mesmo um abysmo profundo, um enigma incomprehensivel, um mysterio impenetravel; quanto mais se applicava a se conhecer, tanto menos podia comprehender-se.

Parecia-lhe estar desterrado, e não sabia a causa; sentia-se castigado, e não conhecia o seu delicto; desejava restabelecer a ordem e a paz em seus sentidos, e não alcançava a causa porque não podia fazer-se obedecer. Mas tudo alcança, tudo entende, apenas sabe que o estado em que se acha, não é aquelle em que o homem sahio das mãos de Deos, e que a degradação do seu sêr é a pena da sua desobediencia. Já se não espanta de que se veja na miseria um vassallo rebelde e descahido da graça; já comprehende d'onde lhe vem a sua elevação e a sua baixeza; e ainda que chora sobre as suas proprias ruinas e sobre os seus estragos, não pode deixar de admirar os preciosos restos de sua primitiva grandeza.

Idem.

Feliz aquelle que tem sempre diante dos olhos a hora da sua morte, e que se prepara todos os dias para morrer.

Kempis.

E' vaidade procurar riquezas caducas, e n'ellas pôr a esperança. E' vaidade tambem pertender honras e altos estados. E' vaidade seguir os appetites da carne e dezejar aquillo que é necessario evitar-se, sob graves penas. E' vaidade desejar vida larga e tratar pouco de que seja boa. E' vaidade attender sómente á vida presente e não prever o futuro. E' vaidade amar o que passa com tanta ligeireza e não aspirar a uma felicidade que sempre dura.

Idem.

Não te desvaneças em alguma arte ou sciencia, antes teme o teu saber. Se te parece que sabes muito, sabe que muito mais é o que ignoras. *Não presumas de alta sabedoria;* mas confessa de plano a tua ignorancia.

Idem.

Quem é bom e fiel a Deos regula no seu interior o que deve fazer no exterior.

Idem.

Toda a perfeição n'esta vida é misturada de imperfeição, como todas as nossas luzes são mescladas de sombras.

Idem.

Grande sabedoria é o não obrar com precipitação e o não aferrar-se com pertinacia aos proprios sentimentos.

Idem.

Não ha mais clara linguagem, nem mais poderosa eloquencia que a da caridade, ainda quando é muda.

Lucena.

A perda das virtudes tem sempre sido o termo da prosperidade dos imperios.

I. de Luzerne.

A religião é o jugo mais suave dos povos e o freio dos reis.

Idem.

A palavra de Deos é aquelle Manná celestial que tinha as virtudes e sabores de todos os manjares; porque não ha gosto nem affecto, que uma alma deseje ter que não o ache nas palavras de Deos. Com ellas se consola o triste, se anima o desconfiado, se accende o indevoto, se consola o atribulado, se move a penitencia o duro, e se derrete mais o que está brando.

Granada.

O que mais liga e civiliza os homens é a Religião, porque ella ensina a practica de todas as virtudes sociaes.

Anonymo.

E' muito menor infelicidade para a Egreja a falta de sacerdotes, do que ter um grande numero d'elles ignorantes e escandalosos.

D. Fr. Caetano Brandão.

A educação para um povo assim como para um homem é uma tradição hereditaria uniforme e nunca interrompida d'habitos e sentimentos.

Bonald.

Repartir com os indigentes d'aquillo que se tem com abundancia é mais um prazer que um sacrificio; é mais um cumprimento d'um dever que a pratica sublime d'uma virtude.

(*Bastos*—Virgem da Polonia.)

A industria é a mão direita da fortuna, e a frugalidade a sua mão esquerda.

Extrah. da *Revista Popular.*

Os velhos se applicam muito a dar bons conselhos, pois que já não podem dar máos exemplos.

Extrah. do *Jardim Litterario.*

O povo nunca concebe, senão idéas simples: não se lhe devem apresentar outras, querendo ser entendido por elle.

Bertrand de Molleville.

O empregado que entra tarde para o serviço que lhe foi confiado, e que se descuida de trabalhar em quanto ahi está, commette um roubo.
Quantos o fazem, sem saber que são ladrões!

Anonymo.

A esperança é o ultimo sentimento que expira no coração do homem!

Revista Popular.

Sem economias não ha riquezas grandes; com ella não os ha que sejam pequenas.

Seneca.

Não é facil governar um povo religioso; mas seria impossivel governar aquelle que não tivesse religião.

Bastos.

Homem que admiras a altura das estrellas e a profundidade do mar, desce ao abysmo da tua alma, e admira-o se podes.

Revista Popular.

Os despotas só se julgam senhores quando são tyrannos: enjoados de não terem mando no pensamento para atormentar aquelles que o Evangelho manda amar e soffrer, estendem as cadeias do fanatismo, da superstição e da ignorancia; obrando em tudo d'um modo contrario ao exemplo do sagrado Legislador, só tem raios contra os desgraçados e infelizes.*

Revista Popular.

E' menos necessario estudar os homens que os livros: quando encontrares algum d'aquelles que pareça merecer o dôce nome de amigo, examina-o antes que d'elle te fies, bem como verificas se o dinheiro é falso. Os verdadeiros amigos, são aquelles que na prosperidade só apparecem, quando os chamam; mas nas calamidades apparecem sem serem chamados.

Idem.

As almas fortes suffocam a dôr: as grandes almas elevam-se sobre ella: as almas firmes encaram-n'a: as doceis familiarisam-se com ella: e só a alma fraca succumbe ao seu peso e desespera!

Idem.

Em qualquer constituição todo o poder que não é necessario é perigoso.

Idem.

Uma constituição é um pacto, cujas condições não podem alterar-se sem o mutuo consentimento das partes contractantes.

Bastos.

O poder dos habitos é um dos maiores obstaculos para o progresso. Difficilmente consideramos máo o que vimos fazer desde a infancia; e muitas causas ha excellentes que se não fazem, porque nunca se fizeram.

Seneca.

---

*—Estes despotas são tão condemnaveis como aquelles que á sombra d'um liberalismo hypocrita escravisam a consciencia dos povos, lhes negam ou difficultam a verdadeira instrucção, e querem fazer valer em seu favor as doutrinas absurdas do regalismo absolutista, contra a Egreja de quem se dizem filhos.

Nota do Revisor.

O homem é um ente composto de precisões e meios. Com os meios faz os productos; e com os productos obtidos satisfaz ás precisões.

Anonymo.

A verdadeira piedade nunca foi ociosa: ella sabe conciliar a oração e a acção. Uma pessoa solidamente virtuosa acha a sua principal devoção em cumprir perfeitamente as suas obrigações, por mais penosas que ellas sejam. Ella sabe que a perfeição que Deos nos pede, é a do nosso estado, pois que a este estado é que elle nos chama.

Raras vezes a opulencia, sobre tudo quando não é pura a sua origem, inspira sentimentos de beneficencia e d'equidade.

Croiset.

O respeito hypocrita, que prodigaliza as homenagens destruindo o poder, não é senão um ultrage junto á usurpação.

Luzerne.

O supplicio d'um rei é um d'esses attentados raros felizmente na historia; mas que arrastam após de si as mais terriveis consequencias. Assás o haviamos experimentado. Entregues a um espirito de vertigem, perseguidos em certo modo pela maldição celeste, nós nos tinhamos despedaçado por nossas proprias mãos, e o sangue innocente havia cahido sobre nós.

M. Hist. Eccl. do Sec. 18.

Tudo quanto é violento, não pode ter mais que um tempo, e cedo ou tarde se volve contra seus authores.

De Maistre.

Cada um dos entes occupa o centro d'uma esphera d'actividade, cujo diametro varía ao bom grado do Eterno Geometra, que sabe estender, restringir, suspender ou dirigir a vontade, sem alterar a sua natureza.

Idem.

A soberania deve viver sempre, velar sempre, obrar sempre: para ella não ha differença entre o somno e a morte.

Idem.

Longe de punir os filhos innocentes do criminoso, convém honral-os e louval-os, para que se não assemelhem a seus pais.

Platão.

O homem qualificado commette dous crimes; pecca pela acção, e pelo exemplo.

Idem.

A virtude é paga igual de si mesma, sem mais troca. *

Sá de Miranda.

Ao juiz justo e recto, nunca a clemencia e brandura natural lhe tolhe a execução da justiça, sómente tempera o rigor da pena.

Fr. Luiz de Souza.

Pouco estima a vida presente quem trata da eterna; quem para morrer nasceo, só uma bôa e gloriosa morte é bem que deseje.

I. de Lucena.

A sociedade não é obrigada a sustentar os preguiçosos; e estes, sob a capa de pobres, roubam os que verdadeiramente o são.

Anonymo.

---

*—De certo que o auctor não quereria dizer com isto que as virtudes não mereçam e não tenham um premio sobrenatural—o que seria uma horrivel impiedade.

Nota do Revisor.

Todas as sociedades que tem conhecido alguma consistencia, ou no poder, ou nos ministros, tem deixado monumentos immortaes de sua existencia. As outras, não fizeram mais do que passar, e após de si não deixaram senão vãs lembranças; o que prova que umas tiveram força, e as outras, só paixões.

Bonald.

A sociedade considerada na ordem moral é a reunião dos entes intelligentes para sua reciproca perfeição: assim como, considerada na ordem material é a approximação dos entes physicos, para a sua reproducção e conservação mutua.

Idem.

Se a vontade, ou a lei não é fixa, a acção não é mais fixa do que a vontade; os ministros não são mais fixos do que a acção: nenhuma consistencia nas cousas, nenhuma herança nas pessoas, nenhuma perpetuidade.

Idem.

O poder constituido é na sociedade semelhante á chave da abobada contra a qual vem apoiar-se todas as partes, e que sustenta seus esforços, e as mantêm em seu lugar sómente por sua posição.

Idem.

Em geral basta um grande homem que dê o primeiro impulso á machina do estado; e seus successores tem sempre sufficiente talento quando sabem regular e sustentar o movimento imprimido.

Idem.

A experiencia é o segredo do tempo, e elle não o revela senão á sociedade, que sobrevive ao homem e aos seus systemas e que na sua longa duração recolhe tarde ou cedo os fructos da arvore que viu plantar.

Idem.

Se o soberano não é fixo, o poder não o é mais; e passa com rapidez d'um homem e d'um partido a outro homem e a outro partido.

Bonald.

O fructo de toda a instrucção deve ser tanto esta benevolencia, que comprehende todos os homens, como a luz, que faz discernir a verdade.

Idem.

Se a virtude que é relativa, pode achar-se em egual distancia de dous extremos oppostos; a verdade, sempre absoluta, nunca está senão em um ou outro extremo.

Idem.

A instrucção forma sabios; a educação forma homens.

Idem.

Se quereis ter uma velhice tranquilla e feliz, trabalhae com actividade e zêlo; practicae as virtudes, deixae a ociosidade e o vicio.

Anonymo.

A morte, esta imagem tão triste de nossa miseria, a morte reanima mais paixões entre os homens, do que todas as illusões da mesma vida.

Massilon.

A sociedade não teria começado ainda, se fosse mister esperar, que os philosophos se accordassem sómente na definição da palavra sociedade.

Bonald.

A desesperação é o ultimo gráo da fraqueza.

Idem.

A perfeição da ordem social, ou da civilisação, consiste em deduzir da lei primitiva, geral, fundamental, que se chama tambem lei natural, as leis secundarias, particulares e d'applicação, que se chamam leis positivas, como consequencias necessarias, ou naturaes, contidas em um principio.

Idem.

A civilisação, é a economia da força.

A sciencia ensina os processos que se devem empregar para obter o maximo effeito, empregando a menor força. Ensina tambem, dado um meio qualquer, a obter d'elle a maxima força.

O dispendio inutil, ou só superabundante de força, na agricultura, na industria, na sciencia, e mesmo na politica, é signal caracteristico de barbaria, ou de falta de civilisação.

Liebig.

A religião é necessaria ao feliz para não abuzar, ao infeliz para não desesperar.

Bastos.

Se a moral é uma necessidade da razão, a religião é tambem uma necessidade do coração.

Revista Popular.

Genio nas obras d'imaginação, razão forte e profunda nas de raciocinio e discussão; são as qualidades, que asseguram o successo das producções literarias na posteridade.

Bonald.

Nos momentos d'espanto, que se seguem a uma catastrophe inesperada, é facil fazer tudo o que se pode ousar.

Montesquieu.

A influencia d'um longo infortunio, e d'uma situação constantemente perigosa, dispõe o coração á ternura, e abre a alma ás consolações.

Bonald.

A sociedade não é só juiz para castigar o réo—tambem é mãe que deve cuidar de todos os seus filhos e soccorrel-os para que se não percam.

Anonymo.

Deos collocou todos os prazeres d'este mundo na destruição de nossos bens, e todo o trabalho na sua reproducção.

Thorel.

Por uma successão inevitavel a reproducção perpetua dos corpos fornece uma perpetua destruição, e sua interminavel destruição uma perpetua reproducção; de sorte que por este espantoso arranjo, com os mesmos materiaes, o homem se acha sempre na [illegible]ividade, e no trabalho. E' a fabula de Sisipho, que depois de ter rod[illegible] com esforço uma grossa pedra até ao cume d'uma alta montanha, a vê r[illegible]ir sem cessar por seu proprio peso, e sem cessar é obrigado a tornar a co[illegible]çar. Sempre destruir para trabalhar, sempre trabalhar para destruir; tal é o circulo inevitavel, que o homem é obrigado a percorrer.

Idem.

Na sociedade não ha senão dous partidos. Quem não é por mim, é contra mim, disse a mesma Verdade, que é Deos.

Bonald.

Muitos "perecem victimas da miseria e da enfermidade, ou jazem no desprezo e nulidade do vicio, ou da incapacid[illegible] falta de educação e de providencias adequadas, com que poderiam [illegible] a si mesmos e á sociedade."

S. P. Ferreira.

Os homens, que apezar da natureza e razão, querem dar um grande movimento á sociedade, não consideram que se o espirito começa as revoluções, é a violencia quem as conduz, e a força quem as termina.

Bonald.

O estylo é a expressão do homem, e a litteratura a da sociedade.

Idem.

A immudavel ordem da natureza triumpha em toda a parte dos vãos systemas do homem.

Idem.

E' nome formoso rei natural. Não enche menos os olhos um espirito prompto a se perder pela patria.

Fr. Luiz de Souza.

A historia, que outra cousa não é senão a narração dos factos da sociedade religiosa, ou da sociedade politica, accrescentando o exemplo ás lições nos faz ver na independencia do poder, e na observancia dos deveres, a causa da prosperidade da sociedade; e nas quebras feitas ao poder, na infracção dos deveres, o principio da sua decadencia.

Bonald.

A Religião punia os reis, seus filhos, pela excommunhão; quando elles se tornaram grandes, e sacudiram o jugo de sua mãi a *philosophia* os punio pelo cadafalso. Os rigores da Religião não podiam produzir alguma revolução popular, porque o mesmo poder que reprimia os reis, teria reprimido os povos, e até mesmo teria sido mais forte contra os povos, do que contra os reis; mas a *philosophia* tem sido tão impotente contra os povos, como forte contra os reis.

Idem.

A liberdade meritoria e a propriedade são inseparaveis.

Thorel.

O que se dá pedido e rogado, já custa tanto como comprado.

Fr. Luiz de Souza.

Quando se diz que os soberanos são absolutos, isto não quer dizer que elles tenham o direito de governar sem regra. "A Deos não apraz, diz Fénélon, concedermos a uma creatura um poder que não tem o Ente Supremo." Absoluto como é o dominio do Soberano Ente, sua vontade soberana é sempre regulada pela lei immudavel da sua sabedoria.

Thorel.

A republica é uma familia amotinada, cujo chefe se ausentou, mas ha de voltar.

Bonald.

O homem é tão visinho de si mesmo, que não deixa lugar livre para a conclusão do conselho: as duas rasões que deliberam n'elle, se confundem na communicação, embaraçando-se a que propõe, como a que deve concluir.

D. R. de Macedo.

O mesmo regimen não pode ser util a todos os povos; e quando um legislador, enganando-se em seu objecto, toma medidas differentes d'aquellas que são indicadas pelas localidades, não ha senão perturbação, até que o estado seja destruido ou mudado e que a invencivel natureza tenha recobrado o seu imperio.

Portalis.

A idéa de tornar todos os homens perfeitos e absolutamente eguaes é uma das mais perigosas e insensatas, que tem podido entrar nas cabeças humanas.

Idem.

O caracter e genio de nosso espirito dependem em grande parte das primeiras idéas e das primeiras impressões que havemos recebido na infancia.

Genlis.

Onde tudo é independente nada haverá soberano.

Bossuet.

Formoso esmalte faz a virtude no ouro da maior dignidade.

Fr. Luiz de Souza.

O calumniador é o reptil mais venenoso e damnoso da sociedade humana.

Anonymo.

O coração é semelhante áquellas arvores que não dão o balsamo para as feridas dos homens, sem que o ferro as tenha ferido primeiro.

Stael.

Ah! o tumulo, o tumulo! Elle sepulta todos os erros, cobre todos os defeitos, extingue todos os resentimentos; não sahem do seu pacifico seio senão ternas saudades, doces recordações.

J. Washington.

Deos quiz que a Igreja devesse o seu nascimento á cruz e aos supplicios, sua gloria á ignominia, sua luz ás trevas do erro, seus progressos aos ataques de seus inimigos, sua estabilidade a suas perdas, a seus desastres. Nunca a gloria da Igreja foi mais pura, como quando os homens fizeram mais esforços para maculal-a!

Pio VI.

Ao mesmo passo que voltamos as costas á Religião, aspiravamos á liberdade! E tem havido por ventura estados mais livres, que Roma e Athenas? Toda a nação que deixa de procurar nas cousas divinas os fiadores da sua independencia, vem a fenecer, perdendo esta, sejam quaes forem as revoluções em que se tenha submergido para a conservar.

Chateaubriand.

Se a Inglaterra, apezar das tormentas de que se vio agitada em tempo de Carlos I, chegou a fundar sua constituição, foi porque n'esta épocha os Inglezes eram Christãos. Era com a Biblia na mão, que elles prégavam a independencia; longe de serem irreligiosos, eram fanaticos: os seus niveladores estabeleceram por meio do fanatismo a liberdade, e os nossos revolucionarios por meio da impiedade vieram a parar na escravidão.

As revoluções quasi sempre obrigam a progredir o mal, quando se lhe tem dado principio: representa-se a todo o oppressor, que lhe ficará mal desdizer-se: é bem verdade, que entre os homens frequentemente as meias injustiças servem para condemnar, e uma iniquidade para absolver. Miseravel politica!

Idem.

Em quanto a Religião não possuir nada proprio, ha de mostrar-se constantemente aos olhos do publico sob as feições d'um tributo, e não com os attractivos d'um beneficio. "Fazei, sagrado e inviolavel o antigo e necessario dominio do clero (diz Montesquieu), e que seja fixo e eterno como elle."

Idem.

E com effeito que vem a ser clerigos assalariados? Que podem ser para o povo, senão mercenarios a seu soldo, que elle se persuade ter direito a desprezar? Confessar, que a Religião é util, e prohibir ao mesmo passo ás Igrejas o direito de propriedade, será ter consequencia nos raciocinios? Procedamos de boa fé, e digamos antes: "não queremos Religião;" mas digamos tambem: "não queremos Monarquia," (nem ordem, estabillidade e justiça na Republica.)

Idem.

Se querem tratar a Religião como se fosse uma instituição humana, acabemos a disputa, que já não é possivel que nos entendamos. Então se aprouver ao governo supprimir debaixo de qualquer pretexto os salarios do clero, todos os templos vão fechar-se. O governo, dizem, não ha de supprimir nunca este salario....porêm a assemblêa constituinte havia solemnemente declarado, que a primeira divida de França, que a divida mais sagrada e a mais inviolavel era a que tinhamos contrahido para com a Igreja: o vento levou todas estas bôas palavras! será pois necessario, que a Religião sempre ameaçada de ruina, siga a torrente das nossas

revoluções, e não tenha nem sequer um abrigo contra os caprichos d'um ministerio? Supprime-se um tribunal, liçencea-se um exercito sem ficar exposta a segurança d'um reino; mas expulsam-se acaso os pontifices do sanctuario, sem correr perigo a sociedade?

Idem.

O sacerdocio não é um estado, é um caracter: não confundamos cousas tão differentes. Um soldado, um magistrado que não é sustentado pelo thesouro publico, pode mudar de profissão, procurar um novo modo de vida, porêm o sacerdote sem o seu ordenado, que pode vir à ser? *Sacerdos in æternum.*

Idem.

Tenhamos sempre exactidão nas palavras, e nunca haverá equivoco nas cousas. Dizer bens do clero é um modo de fallar vicioso... O clero nunca possuio, nem pode possuir cousa alguma. As Igrejas são as unicas proprietarias: o clero não é mais que um administrador d'um patrimonio, de que um terço pertence ao altar, outro aos pobres, e o ultimo é destinado para a subsistencia dos ministros do altar. D'onde se vê que os Governos alem do sacrilegio commetteram um grande erro politico roubando a Igreja, pois que agora se vem a braços com o pauperismo.

Idem.

Que! o mais pobre de nossos camponezes possue muitas vezes um chão, uma leira, uma arvore, e o clero que roteou nossos matagaes, plantou nossas vinhas, enriqueceo nosso torrão de copioso numero d'arvores estrangeiras; que transportou a abelha da Attica para as collinas de Narbona, e o bicho da seda da China para as amoreiras de Marselha; o clero nem sequer andará ao rabisco d'alguma espiga d'essas espaçosas campinas tão longo tempo fertilisadas com seus suores, e regadas algumas vezes com seu sangue! seremos nós mais avarentos para o sacerdote, do que a propria morte? Esta lhe dará ao menos alguns palmos de terra que nunca mais lhe roubará. Pois que! Esses homens que erigiram tantos monumentos uteis á patria, que edificaram cidades inteiras, nem terão de seu uma pobre casa onde se tratem na sua velhice? Pois que! Esses homens, que em tempo de paz se occupavam em abrir nossos canaes, traçar nossas estradas, formar pontes sobre os nossos rios; esses homens que nos tempos de nossas calamidades pagavam o resgate de nossos reis, remiam os escravos, soccoriam os apestados, derramavam generosamente

o thesouro da Igreja no thesouro do estado, esses homens receberão esmola nos hospicios que elles proprios fundaram? Quem quererá dedicar-se ás fadigas do apostolado, se os sacerdotes como os Parias da India não tem que esperar senão pobresa e menoscabo? E que fizeram elles para serem tratados por este modo? Foram nossos pais e nossos legisladores, elles...que são hoje nossas victimas.

Idem.

Foi elle (o clero) quem abrandou a ferocidade de nossos costumes; foi elle quem nos transmittiu as luzes de Grecia e Roma.

Idem.

Para se contar o numero dos seus beneficios, seria mister poder contar o numero das miserias humanas.

Idem.

Quem será o defensor do altar, se não o forem os Pares de França? A nobreza conservou o seu lugar; o clero perdeu o que lhe tocava; e mostrará ella, que já não conhece na adversidade os seus antigos rivaes? não pegará pela mão aos antigos companheiros da sua gloria?

Idem.

Eloquentes defensores da Igreja, vós, que eu estou vendo d'este lugar; vós, que sustivestes os primeiros asssaltos da impiedade em nossa primeira assemblêa, que dizeis vós n'esse tempo? Que um reino está perdido logo que abandona o culto de seus avós, que a queda do altar arrasta comsigo a queda do throno. Trataram-vos de fanaticos, d'espiritos apoucados, e d'homens instigados por interesses pessoaes.
Está bem; oh! sobejamente veridicos profetas, quem se atreveria a dizer-vos hoje que vos tendes enganado? E vós, que tão empenhados fostes em sollicitar os triumphos d'uma falsa sabedoria, que é feito de vós? O abysmo que tinheis cavado tornou-se a fechar sobre vós.

Idem.

E' um dos caracteres do nosso seculo temer males impossiveis, e ser indifferente para os que, permitta-se-me fallar assim, vivem comnosco. Esse temor do futuro engrandecimento do clero assimelha-se aos que Bonaparte pretendia ter da authoridade da Santa Sé. Era senhor de Roma, conservava Pio VII em captiveiro, e não fallava senão da ambição dos Bonifacios e dos Julios. Os que hoje gritam: "fóra o papismo!" (dizia o Dr. Johnson) durante o diluvio gritariam: "fóra o fogo.'

Idem.

Os confessores são outro objecto de susto. Cada confessor, dizem, será um saqueador occulto de qualquer familia. Adeos segurança das fortunas...Ahi vai commetter-se em toda a parte o vicio da restituicão! Porêm, Senhores, acaso vemos frequentar muito n'este seculo os tribunaes da penitencia? Não sei que até agora tenhamos grande motivo para nos lastimarmos dos *perigos* do arrependimento....e....

Idem.

O passeio é um passatempo para os pés; a ama que nutre os sapateiros; o ponto dado dos amantes; o medianeiro de loucas intrigas; a consolação das jovens viuvas; a romaria dos tafues; o paraiso das namoradeiras; o purgàtorio do marido zeloso; o maná dos vadios e a galé dos preguiçosos. Recrea a vista, diverte muitas vezes os ouvidos, conserva a saude, e tempera um guizado melhor do que o mais habil cosinheiro do mundo: De manhã é modesto, e á noite divertido: na volta para casa requer o sofá, e faz da cama um objecto de tentação. De verão regala os seus apaixonados com poeira, e d'inverno com defluxos. A cêa é o seu filho, e o somno o seu neto. As suas armas são os leques, e os chapeos de sol a sua corôa. Finalmente é o prazer da mocidade, e a pezadume dos gotosos.

Conde de Oxenstiern.

A' força da verdade, os mentirosos se renderão necessariamente quando permittirem que ella se mostra clara e publicamente.

Anonymo.

Trate cada um dos seus proprios negocios, antes de se envolver nos dos outros.

Idem.

A Lisonja.—Perguntou-se um dia a certo philosopho, qual de todos os animaes era mais terrivel ao homem? Respondeu: "entre os selvagens, o calumniador; e entre os domesticos, o lisonjeiro." E' certo que o lisonjeiro reune em seu character muitos vicios infames; pois é mentiroso, dizendo coizas de que elle se não capacita; velhaco, porque não diz o que sente; cobarde, porque não se anima a dizer o que pensa; perverso, porque derrama oleo sobre o amor proprio dos outros; impio, porque dá incenso ao vicio do proximo; e inimigo secreto d'aquelles de quem se confessa amigo, porque pela sua lisonja conserva-os nos seus máos costumes. A lisonja é um veneno adocicado com que se envenenam os grandes, aos quaes persuadem quasi sempre que os seus vicios não são senão virtudes imperfeitas. Na verdade é preciso que o amor proprio tenha muito poder sobre o homem, para nos fazer receber um incenso que não merecemos e de que damos os agradecimentos áquelles que escarnecem de nós, attribuindo-nos qualidades que não possuimos. Observo que todos gritam contra a lisonja, mas não vejo um só que conspire seriamente contra os lisonjeiros; de sorte que é mais verosimil àcreditar que a sua profissão só hade acabar no dia de juizo quando todos os vicios apparecerem em publico.

Conde de Oxenstiern.

A *formosura* é um bem fragil, e quanto mais se vai chegando aos annos, tanto mais vai diminuindo, e desfasendo em si e fasendo-se menor. Seja exemplo d'esta lastimosa fragilidade, Elena, aquella famosa e formosa Grega, filha de Tindaro, Rei de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dez annos, e ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os annos diminuindo a causa d'ella. Era a causa a formosura de Elena, flor em fim da terra, e cada anno crestada com o ardor do tempo, estava ja tão murcha, e a mesma Elena tão outra, que vendo-se ao espelho, pelos olhos, que ja não tinham a viveza, lhe corriam as lagrimas, não achando a causa porque duas vezes fôra roubada, ao mesmo espelho e a si perguntava por ella!....

Que cousa é a formosura senão uma caveira bem vestida a que a menor enfermidade tira a côr, e antes de a morte a despedir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça d'aquella exterior e apparente superficie de tal sorte, que se os olhos pudessem penetrar o interior d'ella, o não poderiam ver sem horror!

Vieira.

Não deve louvar-se o homem só por sua apparente belleza, nem por

sua gentil presença. Suas virtudes moraes são as que acreditam os seus louvores. A abelha é um animal bem pequeno e feio e ao parecer muito insignificante; todavia, seus productos são preciosos. Coxo, corcovado e até escravo, foi Epicteto, e sua alta philosophia respeitada em todo o mundo.

Extrah. do *Jardim Litterario.*

Honras, glorias, fama, fortuna, belleza, prazeres, alegria do mundo, o tumulo vai engulir tudo.

Que é pois a vida? Um sonho e nada mais.

Debalde lhe virâmos as costas, a morte nos espera lá: ella nos arrasta para si cada dia, cada hora, cada minuto: nada pode subtrahir-nos a seu braço.

Anonymo.

De algumas Preoccupações.

Abundancia.

A maior parte dos homens desejam a abundancia e cuidam que hão de achar n'ella a sua felicidade: *isto é uma preoccupação.* A abundancia nutre os vicios, debilita as virtudes, attrahe-nos os lsongeiros e os falsos amigos, e aparta de nós a verdade. O que contribue a fazer-nos felizes n'este mundo, não é a abundancia, senão um patrimonio honesto e proporcionado ao nosso estado.

A' medida que se dilata a esphera dos nossos prazeres, affeições e sentimentos augmenta-se o numero dos cuidados, das agitações e pesares.

Anonymo.

Vida dissoluta.

Em que abysmos nos não precipita a corrupção do mundo? Não falta quem diga que se devem tolerar os excessos viciosos da mocidade, e que n'esta edade são dignos de escusa: isto é *uma preoccupação.* Bem sei que os velhos se fazem mais ridiculos entregando-se a elles, mas tambem se deve assentar que são infinitamente perniciosos á mocidade.

Elles destroem totalmente a educação, corrompem o homem inteiramente, e commummente o corrompem para sempre. Elles destroem os cidadãos uteis, e finalmente são a ruina da razão e da virtude.

Idem.

Força.

Tenho conhecido algumas pessoas que muito contentes de si mesmas se gloriavam de terem uma força corporal superior á dos outros homens: isto é *uma preoccupação.* Se a força corporal fosse um merecimento, seria a dos leões e dos touros.

Idem.

Gosto.

Todo o mundo se lisongea de ter bom gosto: isto é *uma preoccupação.* O gosto é raro, consiste em amar o bello em si mesmo e na sua simplicidade.

Idem.

Mocidade.

Muitos dizem que a mocidade é o tempo das paixões, da dissipação, das despezas e dos desvarios: *que de preoccupações!* Antes pelo contrario é este o tempo em que se deve ter mais cuidado em impedir a força das paixões e de que ellas nasçam, e se fortifiquem, e de fixar o habito das virtudes, é o tempo de sollicitar os meios de passar a vida com decencia e commodidade, que mil circumstancias podem desordenar; é o tempo das reflexões para escolher um systema de vida conforme á razão e á honra: é emfim o tempo das virtudes para formar o habito d'ellas e para fazer a sua pratica facil para sempre. Os pais, os mestres, os superiores que permittem á mocidade cahir n'estes absurdos e preoccupações, se fazem réos da desgraça publica e particular.

Idem.

Honra.

Temos uma idéa bem limitada da honra. O Militar a faz consistir no animo, o Juiz na inteireza, as Mulheres na castidade. Cada um, salvando uma parte da honra, entende salval-a inteiramente: isto é *uma preoccupação*. A honra consiste em não fazer cousa alguma que possa prejudicar a reputação.

Idem.

Libertinagem.

Muitos se lastimam, affirmando que a libertinagem é um vicio, e não passam d'aqui: isto é *uma preoccupação*. A libertinagem é uma falta de juizo e de valor, de amor do bem publico e particular, é a sepultura da razão e dos bons sentimentos e o abysmo do homem. Pelo menos devia-se impedir, que ella se ostentasse como costuma com insonlencia e altivez.

Idem.

Occasião.

Aquelles que obrão mal, desculpam-se ordinariamente com a occasião: isto é *uma preoccupação*. As occasiões podem destruir os principios immutaveis da Religião, da virtude e da probidade? Que se deve discorrer d'esta desculpa, principalmente quando se podia evitar a occasião e quando se procura esta com ardor e empenho?

Idem.

Paciencia.

Aconselha-se a paciencia a todo o mundo. Reprehende-se a sua falta áquelles a quem ella escapa; os que a não tem, causam compaixão: isto é *uma preoccupação*. A paciencia é uma virtude heroica, difficillima, e que pede muito valor.*

---

*—Falla-se da paciencia para soffrer as grandes desgraças; por que de certo a paciencia em soffrer as pequenas contradições da vida não é uma virtude heroica.

Aprendei a soffrer com paciencia as vossas desgraças e as vossas afflicções; toda a diligencia é pouca para exhortar a mocidade a ser docil; sem esta virtude, não pode ella receber uma boa educação.

Idem.

Tentação.

Uma pessoa foi fortemente tentada, e por isso conclue-se que tem pouca ou nenhuma culpa: isto é *uma preoccupação.* Devia prevenir-se a tentação, evital-a, reformar a causa d'ella, combatel-a e não se fez nada d'isto.

Idem.

Virtude.

Dizem que a virtude ja não é estimada: isto é *uma preoccupoção.* Ella sempre o foi, aindà d'aquelles que a não praticam. Só se aborrece a soberba e a dureza, a ostentação e os defeitos d'aquellas pessoas que fazem profissão de a praticar.

Idem.

Zelo.

Muitos julgam que o zelo desordena tudo, perde tudo, arruina tudo; e que esta affectada virtude se chega muito á loucura e á extravagancia isto é *uma preoccupação* bem miseravel e bem insensata. O Zelo é um desejo vehemente do bem publico e particular; encerra em si a prudencia, a sabedoria, a rectidão, o amor da subordinação e a verdade. Não se contentam muitos só com fallar indiscretamente, tambem querem fallar indecentemente.

Idem.

Pensamentos de Rochefaucault.

O trabalho do corpo livra das afflicções do espirito, e é o que faz os pobres felizes.

A humildade é o altar no qual Deos quer se lhe offereçam sacrificios.

A sabedoria a respeito d'alma, é como a saude a respeito do corpo.

A prudencia é opposta ao amor; á medida que este cresce, aquella diminue.

Uma mulher honrada é um thesouro occulto, aquelle que a possue faz muito bem em não fazer ostentação d'ella.

A fortuna manifesta as nossas virtudes e os nossos vicios, assim como a luz manifesta os objectos.

Ha no coração do homem uma perpetua geração de paixões, de sorte que da ruina d'uma provêm quasi sempre o estabelecimento d'outra.

Ninguem pode olhar fixamente para o sol nem para a morte.

A mocidade e a belleza desapparecem, tanto que chega a razão.

O bom ar adorna o corpo, assim como o bom juizo, o espirito.

Parece que a natureza que tão sabiamente dispoz os orgãos do nosso corpo para nos fazer felizes, nos deu tambem a soberba para nos poupar a dor de conhecer as nossas imperfeições.

E' muito difficultoso o definir o amor: sómente se pode dizer d'elle que n'alma é uma paixão de reinar, no espirito é uma sympathia.

O silencio é o partido mais seguro d'aquelle que desconfia de si mesmo.

Ninguem se pode consolar de ser enganado pelos seus inimigos e de ser aleivosamente vendido pelos seus amigos, e muitas vezes vivemos satisfeitos de sel-o por nós mesmos.

Bem ouvir e bem responder é uma das melhores perfeições que se pode desejar na conversação.

A naturesa forma o merecimento e a fortuna o põe em exercicio.

A lisonja é uma falsa moeda que não corre senão pela nossa vaidade.

A avareza é muito mais opposta á economia do que a liberalidade.

O mundo recompensa muitas vezes mais as apparencias do merecimento que o proprio merecimento.

As virtudes se perdem no interesse assim como os rios no mar.

Quando os vicios nos desamparam, lisonjeâmo-nos de sermos os que os deixâmos.

Os defeitos d'alma são como as feridas do corpo, por mais que se cuide em saral-as, as cicatrizes sempre apparecem, e a todo o instante correm o perigo de se tornarem a abrir.

A virtude* não faria tantos progressos se a vaidade não lhe fizesse companhia.
A hypocrisia é um tributo que o vicio paga á virtude.

A soberba não quer dever, e o amor proprio não quer pagar.

A verdadeira eloquencia consiste em dizer tudo aquillo que é necessario e não dizer só o que é preciso.

A gravidade é um mysterio do corpo, inventado para occultar os defeitos do engenho.

Nós amâmos sempre aquelles que nos admiram, mas nem sempre amâmos aquelles que admirâmos.

Muita gente despreza os bens, mas poucos os sabem dar.

Louvar os Principes, das virtudes de que carecem, é afrontal-os impunemente com injurias.

---

*—Impropriamente assim chamada, ou virtude imperfeita, quando a vaidade a acompanha.

Quasi que não reconhecemos por homens de juizo senão aquelles que seguem o nosso parecer.

Um homem de bem pode ser tido algumas vezes por um louco mas nunca por um tolo.

Os velhos que são loucos são mais loucos do que os moços.

Se a vaidade não arruina inteiramente as virtudes, pelo menos as abala todas.

A causa da vaidade dos outros não nos ser supportavel é porque fere a nossa.

Deve-se reger a fortuna como a saude: gozar d'ella quando é boa, ter paciencia quando é má, e não usar de grandes remedios senão na extrema necessidade.

Todas as paixões nos movem a fazer erros, porem o amor nos faz fazer os mais ridiculos.

A velhice é uma tyranna que prohibe com pena de morte os divertimentos da mocidade.

Muitas vezes se passa do amor á ambição, mas poucas vezes se volta da ambição ao amor.

A inveja é um dos maiores vicios e o que excita menos compaixão ás pessoas que a causam.

A ausencia diminue as paixões mediocres e augmenta as grandes, assim como o vento apaga a luz das velas, e accende o lume.

Quando exaggerâmos a ternura que devemos aos nossos amigos, muitas vezes não é tanto por gratidão como pelo desejo de fazer ostentação do nosso merecimento.

Diogenes que tinha escolhido uma pipa para lhe servir de casa, era um louco tão rematado, quanto elle se tinha e queria que o tivessem pelo mais sabio de todos os homens.

E' tão difficil achar um verdadeiro amigo como é difficultoso achar

pessoas capazes de nos dar bons conselhos, de dissimular as nossas faltas, e de nos soccorrer na necessidade.

Maximas de Fontenelle.

Muitas vezes se fazem por acaso as maiores tolices, de que resultam felicidades.

A razão que nos leva a pensar melhor que os outros, não nos estorva porem de obrar como elles.

E' melhor empregar somente a metade do espirito para crer certas coisas, e reservar a outra metade livre para que o contrario possa ser admittido se assim for necessario.

Ha sujeitos capazes de adquirir as mais elevadas noções, mas que são incapazes de as ensinar aos outros, porque algumas vezes custa ao espirito mais a descer do que a continuar a elevar-se.

Quando dois homens são muito amigos, achando-se constituidos em empregos de que naturalmente se devia seguir entre elles emulação, não se deve desejar maiores provas de equidade, de rectidão, nem ainda de generosidade.

Deve-se estudar para illustrar o espirito e não para embaraçar-se a memoria. O espirito tem necessidade de luzes, e por mais que tenha, nunca podem ser excessivas; mas a memoria é muitas vezes opprimida com um pezo inutil; e por isso ella cuida em o lançar fóra.

Maximas e Pensamentos do Marquez de Maricá.

Os sabios respeitados por seus escriptos são algumas vezes despresiveis por suas acções.

Os homens de extraordinarios talentos são de ordinario os de menor juizo.

Nas revoluções politicas os povos não poucas vezes mudam de Senhores sem mudarem de condição.

Os velhos ruminam o preterito, os moços anticipam e devoram o futuro.

Ha homens que parecem grandes no horisonte da vida privada, e pequenos no meridiano da vida publica.

E' mais facil maldizer dos homens do que instruil-os e melhoral-os.

Nenhum Governo é bom para os homens máos.

A mudança rapida da temperatura do ar não é mais funesta á saude individual do que a das opiniões politicas á tranquilidade das nações.

Succede aos homens como ás substancias materiaes; as mais leves e menos densas occupam sempre os lugares superiores.

Uns homens sobem por leves como os vapores e gazes; outros, como os projectis, pela força do engenho e dos talentos.

E' tal a incapacidade pessoal de alguns homens, que a fortuna empenhada em sublimal-os não pode conseguir o seu proposito.

O homem que frequentes vezes se inculca por *honrado* e *probo* dá justos motivos de suspeitar-se que não é tal, ou tanto como se recommenda.

A temperança da lingua não é menos funesta para os homens que a da gula.

Quando o povo não acredita na probidade, a immoralidade é geral.

A maledicencia é uma occupação e lenitivo para os descontentes.

E' nas grandes assembleas deliberantes que melhor se conhece a disparidade das opiniões dos homens, e o jogo das paixões e interesses individuaes.

Os anarquistas são como os jogadores infelizes ou inhabeis, que baralhando muito as cartas ou mudando de baralhos, esperam melhorar de fortuna e condição.

As revoluções politicas são ordinariamente como os terremotos; destroem mas não edificam. Os Governos fracos fazem fortes os ambiciosos e insurgentes.

As idéas novas são para muita gente como os fructos verdes que travam na boca.

A actividade sem juizo é mais ruinosa do que a preguiça.

A aura popular é como a fumaça que desapparece em poucos instantes.

O interesse forma as amizades e o interesse as dissolve.

Todos reclamam reformas mas ninguem se quer reformar.

A impunidade é segura quando a cumplicidade é geral.

O soberbo é um tolo : perde sempre sem ganhar, malquistando-se com todos.

A opinião publica é sujeita á moda, e tem ordinariamente a mesma consistencia e duração que as modas.

O enthusiasmo é um genero de loucura que conduz algumas vezes ao heroismo e muitas outras a grandes crimes e malfeitorias.

Os homens por não desagradarem aos máos de que se temem, abandonam muitas vezes os bons a quem respeitam.

Ha muita gente que procura apadrinhar com a opinião publica as suas opiniões e disparates pessoaes.

Os Governos perecem quando não sabem ou não podem desaggravar-se das injurias irrogadas.

A experiencia tem mostrado sufficientemente que os maiores censores dos empregados publicos não são os seus melhores substitutos.

Os povos tem, como os Reis, seus parasitas e aduladores não menos abjectos, imprudentes e interesseiros.

Não se pode formar bom conceito de quem não tem boa opinião de pessoa alguma.

E' muito difficil e em certas circumstancias quasi impossivel, sustentar na vida publica o credito e conceito que merecemos na vida privada.

Os mais arrojados em fallar são ordinariamente os menos profundos em saber.

As nossas necessidades nos unem, mas as nossas opiniões nos separam.

O interesse bem entendido é raro, o mal entendido, vulgarissimo.

Os beneficios mal empregados se convertem em maleficios.

Despresos ha, e de pessoas taes que honram muito aos despresados.

Axiomas e Pensamentos Moraes.

Não faças a outrem o que não queres que te façam a ti.

Faze a outrem o que queres que te façam a ti.

Conhece-te a ti mesmo.

Queres saber se é uma acção boa ou má? Pergunta a ti mesmo como a tomarias se qualquer a praticasse comtigo.

Só é honesto o que é util, só é util o que é justo.

Não são as causas que perturbam os homens, são sim as opiniões que d'ellas formamos e os prejuizos que lhes ligâmos.

O sabio é sempre muito rico, é bem raro porem que o rico seja sabio.

Não desejeis o impossivel e considera tudo que é injusto como impossivel.

Pois que os homens são pela mór parte falsos, inconstantes ou fracos, necessario é que tenha caução a boa fé. A melhor é a religião, segue-se depois a honra e depois o habito de fazer bem.

Ha, diz um author Italiano, doze abusos principaes no mundo:—

1°., um sabio sem obras; 2°., um velho sem religião; 3°., um moço

sem docilidade; 4°., um rico sem charidade; 5°., uma dama sem pejo; 6°., um religioso sem christianismo; 7°., um pobre sem humildade; 8°., um Bispo sem cuidado; 9°., um Clero sem disciplina; 10°., um povo sem policia; 11°., um fidalgo sem coração; 12°., um Rei sem bondade.

A verdadeira felicidade é como a apparição dos espiritos, todos fallam n'ella e bem poucos a tem visto.

Um beneficio que se faz demasiado esperar, chega frio, e não é tão apreciado.

Queres conhecer o coração de qualquer homem? Repara no acolhimento que lhe fazem os seus eguaes.

Devemos antes querer que nos aconselhem do que nos louvem.

A celebridade que custa pouco tem pequeno fulgor e duração.

Os velhacos têem por admiradores todos os tolos, cujo numero é infinito.

Os empregos que por intrigas e facções se alcançam, por facções e intrigas se perdem.

A civilidade ensina a dissimular para não offender.

Os maiores velhacos são os que geralmente se inculcam por melhores patriotas.

Achar em tudo desordem é prova de supina ignorancia; descobrir ordem e systema em tudo é demonstração de profundo saber.

Maximas de Benjamim Franklin.

Temperanca.

Não comas jamais a ponto de sentir-te incommodado; não bebas até perderes a razão.

Silencio.

Nunca falles senão d'aquillo de que tu ou os outros puderem colher utilidade; evita, quanto em ti couber, as conversações frivolas.

Ordem.

Dá a cada cousa em tua casa lugar certo; a cada negocio tempo determinado.

Resolução.

Toma por uma vez a resolução de cumprir sempre as tuas obrigações: nunca faltes ás tuas promessas.

Economia.

Não gastes o teu dinheiro senão em cousas de utilidade para ti ou para outrem; isto é, goza, mas não desperdices.

Trabalho.

Não percas tempo; emprega-te sempre em alguma cousa util; abstem-te de toda a acção desnecessaria.

Sinceridade.

Evita subterfugios; pensa sempre com innocencia e justiça; falla como pensas.

Justiça.

Não prejudiques a pessoa alguma, pelo contrario evita-lhe não só qualquer damno, mas faze-lhe o bem que puderes.

Moderação.

Foge dos extremos, isto é, usa, mas não abuses; sente o bem ou o mal, segundo a tua razão te disser que elles o merecem.

Aceio.

Não desprezes a obrigação que tens de conservar aceiados o teu corpo, casa e vestuario.

Tranquillidade.

Não te afflijas por bagatellas ou acontecimentos ordinarios e inevitaveis.

Castidade.

Sê moderado pelo que toca aos prazeres sensuaes: os seus excessos são de todos os mais perniciosos, tanto para a alma como para o corpo.

Humildade.

Toma por modelo d'esta virtude aos Santos que viveram no estado em que te encontras (que a santidade é propria de todos os estados).

Axiomas Moraes.

E' o homem sempre senhor do que quer, quando só quer o que é justo.

Aquelle que pela manhã deu ouvidos á voz da virtude pode morrer á noite e não se arrependerá de ter vivido.

Aquelle que persegue o homem de bem faz guerra ao Céo.

Facil é obedecer a sabedoria, porque nada ella ordena que seja impossivel.

Tirados dos Legisladores de diversos povos.

Regras uteis para se observarem na vida.

1ª. Não deixes para amanhã o que hoje puderes fazer.

2ª. Não deixes fazer aos outros aquillo que tu podes fazer.

3ª. Não disponhas do teu dinheiro antes de o teres em teo poder.

4ª. Não compres cousa alguma, por barata que seja, se a não necessitares.

5ª. Evita o orgulho, que é peior que a fome, a sede e o frio.

6ª. Nunca te arrependas de ter comido pouco.

7ª. Trabalha com gosto e o trabalho será menor.

8ª. Toma sempre as cousas pela parte mais suave e segura.

9ª. Se estás aborrido, conta até dez antes de responder; e se estás offendido, conta até cem.

Da Adulação.

A adulação é sempre uma lisonja baixa e vil, e muitas vezes superiormente criminosa. O homem que a seu respeito a consente, perde o amor, a decensia e esquece a maior das virtudes, que é o conhecimento proprio: assim como o navegante se deixa submergir ouvindo os cantos da serêa, de egual modo o que attende com gosto e prazer a fementida voz do adulador, succumbe e cahe, naufraga e morre no horrivel pelago da loucura. Estupido, acredita sinceros os louvores que lhe não competem, a posse de virtudes que não tem, dotes que não goza, e tornandose de estupido malvado, se julga, no seio do orgulho e da insania, superior em talentos, virtudes e dons a quantos conhece.

Monstro perverso, chamou um philosopho ao adulador, traidor horrivel, que na lingua tem o mel, porem no coração o veneno. E com effeito, o adulador, inimigo sempre da verdade, tem muitas vezes perturbado o socego dos proprios reis e a tranquilidade dos povos.

Extrah. do *Jardim Litterario.*

Maximas e Pensamentos Diversos.

O prazer faz-nos esquecer que existimos, a afflicção nol-o recorda.

Raras vezes se faz justiça aos grandes homens em quanto vivos, mas sómente depois de mortos; isto é, concedemos que o tenham sido, mas não lhes perdoâmos que o sejam.

O silencio é o espirito dos tolos, e uma das virtudes do sabio. *

Os moços dizem o que fazem, os velhos o que tem feito, e os tolos o que desejam fazer.

Quando arguimos alguem de ter violado o nosso segredo, esquecemonos de que fomos nós os primeiros que o violámos.

Uma bôa acção não constitue virtude, assim como um só momento de prazer não constitue felicidade.

A probidade é a virtude dos pobres; a virtude deve ser a probidade dos ricos.

Um tolo elevado a uma dignidade está como em cima d'um monte, d'onde todos lhe parecem pequenos, assim como elle parece pequeno a todos.

Os avarentos poupam como se devessem viver sempre; os prodigos gastam como se estivessem para morrer.

Quem escreve segundo as circunstancias, expoem-se ao perigo e ao arrependimento de haver escripto.

A vida é uma peça tragi-comica que acaba por uma catastrophe.

As mulheres formosas morrem duas vezes.

Fazer dividas é privar-nos antecipadamente do dinheiro que havemos de receber.

---

*—Ha quem diga ser elle a unica virtude do ignorante; e tambem não diz mal.

Nota do Revisor.

Vê-se o passado melhor do que foi; acha-se o presente peior do que é; espera-se o futuro mais feliz do que ha de ser.

A fortuna dos ricos, a gloria dos heroes, a magestade dos Reis, tudo acaba por *aqui jaz.*

A mudança de moda é um tributo que a industria do pobre impoem á vaidade do rico.

Uma pequena quantia que se empresta faz um devedor; uma grande faz um inimigo.

A historia de um homem é quasi sempre a das injustiças de muitos.

Vangloriar-se da nobreza de seus antepassados, é buscar nas raizes os fructos que se deveriam achar nos ramos.

O sol e a fortuna fazem brilhar até os proprios insectos.

Todo o mysterio das batalhas se reduz a estas palavras: "se vós não matais, matar-vos-hão": e com ellas se fazem bater irmãos com irmãos.

Mui poucos homens estão no caso de fazer bem; quasi todos podem fazer mal.

As tres cousas mais difficeis d'executar são: guardar um segredo, esquecer-se d'uma injuria, e saber empregar bem as horas vagas.

Um Imperio é sempre vacillante quando o magistrado não obedece ás leis, e o povo ao magistrado.

Não ha menos covardia em atacar um homem desarmado do que em fallar mal d'aquelles que se não podem defender.

Uma mercê paga envilece aquelle que a recebe, e deshonra aquelle que a faz.

O orgulho figura mal com a pobreza, e o amor com a velhice.

O perfeito valor consiste em fazer sem testimunhas aquillo que se seria capaz de fazer diante de todos.

E' summamente prudente chamar alguem para testimunhar quando se joga, ainda mesmo com um irmão.

Lamento, dizia certo pai, a meus filhos, por isso que tem talento; porque se fossem estupidos, fariam fortuna como seu avô.

Começa com reflecção, segue com actividade e perseverança e não terás razão de queixar-te tanto da fortuna.

Tudo é grandioso no Templo do favor á excepção das portas, que são tão baixas que aquelles que ali entram, tem que curvar-se até ao chão.

Quereis estar em paz com os homens? Nunca disputeis as qualidades de que se jactam.

A maior de todas as imprudencias é a de jactar-se seja de que fôr; e a maior parte das desgraças de muitos homens não provem de outra cousa.

Estuda attentamente tudo quanto tiver relação com a tua profissão, e chegarás a sobrepujar n'ella; sê laborioso e economico, chegarás a ser rico; sê frugal e parco, e conservarás a tua saude; sê justo, e não temerás a eternidade.

Confiar n'aquelle por quem fomos enganados, é imprudencia em negocios; falta em politica; necessidade em amisade.

Nós combinâmos todos em pensar que a desgraça tem duas causas differentes; para os outros a sua improvidencia, e para nós o destino.

Aquelle que por modestia não solicitava hontem um emprego, julga-se ao nivel d'elle logo no dia da sua nomeação, e no seguinte considera-se superior.

A sociedade presta aos vicios uma aparencia amavel; a solidão dá ás virtudes uma casca dura e grosseira.

Ninguem é tão simples que deixe de notar o amor proprio dos outros, nem tão habil que possa occultar o seu.

O conciliador, para fazer a paz entre dois amigos indispostos, precisa de menos esforços, do que habilidade para não ficar mal com um e outro.

A honra d'um pai de familias é o unico bem que na herança passa inteiro a cada um de seus filhos.

Vêem-se inimigos irreconciliaveis toda a vida por bagatellas de que se esquecem passados poucos dias.

Discorrer com um tolo é apresentar uma luz a um cégo.

Aquelle que compra um emprego publico vende por miudo aquillo que comprou por junto.

O capitulo mais extenso da historia d'um homem é o das suas inconsequencias.

A castidade é o mais bello adorno das mulheres: é a unica beleza que resiste ás injurias do tempo.

Não promettas maravilhas, e obra cousas grandes.

Entregar-se ás perfidas insinuações do lisongeiro é beber veneno por uma taça de ouro.

Os mancebos são como as plantas; conhece-se pelos seus primeiros fructos o que d'elles para o futuro se deve esperar.

Evita os erros, não por temor, mas porque o deves fazer.

Uma mãi é madrasta, e um pai um barbaro, quando desprezam a educação de seus filhos.

Um soccorro, por modico que seja, applicado convenientemente e n'um caso de extrema necessidade, vale mais do que cem esmolas mal distribuidas.

Choupana onde reina satisfação é preferivel a um palacio onde reina o pranto.

Quando dois amantes velhos se recordam da sua brilhante mocidade, e olham um para o outro, não podem deixar de desatar a rir ou a chorar.

O homem indiscreto é como uma carta aberta: todos a podem ler.

Ninguem deseja passar por velho, mas todos querem viver muito tempo.

Para induzir um avarento a tomar um remedio é precizo dar-lh'o gratis, e a garrafa em que veio.

Na loteria jogam os ricos com os pobres, aquelles entram com o seu superfluo, estes com o seu pão.

Os macacos e os tolos regulam-se uns por outros.

Aquelle que desconfia, sem cessar, das intenções dos outros, ensina-nos a desconfiar egualmente das suas.

O egoista seria capaz de queimar a casa de outrem só para assar um ovo nas suas cinzas.

Uma mulher altiva, sem juizo, que quer agradar, é um pobre que ordena que lhe dêem esmola.

Tudo se digere, menos o desprezo.

O mais demorado em prometter é aquelle que cumpre mais fielmente a sua promessa.

Aquelle que fez um serviço deve esquecer-se d'elle; o que o recebeu deve tel-o sempre na lembrança.

O mais rico dos homens é o economico; o mais pobre, o avarento.

A liberalidade consiste menos em dar muito do que em occasião opportuna.

Ex. do Recreio, Jornal de Familias.

Calumnia.

As armas da calumnia são agudas em ambas as extremidades; e ferem o que as emprega.

Não podendo elevar-se até o homem honesto, o calumniador tenta, difamando-o, abaixal-o até si.

A calumnia é sempre arma dos invejosos.

Censura.

A censura é um tributo que se paga ao publico, pelo merecimento que tem.

A censura poupa os corvos, e persegue as pombas.

Desprezo.

A philosophia não applica seus desprezos senão ás cousas, o philosophismo aos homens.

Erros.

Os erros como os prejuisos, nascem das observações malfeitas, das consequencias mal dedusidas.

O maior dos nossos juizos são erros da nossa imaginação.

Escarneo.

O escarneo é uma arma offensiva, que jámais se vê nas mãos do homem delicado e polido.

Os que escarnecem dos defeitos dos outros, tem-nos quasi sempre maiores.

Antes que escarneças do coxo, vê bem se marchas direito.

Falsidade.

A virtude nos faz despresar a falsidade, o amor proprio a aborrecel-a.

A falsidade não pode sustentar-se por muito tempo ; ella não tem senão uma circumstancia, uma occasião, um momento, para enganar.

O homem tem falsidade no espirito, quando são erroneos os seus juizos : e no coração, quando affecta sentimentos que não tem.

Ha uma falsa modestia que é a vaidade, e uma falsa sabedoria que é impostura.

Ignorancia.

A ignorancia é um grande mal, porem a falsa sciencia é um mal ainda maior.

A ignorancia é tão prolixa nos seus discursos como a sabedoria é concisa.

A unica maneira de encubrir a ignorancia é não fallar nunca d'aquillo que se não sabe.

Os homens são máos, porque ignoram o interesse que tem em ser bons.

Injurias.

As injurias são as razões de quem não tem razão.

Ninguem é mais impaciente em supportar as injurias, que aquelles que são mais faceis em as fazer.

As injurias não alcançam senão aquelles, que se não elevam acima d'ellas.

Injustiça.

E' maior desgraça commetter uma injustiça que soffrel-a.

Uma alma nobre faz justiça mesmo áquelles, que lhe fazem injustiça.

Inveja.

A inveja é uma paixão tão vil, que ninguem ha que se atreva a confessal-a.

A inveja combate sempre a elevação.

A inveja como o ciume do merito alheio accusa sempre a mediocridade do proprio.

A inveja prejudica menos aquelle a quem se refere que aquelle que a experimenta.

Aos olhos da inveja todo o successo é crime.

Juizo.

Tudo se vende e se compra no grande mercado do mundo, menos o juizo que falta a muitos, e não sobeja a ninguem.

Maldade.

Tratar e ouvir voluntariamente os máos é já um principio da maldade.

A maldade habita no coração d'aquelles que julgam todos os outros máos.

Não vos associeis com os máos, para que não contrahiais, mesmo sem o saberdes, alguns dos seus defeitos.

Quando os bons capitulam com os máos, sanccionam sua propria ruina.

O odio dos máos honra os homens de bem.

Maledicencia.

Os homens são mais inclinados a dizer mal, que a dizer bem; o amor proprio explica este mysterioso escandalo.

A lingua do mundo vale mais que a lingua do maldizente.

Quem ama a vida, e dezeja que seus dias sejam felizes, deve guardar seus labios da mentira e da fraude, e sua lingua da maledicencia.

Males.

E' impossivel que façamos mal aos outros, sem que o não façamos a nós mesmos.

A maior parte dos nossos males nasce d'aquelles que nós temos feito aos outros.

Mentira.

Toda a mentira é um mal : se ella prejudica, é um crime.

A mentira é um vicio do espirito e do coração.

O premio do mentiroso é não ser acreditado quando falla verdade.

A verdade pode ser dita sem arte e sem affectação, a mentira precisa de ambas.

Moral.

Nós somos mais propensos a applicar as regras da moral á conducta dos outros, que á propria.

Ociosidade.

Os ociosos, não sabendo o que hão de fazer do seu tempo, empregam-no em fallar em menoscabo dos outros.

Perversidade.

Um espirito perverso não está nunca tranquillo.

Sciencia.

Uma das cousas, para que a sciencia principalmente serve, é para nos dar uma idéa da nossa ignorancia.

Senso.

Aquelle que mais abunda em seu senso, é muitas vezes o que tem menos.

A sciencia sem o bom senso é muitas vezes perniciosa, e sempre ridicula.

A sciencia é louca se o bom senso a não governa.

Vicio.

Não ha vicio que a si mesmo se não puna.

Os vicios são proprios dos espiritos fracos.

Virtude.

A virtude triumpha do vicio.

A virtude resplandece na adversidade, como o incenso rescende sobre as brazas.

A colera começa pela loucura, e acaba pelo arrependimento.

Nenhum livro é tão moral como a consciencia :—é o que mais vezes se deve consultar.

A côrte é como um edificio de marmore, porque é composta de homens duros, mas muito polidos.

O grande depende do pequeno ; o pequeno, do grande ; o amo, do criado ; o criado, do amo ; a mulher, do marido ; e mais ainda o marido da mulher ; o avaro depende do seu dinheiro ; o orgulhoso, da sua loucura ; o operario, do seu trabalho ; o libertino, do vicio ; o homem honrado, da estima publica ; e a estima publica, da sua bôa conducta. Assim a nossa reputação, a nossa vida, os nossos bens, dependem dos outros e das nossas inclinações.

A altivez do coração é attributo dos homens honrados ; a altivez das maneiras é attributo dos tolos.

A fôrça e a coragem nunca mentem.

E' cousa facil censurar—criticar é mais difficil. Para a censura basta espirito—para a critica requer-se o saber.

Os descobridores da India começaram pelo cabo de Não e acabaram pelo cabo da Bôa Esperança; os pretendentes começam pelo cabo de Bôa Esperança, e acabam pelo cabo de Não.

A' opinião só deve oppôr-se o raciocinio. Contra as idéas, os tiros não servem.

Os preguiçosos tem sempre vontade de fazer alguma cousa.

Dizer muitas vezes *não sei*, é cousa que não faz vergonha a ninguem.

Ha um grão na amizade a que a gente mediocre não pode chegar :— ri-se então, porque não percebe.

Quem pretende esquecer, lembra-se.

Chamar pelo esquecimento é ter sempre viva a lembrança.

Ex. da Revista Popular.

De que serve aos homens a fortuna quando as paixões os tornam infelizes ! ?

Feliz é o Rei que faz a felicidade de seus povos e que acha a sua na sua propria virtude.

Aquelle que se contenta do que possue pode-se chamar rico.

Deos reparte as suas graças a quem quer.

A força sem conselho destroe-se por si mesma.

Nenhuma nação pode ser feliz, se não ha moral nos homens que a constituem.

O viver satisfeito consiste em reprimir as suas paixões desordenadas, e não entregar-se a ellas.

Nunca de pessoa alguma devemos fallar mal, quer presente ou ausente esteja.

Os impios e libertinos devem ser castigados severissimamente.

Por mais que os libertinos queiram ostentar-se espiritos fortes ; tremem quando a morte se lhes aproxima.

Aquelles que não são uteis a si nem aos outros, não merecem ser considerados entre os racionaes.

Sereis generoso com a prodigalidade por pouco tempo e o sereis por toda a vida com a sabia economia.

Mais facil seria edificar no ar um castelo, que sem religião fundar uma sociedade.

Todos os homens estão sujeitos a enganar-se; somos homens, logo estamos sujeitos a enganar-nos.

O homem rico consome muito porque ao que é de necessidade para todos, ajunta o que é de simples recreio e conforto; e ao que é de simples recreio e conforto, todo o superfluo, absolutamente inutil, a que se chama luxo.

O homem que está em boas circunstancias, destina para o necessario uma grande parte dos seus meios; uma pequena parte para recreio e conforto; e priva-se do luxo.

O homem, cujos meios só chegam para o necessario, contenta-se com elle, e priva-se de tudo quanto é de recreio e conforto.

O homem pobre junta quanto pode para satisfazer as suas primeiras necessidades.

O indigente não tem meios para satisfazer a essas mesmas necessidades.

Anonymo.

O homem sem dinheiro é um corpo sem alma, um morto ambulante, um espectro que mette medo. O seu andar é triste, a sua conversação fria e pezada. Se quer visitar alguem, nunca o acha em casa, e se abre a boca para fallar, interrompem-no a cada instante, a fim de que não possa terminar um discurso, que se recêa acabe pedindo algum dinheiro. Foge-se d'elle como d'um empestado, e é considerado como um pezo inutil sobre a terra. Se tem talento, não o póde desenvolver, e se o não tem, é olhado como um terrivel monstro bipede, que a natureza produziu n'alguma occasião em que estava de mau humor. Os seus inimigos dizem que nem tem prestimo algum, e os mais moderados sobre este assumpto começam o seu elogio encolhendo os hombros. A necessidade o acorda pela manhã, e a mizeria o acompanha á noite para a cama. As mulheres acham que tem má figura; os donos das casas em que elle

está alojado querem que se sustente do ar como o camaleão ; e os alfaiates, que se vista, como os nossos primeiros pais, com folhas de figueira. Se quer fazer alguma reflexão, não se lhe presta attenção, e se espirra, faz-se que se não ouve. Se precisa alguma coisa de qualquer loja, pede-se-lhe primeiro a sua importancia, e se tem alguma divida, passa por caloteiro.

Pensamento do Conde d'Oxenstiern.

Trabalha e poupa!

Homem laborioso, que adquires o sustento á custa de fadigas continuas, sê previdente ; não confies—imprudente—no dia de hoje, porque o dia de amanhã...quem sabe o que será ?

Hoje tens trabalho—ganhas—favorece-te a fortuna—és feliz.

Amanhã, escaceará talvez o trabalho.

O que será de ti, se isso acontecer ? O que será da tua familia e de ti, se te faltar a saude ?—Que sorte !

A miseria e a fome entrarão na tua casa.—Miseria !...fome !...Nunca tu conheças o que estas duas palavras significam ! Deos te livre d'esse tormento !

Sê previdente.

Recebeste hontem o teu salario, e vaes hoje desperdiçar uma parte d'elle, porque não pensas no futuro.—Imprudente !

Não basta ter pão para hoje ; não basta que o trabalho de uma semana dê para o sustento, na outra.

A parte que desperdiças, a parte que tu gastas no vinho e no jogo—é preciso que a guardes.

Se o fizeres :

Quando uma doença te surprehender, quando o trabalho faltar—quando um accidente qualquer te privar do salario—não terás de pedir uma esmola, não humilharás a tua mulher e os filhos, obrigando-os a ir mendigar pelas ruas.

As tuas economias hão de servir então para te alimentar, para alimentar a tua familia, e para as despezas que uma doença sempre exige.

Se o fizeres :

Terás pão quando vier a velhice ;

Terás meios para educar os teus filhos ;

E poderás soccorrer um amigo em desgraça.

Bendita a hora em que tu começas a poupar !

E' pouco o que podes dispensar ? Não importa. A gôta e gôta se enche um tanque.

Esse pouco, que hoje separas, com o pouco que has de separar na semana seguinte, formarão a base d'um pequeno peculio, de que disporás quando a necessidade vier.

E se Deos a affastar, terás uma herança para deixar aos teus filhos.

Trabalha e Poupa!

E tu, desgraçado, que não podes poupar, porque só tens o indispensavel, o que has de fazer ?

Trata de aperfeiçoar-te para que o teu trabalho mereça maior recompensa. Procura instruir-te, consultando os mestres, e imitando o que elles fazem. Trabalha com coragem, com zêlo ; dedica-te com amor á tua profissão, e virás a ter mais, e poderás poupar.

Sobre tudo, sê honrado, virtuoso e probo ; não furtes, não sejas invejoso, ajuda os outros quanto puderes, dá bons exemplos aos teus filhos, e a todos os que te cercam—e serás estimado.

Se algum dia tiveres fome—se um destino funesto te perseguir, alguem te ajudará. E os teus filhos, seguindo o caminho da virtude, hão de pensar em ti, e honrar a tua memoria.

Se fores máu—serás despresado por todos, até pelos teus—miseravel !

Rico ou pobre—ninguem te amará.

Já é bastante o que deixo dito neste capitulo, e concluo-o com o seguinte Hymno d'um dos nossos melhores poetas contemporaneos que deve merecer muita attenção :

Hymno do Trabalho.

Voz.

No regaço do luxo a opulencia
Os cançaços do ocio maldiz ;
Entre as lidas, surri a indigencia,
Com o pão negro se julga feliz.

Coro.

Trabalhar meus irmäos, que o trabalho
E' riqueza, é virtude, é vigor ;
Entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vida, cidade e amor.

Voz.

Quem dá graças ao Céo ao sol posto ? !
Quem lh'as dá vendo a aurora raiar ? !
E' o obreiro : o suor lhe enche o rosto
Mas seus dias não turba o pezar.

Coro.

Trabalhar, meus irmãos, &ca., &ca.

Voz.

Cáia o opprobrio no vil ocioso
Quem * desorda ao presente o porvir ;
Só á noite compete o repouso,
Só aos mortos o eterno dormir.

---

*—Ha duvidas sobre a legitimidade d'este verbo ; mas se Castilho o empregou é porque o julgou necessario : passe ; *Sacrifica,* talvez traduzisse melhor o pensamento ; porem o verso tem suas exigencias e liberdades.

Coro.

Trabalhar, meus irmãos, &ca., &ca.

Voz.

Mar e terra, ar e céo, tudo lida,
Deos a tudo poz luz e deo mãos ;
Lei suprema o trabalho é na vida,
Trabalhar, trabalhar, meus irmãos.

Coro.

Trabalhar, meus irmãos, &ca., &ca.,

CAPITULO XX.

Sentenças breves, Adagios e Proverbios cheios de bom senso, tirados dos mais excellentes Auctores em ordem alphabetica, seguindo alguns indispensaveis pensamentos moraes.

A teu Rei não offendas, nem defraudes suas rendas.

Aquelle que lavra a sua terra, terá fartura de pão ; mas o que ama a ociosidade, estará cheio de indigencia.

A affeição cega a rasão.

A quem não lhe sobeja pão ; não tenha cão.

A grande subida, grande caida.

Ao moinho e á esposa sempre falta alguma coisa.

A cada nescio agrada o seu dito.

A cavallo novo, cavalleiro velho.

Accommetta quem quizer ; o valente espera.

A desgraça e o contentamento nunca vem só.

A mulher e a têa escolhe-as de dia e não á candêa.

A peccados velhos, penitencia nova.

Ao pobre não é proveitoso acompanhar com o poderoso.

A todo o passarinho agrada o seu ninho.

A inimigo que foge, ponte de prata.

Ao bem buscal-o, e ao mal esperal-o.

Ao homem preguiçoso, a fortuna se lhe esconde.

Ao desditoso pouco lhe vale ser esforçado.

Alcança quem não cança

Ao perigo attento, e ao remedio a tempo.

Animo vence a guerra, e não armas de boa tempera.

A ruim cão bom osso.

As febres outonaes ou são longas ou mortaes.

As boas contas fazem os bons amigos.

Anda a geito de teu Senhor, se queres ser servidor.

Antes que conheças, nem louves, nem desprezes.

A palavras loucas orelhas moucas.

Aprende chorando, rirás ganhando.

Aprende por arte, irás adiante.

A quem descobres teu segredo dás tua liberdade.

Armas e dinheiro, boas mãos requerem.

A justiça a todos agrada, mas ninguem a quer em sua casa.

Ainda que auxiliada, a mentira sempre é vencida.

Ainda que a malicia escureça a verdade, não a póde apagar.

Ainda que sejas prudente e velho, não desprezes o conselho.

A novas necessidades, novos conselhos.

A boi velho, não busques abrigo.

Acordou o preguiçoso, e poz o fogo á casa.

A espada e o annel, segundo a mão onde estiver.

A occasião faz o ladrão.

A vangloria florece e não dá fruto.

A vida mal passada faz a velhice pezada.

Ametade da obra tem feito quem começa bem.

A pobreza não tira a virtude : as riquezas não a dão.

A pena é coxa, mas chega.

A resposta branda, a ira quebra ; e a dura, a desperta.

A sciencia é loucura, se o bom sentido não a guia.

A experiencia é mãi da sciencia.

A perseverança tudo alcança : e quem profia mata caça.

A têa de aranha solta o rato, e a mosca apanha.

A verdade, ainda que amarga, se traga.

A traição agrada, mais não o traidor.

A lingua longa é signal de mão curta.

Amor de pai; que tudo mais é ar.

Asno morto, cevada ao rabo.

A bom entendedor meia palavra basta.

Acordar o cão que dorme.

Agua molle em pedra dura, tanto dá até que fura.

A gallinha da minha visinha é mais gorda que a minha.

Ainda não sellâmos, já cavalgâmos.

Acabou-se a festa, tomai o tolde.

Amizade de menino é agua no cestinho.

Aquella é bem cazada que não tem sogra nem cunhada.

A industria é a mão direita da Fortuna; a frugalidade a mão esquerda.

A sinceridade é a base de todas as virtudes.

Boas palavras e jogos enganam moços e velhos.

Bem perdido, então conhecido.

Bem ama quem nunca se esquece.

Bom lucro tira quem aprende em cabeça alheia.

Boi velho faz rego direito..

Brincai com o louco em casa, zombará comvosco na praça.

Bastante pede quem bem serve.

Cada terra com seu uzo, cada roca com seu fuzo.

Cada um chega a braza á sua sardinha.

Cada porco tem seu S. Martinho.

Cão que ladra não morde.

Cré com cré, lé com lé.

Com o bom traje se encobre ruim linhagem.

Cavallo de aluguel dá ganho, mas não dura.

Caza feita, vinha posta, não se paga quanto custa.

Corvo a corvo não tira olho.

Cada um pensa no que interessa.

Com o tempo e palha amadurecem as nesperas.

Com o vinho se diz a verdade.

Com arte e engano se vive meio anno; e com engano e arte se passa a outra parte.

Calle o que deo; falle o que recebeo.

Chega-te aos bons serás um d'elles.

Conselho de quem bem te quer, ainda que te pareça mal; escreve-o.

Cortezia de boca muito vale e pouco custa.

Com favor não te conhecerás; sem elle não te conhecerão.

Conselho sem remedio, é corpo sem alma.

Cria o corvo, e sacar-te-ha o olho.

Com o alheio o homem pouco se honra.

Duas pedras egualmente duras não fazem boa farinha.

Dá Deos o frio conforme a roupa.

Dize-me com quem vás, dir-te-hei o que farás.

Dize-me com quem lidas, dir-te-hei que manhas tens.

Do colerico por um pouco te desvia : do dissimulado toda a tua vida.

De longas vias longas mentiras.

De um nescio ás vezes bom conselho.

De fome a nenhum vi morrer ; a cem mil de muito comer.

Debaixo d'uma ruim capa está um bom bebedor.

Debaixo de boa seda está o homem máo.

De boas tenções está o inferno cheio.

D'um só golpe não se derruba um sobreiro.

Dobrada é a maldade com a capa da amizade.

Dar esmola não diminue a bolça.

Enfados não pagam dividas.

Entre irmãos não mettas tuas mãos.

Em toda a parte ha um pedaço de máo caminho.

Envia o sabio a embaixada, e não lhe digas nada.

Em tempo e lugar o perder é ganhar.

Em um se castigam cento.

Em mulher, menino e bebado não ha segredo.

Ensino e mais ensino d'um máo filho faz um bom.

Fallai do ruim, olhai para a porta.

Filho prodigo é successor de pai avarento.

Fallar sem pensar, é atirar sem pontar.

Faze mal, espera outro tal.

Filho máo mais vale doente que são.

Filhos e criados não os has de regalar, se os queres conservar.

Gato escaldado de agua fria tem medo.

Grande victoria é a que sem sangue se alcança.

Homem honrado não é mister ser gabado.

Homem que não se adianta, fica atraz dos outros.

Edade madura é mais visinha á sepultura.

Kyrie é o principio, e *Miserere* o fim de *ora pro nobis.*

Longe da corte, longe dos maiores cuidados.

Livros uteis é bom tel-os e lêl-os.

Mulher e espelho sempre estão em perigo.

Melhor é a sabedoria que todas as riquezas de mais subido valor; e tudo quanto é appetecivel com ella se não pode comparar.

Mais vale um *toma* que dois *te darei.*

Mal me querem minhas comadres, porque lhes digo as verdades.

Matar d'uma cajadada dois coelhos.

Molle a molle longe vae o homem ; ou devagar se vae ao longe.

Mais vale ser nescio, que teimoso.

Mais vale a arvore, que suas flores.

Manda e descuida-te, nada se fará.

Mais vale calar, que mal fallar.

Mais fere a má palavra, que a espada afiada.

Mais vale quem Deos ajuda, que quem muito madruga.

Mais vale um bom amigo que um parente.

Mais vale um dia do discreto, que toda a vida do nescio.

Mais sabe o louco no seu, que o discreto no alheio.

Mais custa mal fazer, que bem obrar.

Mais vale só, que mal acompanhado.

Mette a mão no teu seio, não dirás do fado alheio.

* Mais matou cêa, que sarou Avicena.

Moço bem criado nem de si falla ; e perguntado cala.

Muito corre quem corre ; mas mais corre quem foge.

Muito sabe a raposa ; porem mais o que a apanha.

---

*—Medico Arabe mui celebre, que viveu no seculo X.

Muito fallar, pouco saber; muito gastar, e pouco ter; muito presumir, e pouco valer.

Madrasta e enteada sempre andam á unhada.

Madrasta só o nome basta.

Mulher, vento e ventura de pressa muda.

Moça garrida, ou bem ganhada ou perdida.

Mal vai a casa onde a roca manda a espada.

Mocidade ociosa, velhice trabalhosa.

Näo ha ninguem que näo tenha fel, nem ha flor que näo tenha mel.

Näo é bom dar com páo em qualquer que for máo; pois quem de si é máo, näo se faz bom nem a páo.

Näo ha quem näo veja que o bem e o mal jaz em si; pois quem faz bem e faz mal, é bom e é máo.

Na boca fechada nunca entram moscas.

Näo ha melhor mostarda que a fome.

Näo tem eira, nem ramo de figueira.

Na terra dos cegos o torto é rei.

Näo ha regra sem excepçäo.

Nem cada dia ha rabo de sardinha.

Näo é o mel para a boca do asno.

Nescios e obstinados fazem ricos os letrados.

Nem todos os que estudam säo letrados.

Nem todos os que väo á guerra säo soldados.

Näo vás contra tua lei, nem contra teu Rei.

Nem a todos dar; nem com nescios porfiar.

Näo falte vontade, que näo faltará lugar.

Näo ha feitiço como o bom serviço.

Näo ha peior surdo, que aquelle que não quer ouvir.

Näo ha peior zombaria, que a verdadeira.

Näo basta ser bom, mas tambem é necessario parecel-o.

Não ha melhor espelho que o amigo velho.

Näo ha quem faça mal, que depois o näo venha a pagar.

Näo serás amado, se só de ti tens cuidado.

Näo é pobre quem tem pouco, mas o que cubiça muito.

Näo te chegues aos máos, pois näo seräo augmentados.

Nunca muito custou pouco.

Näo ha inimigos, que sejam pequenos.

Näo acordes o cäo, que está dormindo

Näo ha cavallo täo bom, que näo tropece.

Näo despreses o roupäo por ser veräo.

No que podes só, näo esperes ajuda de outro.

Näo ha rosa sem espinhos.

O homem é fogo, a mulher é estopa, vem o diabo e assopra.

O mal entra ás braçadas, e sahe ás pollegadas.

O habito não faz o monge, isto é, pela obra, e não pelo vestido, é o homem conhecido.

O cavallo engorda com a vista do seu dono.

Dinheiros de sacristão cantando vem, cantando vão.

O homem propõe, e Deos dispõe.

O máo é réo, que não vae ao céo.

O ar que para uns é saudavel,a outros os constipa.

O que jaz no mar não se vê.

O temor de Deos é o principio da sabedoria; os insensatos sómente despresam a sabedoria e a doutrina.

O filho sabio dá alegria a seu pai, porêm o insensato é a tristeza de sua mãi.

Oculos e navios são escolhidos, e não encommendados.

O conselho muda o velho.

O preguiçoso é sempre pobre.

O avaro gasta dobrado.

O avarento rico nem tem parente, nem amigo.

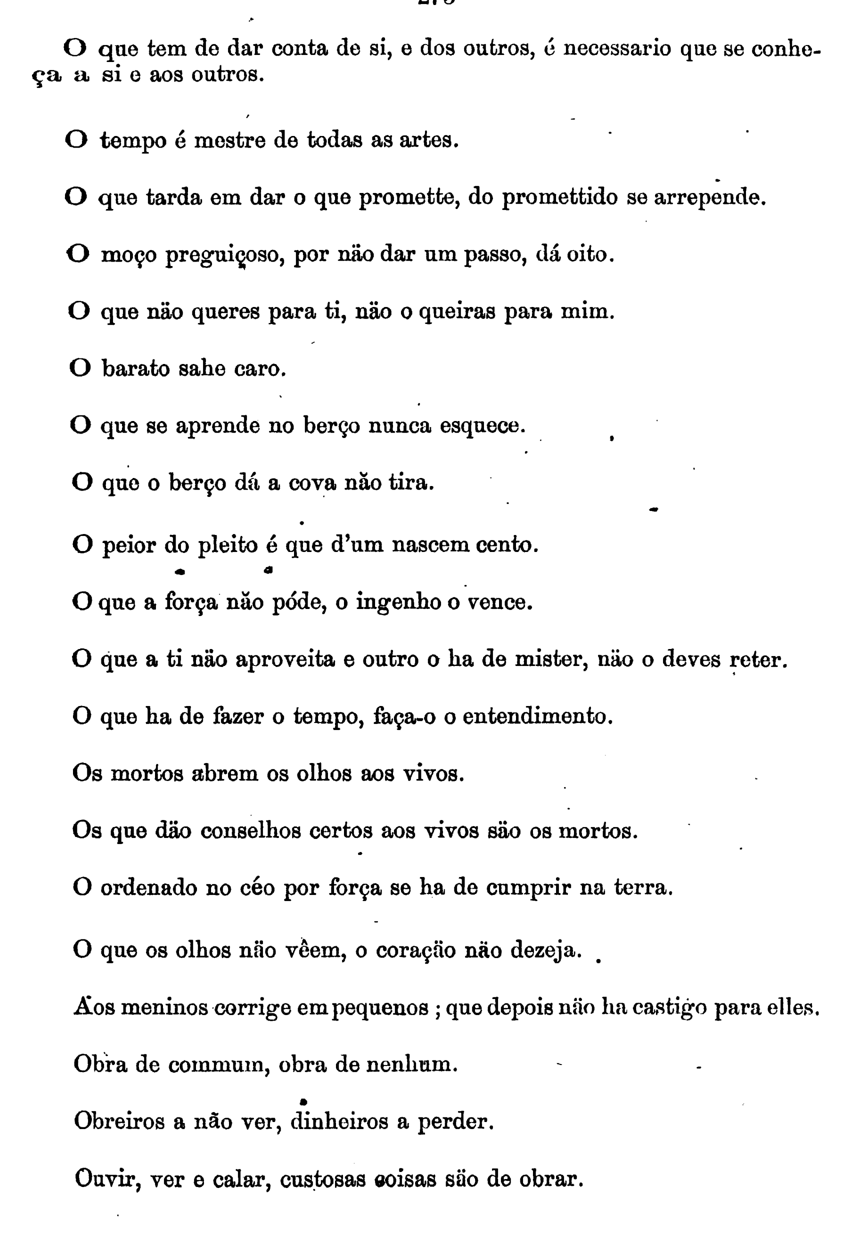
O melhor lance dos dados é não jogal-os.

O campo fertil não descançado, torna-se esteril.

O que tem telhado de vidro não atire pedras ao do seu visinho.

O moço por não saber, o velho por não poder, deixam as coisas perder.

O corcovado não vê sua corcova, e vê a de seu companheiro.



O que tem de dar conta de si, e dos outros, é necessario que se conheça a si e aos outros.

O tempo é mestre de todas as artes.

O que tarda em dar o que promette, do promettido se arrepende.

O moço preguiçoso, por não dar um passo, dá oito.

O que não queres para ti, não o queiras para mim.

O barato sahe caro.

O que se aprende no berço nunca esquece.

O que o berço dá a cova não tira.

O peior do pleito é que d'um nascem cento.

O que a força não póde, o ingenho o vence.

O que a ti não aproveita e outro o ha de mister, não o deves reter.

O que ha de fazer o tempo, faça-o o entendimento.

Os mortos abrem os olhos aos vivos.

Os que dão conselhos certos aos vivos são os mortos.

O ordenado no céo por força se ha de cumprir na terra.

O que os olhos não vêem, o coração não dezeja.

Aos meninos corrige em pequenos ; que depois não ha castigo para elles.

Obra de commum, obra de nenhum.

Obreiros a não ver, dinheiros a perder.

Ouvir, ver e calar, custosas coisas são de obrar.

O cão e o menino vão aonde lhes fazem mimo.

Ovo de uma hora, pão de um dia, vinho de um anno, peixe de dez.

O amor pode muito : o dinheiro tudo.

O bom conselho não tem preço.

O medo segue a quem mal vive.

O máo costume tarde se perde.

O mesmo é negar, que tarde dar.

Onde a força reina, o direito se perde.

Onde não ha vergonha, não ha virtude.

Pedra muito bulida não cria bolôr.

Por onde vás, assim como vires, assim farás.

Panela vasia produz maior som do que cheia.

Pobres e pintos sempre andam famintos.

Para mulher ralhadeira, muita terra de permeio.

Por não gastar o que basta, o que era escusado se gasta.

Por agua do céo não deixes teu rego.

Poucas veses escaldar, poucas espigas ao segar.

Por novidades não penes, far-se-hão velhas e sabel-as-has.

Pelo bem desconhecido deixei o conhecido ; e vi-me arrependido.

Pão que veja ; vinho que salte ; e queijo que chore.

Passado o perigo, esquece o santo ; ou só lembra Santa Barbara quando troveja.

Peccado confessado, é meio perdoado.

Pequenȧ é a ponta de espinho ; mas a quem doe não esquece.

Quando te derem o porquinho, acode com o bacorinho.

Quem tem um cão por cá, e um boi por lá, faz-se um dos tres.

Quem diz o que quer, e não faz o que diz, não só diz mal, mas não faz bem.

Quem não faz bem nem mal, não é bom nem vil, mas tal e qual.

Quem vai ter mil de um que não tem dez, não traz nem dez, nem um, mas vem com dor de pés.

Quem tem dinheiro na algibeira traz a cabeça sobre os hombros.

Quando o vilão está rico, não tem parente, nem amigo.

Quando Deos não quer, os Santos não rogam.

Quando topares com o louco, finge negocio.

Quanto maior é a ventura, tanto é menos segura.

Quanto sabes não dirás, quanto vês não julgarás, se queres viver em paz.

Que bella é a vergonha ! muito vale e pouco custa.

Quem pobreza tem, de seus parentes é desdem ; e do rico, sem o ser, todos o são.

Quem muito falla e pouco entende, na feira por asno se vende.

Quem paga o que deve, adquire cabedal.

Quem mais tem, mais dezeja.

Quem a dois amos vai servir, a um ha de mentir.

Quem a todos crê, erra ; quem a nenhum, não acerta.

Quem está bem e mal escolhe, por mal que lhe venha não se anoje.

Quem compra e mente, na bolça o sente.

Quem pode ser livre não se captive.

Quem n'um anno quer ser rico, aos seis mezes o enforcam.

Quem semea em Deos, espera.

Quem deixa estrada real por vereda, pensa atalhar e rodea.

Quem ameaça, e não dá, medo ha.

Quem não escuta rasão, não faz rasão.

Quem quer o olho são, ate-se a mão.

Quem só se aconselha, só se arrepende.

Quem dos seus se aparta, Deos o deixa.

Quem tem bom visinho, tem bom amigo.

Quem dá logo, dá duas vezes.

Quem depressa se determina, de espaço se arrepende.

Quem te faz mais festa, que te costumava fazer, ou te quer enganar, ou de ti ha mister.

Quem adoece de loucura, ou tarde sara ou nunca.

Quem não falla, não o ouve Deos.

Quem compra o que não pode, vende o que lhe doe.

Quem bem quer, de longe vê.

Quem erra e se emenda, a Deos se encommenda.

Quem abrolhos semeia, espinhos colhe.

Quem amiudo ás armas vae, deixa a pele ou a deixará.

Quem a passaro quer apanhar, não o ha de enxotar.

Quem entra em casa feita, e se assenta á meza posta, não sabe o que custa.

Quem muito dorme pouco aprende.

Quem ha de ser servido, ha de ser soffrido.

Quem nesciamente pecca, nesciamente vai ao inferno.

Quem não sabe soffrer não sabe reger.

Quem ama a Beltrão ama o seu cão.

Quem espera por sapatos de defunto, muito tempo anda descalço.

Quem come pela mão de outrem, tarde se satisfaz.

Quem tem terra, tem guerra.

Quem quer enganar a outrem, engana-se a si.

Rogos de grande, força fazem.

Reprehensão do amigo é melhor que os elogios do tolo.

Se cair o ceo, ficaremos debaixo.

Serve a Senhor, saberás que coisa é dor.

Se queres fazer bem teu testamento, faze-o estando bom.

Se queres ser bem servido, serve-te a ti mesmo.

Se bem me queres, tuas obras m'o dirão.

Segue a rasão, ainda que a uns agrade, a outros não.

Senta-te em teu lugar, não te farão levantar.

Se tens a cabeça de vidro, não joges as pedradas comigo.

Soprando a braza se levanta a chamma, e desgostos da má palavra.

Servir o commum e a nenhum, tudo é um.

Se de quem te dezeja mal, te queres vingar, sabe-te governar.

São ricos os que tem amigos.

Todos gostam de justiça na casa do visinho, não na propria.

Tal é lei, qual é o Rei.

Taes fomos como vós ; taes sereis como nós.

Tens em casa o morto, e vás chorar o alheio.

Tomar o céo com as mãos.

Ter um olho no campo, outro em casa.

Tantas vezes vai o cantaro á fonte, que por fim quebra.

Tem paz com teu Pai e Mãi, e qualquer que te quer bem.

Tolos dão banquetes para os discretos aproveitarem.

Tirar a sardinha com a mão do gato.

Uma mão lava a outra ; e ambas o rosto.

Uma ovelha morrinhenta em um rebanho perde as outras que acompanham.

Um não são tres, nem tu es eu.

Uso ou pratica de qualquer arte é o melhor mestre.

Vale mais escorregar com os pés que com a lingua.

Vale mais ser passaro de campo que de gaiola.

Vale mais um bem fiz eu, do que um se eu soubera.

Verdade não se falla em todo tempo sem causar offensa.

Yapu, ainda que formoso em plumas, pica os olhos do amo.

Zelo e constancia vencem todas as difficuldades.

Os seguintes pensamentos moraes vão pôr termo a este ultimo capitulo.

Homem.

Casado ou solteiro obedece aos preceitos divinos e torna-te membro util da sociedade.

Se te casares não te ligues ligeira e apressadamente a mulher em quem vae recahir tua eleição e da qual vai depender a felicidade de tua vida.

Se aquella que procurares, dispender demasiado tempo em compor-se e ornar-se; se ella se applaudir de sua propria belleza; se ouvir com prazer a voz que a louva; se não for costumada a conter seus passos na casa de seu Pai; se ella ousadamente contemplar os homens com olhos de confiança; afasta teus olhos de seus encantos, e teus passos de seu trilho; não deixes seduzir teu coração pela força de tua imaginação.

Achaste uma de teu agrado, cujos encantos são acompanhados de delicadeza de sentimentos e doçura de costumes, que tem o espirito bem formado? Recebe-a por tua mulher; ella é digna de ser tua amiga e companheira.

Respeita-a como mimo do Ceo; tracta-a de modo que sempre te amo.

Ella é Senhora de tua casa; guarda-lhe todas as attenções, presta-lhe consideração, a fim de que teus criados respeitem suas ordens.

Não te opponhas sem rasão a seus designios; justo é que tambem tenha parte nos teus prazeres.

Reprehende-a com doçura; nem exijas com rigor que ella te obedeça.

Deposita em seu peito os teus segredos; podes fiar-te com sinceridade em seus conselhos; e com elles te darás bem.

Sê-lhe sempre fiel, porque é mãi de teus filhos.

Para a tractares sempre com indulgencia, lembra-te da fraqueza de seu sexo e de tuas proprias imperfeições.

Pai.

Tu que és pai, reflecte na importancia do deposito que te foi confiado; é dever teu dar alimento áquelle a quem déste o ser.

E' tambem de ti que depende que este filho de tua ternura venha a ser para ti objecto de benção ou de maldição, que venha a ser util ou pernicioso cidadão.

Começa logo em principio de sua carreira a instruil-o; cuida desde seus tenros annos em formar seu espirito na verdade, e seu coração na virtude.

Não percas de vista suas intenções e estuda suas inclinações; prepara-lhe a mocidade, não consintas que á proporção dos annos vão tambem crescendo seus máos habitos.

Deste modo tu o verás elevar-se como um cedro sobre os montes, cujo cimo se avista dominando todas as arvores do bosque.

O filho perverso envergonha seu pai, e o bem morigerado faz a sua gloria.

O terreno é teu, não o deixes sem cultura, tu colherás em proporção do que semeares.

Ensina teu filho a ser obediente, e elle te abençoará; ensina-lhe a ser modesto, e não terá de que envergonhar-se.

Ensina-o a ser grato e receberá favores; ensina-o a ser caritativo, e conciliará o affecto universal.

Ensina-lhe a temperança e desfructará saude; ensina-o a ser prudente, e será feliz.

Ensina-o a ser justo, e será honrado no mundo; ensina-o a ser sincero, e seu coração não terá de que o reprehender.

Ensina-o a ser diligente, e suas riquezas augmentarão; ensina-o a ser humano, e terá coração nobre.

Ensina-lhe as sciencias, e sua vida lhe será util; sobre tudo, ensina-lhe a Religião, e sua morte será feliz.

Filhos.

Das creaturas sem intelligencia recebam os homens lições de sabedoria; e saibam elles fazer d'ellas a competente applicação.

Vai, meu filho, ao deserto, repara no filhinho da cegonha, e falle este ao teu coração; observa como elle cuida em soccorrer na velhice aquelle que lhe deo o ser; elle lhe dá abrigo em seu ninho, sustenta-o, e o conduz nas suas azas.

Faltarias tu á gratidão devida a teu pai? Tu lhe deves a vida. Faltarias ao reconhecimento para com tua mãi? Ella te creou.

Escuta as palavras do teu pai; o que elle te diz é para bem teu; attende ás suas exhortações; elle t'as dirige porque te ama.

Elle tem cuidado na conservação de teus dias; elle se esmerou por t'os tornar felizes; honra pois sua edade, e não consintas que em sua velhice alguem lhe falte ao respeito.

Supporta teus pais quando os vires em decadencia, assiste-lhes na sua velhice, e acode-lhes nas enfermidades; com que ternura te não soccorreram elles em tua infancia? Com que indulgencia te não tractaram em tua mocidade?

Não ha cousa mais agradavel do que ver filhos que ministram a seus pais o que lhes é devido! Similhante espectaculo é mais grato que o cheiro do incenso que se queima sobre os altares, mais delicioso que o perfume composto dos mais exquesitos aromas.

Honra pois aos authores da tua existencia, tu farás que suas cãs sejam depositadas em paz no seio do sepulchro, e teus filhos instruidos com teu exemplo te recompensarão da mesma maneira.

Reflexão.

E' o trabalho quem faz conhecer a verdadeira valia do homem, assim como é o fogo que desenvolve os perfumes do incenso.

Os grandes rios, as arvores frondosas, as plantas salutares, e as pessoas probas, não nascem só para si, mas sim para serem uteis aos outros.

Gosai dos dons da providencia, e sereis sabio: fazei gosar d'elles os outros e sereis virtuoso.

Não ha um só dos bagos d'arroz que comeis que não haja sido regado pelo suor do cultivador.

Quando estiverdes só pensai em vossos defeitos; quando estiverdes em companhia esquecei os dos outros.

Governai a vossa casa, e sabereis quanto custa a lenha e o arroz: educai vossos filhos, e sabereis quanto deveis a vossos pais.

Se quereis que uma cousa se ignore, não a pratiqueis.

As aves que atravessam os ares, não deixam após si mais do que um som; assim do homem, quando passa d'esta vida de transição, só fica a fama de suas acções.

Conclusão

Tenho feito todas as diligencias possiveis para levar ao cabo os meus sinceros e cordiaes desejos; e vejo hoje com grande alegria completada a pequena obra das *Maximas*, etc., por mim compilada e accrescentada d'algumas poucas reflexões.

Se em Macao existem livros similhantes, convencido estou que poucos serão elles; e mesmo que muitos fossem, livros d'estes nunca são demais.

Digam o que quizerem; em quanto se não cuidar effectivamente da educação civil e religiosa da mocidade, ver-se-ha sempre ir augmentando a cadêa das desordens que desafiam a nossa mágoa: porque em fim é grande loucura esperar que venha a ser melhor a geração futura, se lhe não fornecermos alguns recursos apropriados a esse fim.

O livro que agora publico não tem outro destino.

O acolhimento do Publico lizonjeia-me em summo gráo, porque, posto não o possa attribuir á minha penna, o reputo signal evidente de que o pensamento que presidio á criação d'este opusculo tem sido bem acceito e apoiado por todos.

Em virtude d'este pequeno serviço que rendo á minha cara Patria, espero ainda render-lhe outro, conseguindo dos Illustres Cavalheiros meus subscriptores, e dos caritativos negociantes d'esta Colonia, alguma quantia que terei a satisfação de remetter ao Seminario de S. José de Macao, em beneficio dos *Meninos Orphãos* desvalidos, por julgar serem elles verdadeiros necessitados e merecedores de tal esmola. A que pertencer aos pobres de Macao, será entregue ao administrador da caixa de esmola.—(1)

Rendo aqui infindas graças aos Srs. que já se dignaram contribuir generosamente para este pio fim, particularmente ao meu presadissimo amigo o Sr. D. Noronha, que me franqueou a sua imprensa gratuitamente; e ao meu muito respeitavel amigo, o Sr.........dignissimo Ecclesiastico Portuguez em Macao, cujo nome sinto não poder transcrever n'este lugar, pelo muito que me coadjuvou n'esta presente empreza, lhe dedico em particular estas poucas linhas, fraco signal da minha sincera gratidão.

Confesso-me duplamente devedor ao insigne Collegio de S. José de Macao (hoje Seminario) aonde aprendi o pouco que sei, e aonde encontrei sempre mestres e amigos dedicados.

Sem bem saber pelo que, já que toquei n'este ponto, não posso deixar de transcrever aqui uma mui estimada carta que ha pouco acabo de receber do illustre Revisor da minha obra.

Não é por vangloria que a publico; e os leitores estou em que não só me darão desculpa, mas até approvarão a determinação que tomei.

---

(1) No *Boletim* de Macao, no *Ta-ssi-yang-kuo* e no *Echo do Povo* d'esta cidade se publicará o producto d'ella.

Eis a dita carta, cujo original conservarei com grande apreço em quanto viver :—

I...Amigo e Sr.

A. M. D. G.

Seminario de S. Jósé, Macao 26 d'Agosto de 1863.

Vous avez fait comme l'abeille,
qui butinant sur chaque fleur,
compose un miel de ses larcins.

(D. S.)

Acaba V...de fazer como a abelha, que poisando aqui e alli sobre cada flor, compoem o mel com seus pequeninos, industriosos e innocentes roubos. Por isso lhe dou os mais sinceros e cordiaes parabens.

A sua obra, é incontestavelmente uma obra succosa e substancial, desde a primeira até a ultima pagina—desde aquelle magnifico peristylo d'entrada *Quem é Deus*, até aos, pela maior parte, muito bem escolhidos *Pensamentos*, que formam a cupula do solido e elegante edificio que V...levantou em beneficio publico.

Existem bibliothecas de milhares de volumes, que, bem esprimidas, não deitam o chorume do seu livro, esteja V...certo disso.

Empregando ainda a mesma figura que acima, mas n'uma outra ordem d'idéas, dir-lhe-hei em verdade que tudo alli no seu livro das *Maximas*—é trigo sem joio ; e a palha, pouca, ou quasi nenhuma, em proporção do fructo.

A dedicatoria á memoria do seu presado Mestre, o venerando Pe. Leite, é uma lição de moral pratica ; por que é a paga sincera e desinteressada d'uma divida de gratidão—coisa não muito vulgar nos tempos que correm, e por isso tanto mais apreciavel para os homens de coração.

O que algum invejoso ou leviano pode ser tentado a accusar no seu livro é a falta d'originalidade,—originalidade que de resto V...se não attribue, dando-se como um simples *Collecionador*.

Quizera *lançar-lhe á perna* o illustre Tourneur,—o tradutor quiçá de mais merito que possua a França,—com suas chistosas reflexões sobre os auctores *originaes*.

Mas emfim, basta lembrar ao que fôr accommettido de tal tentação as palavras d'um nosso escriptor que vou transcrever aqui mesmo para uso de V...no caso de se ver em apertos (Perdoe-me a liberdade da offerta, que bem pudera dispensar de certo, mas que me não recusará, segundo espero.)

Vejamos pois como se exprimia a tal respeito o muitas vezes judicioso Xavier d'Oliveira :

" Quem descubrir os originaes (das cartas que escrevia) entenderá que apenas discôrro nas copias. Ellas são verdadeiramente minhas pelo estudo com que appliquei os discursos de muitos ao meu intento...Não se

podem fazer proprias as substancias dos manjares, se depois de comidos se não digerem. Do rocio de diversas flores forma a abelha a doçura do seu favo.

"Ordena Tullio que sigamos os melhores ditos dos Escriptores insignes, ajuntando ás suas sentenças os nossos pareceres, e as nossas disposições. O grande Lipsio fez admiravel este genero de escrever nas suas *Politicas:* fallando com os discursos de todos, todos fallam por elle. Tem muita graça e gravidade o estylo formado por muitos engenhos. Aquelle que melhor discorre é o que de si discorre menos. Então se estimarão mais os meus discursos, quando n'elles se encontrarem menos as minhas palavras. Jámais a teia d'uma aranha, por ser trabalho proprio, merecerá aos prudentes o applauso que dão ao favo d'uma abelha, sendo obra fabricada das lagrimas que viu a aurora e que recolheram as flores." (1)

Não quero com isto desculpar os plagiarios sem vergonha, nem os copistas inertes; e muito menos negar o merito aos verdadeiros auctores originaes; como não queriam de certo Tourneur e o nosso Xavier, que de resto não deixaram tambem de ter o seu tanto ou quanto de originaes.

Se me notarem não ser completamente exacto no *aproposito* da citação direi só—paciencia—sem me incommodar com tantos rigores.

V...nem sempre copiou; e em todo o caso sentiu o que escreveu, ainda que o fosse pedir emprestado a auctores alheios.

Na boa escolha não ha pequeno merito, nem pouco trabalho—coisas que merecem sem duvida ser levadas em conta na avaliação d'uma obra d'este genero.

Por ultimo, Amigo Soares, os pequenos defeitos de que a sua obra talvez poderá ser taxada com rasão—alguma falta d'ordem e d'harmonia no todo, algum alto e baixo no estylo, algum raro pensamento, ou maxima a que não presidisse rigorosa escolha; emfim alguma repetição, ou algum erro d'imprensa que escapasse;—nada disso invalida o grande merecimento da mesma, e nada prova contra V...que fez quanto estava ao seu alcance para a tornar util e agradavel a seus leitores.

Da minha parte, repito, receba V...sinceros e cordeaes parabens, depois de ter recebido os agradecimentos que aqui lhe dou (e lhe darei pessoalmente, quando ser possa) em nome dos innocentes orphãosinhos asilados n'este Seminario, a quem V...quiz beneficar com a publicação da sua obra, exercendo assim conjunctamente duas obras de Misericordia—uma corporal, outra espiritual—de que só *Deos N. S.* lhe dará a paga condigna.

Só me resta dizer-lhe que sinto deveras não ter podido talvez corresponder ás suas esperanças, como Revisor das *Maximas*, etc.; que me não embaracei com as poesias que V...alli transcreve—algumas das quaes de certo não quer apresentar como modelo. (Não será por culpa minha que lhes aconteça ficarem *tortas para o outro lado*, como aquella gambia

(1) Cartas Familiares, T. 1o.

de que falla um nosso poeta;—e que sinto finalmente não me terem chegado a tempo as provas d'algumas das folhas d'impressão para lhes dar uma vista antes da tiragem. A *errata* remedea em parte esta segunda falta; a primeira, já agora é irremediavel!...Desculpe a quem é e será—De V...em Ch. Amigo Affo.

O REVISOR DA SUA OBRA.

Não posso dizer o que senti quando li e reli esta carta. Os leitores bem sabem que muitas vezes o silencio é mais eloquente do que os longos discursos.

....

Resumirei por ultimo em poucas palavras tudo quanto ha de mais essencial n'este opusculo, e digno de ser por nós observado e praticado para cumprirmos os nossos deveres.

1o. Correspondamos aos beneficios que nos fizerem, e seremos *homens de bem*.

2o. Pratiquemos o bem sem interesse, e seremos virtuosos.

3o. Observemos na sociedade uma attenção obsequiosa, serviçal e agradavel com os mais, e seremos *cortezes*.

Desempenhando estas tres cousas seremos *pessoas cabaes* ou *perfeitas*.

Hoc meditare, in his esto ut profectus tuus manifestus sit omnibus. (1)

Meditai estas verdades, n'ellas vos occupae para que o vosso aproveitamento seja manifesto a todos.

Quanto a mim, tenho cumprido com um dos pontos mais essenciaes da boa Moral: tenho-vos communicado as mesmas lições que recebi de meus respeitaveis Pais e Mestres. Transmitti pois a vossos filhos, a vossos eguaes, ou a vossos inferiores as lições que acabo de vos offerecer: é este um dever sagrado, eu me compraso em pensar desde este momento que o sabereis desempenhar.

E' por este modo, que os bons principios se propagam e se mantém entre os viventes racionaes.

(1).—1 Tom. 4.15.

FIM.

INDICE

DO QUE CONTEM ESTE OPUSCULO.

CAPITULO I.

CAPITULO II.

CAPITULO III.

CAPITULO IV.

CAPITULO V.

CAPITULO VI.

CAPITULO VII.

CAPITULO VIII.

CAPITULO IX.

CAPITULO X.

CAPITULO XI.

CAPITULO XII.

CAPITULO XIII.

CAPITULO XIV.

CAPITULO XV.

Carta Primeira.

Carta Segunda.

Carta Terceira.

Carta Quarta.

Carta Quinta.

Carta Sexta.

CAPITULO XVI.

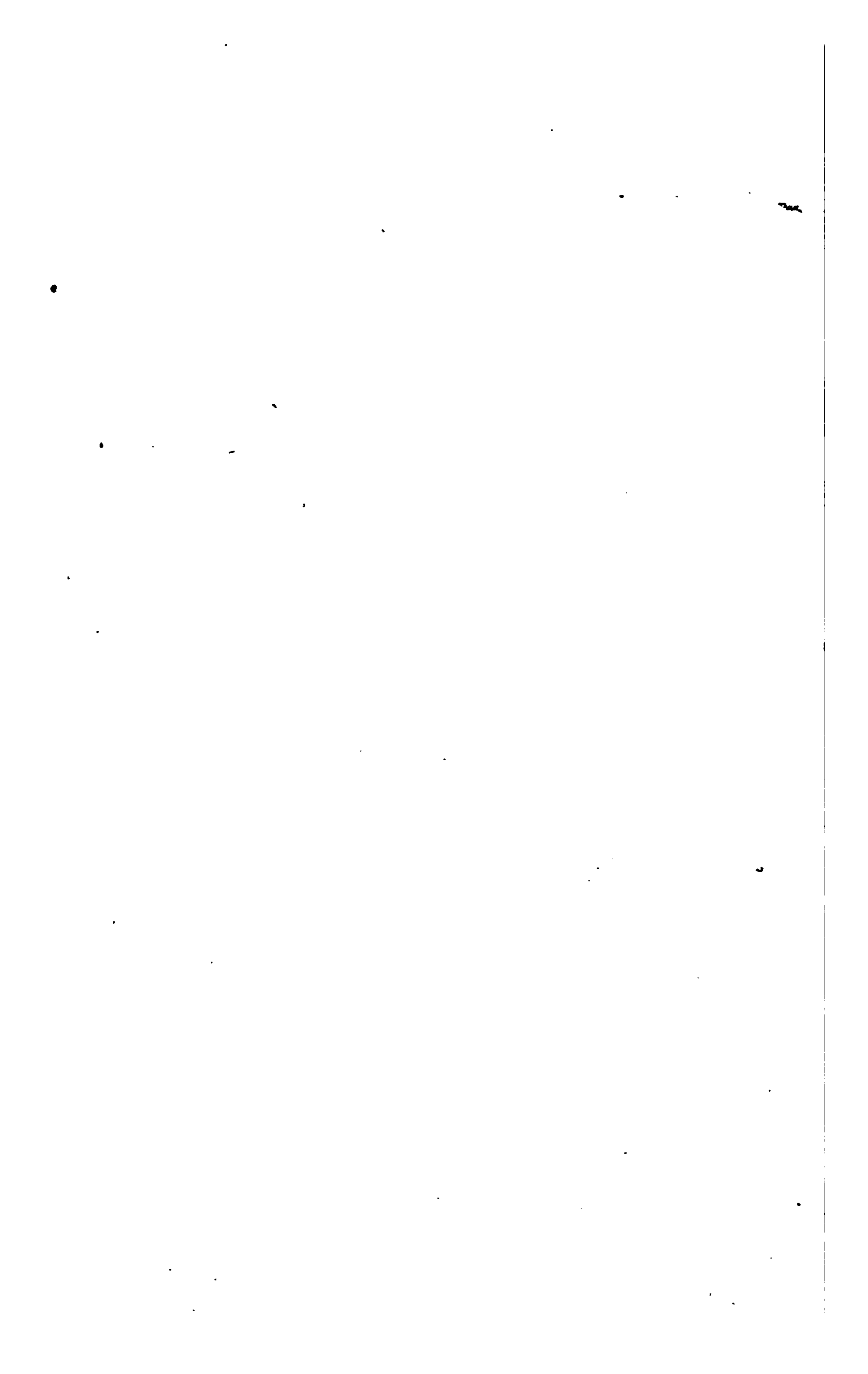
CAPITULO XVII.

CAPITULO XVIII.

CAPITULO XIX.

CAPITULO XX.





ERRATA.

Pag.	4, lin.	8, sepada	lea-se	espada.
„	6, „	25, add.	„	*Do amor do Proximo.*
„	6, „	3, *teum*	„	*tuum.*
„	6, „	39, men	„	nem.
„	6, „	39, reclusivamente	„	exclusivamente.
„	10, „	15, *preceqneutibus*	„	*percequentibus.*
„	13, „	17, *fidse, spes, caritas*	„	*fides, spes et caritas.*
„	19, „	39, podem	„	pode.
„	19, „	45, abrassemos	„	obrassemos.
„	25, „	39, d'elles no caso contrario	„	d'elles.
„	33, „	15, a mais	„	á mais.
„	33, „	17, bem	„	o bem.
„	33, „	19, pratica	„	praticai.
„	33, „	29, tel-os	„	tel-a.
„	35, „	36, Esmerai-nos	„	Esmerai-vos.
„	37, „	9, nossas	„	vossas.
„	37, „	38, fará conceito	„	fará bom conceito.
„	38, „	12, arruinariam	„	arruinaria.
„	42, „	9, dissernimento	„	discernimento.
„	42, „	45, publico	„	publica.
„	45, „	35, vós sejaes	„	estejaes.
„	56, „	40, constituiram	„	constituirem.
„	62, „	ult. outras	„	ostras
„	85, „	25, comportar-nos	„	comportarmos.
„	86, „	14, o	„	ao
„	90, „	20, com boca	„	com a boca.
„	91, „	19, deverei	„	devereis.
„	102, „	ult. *Ligere*	„	*Legere.*
„	131, „	19, amor	„	amor impuro.
„	139, „	2, vai	„	vas.
„	167, „	9, collecções	„	collecção.
„	180, „	13, La-page	„	Le-Page.
„	186, „	12, descompor	„	decompor
„	190, „	1, modo	„	mundo.
„	194, „	6, o abrigo	„	ao abrigo.
„	195, „	3, todo	„	todos
„	229, „	21, dizeis	„	dezieis.
„	242, „	17, desejeis	„	desejes.
„	245, „	20, a sabedoria	„	á sabedoria.
„	254, „	3, successo é	„	successo feliz é.

N.B.—A pagina 269 o signal de nota deve estar depois da palavra "Avicena" e não no principio do verso.

Muitos outros erros escaparia sem duvida no presente volume que a benignidade dos leitores saberá desculpar.

